

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ – UEM
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – PGC

VICTOR GARCIA MIRANDA

**EM CAMPO: ORGANIZAÇÃO, DRAMA E PERFORMANCE NO
FUTEBOL PROFISSIONAL BRASILEIRO**



MARINGÁ – PR

2011

VICTOR GARCIA MIRANDA

**EM CAMPO: ORGANIZAÇÃO, DRAMA E PERFORMANCE NO
FUTEBOL PROFISSIONAL BRASILEIRO**

DISSERTAÇÃO REQUERIDA COMO
PRESSUPOSTO PARA A OBTENÇÃO
DO GRAU DE MESTRE EM CIÊNCIAS
SOCIAIS.

ORIENTADORA: PROF. DR^a. WÂNIA REZENDE SILVA

MARINGÁ – PR

2011

Ficha de aprovação.

**EM CAMPO: ORGANIZAÇÃO, DRAMA E PERFORMANCE NO
FUTEBOL PROFISSIONAL BRASILEIRO**

Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, pela Universidade Estadual de Maringá, na área de concentração “sociedade e políticas públicas”.

Victor Garcia Miranda

Prof. Dr. Fábio Viana Ribeiro
Membro convidado – UEM

Prof. Dr. Geovânio Edervaldo Rossato
Membro convidado - UEM

Profª Drª Wânia Rezende Silva
Orientadora – UEM

Prof. Dr. Paulo Bassani
Membro convidado – UEL

Maringá, 28 de fevereiro de 2011.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

M672e Miranda, Victor Garcia
Em campo: organização, drama e performance no futebol
profissional brasileiro / Victor Garcia Miranda. --
Maringá, 2011.
191 f. : il. col., figs., tabs.

Orientador: Prof. Dr^a. Wânia Rezende Silva.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2011

1. Etnografia do futebol. 2. Cultura organizacional. 3.
Estética do futebol. 4. Narrativa - dramas sociais. 4.
Atlético Clube Paranaíba. I. Silva, Wânia Rezende, orient.
II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências
Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em
Ciências Sociais. III. Título.

CDD 21.ed.: 796.334

À Universidade Estadual de Maringá
(UEM), instituição que me acolheu
menino e fez-me homem.

Aos Afonsinho, Lima, Cruyff,
Cantona, Maradona, Garrincha,
Sócrates, Romário, Tostão e todos os
outros que não puderam aqui ser
citados e ousaram subverter a ordem
repressora estabelecida.

Agradecimentos.

Agradeço primeiramente à minha família, que me tolerou ao longo destes quase dois anos dedicados integralmente aos estudos sobre o futebol e a sociedade, e à minha orientadora, talvez a pessoa que mais tenha contribuído na transformação do “Victor/aluno” em “Victor/pesquisador”.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, por ter-me concedido uma bolsa de estudos que permitiu a minha dedicação exclusiva à vida acadêmica e aos queridos docentes do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Finalmente, agradeço ao Atlético Clube de Paranaíba por abrir as suas portas ao meu trabalho acadêmico, em especial aos seus diretores e funcionários que tanto doaram-se às minhas dúvidas e serviram a mim como dedicados “professores” em ensino a um *aluno da escola da vida no futebol profissional* em pesquisa de campo: Silvinho (grande amigo), Silas (treinador da molecada), Jair (o “homem das vestes”), Seu Pedro Dantas (modesto e sábio), Nivaldo Mazzin (o político), Leila Lucas de Lima (mulher de opinião firme), o querido Billy de Paula (uma figura!), Itamar “professor” Bernardes (uma bela história de vida) e o meu “professor empírico” Lourival Furquin (o “cara” do futebol).

*If you didn't care what happened to me,
And I didn't care for you,
We would zig zag our way through the boredom and pain,
Occasionally glancing up through the rain,
Wondering which of the buggers to blame
And watching for pigs on the wing
Pigs on the wing (Pink Floyd, 1977).*

*A minha alucinação é suportar o dia-a-dia
e meu delírio a experiência
com coisas reais.
Alucinação, (Belchior, 1979).*

Resumo: Este trabalho visa proceder a uma interpretação de *como se faz o futebol profissional em uma organização clubística*, especificamente no Atlético Clube Paranaíba. Procura-se por meio deste trabalho interpretar etnograficamente o futebol do ACP ao longo do campeonato paranaense de futebol profissional de 2010, como *produto estético* em meio a um *sistema cultural* estabelecido pela ação dos sujeitos sociais no bojo da organização do clube e articulado ao *discurso social* comum a eles. Em outras palavras, busca-se saber como o futebol do ACP foi expresso esteticamente ao longo do campeonato e compreender como se deram as relações organizacionais entre os jogadores, a comissão técnica, diretores, torcedores e outros atores sociais que compuseram o clube – em suas desiguais condições de participação ante a construção daquele produto cultural – durante o período da citada competição. Para o dito intento, apropriou-se de três distintos - embora não antagônicos - referenciais teórico-metodológicos: *Performance* e *Drama Social* (especialmente tratado por Richard Schechner, Victor Turner e outros antropólogos), *Micro-história* (balizado por Giovanni Levi) e *descrição densa* (sob a menção de Clifford Geertz e sua antropologia dos significados culturais). Toma-se como objetivos de pesquisa desta dissertação: *a) proceder a um estudo referente ao Atlético Clube Paranaíba com o intuito de se interpretar como foi produzido o futebol no clube, sobretudo por meio de seus aspectos estéticos e das relações sociais estabelecidas na citada organização; b) conhecer os aspectos organizacionais do clube desde os seus elementos estruturais, os seus sujeitos sociais e as suas relações com o poder público municipal de Paranaíba; c) construir uma narrativa atinente à realidade dos acontecimentos no clube e ao processo de disputa pelo mesmo do campeonato paranaense de futebol de 2010; d) analisar o processo de produção do futebol pelo clube, no que diz respeito aos diferentes atores da organização e, principalmente, aos sujeitos responsáveis diretamente pelos atos de jogar futebol: os atletas ceceanos.*

Palavras-chave: etnografia do futebol; Atlético Clube Paranaíba; cultura organizacional; estética do futebol; narrativa de dramas sociais.

Lista de ilustrações e anexos.

Ilustração 1, Estádio Municipal Waldemiro Wagner – Paranavaí/PR – Brasil

Ilustração 2, Los Angeles Memorial Coliseum Sports Arena – Los Angeles/CA

Ilustração 3, O imponente A C P

Ilustração 4, “Paraíso das Camas”

Ilustração 5, As conquistas menos celebradas pela atual administração.

Ilustração 6, a "Galeria Geraldo Felipe".

Ilustração 7, presidente do ACP, prefeito e empresários.

Ilustração 8, uma das vitórias ao WW, com a presença de vários órgãos fiscalizadores

Ilustração 9, reunião de lançamento do terceiro uniforme do clube.

Ilustração 10, treinador e o seu gesto controverso.

Ilustração 11, atletas em mobilização.

Ilustração 12, a estrutura tática do time do ACP (3-5-2) planejada pelo treinador.

Ilustração 13, um treino de cruzamentos à área, com o treinador ao fundo observando a atividade.

Ilustração 14, treino de finalizações, com o treinador rolando a bola.

Ilustração 15, uma estrutura tática que demonstra a disposição dos atletas em campo durante as performances.

Ilustração 16, o momento em que o volante efetua o passe canhoto ao meia ofensivo (à esquerda no campo, fora de visão nesta imagem), com vários jogadores adversários iludidos (na sequência) devido a curva que a bola tomou.

Ilustração 17, após o passe perfeito, o meia ofensivo avança com a bola pela esquerda e atrai a atenção de toda a defesa, enquanto o volante adentra a grande-área sorrateiramente.

Ilustração 18, o meia ofensivo avança até a linha de fundo e cruza a bola, alta, aos companheiros próximos ao gol.

Ilustração 19, o volante coloca-se no espaço onde a bola pode ser cabeceada ao gol. Ele efetua a ação. A torcida ao fundo comemora.

Ilustrações 20 e 21, o autor do gol ajoelha-se e clama aos céus pela sua filha, enquanto alguns defensores da AEREB discutem sobre o lance.

Ilustração 22, o centroavante recebe a bola (rodeado de marcadores) e toca à sua esquerda. Desde o goleiro do ACP a até os torcedores acompanham o desenrolar do lance.

Ilustração 23, o atacante recebe e passa a bola ao volante que avança ao ataque. Os jogadores reservas acompanham apreensivamente, com coletes azuis e ao fundo.

Ilustração 24, o volante passa a bola ao centroavante.

Ilustração 25, o centroavante recebe a bola de frente para o gol e finaliza

Ilustração 26, o autor do gol pega a bola e a coloca de baixo de sua camisa.

Ilustração 27, na comemoração, o centroavante beija uma tatuagem em seu antebraço e carrega a bola sobre a barriga.

Ilustração 28, vários jogadores (e um reporter paranavaense) rodeiam o atleta e o abraçam.

Anexo A – Tabela de resultados dos confrontos da primeira fase do campeonato paranaense (série ouro, 2010)

Anexo B – Tabela de resultados dos confrontos da segunda fase do campeonato paranaense(série ouro, 2010)

Anexo C – Tabela de classificação da primeira fase do campeonato paranaense (série ouro, 2010)

Anexo D – Tabela de classificação da segunda fase do campeonato paranaense (série ouro, 2010)

Sumário.

SEÇÃO.....	p.
Introdução.....	12
1 Futebol aprendido <i>in loco</i>.....	17
1.1 A etnografia, um gol metodológico.....	19
1.1.1 O “aquecimento” da pesquisa.....	20
1.1.2 Em campo: interação e percepção em meio aos <i>vermelhos</i>	22
1.1.3 Escrever em perspectiva.....	26
1.2 <i>Performance</i> da equipe de futebol e o <i>drama social</i> chamado Campeonato Paranaense de Futebol 2010.....	29
1.3 Uma <i>micro-história</i> do futebol acepeano.....	32
1.4 A interpretação dos significados culturais: uma descrição do futebol no ACP.....	34
2 A conjuntura social edificada ao longo dos anos: uma <i>era dos volantes</i>..	36
2.1 Avanços e retrocessos rumo a uma modernização conservadora.....	37
2.2 O negócio “tá na área”: uma modernização conservadora.....	45
2.3 Crise : a <i>Era dos volantes</i> , o bêbado equilibrista.....	47
3 A organização Atlético Clube Paranaíba: objetos, pessoas e trabalho....	52
3.1 Origens e estrutura normativa.....	52
3.2 O Estádio Municipal Waldemiro Wagner (“Felipão”).....	55
3.3 As repartições administrativas do ACP e suas referências simbólicas.....	59
3.4 Os instrumentos de trabalho e as moradias dos atletas.....	62
3.5 As condições de treino acepeanas.....	63
3.6 Uma breve exposição sobre alguns sujeitos organizacionais no ACP e as suas funções.....	65
3.7 Um volante “bandido” e refinado tecnicamente.....	68
3.8 Entre o público e o privado.....	77
4 O campeonato paranaense de 2010 como um <i>drama social</i>.....	80
4.1 Formação da comissão técnica, do elenco de jogadores e as premissas para a disputa de um campeonato.....	81

4.2 Uma escalada bem-sucedida.....	91
4.3 O limiar entre o sucesso e o fracasso.....	101
4.4 A derrocada.....	110
4.5 A reparação: os motivos recaíram sobre os mais fracos.....	122
5 As performances do futebol acepeano.....	124
5.1 Metáforas analíticas: por uma análise dos processos performáticos no futebol.....	124
5.1.1 A metáfora teatral: como atuam os personagens em campo.....	124
5.1.2 A metáfora narrativa: entre o processo concreto e os olhares relativos.....	129
5.1.3 O acréscimo da imponderabilidade: o futebol como jogo e ritual disjuntivo.....	132
5.2 Elementos sequenciais das performances acepeanas (nos vários momentos do campeonato).....	134
5.2.1 Planejamentos e projeções.....	135
5.2.2 Habilidade e experiência.....	138
5.2.3 Treinamento técnico/físico/tático.....	145
5.2.4 Coletivo-apronto.....	151
5.2.5 Concentração: hotel, treino recreativo, aquecimento e preleção.....	153
5.2.6 Performances em jogo.....	154
5.2.7 Recuperação.....	172
5.2.8 Repercussões.....	173
Considerações finais.....	177
Anexos.....	187
Referências.....	189

Introdução

Este trabalho visa proceder a uma interpretação de *como se faz o futebol profissional em uma organização clubística*, especificamente no Atlético Clube Paranaíba¹. Procura-se por meio deste trabalho interpretar etnograficamente o futebol do ACP ao longo do campeonato paranaense de futebol profissional de 2010, como *produto estético* em meio a um *sistema cultural* estabelecido pela ação dos sujeitos sociais no bojo da organização do clube e articulado ao *discurso social* comum a eles. Em outras palavras, busca-se saber como o futebol do ACP foi expresso esteticamente ao longo do campeonato e compreender como se deram as relações organizacionais entre os jogadores, a comissão técnica, diretores, torcedores e outros atores sociais que compuseram o clube – em suas desiguais condições de participação ante a construção daquele produto cultural – durante o período da citada competição.

Para o dito intento, este trabalho não foi hermeticamente definido somente por uma tradição ou corrente epistemológica. Ele apropriou-se de três distintos - embora não antagônicos - referenciais teórico-metodológicos para nortear os propósitos desta pesquisa. Não que eles sejam únicos e invariavelmente determinantes, pois outras referências embasam este trabalho, mas eles constituem-se como os pilares fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa sobre o ACP. Trata-se dos conceitos *Performance* e *Drama Social* (especialmente tratado por Richard Schechner, Victor Turner e outros antropólogos), *Micro-história* (balizado por Giovanni Levi) e *descrição densa* (sob a menção de Clifford Geertz e sua antropologia dos significados culturais). A este tripé conceitual reúne-se a opção pela etnografia como metodologia científica, sendo ela conduzida por uma observação participante aplicada a uma pesquisa de campo e fixada textualmente ao modo de uma narrativa realista.

Todos os termos metodológicos supracitados são direcionados a um estudo empírico sobre o futebol enquanto uma prática cultural produzida por uma organização clubística, o ACP. Mas, qual o porquê de se estudar o futebol? Numa entrevista à Folha de São Paulo em 2007, Eric J. Hobsbawm foi enfático ao externar que o futebol “carrega o conflito essencial da globalização”. O historiador inglês explica que, do mesmo modo que a globalização reforça a amplitude geográfica das relações sociais, têm-se as vicissitudes microespaciais ressaltadas pela afirmação de culturas locais. O futebol, por ser tão popular e capaz de agregar paixões, é

¹ O Atlético Clube Paranaíba (ACP ou Vermelhinho) é um clube de futebol profissional que disputou a série ouro do Campeonato Paranaense de futebol de 2010. Sua sede é localizada na cidade de Paranaíba, Estado do Paraná.

uma prática cultural que sintetiza este conflito entre o global e o local. Ao mesmo tempo em que o futebol é praticado por pessoas, culturas e lugares diferentes e há paixões e maneiras de se apreciar o futebol de modos distintos ao redor do globo (com ênfase em identidades locais e nacionais por vezes exacerbadas, como nas disputas de partidas de algumas seleções em copas do mundo), tem-se uma supremacia dos clubes mais ricos do futebol mundial (Manchester United, Real Madrid, Internazionale de Milão e alguns outros clubes europeus) vistos por Hobsbawm (2007) como uma espécie de megaempresas cosmopolitas e imperialistas, que atraem adeptos às suas equipes e conquistam mercado e consumidores ao redor do mundo seguindo a lógica das empresas transnacionais. Destarte, de acordo com este historiador, para se compreender a sociedade contemporânea não se pode desconsiderar o futebol como atividade humana irrelevante.

Além de ser uma prática cultural tão complexa, repleta de especificidades em sua prática, aglutinando o conflito essencial da sociedade contemporânea, este é o esporte mais popular do planeta (GIULIANOTTI, 2002), e, especialmente no Brasil, para Helal e Gordon (2002) o século XX foi o século do futebol. Com base nesta perspectiva, não se pode excluir o futebol de qualquer proposição de estudos sobre a sociedade brasileira ou mundial no século XX.

O futebol é um elemento imprescindível para a compreensão também do século XXI. Helal e Gordon (2002) preocuparam-se com as perspectivas para o mesmo neste século dimensionando a sua análise pela compreensão da chamada “crise no futebol brasileiro”, instalada por volta da década de 1970. Os autores buscam ver o mais recente século pelo *continuum* de tal crise ou sua superação, caracterizada pela diminuição dos espectadores das partidas, pelo aumento da violência nos estádios, pela evasão de jogadores para o exterior e pelo endividamento dos clubes. Constatam que há um descrédito corrente nas instituições futebolísticas quanto ao discurso de que a modernização do futebol ganha bastante aceitação e que uma persistência da visão tradicional do futebol (romântica, amadora) não deve ser subtraída por uma estreita “modernização” privatista. Estas características históricas do futebol podem desdobrar-se em permanências ou rupturas na sequência deste século, e realizar estudos sociais sobre o futebol é o caminho para se compreender este processo. Daí a importância da análise aqui proposta, de situar o futebol profissional praticado no ACP nesta condição institucional-esportiva contemporânea, dedicando-se a captar pela pesquisa etnográfica e micro-histórica as especificidades da organização paranavaense, algo presente na narrativa referente ao ACP em suas disputas referentes à temporada de 2010 (especialmente, na participação do clube no Campeonato Paranaense do mesmo ano).

Outro ponto bastante pertinente neste projeto é o fato de que ele se propõe a examinar aspectos da *liminaridade* e das formas *estéticas* na constituição social do futebol. Giulianotti (2002, p. 78) pondera sobre as proposições de estudos que se pautam nos componentes *estéticos* e *fenomenológicos* da prática desportiva. Estas bases, como argumenta aquele autor, não são tão exploradas pelos pesquisadores que se incumbem do futebol (GIULIANOTTI, 2002, p. 216). Muitos pesquisadores enveredam para a análise de pulsões de torcedores, de determinações de classe dos atores sociais do futebol ou de definições das estruturas administrativas do futebol; todavia, assim como a proposta de Giulianotti de que o futebol é sobretudo um fenômeno social de caráter *estético*, propõe-se nesta dissertação ressaltar este viés que permeia a totalidade de dimensões da prática cultural futebolística: a sua estética proveniente dos jogadores/autores. Para isto, efetuaram-se nesta dissertação análises relativas à produção de *performances* futebolísticas do ACP na temporada de 2010.

Um marco justificativo deveras importante é a questão de este projeto estar relacionado a um estudo local e a uma região bastante marginalizada pelas pesquisas acadêmicas. No único trabalho de caráter acadêmico publicado, relativo à localidade na área da Ciências Sociais (um estudo sobre a política local [ALCÂNTARA, 1987]), fala-se na etapa conclusiva que os estudos sobre o município não se esgotaram e aponta-se a necessidade de realizar novas pesquisas para um aprofundamento de conhecimentos sobre a localidade. O estudo organizacional do ACP tangencia, mesmo que indireta e diferentemente da abordagem do referido autor, a presença de influências políticas locais no clube.

Em diversas partidas examinadas, foi possível constatar a presença de deputados, vereadores e do prefeito de Paranaíba. Ademais, o presidente do ACP é vereador municipal, além de que membros da diretoria do clube ressaltam recorrentemente, em conversas, a importância da colaboração das “autoridades municipais”. Não é demais lembrar que um candidato a presidente em 2006, Luciano Bivar, era presidente do Sport; que Fernando Collor foi presidente do CSA antes de ser presidente da República; que Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Henrique Cardoso sempre tornaram público os seu “corinthianismo” (FRANCO JR, 2007, p. 155-162).

Levando-se em conta que o objeto de estudo desta dissertação se constitui na estética e nas relações sociais de uma organização produtora de futebol, soam aqui perguntas iniciais entrelaçadas aos referenciais, as quais serão respondidas ao longo desta dissertação: como que se deram as *performances* do futebol “acepeano”? E o campeonato enquanto metáfora do *drama social*? Como podem ser lidos os *significados* do texto cultural correspondente às

performances e aos *acontecimentos micro-históricos* pelos quais perpassaram as relações entre atores organizacionais?

Acompanham a problemática anterior os seguintes objetivos de pesquisa desta dissertação: *a) proceder a um estudo referente ao Atlético Clube Paranaíba com o intuito de se interpretar como foi produzido o futebol no clube, sobretudo por meio de seus aspectos estéticos e das relações sociais estabelecidas na citada organização; b) conhecer os aspectos organizacionais do clube desde os seus elementos estruturais, os seus sujeitos sociais e as suas relações com o poder público municipal de Paranaíba; c) construir uma narrativa atinente à realidade dos acontecimentos no clube e ao processo de disputa pelo mesmo do campeonato paranaense de futebol de 2010; d) analisar o processo de produção do futebol pelo clube, no que diz respeito aos diferentes atores da organização e, principalmente, aos sujeitos responsáveis diretamente pelos atos de jogar futebol: os atletas amadores.* No tocante às perguntas que balizaram esta investigação, os objetivos declarados baseiam-se na estética e nas relações sociais de uma organização produtora de futebol.

Explicitados os objetivos da pesquisa, passa-se aos detalhes estruturais de capítulos (ou seções) da dissertação. O primeiro objetivo (*a*) está contido em todos os capítulos e diz respeito aos temas gerais pelos quais se direcionou esta pesquisa. Os demais objetivos (*b*, *c* e *d*) correspondem respectivamente aos termos estruturantes das seções 3, 4 e 5 desta dissertação.

Começando-se pela primeira seção, pode-se afirmar que o seu questionamento central refere-se a quais são os aportes metodológicos do presente trabalho. Ela se inicia ilustrando um acontecimento da pesquisa de campo ocorrido entre o gerente de futebol e este pesquisador que serviu para consolidar a etnografia como caminho metodológico escolhido para o estudo sobre o ACP. Ao longo de seu texto, explica-se essa escolha e as características desse método como pesquisa qualitativa de princípios hermenêuticos, conduzida por uma observação participante, o que fixou uma textualidade ao modelo de uma narrativa realista. A referida seção também aborda os conceitos de *dramas sociais e performances*, *micro-história* e *descrição densa* que embasam o entendimento desta pesquisa a respeito do clube e o seu futebol. Ao longo do texto é salientado o modo como foi realizada a presente pesquisa e como se dá a aplicação deste tripé conceitual em utilização para que se conheça o ACP.

O segundo capítulo desta dissertação é de caráter ensaístico, tendo em vista proceder uma ilustração ampla a respeito da condição do futebol na contemporaneidade pós-moderna. Por ele, interpreta-se que a sociedade mundial é afetada por um conjunto de transformações que redefiniram os modos de vida, a economia, a política e a arte (incluindo nesta o futebol),

na qual a situação do futebol pode ser compreendida pela expressão *a era dos volantes*. Explanou-se por meio desta posição uma perspectiva crítica relativa ao capitalismo na contemporaneidade, pelo fato da referida posição metaforizar o contexto cultural vivido na atualidade, como “um mundo posicionado sem posições”, que envolve o tema desta pesquisa.

A terceira seção refere-se aos aspectos organizacionais do Atlético Clube Paranaíba. Ela é desenvolvida por meio da questão “O que é o ACP?”. Por meio desta questão, faz-se um percurso que parte do estatuto do clube, passa pelos recursos materiais utilizados em suas ações organizacionais e pelos sujeitos que compõem o seu quadro de trabalhadores e atinge as relações políticas entre público e privado que permeiam essa trajetória. Este capítulo possui um teor eminentemente descritivo, para que se atente a detalhes do que corresponde à realidade do clube e de seus atores sociais.

Na quarta passagem desta dissertação, tem-se a organização ACP em ação no campeonato paranaense de 2010. Este capítulo desenvolve uma narrativa micro-histórica do clube e seus dramas sociais no processo de disputa de um campeonato, centrando-se nas relações sociais imediatas e conflituosas entre os diversos sujeitos que compuseram o clube no referido ano. Sua textualidade é baseada nas cinco etapas presentes na campanha em análise, a saber: a) formação da comissão técnica e do elenco de jogadores; b) estreia no campeonato e ascensão entre os melhores; c) inconstância nos resultados e classificação para a segunda fase do campeonato; d) intensificação dos resultados negativos e crises administrativas e técnicas; e) ação reparadora. Percebe-se por meio deste capítulo diacrônico que o ACP iniciou e terminou os seus trabalhos em 2010 passando por diferentes momentos e condições entre os seus resultados em campo e as suas finanças administrativas.

A quinta e última seção refere-se às *performances* do time de futebol do ACP em 2010. Ela parte da questão mais elementar de todas da dissertação “Como é feito o futebol do ACP?” – e desenvolve-se em explicações sobre o futebol como metáfora teatral e narrativa com fundamentações tais quais as de um jogo e um ritual disjuntivo, e sobre as sequências performáticas ocorridas em oito categorias: 1)planejamentos e projeções; 2)habilidade e experiência; 3)treinamento técnico-físico-tático; 4)coletivo-apronto; 5) concentração: hotel, treino recreativo, aquecimento e preleção; 6) *performance* em jogo; 7)recuperação; 8)repercussão. Este é um capítulo sincrônico, pautado por categorias analíticas estabelecidas a respeito da prática do futebol profissional no ACP em 2010, e que permite o entendimento de como ocorrem as performances de um time de futebol em seus elementos estéticos e nas relações entre os sujeitos organizacionais que participam do processo produtivo da arte de se jogar futebol.

1 Futebol aprendido *in loco*.

Paranavaí, quinta-feira, onze de fevereiro de dois mil e dez. Eram dez horas da manhã quando cheguei ao estádio municipal Waldemiro Wagner para acompanhar a rotina de trabalhos no Atlético Clube Paranavaí. Ao chegar às dependências do clube, deparei-me com um ambiente silencioso e de pessoas afáveis e tranquilas. O ACP havia ganhado um jogo do Toledo Colônia Work, no domingo anterior (07/02), em Toledo, por 3 a 1 (a única vitória do ACP em campo adversário em todo o campeonato) e chegou à terceira posição do campeonato com este resultado – com treze pontos ganhos em sete rodadas, sendo a melhor equipe do Interior Paranaense naquele momento, atrás apenas dos curitibanos Coritiba e Atlético Paranaense, respectivamente líder e vice-líder. Os jogadores do ACP foram liberados para uma folga de quase uma semana, enquanto os demais funcionários do clube continuavam em seus expedientes, a maioria deles sorridentes pelo feito e esperançosos da continuidade do campeonato, inclusive o quase sempre sisudo diretor de futebol profissional (ou gerente de futebol).

Quando adentrei as salas do clube, logo me encontrei com o dito gerente. Nunca o havia visto com aparência tão alegre como naquele encontro. Estávamos sozinhos numa sala e conversamos brevemente. Falei-lhe do nascimento do meu filho e recebi cumprimentos efusivos. Naquele dia eu estava com um livro de administração do futebol em minhas mãos (o livro *Nova Gestão do Futebol*, [AIDAR; LEONCINI; OLIVEIRA, 2002]) e o diretor pegou-o de mim e começou a folheá-lo. Ele desabafou a mim em relação a Pelé: “Quem faz [este prefácio] aqui é o Pelé... Esse cara foi uma porcaria fora de campo. Eu tô vendo que você está acompanhado de pessoas erradas, isso aqui é muito ‘blá-blá-blá’ e nada de futebol! Eu quero ver um livro desse aqui que ensina a colocar a bola no fundo da rede! Isso eu não vejo”, disse, desdenhando o livro. O gerente de futebol completou a fala dizendo que, caso eu quisesse aprender² sobre futebol, deveria observar os trabalhos dele na direção do clube: “quero ver se você é ‘sabido’ mesmo, quero que você só fique de olho no que eu faço, quando eu chamo um jogador pra conversar particularmente ali e depois me diga o que eu tô fazendo”, disse-me em tom desafiador.

Aquele momento descontraído dos profissionais do clube mostrou-se produtivo para as minhas convicções metodológicas. Fui desafiado pelo diretor de futebol profissional,

² Destaco aqui um componente importante em minha retórica de pesquisador no campo: sempre deixei claro aos meus pesquisados que estava realizando um ato de aprendizagem perante eles, em relação ao que eles praticavam no clube e sobre o futebol (estava eu na busca de aprender o que era “realmente” o futebol).

certamente o sujeito³ mais influente na hierarquia dos trabalhos clubísticos, a realizar minha observação participante, algo que serviu para ratificar a minha empreitada e consolidar algumas respostas metodológicas ante o que me assombrava no início da minha pesquisa em campo.

No início de meu trabalho de campo no clube, pairava sobre mim a dúvida quanto a etnografia ser o melhor caminho para a apreensão de meus objetivos em pesquisa. Inicialmente tive a intenção de promover uma pesquisa seguindo o viés dos estudos sobre as estruturas organizacionais⁴ ou com referenciais voltados unicamente à pesquisa documental em arquivos jornalísticos⁵. Optei metodologicamente pela pesquisa etnográfica e pela observação participante, e tive no momento de intensa intersubjetividade diante do diretor do Vermelhinho o meu ímpeto etnográfico alimentado.

No linguajar do futebol, como um centroavante que se “coloca” na grande área, acreditando estar na melhor posição para, em qualquer momento, receber o passe de um meia para realizar um gol, eu estive posicionado no campo de pesquisa, acreditando ser possível realizar uma etnografia do ACP. O gerente de futebol do clube, como um meia habilidoso, deu-me um “passe” em que pude firmar as minhas convicções em torno da legitimidade da pesquisa qualitativa no futebol e de meus anseios de realizar uma aventura pelo universo do futebol profissional do Interior do Paraná. Estava feito o gol etnográfico!

A seguir, exponho os principais métodos e conceitos utilizados em minha pesquisa e como os utilizei. Destaco como tópicos centrais deste capítulo os temas *etnografia*, *dramas sociais*, *performances estéticas*, *micro-história* e *descrição densa*.

³ O gerente de futebol do ACP é o profissional responsável por contratar os jogadores e a comissão técnica do clube e coordenar as ações desta equipe profissional. Como a principal atividade do ACP é a prática de futebol profissional, percebe-se que a posição hierárquica daquele profissional é das mais importantes no clube.

⁴ Teria outras Prioridades com essa abordagem. Baseando-me num estudo sobre as estruturas organizacionais do clube, eu confrontaria (por meio de entrevistas com os funcionários do clube, inspirado em trabalhos como os de Rodrigues [2006], Carvalho da Silva e Rodrigues [2009] e Mosko [2006]) as relações entre os diversos indivíduos intraorganizacionais com os quatro fatores estrutural-organizacionais (*tamanho* da organização; *tecnologias* nela utilizadas; *ambiente* de trabalho na organização; *escolha estratégica* das ações organizacionais, *in* HALL, 1984)

⁵ Nas conformidades de um trabalho historiográfico, com alguma inspiração na tese de doutorado de Rigo (2001), que realiza um estudo sobre o futebol no Interior do Rio Grande do Sul a partir da primeira década do século XX, desenvolvendo uma narrativa estabelecida via fontes orais, imagéticas e, principalmente, escritas.

1.1 A etnografia, um gol metodológico.

Inspirado em Malinowski (1978), especificamente no capítulo introdutório d'*Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, vou expor aqui brevemente alguns dados obtidos e métodos, para não cair na obscuridade meramente informativa no restante de minha dissertação.

Em se tratando de opção metodológica, esta dissertação é operada por métodos e instrumentos de pesquisa *qualitativos*, enquanto uma *etnografia/micro-história* de interpretação *hermenêutica*, conduzida por uma *observação participante* que visa à construção de uma *narrativa realista* (*realist tale*).

A opção metodológica desta dissertação, sem realizar uma diferenciação maniqueísta do conhecimento, compreende que as palavras do diretor de futebol podem suscitar a valorização da problemática dos acontecimentos no nível concreto das experiências pessoais e numa maneira particular de entender o futebol, e atingir uma instância do conhecimento chamada por Ricoeur (apud CARDOSO DE OLIVEIRA, 1995, p. 11) de *excedente de significação*.

Segue-se aqui o traçado epistemológico da hermenêutica⁶ de Ricoeur, que diz que a produção do conhecimento se divide em duas fases complementares: a da explicação e a da compreensão. Como numa espécie de processo gerador do conhecimento, Ricoeur defende a unicidade entre estas duas fases alegando que o conhecimento se inicia por meio da compreensão (esta uma fase não metódica), que se desdobra em uma explicação (esta sim, metódica) e que provocam, em conjunto, uma análise de caráter compreensivo (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1995, p. 11). O não-método passa a contribuir para a interpretação

Com uma interpretação desvinculada da rigidez invariavelmente metódica, pode-se atingir o chamado *excedente de significação*, que se constitui de um alcance interpretativo da realidade que escapa ao método. A realidade sociocultural possui facetas que escapam à apreensão metódica, pois possui sentidos ou significações não captáveis por métodos predeterminados (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1995, p. 11) Na antropologia, a constituição do *trabalho etnográfico* pode servir para abarcar estas nuances metódicas/não metódicas intrínsecas ao conhecimento.

⁶ Por que a hermenêutica? Porque o trabalho antropológico empreendido por mim nesta dissertação se baseia na compreensão dos acontecimentos, discursos e significados simbólicos em seus contextos sociais, num digno exercício eclético de *consciência hermenêutica*, segundo Cardoso de Oliveira (apud CUNHA; JESUS; PEIXOTO, 1998, p. 33).

A dissertação por mim escrita apoia-se em uma definição tradicional de etnografia. Inspirado em preceitos da Antropologia “moderna” (Malinowski, Radcliffe-Brown e Boas), Gomes define a etnografia como o “estudo completo de um povo, em todos os seus aspectos sistemáticos [...] documento básico, de cunho empírico e pelo qual a Antropologia se legitima enquanto disciplina acadêmica” (GOMES, 2008, p. 63). Acrescento a este dizer que a etnografia é uma atividade de pesquisa de uma *cultura*, que em minha dissertação é concebida em semelhança com as monografias⁷ clássicas, sendo relativamente ligada aos temas *território, organização social, parentesco, religião, mitologia e personalidade* (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p. 29). Outros avanços nesta definição são necessários e serão mais bem definidos a seguir.

Tendo esta dissertação um compromisso essencialmente *etnográfico*, é necessário que se faça maior detalhamento deste conceito, mais precisamente de *como* que se realiza uma etnografia. Defino-a por um processo de três partes e como um *processo ritual*: as preliminares da pesquisa de campo (o “aquecimento” da pesquisa), o trabalho de campo propriamente dito (a observação participante em campo) e a etapa de finalização do trabalho (escrever em perspectiva).

1.1.1 O “aquecimento” da pesquisa.

Primeiramente, o trabalho etnográfico deve possuir uma acumulação *teórica* prévia de conhecimentos sobre o tema a ser estudado e sobre os seus métodos. Enquanto pesquisador do futebol no ACP, realizei leituras de diversos trabalhos de história, sociologia e antropologia do futebol/esporte (FRANCO JR, 2007; PRONI, 2000; TOLEDO, 2002; FLORENZANO, 2009; GIULIANOTTI, 2002) e busquei contribuições referentes a pesquisa de campo, etnografia e demais temas relacionados à cultura e análise de rituais (para citar alguns, MAUSS, 2003; PEIRANO, 2000; TURNER, 2008; GEERTZ, 1989).

Na etapa preliminar da etnografia, fiz também contatos com os atores sociais que se tornariam meus interlocutores de trabalho de campo. Primeiro telefonei para a sede do Atlético Clube Paranaíba e conversei com o senhor Pedro, diretor de finanças e contador, oito meses antes de realizar a minha pesquisa de campo mais intensa (ao longo do campeonato). Minhas primeiras aproximações deixaram os diretores desconfiados, pois não sabiam como eu desenvolveria meus trabalhos e não possuíam referências sobre mim (não conheciam nenhum

⁷ *Stricto sensu*, por se tratar de uma exposição textual detalhada sobre um tema em específico.

membro da minha família na cidade, o que dificultaria as relações de confiança locais). Aos poucos fui me aproximando deles e explicando as minhas intenções, sempre ancorando-me no renome institucional que a Universidade Estadual de Maringá possui na região⁸. Pouco antes do final do ano de 2009 terminei de cumprir meus créditos nas disciplinas do programa de mestrado e mudei-me para Paranaíba. Pouco depois de minha mudança, em dezembro de 2009, passei a realizar efetivamente o meu trabalho de campo no clube, interagindo com os trabalhadores do clube e acompanhando as suas rotinas diárias.

No estabelecimento das relações de confiança com meus pesquisados/interlocutores, emergiu o principal traço do que se compreende por *pesquisa qualitativa*⁹: o ato subjetivo de construção da realidade (Flick e cols. apud GÜNTHER, 2006, p. 202). Desde os meus primeiros contatos, as intersubjetividades entre pesquisador e pesquisados servem para “dar o tom” de minhas interpretações.

A intersubjetividade é perpassada por outro item fundamental no trabalho de campo: o “despir-se” ao máximo dos preconceitos do pesquisador em relação a seu tema. Deve-se considerar, primeiramente, que com o exercício da intersubjetividade há o conflito entre a diversidade de histórias de vida, valores, entendimentos técnicos, posições sociais e concepções sobre o universo. Há uma *fusão de horizontes*¹⁰, segundo Ricoeur, entre duas ou mais subjetividades que compartilham diferentes perspectivas. Não se trata de anular os preconceitos – como uma veste qualquer – mas de assumi-los criticamente em meio à análise cultural (COSTA, 2002, p. 376) Conforme as ponderações de Alba Zaluar (1986), o observador não pode “ficar de costas” para a forma particular de o “nativo” se expressar, pois este é “atuante, pensante, que adere, hesita, opta, confunde-se, muda, recorre a estratégias para vencer” (ZALUAR, 1986, p. 109). O pesquisado pode se expressar e lutar à sua maneira (muitas vezes, com um grau de politização até maior do que o do pesquisador), mas uma

⁸ Tive a idéia de entregar uma pasta com meus documentos da universidade fotocopiados e com o meu projeto de pesquisa. Assim fiz e sei que esta prática não possuiu um cunho prático ou formal, mas somente um sentido simbólico para atestar a minha presença enquanto pesquisador. No dia da entrega da pasta, percebi que os dirigentes conferiram distraída e rapidamente os documentos, antes de pedirem para o secretário Silvinho colocar os mesmos num armário em que quase não vi ser aberto, ao longo de minhas observações.

⁹ Vale ressaltar os outros itens diferenciadores da pesquisa qualitativa (por Flick e cols, apud GÜNTHER, 2006, p. 202): nela há variabilidade verificada; há primazia da *compreensão* como princípio do conhecimento; ela aborda a *descoberta* e a *construção de teorias* em seus objetos de estudo; este tipo de pesquisa se constitui enquanto uma *eiência baseada em textos*, interpretados hermeneuticamente.

¹⁰ Esta fusão de horizontes estranhos deve calcular os passos pelo desconhecido, deve saber o modo como se relacionar com o estranho. Para tanto, acho oportuna a proposta de relação entre o “Eu cultural” e o “outro” (ou a outra cultura) de Gomes (2008). Este autor propõe que o antropólogo deve conduzir sua pesquisa por meio do auto-controle e da auto-análise, para que se atinja o conhecimento sobre o desconhecido. Gomes diz que há nas relações culturais um limite entre as lentes do *etnocentrismo* (a superioridade da disposição de seus princípios culturais, valores e concepções sobre a vida e o mundo, em detrimento da outra cultura) e do *etnoexocentrismo* (a capacidade de se “sair” da própria cultura, criticamente, para poder se comunicar com as outras), e que o antropólogo deve buscar ao máximo este segundo caminho no ato de pesquisa (GOMES, 2008, p. 53-54).

intervenção etnocêntrica e preconceituosa no campo pesquisado pode causar impactos desastrosos à atuação daquele sujeito.

Em contraponto a um “abuso de autoridade” – ou autoritarismo – por parte do representante do meio acadêmico em um campo pesquisado, é necessário que se crie um vínculo de *alteridade* em uma interlocução simétrica com os pesquisados. “Autoridade” deve estar presente apenas na exposição textual da *narrativa realista* (VAN MAANEN, 1988) - tema desenvolvido em uma das próximas subseções. Por *alteridade* entendo a procura infundável pela superação da relação social desigual, desequilibrada e hierarquizada com os pesquisados, a qual, além de não inferiorizar as concepções culturais do outro, deve ser uma prática permanente de compreensão sobre o diverso (ZALUAR, 1986, p. 115). Esta prática pode coadunar-se com o projeto maior da Antropologia, que é “oferecer as vias culturais alternativas de se lutar por ‘melhores condições de vida’ ou simplesmente se manter o estilo de vida, e suas identidades sociais adjacentes, do grupo que sofre uma redução homogeneizadora” (ZALUAR, 1986, p. 114). Este projeto passa pela oportunidade dada ao pesquisado de “falar” sobre suas dificuldades, o que pensa, como age, os seus conceitos, e de se posicionar com autonomia sobre os seus problemas e as suas necessidades.

1.1.2 Em campo: interação e percepção em meio aos vermelhos.

Pode-se afirmar que o trabalho de campo *in loco* foi realizado segundo o método de *observação participante*. Este método, inerente à antropologia desde os trabalhos de Malinowski (1978) em *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, consiste em o pesquisador estabelecer uma “vivência concreta” na cultura ou ambiente cultural pesquisado, além de observar fenômenos realizados e entrevistar os partícipes deles (GOMES, 2008, p. 56). A observação participante implica uma *experiência de campo* intensa, em que o pesquisador submete-se a uma vivência estranha¹¹ e confecciona um diário de campo, técnica imprescindível ao método proposto.

¹¹ Evans-Pritchard expõe algumas “regras implícitas” do trabalho de campo, dentre elas que “um antropólogo deveria viver no campo pelo tempo médio de dois anos, aprender a língua do grupo, deixar-se vulnerabilizar psiquicamente pela vida local e, com sorte, ser capaz de pensar e sentir alternadamente como um nativo e como membro de sua própria cultura” (PEIRANO, 1992, p. 5). Destas, tenho como características em meu trabalho de campo os fatos de comunicar-me a partir da “língua dos boleiros”, vulnerabilizar-me psiquicamente com os ocorridos entre aqueles profissionais e pensar e sentir como um integrante do ACP.

A respeito de minha observação participante no ACP, posso dizer que foi efetivamente iniciada no dia 4 de janeiro de 2010 (com a inauguração de meu diário de campo) e encerrada no dia 26 de abril de 2010.

“Batizei” o meu diário, num sentido irônico, de *Clébi* (ou *Clébinho*), em alusão ao zagueiro Cléber, atleta palmeirense nos anos 1990. Jogador corpulento e dono de um estilo de jogo lento e rústico, esse zagueiro era famoso por “tudo parar nele” (muitas das vezes em um antijogo agressivo). Percebi as “semelhanças” de suas características com o meu diário no início de minhas observações e passei a “nota de batismo” para o pessoal do clube. Esta historietta arrancava gargalhadas dos profissionais no ACP, principalmente dos jogadores (que são extremamente lúdicos).

Por não haver estabelecido um laço de confiança maior antes daquele quatro de janeiro, não tive condições de acompanhar o importante mês de dezembro de 2009, momento em que a comissão técnica e a diretoria do clube estiveram empenhados na formação do plantel que disputou o campeonato paranaense de futebol de 2010. Disseram-me que os trabalhos de registro de atletas estavam “muito puxados” e eles não sabiam direito como me atender no clube, e só com o tempo eles perceberam que a única atividade extra deles em relação a mim era abrir o espaço para observações e retirada de dúvidas sobre as atividades corriqueiras. Enfim, para tratar do período de dezembro, aproveitei-me de fontes advindas da imprensa local, sem deixar de tecer análises sobre a produção da imprensa enquanto “pontos de vista” de agentes atuantes no processo de produção do futebol do ACP ao longo do campeonato.

A minha frequência nas atividades do clube ocorreu de acordo com o que percebia em cada momento, qual era a tarefa importante de ser observada. Posso antecipar, breve e aleatoriamente, que coletei dados em atividades como: preparação física dos atletas; refeição coletiva entre atletas e comissão técnica; partidas de futebol (válidas pelo campeonato e amistosos preparatórios); conversas de expediente de serviços na secretaria; bate-papos nos corredores; instalação de blocos de luz nas arquibancadas; treinos coletivos e recreativos das equipes titular e reserva; conversas entre torcedores nos bares e mercearias do entorno do estádio; reuniões entre os atletas no hotel em que ficaram alojados; brincadeiras no ônibus que conduzia a equipe até outros locais de treinamento. Da arquibancada do estádio, do banco de reservas do campo ou da cabine de transmissão de uma emissora, procurei *olhar* e *ouvir* disciplinadamente, para conseguir maximizar a minha *percepção* da realidade de todos os eventos em que estive presente (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p. 18-19).

Uma gama de “quinhilarias” rodeia o etnógrafo em suas idas e voltas aos trabalhos de campo. O material utilizado nesta pesquisa, além das descrições contidas no diário de campo, é composto predominantemente de gravações de áudio, fotografias e publicações da imprensa local. As gravações de áudio foram feitas nas entrevistas, pela necessidade técnica de transcrevê-las. Entrevistei, ao todo, nove sujeitos acepeanos: quatro jogadores (de acordo com alguns critérios¹² observados ao longo do campeonato), o presidente do clube, o diretor de finanças/contador, o diretor de futebol profissional, o treinador e o preparador físico. As entrevistas foram individuais (com exceção do treinador e do preparador físico, que realizei em dupla para ter mais acessibilidade ao primeiro) e constituídas de um roteiro de perguntas abertas divididas em três blocos bastante amplos, correspondentes às trajetórias (os caminhos trilhados nas histórias de vida¹³), aos esclarecimentos de quesitos técnicos sobre o futebol (as concepções sobre a prática do esporte) e à atualidade futebolística geral e, especialmente, no ACP. Destaco que a estruturação prévia das entrevistas em três blocos amplos mas com poucas perguntas previamente elaboradas, teve o intuito de fazer com que o foco da atividade fossem os *pontos de vista dos pesquisados*, para que os entrevistados mais livremente se expressassem. Constatei que as entrevistas foram em número e qualidade suficientes para a complementação do trabalho, pois a maior “substância” de minhas observações participantes esteve na (ou na tentativa de) *descrição densa*¹⁴ a partir do diário de campo.

Logo no início do trabalho de campo percebi que, quando eu tentava fotografar atividades corriqueiras no clube, terminava por constranger as pessoas e a interferir no que elas realizavam. Isto prejudicava as minhas observações e o conteúdo a ser descrito em meu diário de campo; porém notei que quando eram os fotógrafos profissionais que registravam as atividades (sobretudo em dias de jogo), havia maior tolerância à captação de imagens por parte dos jogadores e demais profissionais. Passei a utilizar as fotos e vídeos produzidos por esses profissionais.

¹² Tendo em vista a inviabilidade de entrevistar todo o elenco da equipe para esta dissertação, selecionei os atletas por alguns perfis que percebi serem relevantes na campanha da equipe no campeonato. Foram entrevistados dois atacantes (um “protagonista” da equipe, jogador driblador que cativava as massas torcedoras, e um “antagonista” que “matava” os ataques da equipe, por não fazer os golos que a esperança da torcida havia dele esperava ao ser contratado) e os coadjuvantes, um volante (peça imprescindível à equipe e discreto dentro de campo, talvez o jogador mais “completo”, tecnicamente, de todo o elenco) e um zagueiro (atleta discreto entre o elenco, jogador de defesa que chegou ao ACP para testes e foi reserva na maioria dos jogos da equipe).

¹³ A técnica de pesquisa sobre as histórias de vida tem como interesse tanto “exemplos para esclarecer uma certa problemática, quanto para realçar a variedade individual num sistema social” (GOMES, 2008, p. 61). Destarte, as entrevistas coletaram informações concernentes às individualidades e às representações coletivas das trajetórias dos distintos atores sociais entrevistados. Pelo conteúdo e a extensão do material coletado, estas entrevistas servirão como matéria-prima para uma futura pesquisa.

¹⁴ Mais detalhes sobre a *Descrição Densa* em sua subseção 1.4.

Para complementar o *Clébi*, com destaque para os *points of view* (VAN MAANEN, 1988), foram utilizadas as fotografias, os vídeos e as matérias jornalísticas no e sobre o ACP. Perceber os pontos de vista de agentes desvinculados institucional e formalmente do clube, mas constantemente presentes (e interferentes) e suas atividades (principalmente os jornalistas de rádio e imprensa escrita), pode ser útil para entender o “sentido multiplicador” do futebol (TOLEDO, 2002). São esses sujeitos que fazem circular as informações referentes ao clube, que contribuem para a popularidade do time de futebol, que engrandecem ou depreciam algum acontecimento e, especialmente em Paranaíba, dão “pitacos” eficazes na administração do clube. Esses artefatos serviram para o estabelecimento da narrativa do campeonato enquanto um *drama social*¹⁵ e para as análises pormenorizadas das *performances nos jogos* e das *repercussões* do futebol produzido no ACP¹⁶.

O material advindo da imprensa escrita também serviu como um suporte ao diário de campo, sendo possível perceber detalhes que não haviam sido notados por mim no exercício de observação. Os membros da imprensa escrita local possuem forte proximidade com o ACP, tendo nos meandros do clube o frequente acompanhamento do que é veiculado em alguns de seus órgãos. As repercussões de assuntos referentes ao ACP, sobretudo as vinculadas ao Diário do Noroeste (o jornal de maior circulação na cidade de Paranaíba, com tiragens de cerca de sete mil exemplares diários), possuem compreensões que variam entre o senso de solidariedade “por Paranaíba”, pois o ACP é tido como “time que leva o nome da cidade a todo estado do Paraná”¹⁷, e os conflitos entre personalidades. Para acompanhar estas complexas relações entre ACP e imprensa escrita e interpretar o processo *micro-histórico* e de *drama social* que envolveu o campeonato, coletei todas as edições dos jornais diários do Noroeste entre dez de novembro de 2009 e trinta de maio de 2010, além de coletar dados pontuais referentes ao ACP em outros órgãos de imprensa (Gazeta do Povo, Blog do Joaquim de Paula, futebolpr.com.br, futebolparanaense.net e bolaparanaense.blogspot.com).

Num emaranhado de textos, com a apropriação de temas diversos (passíveis de multidisciplinaridade, como a própria matriz que é a antropologia) e seguindo relações intersubjetivas – que, segundo Cardoso de Oliveira (2000, p. 24), passam por o pesquisador assumir um papel de interação com a sociedade observada de modo que haja uma aceitação da presença do pesquisador no campo pesquisado –, é que se dá a observação participante. Ela é

¹⁵ A seção 4 Corresponde à narrativa do ACP no campeonato paranaense de futebol de 2010 como um *drama social*.

¹⁶ Detalhes das análises referentes ao processo performático do futebol do ACP em 2010 estão na seção 5.

¹⁷ Esta é uma característica da oitava fase do processo performático do ACP. Mais detalhes na última subseção da seção 5.

a etapa mais importante do trabalho etnográfico, o momento em que se dá substância textual à pesquisa e a construção do “objeto” pesquisado. Depois do que foi firmado pelo método de observação participante, coloca-se todo o material coletado para ser expresso enquanto texto etnográfico final, no intuito de gerar um ato cognitivo de “conhecimento efetivo” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p. 24).

1.1.3 Escrever em perspectiva.

*E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José ?
e agora, você ?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama protesta,
e agora, José ?*

Carlos Drummond de Andrade (1942)

A etapa mais “fria” do trabalho etnográfico está atrelada à atividade de escrita final. É o momento de distanciamento daquele aparente caos que envolve a vida dos “outros” que estiveram em campo, quando passam a não ser o suficientes as simples descrições no *Clébi* e se deve fazer a mágica transformação da desordem de significados íntimos ao campo em uma exposição caracterizada e legitimada por linguagem e preceitos dos nossos pares no *corpus academicus*.

A exposição textual final desta pesquisa se passa em meio aos atropelos dos prazos exigidos pelo produtivismo acadêmico brasileiro contemporâneo¹⁸. Concomitantemente, tais dificuldades devem ser entendidas como momentos de aprendizagem na carreira acadêmica dos pesquisadores iniciantes. Assim acontece com esta pesquisa.

Inicialmente, a proposta era escrever algo como um estudo de caso sobre o futebol profissional em Paranavaí, para levar a cabo uma grande síntese da formação histórico-social

¹⁸ O produtivismo em voga nos meios acadêmicos brasileiros, em forma da racionalização da produção acadêmica sob a lógica da produção mercantil, foi impulsionada por políticas estatais para a dinamização da produção científica e acompanha o processo de mundialização e financeirização do capital (SILVA JUNIOR, 2010). Este processo exige maior velocidade na produção e conclusão dos trabalhos acadêmicos, e em meio a ele que se deve realizar o que propalo como o “aprendizado” de pesquisa via mestrado, sem que se deixe de lado a crítica ao problema sistêmico desse dito produtivismo.

do futebol no mundo, no Brasil e em Paranaíba. Depois de alguns equívocos, meu trabalho limitou-se a um molde “exequível” ao contexto de pós-graduação, num modelo textual mais compacto, com introdução direta no tema de estudo e delineando o tratamento das fontes e a concepção teórica sob o prisma etnográfico *ipso facto*. Optou-se pela coesão, em um texto mais curto e uma consistente escolha metodológica.

A consistência metodológica é evidenciada brevemente por este capítulo, que inicialmente procurou seguir os passos etnográficos, na fala de um dos personagens da pesquisa de campo, passando posteriormente por definições epistemológicas, de questões de método e de técnicas para mostrar “como se fez” o trabalho de campo. O autor desta dissertação faz questão de ressaltar a imprescindibilidade das bases metodológicas para qualquer trabalho científico.

Esta dissertação adotou o formato etnográfico-textual de *Realist Tale (narrativa realista)* de Van Maanen (1988). Pode-se dizer, em síntese, que este é um modelo de escrita comum desde os clássicos Malinowski/Evans-Pritchard/Leach. Possui características de exposição textual estritamente científica (é encontrado em artigos científicos, *papers* e demais obras acadêmicas) e procura exercer uma autoridade textual com base na impessoalidade da autoria. Tem como objeto de pesquisa a “realidade vivida” e comumente é voltado para o cotidiano social. Coloca em primeiro plano o ponto de vista dos pesquisados, exibindo as mais diversas vozes em conjunto e em conflito (VAN MAANEN, 1988). Escrever uma *realist tale* implica em assumir uma postura de narrador/cientista social e passa pela exigência de *acreditar* que se tem uma postura verdadeiramente científica em relação à própria pesquisa.

Como qualquer interpretação humana – sempre incompleta e tortuosa – meu trabalho não está atrelado plenamente ao modelo de *narrativa realista*. Um “estatuto” dele indica que há uma invisibilidade do pesquisador em seu texto, uma tentativa de neutralidade do pesquisador em relação ao seu “objeto” pesquisado. Também indica que as interpretações dos fenômenos tendem a considerá-los “atemporais” (VAN MAANEN, 1988). Estes são termos em que divirjo da proposta *Realist Tale*, pois não faço todas as abordagens ao sabor da “invisibilidade autoral”, utilizo uma exposição de concepções íntimas sobre o meu tema em estudo (em algumas passagens do texto, sobretudo neste primeiro capítulo, que trata de metodologia) e não abro mão de assumir a circunscrição da realidade pesquisada e de meu texto ao seu contexto histórico e a meus “encontros intersubjetivos” com meus interlocutores/pesquisados (COSTA, 2002, p. 381). Mesmo assim, assumo uma filiação

metodológica a esta concepção etnográfica e busco uma conexão dela com o conceito de *microstorie*¹⁹, por suas congruências e complementaridades de pesquisa.

Esse apreço metodológico não significa “metodismo” (ou dogmatismo), nem quer entrar na seara do cientificismo (ou das religiões!). Um princípio irrevogável deste texto é escrever para fazer pensar em um discurso criativo (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p. 18). O que se verá nas próximas páginas passa por uma aventura criativa em busca de uma teoria social do futebol, sem se desfazer das minúcias empíricas exigidas pela abordagem etnográfica.

O enquadramento metodológico de um trabalho etnográfico deve primar pela *radicalização da empiria*, à procura das particularidades proporcionadas pelo trabalho de campo. Para este intento, como defende Cardoso de Oliveira (2000, p.31), deve-se “pensar as condições de sua produção [texto etnográfico] a partir das etapas iniciais da obtenção dos dados – o olhar e o ouvir”. Ir à raiz da cultura e da sociedade pesquisadas é o caminho aqui utilizado.

Com o intuito de promover uma interpretação inovadora e de qualidade, defende Peirano (1992) que se deve procurar a *totalidade etnográfica* na combinação de dois extremos, que são a *pesquisa de campo* e a *teoria*. A autora citada defende o compromisso com o *continuun* entre o particular e o universal, que são duas categorias num tipo específico de relação etnográfico-filosófica. Estudar *no campo* (para utilizar uma expressão de Geertz [1989]) demanda aliar teoria e empiria.

A face teórica da etnografia é encontrada na abertura e no fechamento do ciclo que se inicia na preparação da pesquisa, passa pela observação participante e finda na escrita etnográfica. Parte-se de um acumulado teórico para se chegar a outro, ao consolidar-se uma interpretação. Esta interpretação precisa participar novamente da “ciranda”, vindo a ser questionada e recriada.

A atividade de recriação deste trabalho possui como base inicial alguns conceitos previamente determinados. Estes são referências basilares para a efetivação desta pesquisa. Cada um foi selecionado para servir como ferramenta à empiria e para ser pressionado – como um zagueiro que cerca e ataca um atacante, em busca da bola – e questionado constantemente em sua validade para a compreensão da prática cultural do futebol. São eles as *performances*, os *dramas sociais*, a *micro-história* e a *descrição densa*.

¹⁹ O método micro-histórico, em especial o da perspectiva de Giovanni Levi, será enfatizado em uma das próximas subseções.

1.2 *Performance* da equipe de futebol e o *drama social* chamado Campeonato Paranaense de Futebol 2010.

Conforme o exposto no título desta subseção, temos diferentes níveis de acontecimentos para os dois conceitos correspondentes a *performance* e *drama*. O dito *processo performático* encontra-se na prática do futebol. Ele começa com os planejamentos e projeções das *performances*, passa pelas experiências dos jogadores, pelos treinos e cumprimentos das partidas e culmina nas repercussões destas últimas. O *drama social* (ou *dramas sociais*) é o processo de acontecimento do campeonato paranaense, uma espécie de enquadramento temporal das relações sociais e simbólicas, carregadas de conflituosidade, de buscas de interesses contrapostos e de sofrimentos individuais e coletivos. As *performances* são primordialmente desenvolvidas pelos jogadores, a partir do auxílio da comissão técnica e do respaldo da diretoria e dos torcedores, enquanto o *drama social* engloba a totalidade dos personagens envolvidos no processo decorrente no torneio. Destarte, ao compreendermos a feitura do futebol no ACP, levamos em conta o que os atores sociais fazem, em suas diferentes tarefas e funções, para que a organização exista e *aconteçam* as partidas de futebol.

Começamos pela definição de *drama social*, que posteriormente embasará o sentido de *performance*. De acordo com Victor Turner (2008), *drama social* é uma metáfora estética (rompe com as metáforas vinculadas a naturezas e organismos) que tenta perceber a dinâmica das relações sociais por meio de “uma forma no processo do tempo social” (TURNER, 2008, p. 27). Esta “forma” é o drama, sendo o termo *drama social* uma analogia ao teatro grego (ALVES DA SILVA, 2005, p. 36). Inspirado na dinâmica sequencial dos “ritos de passagem” de Van Gennep, Turner propõe que os *dramas sociais* são sequências de eventos sociais, em que é estabelecida uma “estrutura temporal” particular com cinco etapas: 1) *ruptura* com um estado social anterior, 2) *crise* crescente no estado subsequente à ruptura, 3) *intensificação da crise*, 4) *ação social reparadora* e, por fim, 5) *reintegração* do grupo social perturbado (TURNER, 2008, p. 33-37).

Consideramos como *drama social* a campanha do ACP no campeonato paranaense de 2010, em que caracterizamos cada partida disputada desde antes do início do torneio e ao longo dele (dois amistosos prévios, treze partidas na primeira fase e sete na fase final) como *evento social* portador de uma carga de dramaticidade advinda do desencadear de tensões entre os atores sociais (também escalonados entre indivíduos, grupos e instituições), em conflito e coesão coletivos. Assim, o campeonato sob estudo é um *tempo* de drama social, e as suas partidas correspondem individualmente a *estados de liminaridade*.

A situação de *liminaridade* – também de acordo com Turner (1974) e Van Gennep (apud TURNER, 1974) – remete ao fato de se estar *no limite* máximo de papéis a serem assumidos entre as normas ou convenções sociais, em que ocorre, para os indivíduos, a suspensão de papéis por algum período. Em situações práticas, é o que os olhares consideram ser o “meio-termo”, o que não possui uma definição absoluta, que não possibilita pleno conhecimento do que virá e que provoca situações de tensão e conflito.

O Atlético Paranaíba corresponde muito bem à condição liminar: é um profissional que possui como característica a montagem de sua equipe com vistas à sua dissolução²⁰. Devido à instabilidade nos torneios e à curta duração do único campeonato em que possui garantias de que irá disputar (com a duração de três meses), o ACP tem uma existência *no limite* da precariedade que coexiste com a possibilidade de conquistar o torneio e ser “o melhor”, até mesmo em relação às três equipes que muitas vezes habitam a elite do futebol nacional (Paraná Clube, Coritiba e Atlético Paranaense). Além do exposto, os próprios jogadores, em suas carreiras profissionais com prazo de validade bem restrito, também se envolvem em períodos liminares e dramas sociais que podem ser concluídos com a glória de um título ou com uma contusão aguda que fere ou aniquila suas capacidades técnicas; portanto, jogadores e ACP envolvem-se em dinâmicas tipicamente liminares.

A *liminaridade* é um componente presente em outro processo além do conceituado como *drama social*. As partidas disputadas pelo time de jogadores do ACP são os eventos que melhor caracterizam a produção do futebol no clube. Elas são efetivadas por meio de um processo performático que é permeado por situações-limite. Em seu significado contemporâneo, *performance* é o mesmo que “exercício de atuar, desempenhar; atuação, desempenho” (HOUAISS, 2010). Etimologicamente vem do latim *formare*, que significa “formar, dar forma”, e do Francês antigo *parfoumer*, que significa “cumprir, acabar, concluir” (HOUAISS, 2010).

Considerando-se o futebol intrinsecamente por sua ação prática (o “ato de jogar bola”) e realizando-se um paralelo com o teatro (o “ato de encenar”), utiliza-se a teoria de Richard Schechner (apud ALVES DA SILVA, 2005) para entender os eventos performáticos caracterizados pelas partidas de futebol. Para o citado autor – teatrólogo, revisor da teoria da liminaridade de Van Gennep e aprendiz de Victor Turner –, o teatro e outros eventos rituais

²⁰ A maioria dos atletas assina contratos que correspondem ao início da preparação da equipe (entre os meses de novembro e dezembro do ano anterior à disputa) até o término do certame (por volta do mês de maio), sem que haja perspectivas de continuidade no restante do ano, a não ser que a equipe figure entre os primeiros colocados do campeonato e adquira uma vaga para a quarta divisão do campeonato nacional (a Série D do Campeonato Brasileiro). Em geral, conforme o ocorrido em 2010, há uma dissolução completa do time profissional e da comissão técnica do clube.

são *performances*, rompendo com a dicotomia sagrado/profano. A distinção estabelecida, segundo Schechner (apud. ALVES DA SILVA, 2005), está no que corresponde a *eficácia* e a *entretenimento*. Qualquer evento social (em nosso caso, as partidas de futebol) pode possuir repercussões, solucionar conflitos, provocar mudanças e/ou redefinir radicalmente posições dos atores sociais (*eficácia*), ou não alterar de modo efetivo nada que esteja fora de seu momento e servir meramente para contemplação (*entretenimento*). Outras duas categorias servem para definir os processos performáticos: *transportation*, característica temporária que leva o *performer* a tornar-se outro (no caso do teatro, uma representação cênica, e no futebol, uma jogada com a bola ou um ato cênico pra fazer passar o tempo caso a equipe pela qual se torce esteja na frente no marcador) e a audiência a acessar um mundo recriado, em um lugar diferente e a agir expressando efusivamente suas emoções (no teatro, a emoção do público, e numa partida de futebol, toda a festa realizada pelas torcidas emocionadas); e *transformation*, característica permanente, que institui novos papéis e consciência crítica (em *performers* e/ou na audiência). O futebol engloba estas categorias e processos.

Além de *eficácia* e *entretenimento*, *transportation* e *transformation* (qualidades e formas de interações entre o *performer* e a audiência), a prática da *performance* comporta uma manutenção constantemente renovadora de seus valores e técnicas. O *comportamento restaurado* é uma atividade educativa e corresponde às tradições que se renovam, aos *scripts* e modelos que são reinterpretados, a uma acumulação de conhecimentos reelaborados e transmitidos para que novas pessoas deles se apropriem e os renovem. A *performance* do futebol em suas diversas tradições assemelha-se a isto. São as diferentes escolas ou tradições regionais, e o ACP, em 2010, desde Adriano (profissionalizado no interior do sertão sergipano) até Duda (advindo de uma das melhores categorias de base do país, a do Fluminense) praticaram os seus futebóis e restauraram o comportamento de nosso esporte em Paranaíba.

Por fim, em nossa exposição a respeito da *performance*, passamos aos seus elementos sequenciais.

Mais complexo do que os *dramas sociais*, o processo performático compreende sete fases distintas, na concepção de Schechner (apud ALVES DA SILVA, 2005, p. 61): 1) *treinamento*, 2) *oficinas*, 3) *ensaios*, 4) *aquecimento*, 5) *performance* propriamente dita, 6) *esfriamento* e 7) *desdobramentos*. Estas fases podem se alterar de acordo com o tipo do evento performático, por exemplo, no *treinamento* ser aproximado da longa duração e do cotidiano (caso do futebol). Ainda segundo o autor estadunidense, o *esfriamento* tende a variar bastante entre as diferentes culturas e os *desdobramentos* a serem o elo importante para

a crítica e a transformação social. Adequado ao futebol através de seus próprios termos técnicos (cunhados seja na prática amadora, no meio dos treinadores ou no jornalismo esportivo), este sistema é tratado nesta dissertação em oito fases: 1) *planejamentos e projeções* 2) *habilidade e experiência*, 3) *treinamento técnico/físico/tático*, 4) *coletivo-apronto*, 5) *concentração: hotel, treino recreativo, aquecimento e preleção* 6) *performance em jogo*, 7) *recuperação*, 8) *repercussão*. Permanece, nesta sequência, o gene do processo ritual de Van Gennep (apud TURNER, 1976): fase preliminar (1, 2, 3, 4 e 5), liminar (6) e pós-liminar (7 e 8). No desenvolvimento da dissertação detalharemos como se desenvolveram as *sequências performáticas* do ACP em seu *drama social* que foi o campeonato disputado.

1.3 Uma *micro-história* do futebol acepeano

A micro-história leva a conhecer a história construída pelos homens por meio da máxima apreensão dos acontecimentos concretos que envolvem estes, em suas faces de ações mais espontâneas e livres. A micro-história, enquanto método historiográfico de pesquisa, segundo Giovanni Levi (um de seus precursores desde os anos 1970), deve ser considerada pelo seguinte eixo central: estabelecer compreensão e narrativa aprofundadas acerca da realidade social concreta, a partir de estudos intensivo de documentos relativos aos acontecimentos desta realidade e de redução da escala da pesquisa sobre a mesma, algo que possibilita o alcance de conhecimentos sobre conflitos e ações (simbólicas e materiais) que envolvem a vida social cotidiana.

A elaboração de uma compreensão realista do comportamento humano é o principal objetivo da micro-história. Na proposição de Levi (1992, p. 135), há um simples modelo sociológico previamente estabelecido, com o entendimento de que os homens relacionam-se num comportamento conduzido pelos fatores *ação* e *conflito*. Estes fatores são envolvidos pela relativa liberdade que os homens possuem para conduzir suas vidas fora “dos sistemas normativos prescritivos e opressivos”, nas palavras do citado autor.

O modelo de Levi pressupõe uma história “aberta” às transformações, “livre”, mas também marcada por limites que restringem a eficácia da ação humana. A trivialidade destas definições é propositadamente posta para os estudos históricos em pequena escala. Por meio desse aparente simplismo é possível realizar uma complexificação na escala dos acontecimentos da chamada curta duração, com a possibilidade de se estabelecer uma poderosa narrativa histórica que faça detalhes referentes a cotidianos sociais passados.

Ao perseguir fatos inconclusos, particulares e internalizados em detalhes passados, a narrativa micro-histórica pesquisa o passado em um exercício de diagnose similar à chamada *inferência clínica*. Segundo Levi, a obtenção de conhecimentos do passado efetua-se por meio de indícios, sinais e sintomas:

[...] é um procedimento que toma o particular como seu ponto de partida (um particular que com frequência é altamente específico e individual, e seria impossível de descrever com um caso típico) e prossegue, identificando seu significado à luz de seu próprio contexto específico (LEVI, 1992, p. 154).

Esta narrativa, que Levi considera “partir do particular”, possui duas características fundamentais: ela aproveita fatos sólidos e explicita pontos que não são captados por abordagens generalistas, e incorpora à narrativa a realidade das dificuldades de pesquisa, limitações documentais e a construção de interpretações (LEVI, 1992, p. 153). Na textualização da narrativa sob os moldes micro-históricos, prevalecem contradições normativas, fragmentações sociais e pluralidade de pontos de vista.

O trabalho de campo realizado nesta etnografia possui esse intuito micro-histórico, em primeiro lugar, por haver um recorte temporal referente à descrição e análise em pequenas escalas (como as rotinas de trabalho no ACP, os bate-papos que envolvem assuntos diversos ou uma atividade de treinos, as partidas do campeonato e as sequências preparatória e posterior a elas, e o campeonato em seus poucos meses de realização). Em segundo lugar, por esta pesquisa dedicar-se meticulosamente aos passos daqueles que efetiva, e concretamente praticam o futebol no ACP – os atletas profissionais. O trabalho aborda também as ações sociais e práticas simbólicas dos que asseguram a produção do futebol, como o pessoal da administração e da comissão técnica e os torcedores da equipe. Os sujeitos sociais estão em primeiro plano, para que se conheça como age o presidente do clube ou o jardineiro do estádio.

Esta narrativa trata, em terceiro ponto, de alguns aspectos que envolvem todos estes sujeitos em relações contínuas, seja por meio de conflitos seja por alianças fraternais. Aborda a dispensa dos jogadores por indisciplina, feita pelo gerente de futebol antes do início do campeonato; as rusgas entre o treinador e alguns jornalistas; a união dos atletas ao paralisarem os treinos pelo atraso dos salários; o atacante que saiu xingando energicamente vários torcedores do ACP após seu último jogo no campeonato. A tensão entre os sujeitos, a indisciplina dos jogadores e até a raiva na torcida são elementos que, vistos por meio de uma “lupa” micro-histórica, podem servir como manancial narrativo da realidade humana. A

micro-história enquanto conceito metodológico é aplicável nesta etnografia, sobretudo por sua proximidade com outros meios de pesquisa aqui utilizados²¹.

Uma busca quase obsessiva pela realidade comove tanto a micro-história quanto o modelo etnográfico dos *Realist Tales*. O modo como a micro-história pode se dirigir aos pontos de vista dos sujeitos em ação talvez seja o aspecto que mais aproxima ambas as abordagens. O apreço realçado às ambiguidades, à insolitez e às contradições da vida social por parte da diacronia da micro-história não é tratado do mesmo modo pelas *narrativas realistas*, que tendem a observar os fenômenos sócio-culturais de um modo sincrônico e (em menor medida que a micro-história) às incoerências passíveis de serem captadas pela diacronia. Sendo este trabalho explicitamente vinculado ao referido modelo etnográfico, assume-se aqui a contribuição que a micro-história concede, sendo ela complementar às *Realist Tales*.

1.4 A interpretação dos significados culturais: uma descrição do futebol no ACP

“Eu lia Zizinho, todo domingo, no Maracanã”, é um famoso dizer de Armando Nogueira (1927-2010) sobre um dos maiores meio-campistas da história do futebol, e elucida as pretensões ao se encampar a semiótica antropológica de Clifford Geertz neste trabalho. A compreensão textual do futebol praticado em campo e da dinâmica do sistema cultural, constituído pelos encadeamentos dos sujeitos sociais presentes no ACP, constitui importante referencial para estudarmos a prática cultural do futebol *no* clube.

Parte-se aqui das premissas epistemológicas de Geertz (1989), que considera a antropologia como uma ciência essencialmente interpretativa e descritiva, para entender o conceito de *descrição densa*. Argumentando que o ofício do antropólogo é estabelecer descrições etnográficas relativas ao simbolismo de diferentes manifestações culturais, o aludido pesquisador considera o ato descritivo como um desafio perante o insólito: “fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de ‘construir uma leitura de’) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências emendas suspeitas e comentários

²¹ Existem aproximações e distanciamentos entre as micro-história e a antropologia interpretativa (que possui como expoente Clifford Geertz [2001]). Uma das principais afinidades entre os dois é encontrada na maneira de abordar o objeto de pesquisa inspirado no modelo de *inferência clínica* citado acima. No que distancia as duas abordagens, Levi (1992, p. 149) assinala que a segunda tende a interpretar significados homogêneos entre os sinais e símbolos públicos, diferentemente da *microstorie*, que prima pela multiplicidade de representações sociais produzidas por diversos símbolos e significados.

tendenciosos, escritos não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios do comportamento modelado” (GEERTZ, 1989, p. 20). Até parece que Geertz estava assistindo a uma partida de futebol quando escreveu esta passagem!

A descrição meticulosa das culturas é encontrada na etnografia, que é fundamentalmente uma empresa tida como *experiência pessoal* (mais uma congruência com os outros autores). Como elemento de distinção entre antropologia das outras ciências, a etnografia, com os seus inescapáveis atributos de intersubjetividade, interdiscursividade e análise qualitativa, deve possuir um escopo de *interpretação*. Por ser um trabalho extremamente personalizado, Geertz chega a fazer a afirmação de que o antropólogo deve investir na interpretação antropológica como uma *ficção*, no sentido de “algo construído” (e não no sentido de embuste ou algo mal-inventado). Esta versão própria do antropólogo está mais próxima de uma responsabilidade perante o discurso social público do que de “invencionices fictícias”.

Descrever densamente a publicidade cultural do futebol praticado no Atlético Paranaíba consistiu em traçar detalhes acerca das partidas, dos treinamentos da equipe e das reuniões (em sua maioria, informais) nas dependências administrativas do clube. A complexidade dos significados públicos do que condiz com o discurso social são levados em sua complexidade pela descrição antropológica do referenciado autor (conforme captou este trabalho de mestrado em relação ao ACP); todavia, mesmo com a ampla gama de interpretações simbólicas da cultura aqui encetadas, Geertz adverte que é necessário para o trabalho do antropólogo efetuar uma criteriosa separação dos elementos significativos por categorias, e sempre com margens de refutabilidade, pois novas interpretações poderão ser realizadas. De piscadelas, carneiros às formas de atacar e defender²² de um time de futebol, é imprescindível uma razoável separação interpretativa em categorias.

Bom dizer que o exercício de separação em categorias não deve ser externo, forçoso ou predeterminado. Definições de categorias devem ser endógenas. “Megaconceitos” devem possuir uma atualidade sensível, explicitada pelo trabalho de campo, com obsessivo “peneiramento” de dados qualitativos e participantes (GEERTZ, 1989, p. 20). O mesmo se faz com as generalizações: estas devem acontecer por meio dos casos em específico, como, neste trabalho, a “vida bandida” de um jogador do clube, e não com fugas de tema e “objetos” de nossa pesquisa.

²² Divisão categórica efetuada na seção 5, referente aos processos performáticos do ACP.

2 A conjuntura social edificada ao longo dos anos: uma era dos volantes.

Percorreu-se até a seção anterior a matriz teórica desta pesquisa. Foram mostrados os meios metodológicos que foram utilizados desde a pesquisa de campo até os procedimentos de análises e escrita utilizados nesta dissertação. Após aquele capítulo, que foi eminentemente metodológico, neste capítulo desenvolve-se um texto próximo ao caráter ensaístico de uma síntese histórica, que se refere ao contexto histórico global pertinente ao Atlético Clube Paranaíba e, principalmente, ao futebol enquanto instituição esportiva em finais do século XX e início do XXI. Busca-se por meio da presente seção que se adquira um senso histórico referente ao que Braudel (1996, p. 408) considera como o “conjunto dos conjuntos, a soma integral de todos os fatos” passíveis de serem abordados por uma pesquisa: a sociedade. Sendo esta investigação concernente ao futebol, esta refere-se à conjuntura histórica ao qual se situa a sociedade mundial contemporânea pela via deste esporte.

Para a realização de uma compreensão histórico-conjuntural da contemporaneidade no futebol, parte-se dos seguintes marcos: durante as últimas décadas viveu-se uma ascensão ideológica do neoliberalismo mediante a hegemonia estadunidense e a crise do *welfare state* como paradigma político-econômico (HOBBSAWM, 1992); passou-se por diferentes composições de sociabilidades, com modos de vida plasmados pela centralidade do trabalho ou pelo individualismo e livre iniciativa (OLIVEIRA, 2007); adentrou-se a “lógica cultural do capitalismo tardio”, aonde o instante efêmero sobrepuja a historicidade mais ampla, em que os sujeitos que nele vivem passam a negar a existência de realidade e flutuam por acontecimentos fragmentados sem que organizem *passado* e *futuro* coerentemente (JAMESON, 2002).

A contextualização do futebol no período supracitado é compreendida pela capitalização dos campeonatos, clubes e federações inseridos no centro do capitalismo, pela expansão de mercados e da concepção de *marketing'n business* sobre o futebol e por certa “modernização” técnica e institucional deste esporte. Isto ocorreu em um processo descomunal que fortaleceu alguns clubes, com um “imperialismo” dos mesmos nos negócios globais do esporte, e o enfraquecimento de outros que não compõem o quadro privilegiado pela pujança econômica dos anteriores (HOBBSAWM, 2007, p. 93).

Na esteira das denominações deste período como a última parte da “Era dos Extremos” (HOBBSAWM, 1992) ou a “Era da Indeterminação” (OLIVEIRA, 2007), lança-se luz metaforicamente a este momento histórico no futebol como a “Era dos Volantes”: eis uma

época de instabilidade entre defesa e ataque, com uma variância de posições por vezes confusa e que funde excessos de elementos tanto *plus-modernos* quanto *anti-modernos*.²³

2.1 Avanços e retrocessos rumo a uma modernização conservadora.

Quando as coisas não estão dando certo, você tem de fazer o simples. Aí pensei: qual a primeira função do volante? Marcar! Então, vamos marcar. Depois, dar o passe e não errar. Depois disso, tenho de ajudar o ataque, enfiar uma bola, que é mais a função do meia. Fiz tudo isso, degrau por degrau.

O volante Richarlyson, autor da citação acima (que diz respeito à recuperação da qualidade de seu futebol durante o título brasileiro de 2008 no São Paulo), é um dos atletas mais pressionados no futebol brasileiro. Negro, de pequeno repertório técnico com a bola nos pés mas muito forte fisicamente e taxado preconceituosamente como homossexual, o volante precisa lidar com as exigências no meio de seus pares (como todo atleta, deve ter boas apresentações) e com o desprezo ou a ira de uma fração da própria massa são-paulina, que o massacra simbolicamente. *Rick*, como é apelidado, expressa uma contemporaneidade de excessos físicos e repressão moralista, uma conjuntura histórica em que brota a intolerância quando se pensava tê-la superado desde os anos sessenta e as suas manifestações libertárias de 1968.

Em fins dos 60 e início dos 70 o mundo do futebol experimentava um momento de hegemonia internacional do “futebol-arte” à brasileira – com títulos mundiais em 1958, 1962 e 1970 – de progressos sociais adquiridos nas manifestações da juventude e de trabalhadores inseridos no *welfare state* europeu. Na Holanda, uma nova liberdade social beneficiava aos seus cidadãos: acabaram-se os partidos de ideologias religiosas; os estudantes pressionaram até conquistarem poderes administrativos nas universidades; foi legalizada a venda de drogas leves em bares (em distinção às mais nocivas); as empresas multinacionais próprias conquistavam os mercados e o comércio portuário ia “de vento em popa”. Enquanto isso o futebol holandês revolucionava o mundo com *totaal voetbal* (futebol total) do treinador Rinus Michels e o craque Johan Cruyff, campeões europeus com o Ajax de Amsterdan (1971) e vice-campeões mundiais com a Holanda (em 1974, a conhecida *Laranja Mecânica*) (FRANCO JR, 2007, p. 118-119).

²³ Mediante a compreensão de Alfredo Bosi (1992), há na cultura contemporânea um paradoxo que leva aos extremos dos valores *modernos*, conforme as expressões *plus* e *anti* moderno: desfruta-se de um desenvolvimento tecnológico que tangencia a qualquer localidade global e irracionaliza-se as relações inter-pessoais mais imediatas; estetiza-se a vida humana em todas as suas práticas, enquanto as escolas transmitem marasmo e não ensinam artes; nunca se teve tanto em recursos materiais, mas quase nada se aproveita disto, pois o acesso é restrito a uma minoria; o mercado ficou “belo” e a beleza deve ser destinada ao mercado.

As duas equipes holandesas referenciadas eram compostas de atletas de diversas competências técnicas, tanto nos quesitos defensivos quanto nos de ataque, num alcance de *homens totais* exibidos na maximização desde as habilidades imediatas a até as sociabilidades que permeiam as técnicas corporais (MAUSS, 2003). A arte apresentada pelos holandeses influencia a formação de atletas e algumas formações táticas até a atualidade e muitas vezes é representada como síntese da modernidade no futebol. Em quesitos tático-futebolísticos, a “laranja mecânica” equipe revolucionou o futebol com uma organização coletiva voluntariosa, com uma demarcação de posições ao mesmo tempo racional, disciplinada e treinada, mas espontaneamente variada por meio de combinações coletivas – sabe-se que haviam jogadores posicionados mais à defesa, como Kroll, mais ao ataque, como Cruijff, e uma excelente “armadilha” com os defensores impondo aos adversários o impedimento. Mesmo assim, os especialistas táticos divergem a respeito daquele sistema tático holandês: 4-4-2, 4-3-3 ou 4-6-0? Os números não importavam, pois a mais relevante característica da equipe estava em seu estilo de jogar, com atletas versáteis que assumiam qualquer posição em campo e com plena autonomia e consciência de como executarem a mesma. A modernidade holandesa ao jogar futebol era intimamente ligada às suas transformações sociais em seu pequeno país e à época de profusão de movimentos sócio-culturais ao redor do mundo.

O futebol brasileiro acompanhou as transformações técnicas multifuncionais daquela época, com alguns sujeitos no ritmo do gingado e das artes contestatórias e de vanguarda do país. Resistência, rebeldia e reivindicações classistas eram presentes naquele contexto. Nos anos 60, os atletas começaram por reivindicar melhores salários enquanto as excursões de Botafogo e Santos pela Europa começavam a trazer rendimentos financeiros aos clubes. Garrincha foi um dos que clamou por melhores salários, apesar da aparência de ingenuidade ou ignorância do *anjo das pernas tortas*²⁴. Já nos idos no militarismo, um treinador comunista dirigiu a seleção canarinho – João Saldanha – e obteve bons resultados apesar de rapidamente sair do comando do selecionado por conta de um desentendimento com o presidente (e ditador) brasileiro Emilio Garrastazu Médici. Também na referida época o jogador botafoguense Afonsinho notabilizou-se por ser ter abandonado o Olaria numa excursão e aventurar-se na Europa como *easy rider* no auge das manifestações estudantis. Já nos anos 70, o craque Tostão declarou que era um defensor da reforma agrária e havia apoiado Jango naquele período de tumulto político dos sessenta (FRANCO JR, 2007, p. 137-148). No meio

²⁴ Um fato muito desconhecido ocorrido com Garrincha – e que envolveu um momento delicado do país – foi a invasão de militares à sua casa, que recebeu ameaças de policiais por ser simpatizante do governo João Goulart. Naquela noite de 13 de maio, a sua esposa Elza Soares havia cantado no comício pelas reformas (FRANCO JR, 2007, p. 138).

dos torcedores, a torcida organizada Gaviões da Fiel foi criada para pressionar o presidente do Corinthians, um político simpático à ditadura.

O futebol coexistia, no Brasil, com uma realidade tensamente determinada por censuras, torturas, prisões e assassinatos a quem desafiasse o militarismo (travestido no período como “desenvolvimentista e provedor da segurança nacional”) e era um espaço de tentativas de manifestações pela liberdade junto às multidões. No meio artístico da época figuravam Caetano Veloso, Chico Buarque, João do Vale, Paulo César Caju, César Maluco e Jairzinho, sujeitos das mais diversas áreas (incluindo o futebol) que produziam belas obras desafiadoras a partir de suas condições de oprimidos pelo regime político. Francisco de Oliveira caracteriza o período como uma “era de invenções”, um período que forja uma *nova sociabilidade* com novos sujeitos entre os “dominados” no processo, como a emergência do sindicalismo com base no proletariado das multinacionais produtoras de automóveis e os movimentos sociais, próximos da esquerda católica, que pautaram um novo conjunto de políticas sociais posteriormente efetivadas (OLIVEIRA, 2007, p. 20-21). Tal sociabilidade desembocou na configuração da nova república, em direitos sociais e trabalhistas e na democracia avalizados na carta magna de 88, à contrapelo das transformações provocadas pela financeirização brutal desenvolvida desde os anos 1970.

Ao se deparar com a década que se inicia com a crise do petróleo (1973) e se encerra na ascensão da “dama de ferro” Margareth Thatcher no poder do Reino Unido (1979), percebe-se a guinada histórica ao domínio das megacorporações empresariais. Este período não se restringiu a citada década e estende-se até o século XXI, consolidando a ascensão de Reagan nos Estados Unidos, o fim das lutas de libertação nacional e o pós-colonialismo, a derrocada do sistema soviético e as desnacionalizações generalizadas ao redor do mundo. A hegemonia neoliberal passou a impulsionar transformações influenciadas por economistas de matriz smithiana, com reformas de Estado nos países centrais e governantes ditadores – como Pinochet no Chile – em outros pontos globais. O panorama conjuntural apresenta uma política sob este prisma ideológico, com a economia numa radical financeirização do capitalismo envolta pela mundialização do capital (por vezes, chamada de globalização [OLIVEIRA, 2007, p. 25]) e o posterior processo de desmanche das estruturas estatais – desde o *welfare* europeu a até os incipientes aparatos estatais periféricos e dos Estados Unidos.

Propriamente ao futebol, um brasileiro de ascendência belga chamado *Jean Marie Faustin de Godefroid Havelange* (João Havelange) chega ao poder da FIFA em 1974

anunciando que chegou até ali para “vender um produto chamado futebol” ²⁵ (GALEANO, 2009, p. 142-143). Antes de Havelange, ainda na Copa de 1970, a transnacional produtora de artigos esportivos chamada Adidas estabeleceu-se como fornecedora da bola oficial da Copa e as transmissões televisionadas foram feitas em cores pela primeira vez. A Coca-Cola passou a ser patrocinadora oficial da FIFA em 1974, enquanto os níveis de audiência do esporte pelo mundo alcançavam múltiplos dígitos: ao longo dos anos oitenta, os telespectadores das copas passavam de 5 bilhões em 1982 para 32 bilhões em 1990 (FRANCO JR, 2007, p. 117).

Enquanto o mundo era considerado pelos olhares de treinados economistas como em crise nos países centrais, asseverava-se o endividamento externo de países periféricos como a retração econômica dos anos oitenta na América Latina, que levou à denominação *década perdida* aos anos 1980. No futebol o marketing passava a ocupar quase todos os seus equipamentos, dos pertencentes aos árbitros a até aos gandulas, com exceções para as traves e as redes²⁶. Os anúncios nas camisas das equipes se propagavam, com a televisão tornando-se aos poucos um dos mais poderosos clientes e sendo importante intermediador para as relações de consumo de materiais esportivos. As negociações para compra de direitos de transmissão dos campeonatos ao redor do mundo (principalmente a Copa do Mundo) tomaram imensas proporções, como o exposto pela diferença entre os valores pagos na Copa de 1982 (totalizando 30 milhões em valores de contrato) e na de 2006 (cerca de um bilhão e duzentos milhões em contratos)²⁷ (PRONI, 2000, p. 78). Parece estranho caracterizar essa pujança do futebol como “crise” (assim como são caracterizados os referidos anos por Hobsbawm [1992, p. 393-420]), todavia os desequilíbrios regionais de condição para a sua prática profissional, a violência envolvendo torcedores, as manifestações de intolerâncias diversas e o enrijecimento de sua dimensão técnica impingia-o à crise.

A desigualdade e os desequilíbrios regionais no futebol afetam clubes e atletas seguindo a lógica contemporânea da mundialização do capital. Bem como o sobrepujar das empresas transnacionais privadas aos domínios de Estados nacionais em alguns ramos da economia, o futebol passa por um desmanche da primordialidade às seleções nacionais – e

²⁵ Havelange desde aquele tempo declara que o que mais aprecia no futebol é a *disciplina*, ao invés das apropriações populares por meio de *arte*, *magia* ou *beleza*. Interessante ver que há acusações recaídas ao seu ex-gênero e atual presidente da CBF, Ricardo Teixeira, de que ele “não gosta de futebol”. Para se ver o quanto a apreciação *estética* do futebol possui afinidades – consciente e individualmente estabelecida ou externamente imputada – com a atuação política, administrativa ou técnica do esporte.

²⁶ Segundo Franco Jr (2007), devido ao caráter religioso comum a esses dois locais.

²⁷ A valorização dos contratos de televisão ocorrida entre 1982 e 2006 é imensa. Mais detalhes desta progressão (ano da copa/ milhões e bilhões em valor dos contratos de transmissão): 1982/30 mi; 1986/40 mi; 1990/76 mi; 1994/88 mi; 1998/184 mi; 2002/1 bi e 40 mi; 2006/1 bi 200 mi (PRONI, 2000, p. 78).

suas performances nas Copas do Mundo – e uma concentração de atenções cada vez maior a alguns clubes europeus – sobretudo, os que disputam os campeonatos mais ricos e badalados pela mídia. Na conjuntura das décadas de 1980, 1990 e 2000, houve um agudo enriquecimento do esporte; maior demanda por tempo de aplicação dos atletas aos clubes (cada vez mais desenraizados de suas localidades); expansão dos compromissos mercadológicos que extrapolam a performance nos gramados; arrefecimento do sentimento nacionalista tradicional.

A lógica da mundialização do capital corresponde no futebol ao processo de secundarização dos selecionados nacionais. Um exemplo da minimização da importância destes (na contrapartida da maximização dos chamados “superclubes”) ocorre no Brasil desde 1980, quando se iniciou a formação da denominada “seleção permanente”, com o selecionado concentrando-se mensalmente para poucos compromissos (ao invés do antigo regime prolongado de amistosos)²⁸.

Em meio à “goleada” hegemônica dos *superclubes* no cenário de dominação do futebol internacional – basta observar as costumeiras partidas/brincadeiras de futebol, por pessoas de qualquer um dos continentes, que se nota pessoas vestidas com camisas de clubes como Chelsea, Milan ou Real Madrid –, percebe-se que a maioria das decisões políticas e as negociações de maior volume financeiro são pautadas por essa hegemonia. Boa parte do futebol profissional periférico submete-se a crises de competitividade, de público e de rendimentos, mesmo com certa expansão de mercado a um modo aparentemente capitalista moderno empresarial aos locais de incipiente profissionalização. O campeonato paranaense de 2010, objeto desta pesquisa, ilustra bem a inserção empresarial no futebol periférico. Sete das quatorze equipes que o disputaram possuem ou possuíram co-gestão de empresários (como o Nacional de Rolândia, que teve parceiros trocados ao longo do campeonato e terminou rebaixado, e o Iraty, gerido pelo empresário Sérgio Malucelli, bastante comentado por supostas parcerias com Vanderlei Luxemburgo e Juan Figer em negociações de atletas), ou são propriedades privadas de empresários e empresas de ramos diversificados (o Cianorte Futebol Clube, de propriedade de empresários locais; o Corinthians Paranaense de Joel

²⁸ Sobre a primeira “seleção permanente”, diz Paulo Vinicius Coelho: “A Seleção de 1982 começou a ser montada em 1980, depois da eleição de Giulite Coutinho para a presidência da CBF e da escolha de Telê Santana para seu comando. Nascia a seleção permanente, com jogos mensais, em vez de reuniões periódicas para longos períodos de amistosos. [...] A idéia era construir o time a cada partida, a cada mês. E assim nasceu a fantástica seleção de Cerezo, Zico e Sócrates, com Falcão se incorporando à equipe apenas na Copa do Mundo, porque, à época, não se convocava quem jogava no exterior para os amistosos mensais. [...] Esta seleção canarinho não levantou a taça, mas ficou marcada pelo futebol arte, sendo considerada uma das melhores da história”.

Malucelli, dono do Paraná Banco; o Toledo Colonia Work, pertencente à cervejaria Colônia; o Serrano de Prudentópolis; o Cascavel Clube Recreativo).²⁹

Aos clubes que estão à parte do epicentro europeu dos grandes espetáculos técnicos, dos altos patrocínios e rendas cabíveis ao pagamento dos principais craques – principalmente o futebol latinoamericano, o principal celeiro de craques –, a exportação de atletas passa a ser a saída para a manutenção de plantéis com alguma competitividade e de finanças ao menos equilibradas. Dados concernentes à renda de clubes argentinos e uruguaios dão conta de que 50% dela advém da negociação de jogadores; no Brasil, mais de mil e seiscentos *pés-de-obra* saíram do país em 2005 e 2006 (RIBEIRO, 2007, p. 52); a Juventus de Turim recebeu, em 2006, cerca de sessenta e dois milhões de reais somente de seu patrocinador de uniformes, enquanto o clube brasileiro que mais arrecadou neste setor naquele ano – o São Paulo FC – recebeu pouco mais de 1/5 dos milhões auferidos pela *Vecchia Signora* (PRONI e ZAIA, 2007, p. 31).

As proporções tomadas pela “indústria do futebol” complexificam os fenômenos atinentes à violência e o esporte. As décadas de 1960 e 1970 notabilizam-se pela violência circunscrita aos estádios, na polaridade entre duas torcidas e/ou equipes presentes. Com o decorrer dos anos 1970 e 1980, passou-se por um processo de “higienização do espetáculo”, operado por autoridades públicas e dirigentes clubísticos – e com todo aval dos meios de comunicação, principalmente a televisão – que visavam conter os imprevistos decorrentes de indisciplina entre torcedores e atletas, levando o espetáculo futebolístico de modo mais asséptico e “civilizado” aos possuidores de maior poder de consumo. Promove-se com grande intensidade, a em meio a estes marcos, o *aburguesamento* e a espetacularização das partidas (RIBEIRO, 2007, p. 58) entre torcedores *in loco* nos estádios, consumidores de *pay-per-view* e jogadores caracterizados como *superstars* pela mídia.

As características da violência passaram a extravasar as simplistas determinações explicadas pela pauperização dos torcedores. A violência urbana, o racismo, a homofobia e a xenofobia, por exemplo, são recorrentes em um universo futebolístico amalgamado por torcedores brancos e de classes médias altas, com dirigentes dotados de extensos recursos

²⁹ Em meio a todos estes clubes caracterizados por gestões empresariais e designados primeiramente ao lucro em negociação de jogadores, o ACP insere-se no contexto do campeonato paranaense tomado por particularidades que o difere dos mesmos. O Vermelhinho é uma associação desportiva tradicional em Paranaíba, criada antes mesmo da emancipação municipal desta cidade, e que possui um vínculo identitário com a localidade como o “time que leva o nome da cidade” por onde passa. Aprofundamentos sobre o ACP estarão presentes nas seguintes seções.

financeiros e muitas vezes envolvidos com atividades obscuras ou ilícitas³⁰. Situações que remetem à realidade contemporânea internacional, por vezes insólita, mas sobremaneira desregulada e instável vista no amplo declínio do monopólio da força dos Estados (pela disseminação de pequenas armas no período da Guerra Fria), na extrema velocidade dos fluxos informacionais e de pessoas (uma olhada nos grandes aeroportos internacionais demonstra caos e extremo movimento) e na desintegração moral em rejeição às diferenças (globalizadamente presente nos atos xenofóbicos emitidos por diferentes sociedades civis) (HOBBSAWM, 2007). A violência no futebol é inerente a esta realidade globalizada de um capitalismo tardio.

As formas estéticas do futebol também acompanham tais contradições. A partir dos anos 1980 as exigências técnicas por um futebol condizente com o que se pensava ser “moderno” eram cada vez maiores. Cobrava-se maior velocidade, mais gols e maior emoção no chamado “espetáculo futebolístico”. A ânsia das pessoas na contemporaneidade por sentimentos instantâneos deslocados temporalmente (como uma esquizofrenia, na ruptura das cadeiras de significantes que formam um significado mais geral) constitui o que Jameson caracteriza como “um novo tipo de matiz emocional básico” chamado *Intensidades*. À grosso modo, esta corresponde a uma desorganização entre passado e futuro para o sujeito, que fica imerso ao instante temporal fragmentário (JAMESON, 2002, p. 53). Predomina na pós-modernidade tal fetichização extremada, e a espetacularização do futebol convém a este novo matiz emocional básico.

Uma tese de Tostão, colunista da Folha de S. Paulo, afirma que na década de 1980 havia demasiada apuração tática nas partidas, onde os adversários se estudavam e quase sempre se precavam demasiada e defensivamente. Para o mesmo cronista, algumas alterações promovidas pela *International Board*³¹ – como a atribuição de três pontos por vitória (antes da Copa do Mundo de 1994, cada vitória valia dois pontos), a autorização de três substituições por equipe e a inexistência do impedimento passivo (em 1995), a validação de gols advindos de tiro inicial e tiro de metas (de 1996) e as restrições ao goleiro de receber

³⁰ Basta-nos observar os casos do magnata russo do petróleo Roman Abramovich e suas centenas de milhares de euros investidos no Chelsea ou da nefasta inserção do seu colega partidário (e condenado por assassinato na Rússia) Boris Berezovsky nos investimentos que quase levaram o Corinthians à bancarrota em sua parceria com a MSI (e com acusações de lavagem de dinheiro por parte dos parceiros estrangeiros); os compulsivos investimentos do sheik Khaldoon Al Mubarak de mais de trezentos e cinquenta milhões de dólares no time do Manchester City nas temporadas 2007/2008 e 2008/2009.

³¹ A *International Football Association Board* é uma instituição criada em 1886 e que possui como finalidade deliberar sobre as regras da prática do futebol. De acordo com Franco Jr. (2007, p. 37), trata-se de uma instituição inspirada no direito consuetudinário inglês, que define o direito por meio de leis precedentes, firmadas consuetudinariamente, sobre os indivíduos.

com as mãos os arremessos laterais e de ficar no máximo seis segundos com a esférica antes de a por em jogo (FRANCO JR, 2007, p. 127) – foram realizadas para incentivar o ímpeto por gols e vitórias devido a certo marasmo que assolava o futebol.

Mais convincente do que a explicação de Tostão é a interpretação de que a busca de maior velocidade e gols é o resultado de um processo evolutivo das regras em continuidade aos avanços racionalizantes endógenos à própria prática desportiva. João Saldanha (1968) afirma que a evolução do futebol que um novo período histórico no futebol foi fundado a partir do surgimento da medicina esportiva e da preparação física e que, somado às duas, a multiplicação de competências táticas e de habilidade dos atletas faria do futebol uma espécie de “basquete”, em que todos devem saber atacar e defender.

À parte a multiplicação de habilidades dos atletas, vigor físico e disciplina tática correspondem a avanços da racionalidade técnica que aproximaram em chances de vitória entre equipes muito díspares em talentos individuais. O volante passa a ser o elemento central das equipes, sendo que os mais talentosos compõem os mega-clubes (como Xavi no Barcelona, Verón no Manchester United ou Pirlo no Milan) e os demais atuando por equipes periféricas.

Ademais, a divisão entre trabalhos físico e mental em um time de futebol nunca esteve tão acentuada: o treinador atrai as faculdades cerebrais que antes eram de domínio dos *maestros, armadores, enganches, pontas-de-lança, camisas dez, líberos* ou qualquer posição outrora designada como a matriz das principais jogadas de uma equipe, enquanto aos jogadores exige-se que corram o máximo e em maior velocidade possível e que sejam fortes ao disputarem a posse de bola perante um dos jogadores adversários. Na maioria das equipes, valem mais os volantes “carregadores de piano”, disciplinados taticamente para agirem como os “jogadores de basquete” ponderados por Saldanha, do que os imprevisíveis, mágicos ou subversivos atletas desestabilizadores de defesas adversárias.

Com o referido enrijecimento tecnicista, os empates e poucos gols tornaram-se constantes nos últimos anos e preocupam aos agentes sociais presentes no futebol contemporâneos, principalmente os que o dirigem como “indústria do entretenimento” e visam os altos cifrões que ela pode conceder. Assim, as controvérsias a respeito de se uma partida “deu um bom espetáculo”, se atraiu público e se gerou renda são companheiras das relacionadas ao uso de novas tecnologias ou de mudanças nas regras. O pensamento generalizado de que o futebol deve se modernizar – ou que “está por se modernizar”, como se nunca atingisse o redentor objetivo – acompanha agora uma hegemonia do futebol como negócio.

2.2 O negócio “tá na área”: uma modernização conservadora.

Qualquer negócio precisa de *valor* realizável. E para se gerar *valor* é necessário o domínio de um *meio de produção e trabalho* em nele executado. Este complexo sistema de Marx (SWEEZY, 1976) – aqui, ligeira e superficialmente transpassado – demanda conhecimento sobre os trabalhadores, executores do trabalho e que tem expropriada a sua *mais-valia*. Os “trabalhadores da bola”, citados por alguns especialistas como os *pé de obra*, possuem contemporaneamente relações empregatícias determinadas por contratos de trabalho temporários, condição ratificada recentemente – década de 1990 – por meio de um famoso imbróglio judicial. Até 1995, os jogadores de futebol eram vinculados aos clubes como parte de seus patrimônios, com cada atleta possuindo um valor relativo ao seu passe. Portanto, mesmo que um atleta tivesse o contrato encerrado, ele continuava vinculado ao clube que detinha o seu passe³², a sua propriedade.

O caso de Jean Marc Bosman abriu os precedentes necessários para a ampla modernização das relações empregatícias no futebol a partir do continente europeu. Bosman é belga e jogava pelo seu conterrâneo Liège quando teve o seu contrato encerrado ao final da temporada 1991-1992. Ele recebeu convite de uma equipe da segunda divisão francesa chamada Dunkerque:

Como qualquer trabalhador comum, Bosman anunciou a seu clube a decisão de trocar de emprego, apanhou o avião e seguiu para a França, escolheu a que o clube reagiu com indignação. Disse que o jogador não estava livre, porque, embora seu contrato tivesse acabado, seu vínculo ainda era com o Liège. Em bom francês, o passe de Bosman pertencia ao Liège. Meio-campista de qualidade discutível dentro de campo, Bosman decidiu atacar nos tribunais. Recorreu à corte européia alegando que era um trabalhador igual a qualquer outro e, portanto, estava livre do vínculo ao final de seu contrato de trabalho (COELHO, 2009, p. 126-127).

A resolução do caso iniciou-se na justiça belga e foi parar na corte européia. O tribunal continental declarou em dezembro de 1995 o ganho de causa a Bosman e interferiu em mais uma série de restrições ao trabalho de atletas naquele continente³³, que posteriormente ressoaram no restante do globo. Transformações estas, no futebol, que acompanham o mundo do trabalho.

³² “O passe é o nome dado à formalidade de uma obrigação entre o atleta e uma entidade desportiva. Com o instituto do passe, o atleta se tornava um trabalhador que não tinha o direito de mudar de emprego, que não podia discutir bilateralmente seu contrato de trabalho, que se via obrigado a aceitar as condições impostas por seu empregador, sob pena de não exercer a profissão” (Napier, 2003 *apud* RODRIGUES, 2007, p. 16).

³³ “Alegou também que a ‘regra 3+2’ [que permitia a utilização de no máximo três estrangeiros e dois que estivessem a mais de cinco anos no país] da Uefa para jogador estrangeiro era ilegal. A Uefa não teve outra opção senão abandonar a ‘regra 3+2’ e todas as regulamentações existentes sobre a transferência internacional dos jogadores da União Européia que estavam sem contrato. Os princípios do livre-mercado de Bosman logo aplicados às transferências dos jogadores das nações da União Européia” (GIULIANOTTI, 2002, p. 159).

No mesmo contexto das transformações européias, o futebol brasileiro passava por uma bateria de mudanças estruturais que atingia o fim do *passe* como última instância. A “modernização conservadora do futebol brasileiro” iniciou-se com o surgimento do Clube dos Treze em 1987, tendo como intuito modernizador a organização de uma liga de clubes no modelo administrativo europeu (RODRIGUES, 2007, p. 128); passou pela Lei Zico em 1993, que visava a extinção da lei do passe e uma maior diminuição das intervenções do Estado em federações e clubes (RODRIGUES, 2007, p. 132); desembocou na Lei Pelé, em 1997, com mais avanços que a lei anterior, determinação de fim do passe, maiores exigências de detalhamento a respeito dos contratos de trabalho dos jogadores e definição dos clubes enquanto entidades com fins econômicos (TOLEDO, 2002, p. 298). A dita modernização conservadora, segundo Rodrigues (2007) inegavelmente beneficiou aos atletas, por lhes conceder a liberdade de escolhas, desde a negociação de valores a até acertos de contratos mais convenientes. Todavia, percebe-se a limitação dos avanços, que em prática ficaram restritos às camadas privilegiadas de jogadores mais qualificados no mercado (estes passando a deter maior calibre de negociação com os clubes mais ricos) enquanto os demais atletas perderam qualquer vínculo que lhes trazia segurança, como o passe de certo modo era capaz. A tal modernização é exclusivista, como muitas coisas neste país.

Quando em 1990 o então treinador da seleção brasileira Paulo Roberto Falcão – ex-volante, jogador de apuradíssima competência técnica e paradoxalmente técnico que superestimava a importância das capacidades físicas dos atletas – era entrevistado no programa Roda Viva da tv Cultura, o dito recebia (de modo impertinente) perguntas referentes à profissionalização dos dirigentes de futebol. Era o jornalista Juca Kfoury quem o interrogava, enquanto Falcão não sabia o que responder, parecendo desnorteado perante o assunto, pois se tratava de um tema pouco explorado no Brasil naquele momento. Após alguns anos, aclarou-se o tema com mais tratamento da imprensa a respeito do tema e alguns trabalhos acadêmicos correspondentes (AIDAR; LEONCINI; OLIVEIRA, 2002; GURGEL, 2006). Iniciava-se um período de enaltecimento do profissionalismo esportivo mediante o protagonismo da figura do gerente administrativo e das ações de marketing.

Os argumentos sustentadores da urgência da profissionalização dos dirigentes vinham na esteira do que foi sendo conformado como “futebol empresa”: o negócio vultoso ao qual o ludopédio havia se transformado exigia parâmetros empresariais, próprios da administração de empresas privadas. A explicação para tal necessidade vinha de uma “evolução histórica” (concebida quase que por “leis naturais”) tomada pelo esporte que o transformara em negócio e que invariavelmente obriga a sua condução por meio dos elementos de gestão racional e

eficiente. O caminho, transmitido pelo sucesso dos clubes de futebol europeus, seria a profissionalização dos quadros dirigentes; o controle orçamentário (com gastos menores do que as receitas), gerindo eficazmente a folha de pagamentos; aumento da captação de rendimentos, seja por meio da financeirização com o lançamento de ações na bolsa, seja por diferentes regimes de parceria com outras empresas ou renda com torcedores; valorização da marca do clube; provimento de lucros; competitividade para a conquista de mercado; atingir metas preestabelecidas. A receita parece fácil de ser viabilizada, porém como é possível gerir uma folha de pagamentos de uma equipe de futebol, tão volúvel a elevações ou quedas? O mercado é tão aberto assim para que se valorize a marca de qualquer clube? Como atingir metas preestabelecidas no futebol, que concentra infinitas indeterminações? Em uma prática cultural demasiadamente guiada por emoções e impulsos, é possível uma intervenção tão fria e radicalmente racional?³⁴ Perguntas desprovidas de respostas exatas e que servem para demonstrar o que é a contemporaneidade pós-moderna: o excesso de paradoxos e, como as perguntas, funcionando a serviço de quem³⁵ as pautam. Estes não querem respostas ou resoluções, pois se aproveitam dessa condição.

2.3 Crise : a *Era dos volantes*, o bêbado equilibrista

Tome-se a imagem das coisas fora do lugar. Pensa-se no *Bêbado* e na *Esperança equilibrista* de João Bosco e Aldir Blanc, mas com o próprio bêbado dançando “em corda bamba de sombrinha”, melancolicamente ébrio perante as falidas alternativas ao sistema capitalista desdobradas ao longo do século XX, os não resolvidos problemas de concentração de renda e a violência em suas inúmeras formas. A esperança, bem como as utopias, aparenta ter saído da cena principal e o bêbado ainda mantém-se sobre a corda, cambaleante agudamente, quase caindo, em uma cena que causa aflição extrema pois “Em cada passo dessa linha, pode se machucar”. A sociedade contemporânea segue a esta imagem.

³⁴ A situação recente de equipes pesquisadas e concluídas como modelo nos anos 90 negam muitas das perspectivas dos autores. Como exemplo, citamos o caso do Manchester United, visto por Aïdar e Leoncini (2002) como “modelo de gestão estratégica de sucesso” no início da década por causa da eficácia de gestão na obtenção de lucros, na atualidade passa por aguda crise amargando um débito em caixa de setecentos milhões de euros. Além da desaprovação massiva perpetrada à gestão do proprietário Malcolm Glazer nas partidas, os torcedores dos *devils* dividem-se entre mobilizações que visam arrecadar a quantia necessária para recomprar o clube, e a fundação de uma nova equipe: o United of Manchester, que busca reativar as tradições operárias do clube.

³⁵ Uma elite detentora de postos privilegiados no mercado financeiro, no cérebro de grandes corporações e no “coração” do Estado – o seu fundo público (OLIVEIRA, 1988).

Conforme a trajetória histórica do futebol, passou-se a viver num período onde atletas de alto rendimento potencializam artificialmente as suas capacidades físicas com coquetéis de vitaminas sintéticas e suplementos alimentares, enquanto muitos ainda explicam a exímia capacidade de fazer gols do atacante marfinense Didier Drogba pela sua negritude e estirpe natural; em que os torcedores acompanham mais aficionada e intimamente a sua equipe do coração, assinando-a por canais de internet, recebendo sms no celular e pagando por todas as partidas da equipe no campeonato por meio do *pay-per-view*, ao mesmo tempo em que se estabelece a alguns jogadores metas de produtividade – como no caso do ex-atacante Denílson, um malabarista da bola cerceado por cláusulas de produtividade no Palmeiras em 2008, algo que fez sua carreira declinar definitivamente. Frederic Jameson interpreta os presentes fenômenos por meio das enervadas contradições onde na vida social quase nada está *in natura* e praticamente tudo é produto humano, enquanto dissemina-se uma naturalização de homens e objetos; em que o econômico define-se culturalmente e o cultural viabiliza-se na lógica da economia (JAMESON, 2002).

Não se pode considerar a atual conjuntura como uma etapa completamente diferente do decorrer histórico. Todavia deve-se salientar o período pós-moderno – especificamente no futebol – como parte de um processo histórico dialeticamente desenvolvido desde os primeiros conflitos atinentes à institucionalização do esporte, passando pelas lutas que o fez desembocar no profissionalismo e na incorporação de camadas antes excluídas por valores aristocráticos que o recobria, pela sua evolução em popularidade ao redor do mundo no decorrer do século XX e, o ponto mais relevante para a contemporaneidade, com a propulsão extremamente modernizadora dada pelos meios de comunicação e pela capitalização como nicho de mercado. O futebol chega a este momento histórico de pujança material acompanhando o desenvolvimento das forças produtivas, pois enquanto produção cultural é parte da mesma.

Contraditoriamente o pós-modernismo é um tempo de apropriação das benesses da evolução das forças produtivas e de crise dos valores modernos. Eagleton (1993, p. 300) externa que os discursos acerca de *razão, verdade, liberdade e subjetividade* foram postos numa lata de lixo rotulada “metafísica” a partir dos anos 1970. Somam-se aos mesmos outros temas excluídos como *coletividade, igualdade e justiça social*, com a sociedade deixando tais preocupações para preocuparem-se com “outras questões” deste “novo” tempo. “Novos” e “mais importantes”, a cultura pós-moderna pauta-se por *individualismo, esteticismo, consumismo*, sensações *imediatas* e pelo efêmero prazer. Percebe-se assim os extremos opostos em que se situam o desenvolvimento das forças produtivas (altamente desenvolvidas)

e os valores modernos imbuídos em emancipar os homens que acompanharam o desenvolvimento das mesmas (presentes nos citados temas excluídos ou “jogados na lata de lixo” da história).

Pela lógica cultural pós-moderna a “modernização” ocorre somente em uma dimensão, excluindo valores inerentes à mesma. No futebol, Helal e Gordon (2002, p. 50-51) citam que a propalada modernização do futebol brasileiro é por vezes unicamente defensora da profissionalização dos dirigentes; da adoção invariável ao modelo de “futebol-empresa”; da concentração das decisões institucionais no âmbito privado; da submissão completa à lógica do mercado, ao lucro e execução de ações de marketing para o suprimento de tal condição. Estes princípios de modernização deixam à margem, ou secundariamente, aspectos que levem em conta a totalidade social, do futebol como uma prática cultural que atinge a plenitude humana e pode incitar ao lúdico, à alegria, à reflexão, à cidadania e à liberdade. Os princípios modernos de *liberdade* e *igualdade*, por exemplo, não estão presentes além de suas determinações pelo mercado.

A crise contemporânea do futebol possui, de acordo com Ribeiro (2007), uma mescla de *autonomia*, constituída historicamente desde a vinculação de clubes e federações ao direito privado em quase todos os países, e *anomia*, por conta da violência emanada por torcidas diversas e de abusos provocados por dirigentes (principalmente com negociatas envolvendo os clubes e outros setores, inclusive ilícitos, da economia). Com a hegemonia neoliberal regendo há décadas, a potencialização da *autonomia/anomia* no futebol conjugou-se à degradação de setores dos poderes públicos. Presencia-se a *era da indeterminação*, com o *desmanche* da sociabilidade provinda do trabalho como categoria central do imaginário social, um tempo de desregulamentação dos mercados, abertura desmedida a importações, fim do controle cambial, financeirização total de dívidas, e o estabelecimento de uma sociabilidade enfocada na “livre iniciativa dos indivíduos” (OLIVEIRA, 2007, p. 30-31).

A *era dos volantes* é fac-símile futebolístico de uma *era da indeterminação* (OLIVEIRA, 2007). Em questões técnicas, o futebol hegemonizado pela crença no esforço individual ou na livre iniciativa como marcos maiores culminou na degradação de suas qualidades plásticas – aquelas que mais interferiam na formação de uma subjetividade criadora, emancipadora, desalienante, iluminadora, por meio das jogadas em campo e dos significados sociais transmitidos por elas e pelos seus autores –, em contrapartida à supervalorização do jogo disciplinado e “guerreiro”. Excetuado algumas ações provenientes de craques multifuncionais com capacidades transgressoras – os mesmos presentes principalmente nos *superclubes*, dotados de vasto repertório técnico individual e de

improvisações perante diferentes momentos de uma partida – a maioria dos atletas no futebol contemporâneo segue irrefletidamente determinações técnicas rígidas, que demonstram a eles um caminho único de como jogar futebol. Estas determinações estão presentes seja por hiperespecializações de funções em campo, seja por condicionamentos físicos que tratam compulsoriamente o fato de o atleta ter de correr dezenas de quilômetros por partida.

A *era dos volantes* pode ser bem exemplificada pelo contraste entre os jogadores Felipe Melo e Andréa Pirlo. Não por acaso que no meio futebolístico o *volante* é o jogador que melhor pode transmitir a “aparência de desintegração” pós-moderna. Trata-se de uma função tida por muitos especialistas como a mais importante para as equipes na contemporaneidade, por esta demandar atuações defensivas e ofensivas e constantemente ser acionado durante um jogo. O volante Andréa Pirlo é considerado por muitos o principal atleta da seleção italiana campeã do mundo em 2006, em especial por suas múltiplas competências em campo como: marcação pontual, facilidade em colocar-se nos espaços, ótimo passe, boa pontaria nos chutes e ampla visão de jogo. Com corpo escultural, rosto de galã e nome de bebida fina, Pirlo é capitão do Milan e possui a insígnia da “ordine al mérito della repubblica italiana”, mais alto grau de ordem honorífica na Itália.

Já o também volante Felipe Melo, titular na seleção brasileira e reserva na Juventus (italiana), sintetiza em seu futebol a especialização em compor o sistema defensivo, a marcação viril e a contribuição à saída de bola da defesa (mais do que ao apoio no ataque). Felipe iniciou a carreira como meia ofensivo, mas posteriormente tornou-se um atleta marcador, destacando-se pelas jogadas de força e pelos destemperos diante de atletas adversários, colegas na equipe, torcedores e jornalistas. Ele exalta com frequência a sua religiosidade (ele é evangélico e “atleta de cristo”) e o amor para com a sua família. Ademais, Felipe é representativo do Brasil “ornitorrínquico” contemporâneo (OLIVEIRA, 2003), pois se assemelha a uma das distorções do desenvolvimentismo no sistema capitalista: é um atleta forte, alto, viril e que se posiciona com firmeza perante os adversários (assim como a postura brasileira na economia e política externa do Brasil, que não é mais um “subdesenvolvido”); é um sujeito irascível, levado emocionalmente em suas ações e que vive em crise por conta de sua ansiedade e agressividade ao agir em campo (indicando proximidades com as condições sociais, tecnológicas e de trabalho brasileiras, tão instáveis, repletas de carências e informalidade que não permitem uma transformação social efetiva).

Como é perceptível, os dois exemplos citados exprimem diferentes posicionamentos ante a *modernidade* tão perseguida no futebol. Pirlo representa o homem emancipado, pleno detentor de suas habilidades corpóreas, racional, independente, líder coletivo, possuidor de

um estilo completo, total, influente em todos os níveis e fruto de uma escola de qualidade – só não pode ser considerado *plus-moderno* por que não é máquina. Felipe Melo, em reverso, parece limitado, unilateral, por vezes alienado, rude, hiperespecializado, levado acima de tudo pelos sentimentos e pela força – um típico *anti-moderno*.

Esta é a *Era dos Volantes*, a representação da contemporaneidade dos contrastes no futebol. Não se pretende situar os volantes, bem como qualquer outra posição, em um dualismo irreversível. A interpretação a respeito da posição de volante serve para uma compreensão histórica de que conflitos, reveses, exclusão e progressos fazem parte da contemporaneidade: um mundo de extremos, em que não há uma distinção de posições bem definidas sobre o que ou como se vive.

3 A organização Atlético Clube Paranaíba: objetos, pessoas e trabalho.

O capítulo anterior procurou situar, em formato ensaístico, a condição do futebol na contemporaneidade em que está inserido o Atlético Clube Paranaíba. Explanou-se por meio de uma metáfora do contexto cultural vivido, como “um mundo posicionado sem posições”, a chamada *era dos volantes*. Depois de uma abordagem em ampla escala, inicia-se nesta seção uma etapa majoritariamente voltada ao Atlético Clube Paranaíba enquanto organização produtora de futebol profissional.

Este capítulo inicia-se pelos seguintes questionamentos: o que é o Atlético Clube Paranaíba? Do que ele é constituído? Quem o compõe? As respostas para esta problemática encontram-se neste capítulo, majoritariamente, por meio de descrições referentes às origens, aos recursos materiais, a detalhes normativos administrativos e, sobretudo, às pessoas e trabalhos que constituem o clube. Nele estão contidas as subseções que se seguem: as origens e estatuto do clube; os materiais de trabalho (de camisas ao computador); o estádio e às dependências administrativas do clube; os meios de transporte e os locais de treino fora do estádio; as tarefas e as pessoas que as executam. Sujeitos e objetos organizacionais estarão nas páginas que prosseguem.

Parte-se da premissa fundamental de que o ACP é uma organização social voltada para a prática de futebol profissional. Entende-se por *organização*

[...] uma rede estruturada de relações de poder e dependência, através das quais os indivíduos e grupos negociam a permuta de comportamentos de que cada um tem necessidade de levar a cabo suas tarefas, defendendo seus interesses para atingir seus objetivos, por muito vagos e intuitivos que sejam (FRIEDBERG, 1995, p. 390).

Neste sentido, opera-se no presente capítulo uma descrição dos principais recursos, sujeitos e atividades que envolvem as relações sociais e culturais desta rede de poder.

3.1 Origens e estrutura normativa

O Atlético Clube Paranaíba completou, em 2010, 64 anos de existência, tendo sido fundado antes da criação do município de Paranaíba. As origens de Paranaíba remontam a um processo de titulação de terras na Região Noroeste do Paraná, quando em 1942 foi demarcada a gleba onde se localizaria a “Colônia Paranaíba”. Em 1943, um administrador foi nomeado para a localidade – Hugo Doubek –, e os primeiros lotes de terras foram negociados

(ALCÂNTARA, 1987, p. 40-41). Desde 1942 as ruas de Paranavaí já haviam sido projetadas por Ulisses Faria Bandeira, enquanto a colônia crescia em povoamento e mostrava-se como promissor centro urbano.

Com o aumento populacional daquele período de efervescência migratória (a localidade possuía cerca de quinhentos habitantes em 1944 e chegou à cifra superior a vinte e cinco mil pessoas em 1950, segundo Alcântara [1987, p. 48]), o futebol passou a ser uma das atividades de lazer mais importantes. Foi então que, de acordo com alguns dados de um pesquisador local (BOGONI, 2010), em quatorze de março de 1946 foi fundado por moradores locais o *Paranavaí Foot-Ball Club*, à época a equipe de futebol amador local que originaria o Atlético Clube Paranavaí.

Naqueles anos o posteriormente famoso “Vermelhinho” não possuía o mesmo símbolo, tampouco tinha como cores o vermelho e o branco. O proto-ACP possuía uma camisa similar à do Vasco da Gama (segundo Bogoni, branca com uma faixa em diagonal preta). Com a euforia da expansão populacional e econômica dos primeiros anos paranavaenses, uma equipe de aspirantes do América do Rio de Janeiro veio disputar uma partida comemorativa em Paranavaí e provocou esta influência que perdura até os dias atuais. A equipe paranavaense, segundo Bogoni (2010), deixou o uniforme alusivo ao vascaíno e vestiu-se de camisas de três listras laterais verticais azuis e o centro branco. Conta-se que, após o amistoso, o agrimensor (e prefeito entre 1956 e 1960) Ulisses Faria Bandeira defendeu a alteração das cores do uniforme para vermelho e branco e do nome do clube para Atlético Clube Paranavaí.

Diferentemente do que narra Bogoni (2010), segundo consta no estatuto do ACP (datado somente de 1961), desde 1946 foi fundada a sociedade esportiva com o nome de Atlético Clube Paranavaí. Divergências de denominação à parte, vale destacar que Paranavaí adquiriu autonomia política em 1952, tendo o futebol naquela época uma forte importância, pelo conagraamento social que provocava numa região de frente pioneira recém-(re)povoada (TOMAZI, 1999). Atividade de lazer na colônia e no município recém-fundado, o futebol foi considerado por um pioneiro como “a única diversão daqui [...] [e] O campo de futebol foi feito pelo braço do povo”³⁶ (ARIOCH, 2010).

³⁶ A construção do primeiro estádio de Paranavaí foi idealizada por um pioneiro chamado Natal Francisco, que conseguiu o terreno para a delimitação de um campo de futebol junto ao governador do Estado, Moisés Lupion, Cercou-o com balaústras e construiu uma sede. Posteriormente, as arquibancadas foram construídas e sua denominação estabelecida como “Estádio Municipal Natal Francisco”. Onde era a sua localização, hoje se situa a “Praça dos Pioneiros” (ARIOCH, 2010).

Pode-se sintetizar que o clube nasceu “antes da cidade” e passou a disputar competições profissionais a partir dos anos 1960 (chegando à primeira divisão paranaense em 1967); ficou fora do cenário profissional por alguns anos, nas décadas de 1970 e 1980 (alternando-se anos de profissionalismo e de disputa no amadorismo) e retornou definitivamente ao ápice das disputas estaduais em 1992, quando conseguiu o acesso à primeira divisão do campeonato paranaense ao conquistar o título da segunda divisão. De 1992 a 2010, o ACP: foi rebaixado para a segunda divisão em 2001 e ascendeu novamente em 2002; conquistou o vice-campeonato paranaense em 2003 e teve sua conquista maior em 2007, com o título de campeão paranaense de futebol. Os anos recentes mostraram-se os mais vitoriosos em toda a sua história.

O âmbito normativo-estatutário do ACP é o mesmo desde os anos 1960. De acordo com o conteúdo do chamado “Estatuto Social do ACP”, o clube é uma entidade privada que possui como finalidades principais o desenvolvimento de educação física em “todas as suas modalidades”, o incentivo às práticas desportivas amadoras e a promoção de reuniões e festas. É secundária no estatuto a passagem que trata do esporte profissional, sendo considerada apenas em segundo plano a possibilidade de manter quadros de profissionais de futebol e mantida “completamente” em separado das práticas amadoras – as principais na finalidade ditada pelo estatuto de cerca de cinquenta anos.

Está presente no estatuto uma intradivisão altamente complexa de associados, poderes e departamentos. Os sócios são divididos em nove classes diferentes: beneméritos, honorários, proprietários, contribuintes, menores, assistentes, estudantes, sócio atleta e sócio olímpico, havendo poucas distinções entre eles (baseadas em quem paga pelo título, de quais poderes pode participar e quem paga mensalidade). Os valores cobrados pelos títulos de sociedade do ACP estão desatualizados, tanto que pelo estatuto devem ser pagos em cruzeiros (como unidade monetária)! Os poderes do clube, de acordo com o estatuto, dividem-se em quatro: a Assembleia Geral, que se reúne a cada quatro anos; engloba todos os sócios maiores de idade e escolhe o Conselho Deliberativo; o Conselho Deliberativo, que é escolhido pela Assembleia Geral, possui no mínimo vinte membros, escolhidos entre os associados, e tem competência para escolher o presidente da Diretoria a cada dois anos; a Diretoria, que administra o clube por meio de doze departamentos específicos, com mandato de dois anos; e o Conselho Fiscal, que é responsável por fiscalizar as ações da Diretoria e se compõe de cinco membros do Conselho Deliberativo e um suplente. Os doze departamentos são: de finanças, de futebol profissional, geral de desportos amadores, de patrimônio social, de futebol amador, social e

cultural, de interior, de obras, jurídico, médico, de propaganda, de recepção. Em suma, o estatuto acepeano é um aparelho burocrático e anacrônico do clube.

O estatuto é desatualizado em vários pontos de seu texto, mas pouco influi nas tomadas de decisões do clube. Na prática, o ACP possui apenas três departamentos em funcionamento: o de futebol profissional (sob a responsabilidade de um gerente de futebol), o de futebol amador e o financeiro. Os esportes amadores praticamente inexistem no ACP, mesmo sendo eles, estatutariamente, as principais finalidades do clube. Somente os trabalhos amadores nas categorias de base são mantidos, e isto por conta da obrigatoriedade de todos os clubes vinculados à Federação Paranaense de Futebol de manter algum tipo de trabalho de base. As nove categorias associativas também inexistem (“só temos uma categoria, que não é nenhuma dessas aí”, disse o diretor de finanças do clube, apontando para o texto no estatuto do clube), bem como a cobrança de mensalidades e de títulos associativos. O único elo efetivo entre o ACP e o seu estatuto está nos “quatro poderes”: a Assembleia Geral, o Conselho Deliberativo, a Diretoria e o Conselho Fiscal. Por isso é válida a consideração de que o ACP possui um estatuto anacrônico, que pouco tem a ver com a realidade do clube e muito tem de conteúdo de um clube social-desportivo. A leitura do texto do estatuto deixa a impressão de que se refere a um clube primordialmente tomado pelo lazer social e constituído em infraestrutura física por piscinas, quadras poliesportivas e outras instalações. Todavia, efetivamente o clube desenvolve unicamente a atividade de futebol profissional, e possui como patrimônio somente o simbolismo de seus 54 anos de história, alguns móveis de escritório e uns jogos de uniformes e material de treinamento (e todo o resto do que o clube usufrui advém de provimentos públicos).

3.2 O Estádio Municipal Waldemiro Wagner (“Felipão”).

O principal espaço predial no ACP é o Estádio Municipal Waldemiro Wagner, popularmente conhecido como “Felipão” (os dois nomes em alusão a figuras públicas, tanto no clube quanto em Paranaíba, sendo o primeiro um ex-presidente do ACP nos anos 1960 e o segundo referente ao ex-prefeito que encampou sua construção, chamado Rubens Felipe). Quase toda a vida organizacional do ACP passa entre aquelas paredes, transcendendo as suas arquibancadas e seu campo de futebol.

Localizado em uma região da cidade de Paranaíba que antes era assolada por uma enorme erosão, sua construção foi também uma estratégia do poder público local para

combater um problema no solo da localidade. O “Felipão” foi aberto no ano de 1992 com uma partida inaugural entre as seleções brasileira e costa-riquense de futebol, terminada com o resultado de quatro a dois para os brasileiros. As arquibancadas possuem capacidade para 19.000 torcedores, mas a partida entre ACP e Paraná Clube, na final do campeonato paranaense de 2007, em 29 de abril de 2007, vencida pelo Vermelhinho por um a zero, teve o público recorde de 23.725 pagantes. O projeto do estádio foi desenvolvido pelo engenheiro José Augusto Felipe (na época, secretário de obras do município), sobrinho do ex-prefeito Rubens Felipe e seu sucessor na prefeitura de Paranaíba (entre 1993 e 1996). A inspiração arquitetônica do “WW”, como também é costumeiramente chamado o estádio, foi inspirada no famoso estádio de *baseball* e *football* (“americano”, jogado com as mãos) chamado *Coliseum Stadium*, de Los Angeles (EUA):

Ilustração 1, Estádio Municipal Waldemiro Wagner – Paranaíba/PR – Brasil [créditos: www.acpclub.com.br]

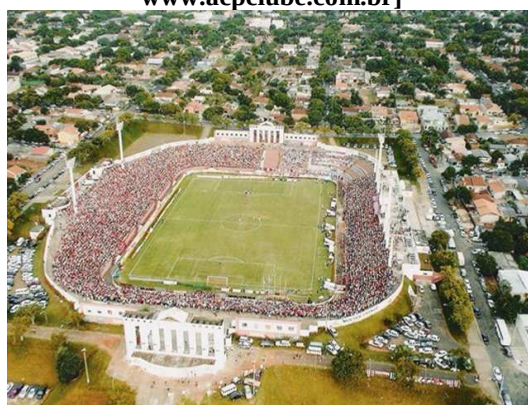
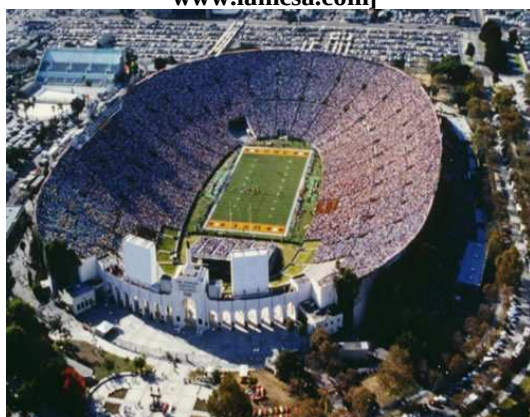


Ilustração 2, Los Angeles Memorial Coliseum Sports Arena – Los Angeles/CA – EUA [créditos: www.lamcsa.com]



A inspiração no Coliseum restringe-se à sua fachada, com alongados pilares. Diferentemente do inspirador estadunidense, o formato do estádio WW é retangular - pois suas arquibancadas acompanham as linhas do campo – e seu espaço se destina unicamente à

prática do futebol, enquanto o Coliseum é uma arena poliesportiva. De acordo com Giulianotti (2002, p. 94), este formato de estádio é típico dos processos de transformação do decorrer do século XX, quando as finanças e os espaços centrais das cidades demandaram simplicidade e eficiência nos estádios, que acabaram destinados somente a uma modalidade esportiva.

O estádio é administrado pela Fundação de Esportes da Prefeitura Municipal de Paranavaí (Fespar). Os serviços de manutenção do estádio são requeridos ou efetivados pelo responsável imediato por suas tarefas. Este é um diretor de finanças do ACP, funcionário de carreira da prefeitura municipal que foi designado para administrar o estádio *in loco*. O referido servidor público afirma não atrapalhar o fato de ele ser funcionário público e dirigente do clube, algo que ele diz realizar “nos momentos livres de trabalho no WW”. Como realiza as duas tarefas no mesmo lugar, precisa saber os momentos de falar e agir em nome do ACP ou enquanto servidor público responsável pelo estádio. Outro funcionário do poder público municipal que trabalha diariamente no estádio é um jardineiro, porém este foi contratado temporariamente pela prefeitura para cuidar especificamente do gramado do campo.

A Fespar investiu aproximadamente R\$14.500 em reformas no estádio para o ano de 2010, com a instalação de portões de segurança e alambrados maiores na arquibancada entre os setores da torcida visitante e a dos torcedores acepeanos. As exigências foram feitas por parte de uma comissão que vistoriou todos os estádios que mandaram jogos no campeonato paranaense 2010, com uma acentuação dos critérios exigidos para a liberação dos jogos, em relação ao que ocorria em anos anteriores. Certamente, o marcante quebra-quebra ocorrido entre torcedores na última partida do Coritiba Football Club, no Campeonato Brasileiro de futebol, influenciou a exacerbação dos critérios por parte dos dirigentes da FPF.

Para a regularização do estádio em 2010, o diretor de finanças do ACP e servidor público teve que submeter o WW a vistorias da Polícia Militar, do Corpo de Bombeiros, da Vigilância Sanitária e de uma comissão designada pela FPF. Cada um destes órgãos emitiu um laudo que garantia o funcionamento normal das atividades em dias de jogo. A liberação ou não do estádio esteve à mercê de avaliações relativas à altura dos alambrados, à presença de portas de segurança para a saída de emergência, à higiene e à limpeza de banheiros, aos vestiários e à cozinha, à iluminação de emergência (em caso de queda de energia) e às entradas e saídas, para citar somente algumas. O estádio foi *aprovado com restrições* pela Federação, a qual exigiu que se fizessem reparos e se cumprissem algumas normas especiais em dias de jogo. Em meio a todas as exigências feitas após a vistoria, a mais questionada pelo diretor responsável pelo estádio foi a emitida pela Polícia Militar, que exigiu a proibição da

venda de bebidas alcoólicas no estádio em dias de jogo. De acordo com o dirigente acepeano, ocorreu uma diminuição de público torcedor por conta dessa proibição. Ele reclama que os mesmos critérios aplicados em grandes estádios da capital foram aplicados para os interioranos, e critica o fato de na maior festa acontecida em Paranavaí (a Expoparanavaí³⁷) se poder vender qualquer espécie de bebida, enquanto nos jogos as bebidas foram proibidas. Apesar de algumas divergências de opinião relativas às exigências e da aprovação com restrições, o Felipão é recorrentemente exibido tanto pelo referido diretor quanto pelas imprensas local e estadual como um dos melhores estádios do Paraná.

As transformações que ocorreram no estádio neste ano de 2010, ou as que ameaçaram ocorrer, foram provenientes primeiramente de intervenções de torcedores acepeanos. No primeiro caso, uma mobilização liderada por um fã chamado “Borracha” iniciou uma pintura voluntária, em vermelho, de uma área da arquibancada que estava deteriorada. Desde 2007 não havia uma pintura no Felipão, e um pequeno grupo de seis ou oito pessoas conseguiu recolher uma doação de tinta vermelha para que eles mesmos realizassem a pintura no dia 24 de janeiro de 2010, o que motivou a prefeitura, a diretoria do ACP e uma empresa que vende tintas a mobilizarem esforços pela pintura completa das arquibancadas do WW. Uma novidade foi a imponente inscrição das letras A C P que foi feita na arquibancada oposta às cabines de imprensa.

Ilustração 3, O imponente A C P [créditos: próprio autor]



O que foi divulgado como possível reforma e que não foi efetivado até a atualidade diz respeito a um projeto doado (entre os dias 15 e 19 de fevereiro de 2010) por empresários e

³⁷ Expoparanavaí é uma exposição agropecuária realizada pela Sociedade Rural do Noroeste do Paraná, onde ocorrem shows variados e feiras de negócios relativos à produção agrícola e ao agronegócio.

engenheiros de Paranavaí para a expansão da cobertura do estádio, reforma que resolveria um grave problema de infiltração de água nas secretarias do clube (que ficam no subsolo de uma calçada). A prefeitura disse não possuir recursos imediatos para esse investimento, todavia explicitou que, com a entrega do projeto, mais rapidamente conseguiria articular parcerias para a reforma, que ainda não aconteceu.

Há uma publicidade de empresas, feita por meio de anúncios em placas ao redor do gramado e de pinturas das marcas das empresas em paredes interiores e exteriores do estádio. A arrecadação por esta publicidade é dirigida ao ACP, que lucra com os anúncios de cerca de quarenta placas de empresas locais e quatro de empresas não paranavaíenses³⁸. Antes do início do campeonato, o que mais havia chamado a atenção, entre todos os anúncios, foi o trabalho empenhado na pintura de um mural da empresa “Paraíso das Camas” (um nome sugestivo!). Três trabalhadores dedicaram-se ao serviço artístico por quase cinco dias, fazendo e refazendo com perfeição os detalhes de uma obra fundamentalmente voltada para anunciar uma das maiores lojas de móveis e eletrodomésticos de Paranavaí.

Ilustração 4, “Paraíso das Camas” [créditos: próprio autor]



3.3 As repartições administrativas do ACP e suas referências simbólicas.

Passemos de uma descrição geral do WW para algumas especificidades do ambiente administrativo. As salas ocupadas pelo ACP no estádio transmitem, num primeiro encontro,

³⁸ As placas das empresas de Paranavaí propiciam recursos ao ACP. As quatro que não são da localidade foram impostas pela FPF e estão em todos os estádios em que ocorreram jogos do campeonato de 2010.

uma sensação de abafado e angústia. Às vezes, sente-se um cheiro de umidade e mofo vindo de suas paredes. Não há janelas, pois as salas referentes às secretarias, cozinha e alojamentos encontram-se no subsolo de uma calçada. O ar é “pesado” pela pouca circulação, e se mistura aos odores dos inúmeros cigarros consumidos pelo gerente de futebol durante o dia. Todos os objetos (mesas, cadeiras, camas, armários, etc.), as paredes e o piso são muito bem limpos, mas as condições de aperto sob a arquibancada e a rua paralela tornam o local desagradável.

As repartições administrativas possuem três salas, um banheiro e uma recepção. Há entre os documentos administrativos várias fotos do estádio, troféus antigos e retratos de equipes tidas como “marcantes na história do clube”, existindo uma espécie de “memória seletiva” nos objetos. Na separação entre o que fica em evidência nestes registros e o que é relegado a um plano inferior percebe-se que o primeiro caso envolve o que foi conquistado sob a guarda do gerente de futebol, enquanto o segundo envolve os objetos que simbolizam conquistas por outros comandos acepeanos ou premiações não oficiais (por imposição da FPF). Na recepção encontram-se estes “menos celebrados”, tendo em destaque dois pequenos quadros com a fotografia da equipe campeã da segunda divisão paranaense de 1992 e cinco troféus, dois dos quais estão bastante deteriorados (não são identificáveis por plaquetas, nem mesmo pelos funcionários mais antigos do ACP) e três em melhor estado de conservação (referentes a um título de 1994, não especificado; a uma partida especial entre ACP e Malutron de 1999; ao vice campeonato de 2003, mas concedido pela rádio de Curitiba Banda B). Nas salas do ambiente administrativo encontram-se objetos sinalizados como mais importantes – por estarem em melhor estado de conservação, por se referirem a conquistas oficiais ou por conterem a presença dos diretores em evidência. São como um grande painel com a fotografia da equipe do ACP “campeã do Interior de 2007” e, num quadro menor, uma fotografia do time acepeano de 1996 (“por ser considerado uma das melhores equipes da história do clube” – relata, orgulhoso, o gerente de futebol), outro grande painel contendo a equipe acepeana campeã paranaense de 2007 e ostentando retratos dos diretores na época.

Ilustração 5, As conquistas menos celebradas pela atual administração. [créditos: próprio autor]



Além dos retratos acima citados, outra peça simbólica sinalizada como de relevância é a chamada “Galeria Geraldo Felipe”³⁹. Esta foi instalada neste ano de 2010 pela diretoria acepeana e guarda alguns troféus ganhos pelo clube. As taças lá depositadas são as de campeão da segunda divisão paranaense (de 1992), vice-campeão paranaense (de 2003), campeão do Interior (de 2003 e 2007), campeão paranaense (de 2007) e um troféu comemorativo da Rádio Clube B2 de campeão paranaense (de 2007). A galeria é de vidro, com um grande suporte de mármore e um pôster de fundo com um imponente escudo do ACP. As referências à galeria nas conversas dos diretores e funcionários do clube eram sempre relativas a um *status* de poder do clube e de seus dirigentes, que se exaltavam como vitoriosos e remetiam à galeria: “os caras do time lá disseram pra gente ficar quieto, que eles têm mais dinheiro que a gente. Aí eu falei, né, ‘e daí’, porque do que adianta dinheiro se não ganha nada? Quero ver se eles têm uma dessa aqui [apontando para a galeria]”, disse o gerente de futebol.

Ilustração 6, a "Galeria Geraldo Felipe". [créditos: próprio autor]



³⁹ A “Galeria Geraldo Felipe” refere-se ao Sr. Geraldo Felipe. Este é vivo, foi pioneiro em Paranavá e auxiliou na manutenção do clube desde seus primeiros anos de atividade. Além do pioneirismo, Sr. Geraldo é proprietário de um dos principais patrocinadores do clube.

3.4 Os instrumentos de trabalho e as moradias dos atletas.

A equipe de futebol profissional possui como recursos de treinamento e jogos: bolas, galões térmicos para a armazenagem de água e sucos, coletes e calções para treinamentos, jogos de uniformes oficiais (vermelhos e brancos, utilizados ao longo do campeonato e fornecidos pela empresa local que confecciona artigos esportivos), um jogo de uniforme vermelho (sem patrocinadores, utilizado em jogos não oficiais), redes para as traves e objetos de treinamento em geral (por exemplo, desde cones plásticos a até elásticos para treinos de “trotos”). Todos estes objetos ficavam aos cuidados do “mordomo” do clube⁴⁰.

Os jogadores possuíam suas próprias chuteiras. Alguns deles pediam a compra de seus calçados para certos dirigentes, principalmente aqueles que vieram de longe ou possuíam renome entre os administradores do clube. Os uniformes do ACP não podiam ser trocados com os adversários, pois deveriam ser lavados e utilizados em outros jogos.

Os uniformes primeiro e reserva do ACP eram constituídos, respectivamente, por camisa vermelha, calção vermelho e meias vermelhas e por camisa branca, calção branco e meias brancas. Os uniformes dos goleiros eram escolhidos por eles próprios (nas cores cinza ou preto), sendo feitas as opções nos momentos das partidas, de acordo com o combinado com a arbitragem e a equipe adversária. Uma terceira camisa de uniforme foi lançada, em cor azul, porém não foi utilizada oficialmente por “não haver requerido junto à FPF antes de nenhum jogo e [por] a gente não ter corrido atrás mesmo”, fala o gerente de futebol, num tom de que não houve dedicação maior em lançar a camisa numa partida.

Como quase todos os jogadores do ACP vieram de outras cidades (apenas dois residem em Paranavaí), alguns alugaram casas para morar com suas famílias, enquanto outros moraram num hotel com quartos alugados pelo clube ou nos alojamentos do estádio. A começar pelos que optaram por residências privadas, apenas três atletas alugaram casa para residir com a família. Um deles justificou que locou uma casa em Paranavaí para trazer sua esposa e seu filho, pois ao morar em alojamento ou hotel perderia o contato com eles.

O alojamento do estádio agregava em sua maioria os atletas vindos das categorias de base⁴¹ do ACP e alguns que foram vinculados ao clube mas possuíam menor renome entre os demais profissionais. Nas atividades cotidianas em sua “residência”, pode-se dizer que

⁴⁰ Segundo o dicionário Houaiss, *Mordomo* significa “pessoa que administra os bens de uma irmandade ou qualquer outro estabelecimento”, apesar de usualmente o termo referir-se a trabalhador doméstico de grandes e luxuosas mansões.

⁴¹ Uma empresa chamada *Prisma Esportes* geria os juniores do ACP. A Prisma era de propriedade de um dono de uma indústria de processamento de carnes em Paranavaí e desligou-se do ACP em 2010, quando deixou Paranavaí e transferiu-se para Pirapozinho - SP.

predominavam como atividades de lazer entre os jovens atletas as partidas de baralho, de futebol no *videogame* ou os jogos nos seus próprios *notebooks* e celulares.

A maioria dos jogadores titulares do ACP viviam num hotel locado pelo clube, a uma quadra de distância do WW. Era um lugar com pouca iluminação nos quartos, com um pátio amplo ao centro e habitado também por pessoas aposentadas ou que não possuíam uma casa própria. Havia no pátio uma televisão coletiva, com várias cadeiras de varanda e exemplares de revistas que, na maioria, eram relacionadas à vida de artistas da televisão. Os atletas sentavam-se por horas naqueles lugares, para assistir a novelas ou jogos de futebol. A maior parte do tempo de atividade dos atletas no hotel era semelhante ao que faziam os atletas nos alojamentos do estádio. Jogos de baralho e de *videogame* ocupavam seus momentos de descanso.

3.5 As condições de treino acepeanas.⁴²

As atividades de treinamentos eram realizadas nos estádios Waldemiro Wagner e Alfredo Ferrari, no campo do GERDER, no SESC Paranaíba e na Academia MG.

No estádio WW as atividades rotineiras da equipe de futebol profissional eram limitadas, pela necessidade de conservação correta do campo. O número de atividades devia ser controlado para que não houvesse desgaste excessivo do gramado até a realização das partidas do campeonato. Há uma fragilidade do gramado em virtude das próprias condições de construção do estádio e – para a prevenção de problemas – um acompanhamento diário das condições do campo era feito pela diretoria, que conversava com a comissão técnica quando da necessidade de transferir os treinamentos para outros locais. Os treinos coletivos, que têm o formato de uma partida simples (com duas equipes de onze jogadores cada), eram a atividade que mais desgastava o gramado, por isso tinham que ser realizados em outros campos, para conservar o WW.

Os trabalhos realizados fora do Felipão exigiam um meio de transporte para os jogadores e a comissão técnica. Foi disponibilizado para este fim um ônibus da Fespar, dirigido por um motorista da Prefeitura. O carro estava bastante desgastado, repleto de pichações (referentes a nomes de pessoas) nos bancos, cortinas e interior da lataria. Os breves caminhos percorridos pelo ônibus eram o suficiente para que os jogadores fizessem várias

⁴² Mais detalhes sobre os treinamentos da equipe na seção 5, relacionada ao processo performático de produção do futebol acepeano.

brincadeiras entre si, com algum membro da comissão técnica (poucas vezes com o treinador do time) ou com o motorista. Eram animados os deslocamentos até os locais de treino.

O Estádio Municipal Alfredo Ferrari era o menos utilizado entre os locais alternativos. Esta situado num distrito de Paranaíba chamado Sumaré, ficando distante cerca de 18 km da sede do Vermelhinho. O referido estádio era utilizado pelo ACP antes da construção do estádio Waldemiro Wagner e atualmente serve para a realização de alguns treinamentos. A paisagem do Alfredo Ferrari – com altos pés de eucalipto ao redor do estádio e uma arquibancada branca descascada – era vista por quem acompanha um treino no antigo estádio do ACP em competições até o início dos anos 1990.

Um ponto de treinamento privado, que é cedido ao ACP quando requisitado, é o campo futebol do GERDER (ou simplesmente “campo do D.E.R.”). A sigla GERDER significa Grêmio Esportivo Recreativo do Departamento de Estradas de Rodagens e corresponde a um clube com alguns salões, piscinas e campos de futebol. O ACP treinou lá por algumas vezes, pela necessidade de poupar o campo do estádio WW e por ser um campo de dimensões menores que o do Felipão. Assim, serviu como uma estratégia para preparar a equipe em alguns jogos nos quais se sabia que o campo era menor.

Os treinamentos no clube do Serviço Social do Comércio (SESC) de Paranaíba ocorriam todas as semanas. Do SESC utilizava-se somente um campo de grama sintética nas dimensões para a disputa de “futebol society”⁴³. As práticas realizadas naquele local eram estritamente lúdicas, os chamados “treinos recreativos”. No campo de grama sintética deve-se utilizar tênis sem travas (não é permitido o uso de chuteiras), sendo o solado da quadra (a “grama”) feito de uma borracha verde que simula a folhagem fina das gramas naturais, além de haver um preenchimento com pequenos fragmentos de borracha que ficam soltos entre a “grama”, preenchendo seus espaços e amortecendo os impactos das pisadas. A ida ao SESC era um momento de conversas e relaxamento para os atletas.

Algumas atividades físicas dos atletas eram realizadas em uma academia que fornecia aos jogadores piscina e aparelhos de musculação. As idas à academia eram usuais somente após alguns jogos, quando o preparador físico notava que seria importante realizar uma recuperação muscular após o exercício.

⁴³ O *futebol society* é uma modalidade de futebol praticada em campos de menores dimensões, por meio de equipes menos numerosas (comumente sete jogadores em cada time) e praticada em campos de grama sintética.

3.6 Uma breve exposição sobre alguns sujeitos organizacionais no ACP e as suas funções.

A partir deste tópico, discorrer-se-á brevemente sobre os sujeitos que trabalharam no ACP em 2010, suas atividades e funções no clube.

No tocante aos vinte e três atletas, o ideal seria o detalhamento biográfico de cada um deles; mas como são muitos, somente alguns foram selecionados para esta subseção, para ilustrar as diferentes trajetórias dos personagens que compuseram o futebol acepeano de 2010.

Um dos escolhidos é um zagueiro experiente, que disputou o campeonato paranaense de 2003 pelo ACP e foi vice-campeão com aquele time. O zagueiro baiano vinculou-se ao clube após uma contusão sofrida na temporada de 2009, quando jogava pelo próprio Vermelhinho. Chegou à temporada de 2010 aos trinta e dois anos de idade, sendo um jogador muito dedicado aos trabalhos no clube – tanto que se tornou capitão da equipe logo na primeira partida. O treinador acepeano sempre rasgou-lhe elogios por ser um “jogador que fala com os companheiros em campo”, auxiliando com autoridade no posicionamento do sistema defensivo das equipes sem deixar de ser simpático e tímido nas relações pessoais.

O segundo é um ala direito eficiente, um sujeito brincalhão, de temperamento explosivo, que fala em tom de voz alto e, às vezes, excede-se na franqueza em seu modo de se comunicar, o que acaba por ofender os seus pares. Este paranaense de Apucarana, de 32 anos de idade, foi vice-campeão pelo ACP em 2003 e passou por diversas equipes interioranas no Paraná, entre elas o Cianorte, o Galo de Maringá e o Roma de Apucarana. Destaca-se por manter uma excelente forma técnica e física nos campeonatos. O melhor de seus fundamentos técnicos são os cruzamentos, cobranças de escanteios e de faltas; ele joga quase todas as partidas das equipes e se mantém como titular.

O terceiro é um meio-campo vencedor. Este jogador foi o de maior identificação com o ACP no ano de 2010. É paulista de Ribeirão Preto e tem vinte e oito anos de idade. Foi campeão paranaense com o Vermelhinho em 2007 – sendo o destaque daquela equipe – e tem sua família em Paranavaí (é casado com uma paranavaense). Foi para o Atlético Paranaense, após o título em 2007, mas não conseguiu se firmar na equipe principal. Transitou por várias equipes pelo interior brasileiro, passando por alguns problemas físicos até chegar ao ACP neste ano. É um meia-atacante de grande desenvoltura técnica, que chuta bem com as duas pernas e efetua passes com precisão. Apesar de suas competências, foi acometido por vários problemas físicos nos últimos anos.

O quarto é um jovem atacante. Jogador de vinte e um anos, gaúcho, esteve no ACP desde 2009 e é fruto da categoria de base do clube. É um atleta jovem, filho de uma família de classe média que lhe transmitiu segurança para lançar-se no futebol. A mãe dele é professora e tem mestrado na área da educação, especificamente em estudos sobre Vigotsky. Ele é um atleta dedicado nos treinos, que projeta ascender na carreira futebolística mesmo tendo consciência das dificuldades em conseguir emplacar na carreira profissional. No ACP, foi escalado como atacante na maioria das vezes, no entanto suas maiores qualidades técnicas são típicas de um meio-campista e se dão nos fundamentos de passe (passe curto, inversão de bola e passe em profundidade), de finalizações com bola parada e em sua visão de jogo.

Nesta breve e introdutória descrição dos perfis profissionais do Atlético Clube Paranaíba, deve-se atentar para outros profissionais que não os atletas. Para que se perceba a pluralidade de sujeitos presentes no clube, aqui elencados estarão o mordomo, o auxiliar de trabalhos gerais e o secretário.

O mordomo do clube é um profissional contratado pelo ACP para campeonatos desde 2002. É um indivíduo de meia-idade muito impaciente e, em alguns momentos, grosseiro com seus colegas. Nas conversas com colegas no clube, quando vai externar suas opiniões, ele primeiramente discorda do ponto de vista do outro para depois posicionar-se (em alguns momentos, ele se contradiz ao iniciar sua fala discordando para, em sequência, endossar o posicionamento do outro). Algumas pessoas comentaram que ele era individualista e reclamava muito de seus afazeres (“pensa que manda em tudo isso aqui”, disse um dos referidos). O dito profissional é um perfeccionista em suas tarefas, cumprindo-as à risca, porém não gosta que lhe designem outras atividades. Em seus trabalhos, é o responsável por organizar todos os uniformes das equipes acepeanas (jogos de camisas, calções e meias tanto das partidas oficiais quanto dos treinos); pela organização e cuidado dos materiais de treinamento e jogos (bolas, redes, galões de água, de suco e demais instrumentos); pelo armazenamento de medicamentos e suplementos vitamínicos (desde *sprays* para aliviar dores musculares até medicamentos controlados, receitados pelo médico a algum jogador); realizar aplicação de crioterapia (um esfriamento da temperatura corporal que visa à recuperação muscular) ou de massagens corporais nos atletas. Em dias de jogo é responsável até por mobilizar e coordenar as atividades dos gandulas, além de ter que ficar no banco de reservas da equipe atendendo aos atletas! Como se vê, é um profissional que trabalha incessantemente durante quase todos os dias da semana, envolvido por uma gama de atividades.

O “*serviços gerais*” é um homem muito tímido, que trabalha no ACP para aumentar o que ganha com a venda de lanches em um *trailer* próximo ao estádio. Este sujeito tem cerca

de sessenta anos de idade, é evangélico de uma igreja Assembleia de Deus e faz questão de valorizar os ensinamentos bíblicos para interpretar os acontecimentos em repercussão no clube. Para ele, as atividades de trabalho devem ser tratadas como as mais importantes para um indivíduo. Nos expedientes de trabalho, o referido profissional vinha quase sempre de camisa social, calça de tergal e chinelos de dedo. Suas tarefas no clube eram as de um “auxiliar de serviços gerais”. Eis algumas de suas atividades: carregar e instalar placas ao redor do gramado; buscar mantimentos para a cozinha; instalar lâmpadas nos corredores e salas e limpar algumas áreas que as faxineiras da prefeitura não haviam limpo.

O secretário do clube é um sujeito simpático, educado e bem-sucedido que trabalha na secretaria do ACP. Ele também tem em torno de quarenta a cinquenta anos de idade, tendo sido funcionário do Banestado antes de se tornar secretário do clube (também nos períodos de campeonato). Silvio (seu nome) é um sujeito aficionado por futebol. Acompanha todos os jogos das principais divisões dos campeonatos brasileiros e emite muitas opiniões sobre os acontecimentos, as regras e a beleza da prática futebolística. Além disso, foi jogador em campeonatos amadores na cidade de Paranaíba – principalmente os ocorridos no Clube Campestre de Paranaíba, local onde possui assiduidade semanal. Seu time do coração é o Corinthians.

Nos trabalhos acepeanos, o secretário colabora com as comissões técnicas, digitando os mais diversos relatórios; auxilia o gerente de futebol em suas tarefas administrativas, recolhendo a documentação dos atletas e organizando-a; envia e recebe telefonemas ou fax de clubes, de federações e da CBF; ajuda em atos de registros de atletas e nos trabalhos do diretor financeiro, recolhendo assinaturas ou documentos dos patrocinadores dos clubes, intermediando o pagamento de taxas e tributos do clube e vendendo os ingressos antecipados na secretaria. Enfim, as atividades deste profissional são o elo entre as três atividades fundamentais para a gestão do ACP: as atividades *técnicas* (os trabalhos mais próximos da prática do futebol de fato, a atividade-fim do clube), *administrativas* (os trabalhos de mobilização e contratação de jogadores, algo inerente ao departamento de pessoal ou recursos humanos do clube) e *financeiras* do clube (a gestão dos recursos financeiros e de caixa do ACP).

3.7 Um volante “bandido” e refinado tecnicamente.

Aí os cara falavam: olha, toma cuidado com aquele ali que ele é bandido e tal. É claro que eu não sou bandido porra, nada a vê... Eu não sou bandido, não! Eu sou bandido é dentro de campo, dentro de campo pra ganhar você tem que ser bandido!

Este trecho dissertativo visa fazer um aprofundamento na trajetória de um dos atores organizacionais acepeanos, especificamente um jogador de meio-campo (volante) que exerceu um importante papel na equipe titular do ACP ao longo da temporada de 2010. Inicia-se com o relato de um acontecimento revelador dos traços da personalidade do atleta. Este ocorreu no dia vinte e seis de janeiro de 2010. O plantel do ACP voltava a se reunir para uma sessão de treinos no estádio WW e, por algum motivo, um dos volantes acepeanos esbravejava próximo à cozinha do clube. Ele havia sido um dos melhores em campo (se não o melhor) numa partida entre o Paraná Clube e o ACP disputada em Curitiba que terminou em 2 a 1 para os curitibanos. A partida foi transmitida por uma emissora que fornece o serviço por *pay-per-view*⁴⁴ para os seus assinantes, e o referido atleta recebeu muitos elogios do comentarista daquela emissora – o ex-lateral esquerdo Dida, jogador do Coritiba, Corinthians e Palmeiras. Em dado momento uma pessoa aproximou-se dele para elogiá-lo pela atuação em Curitiba e falar-lhe dos elogios do comentarista. O volante “turrão” ignorou as palavras elogiosas balançando a cabeça positivamente, com uma expressão de arrogância e ironia em sua face. Ele havia brigado com sua esposa pelo telefone logo cedo e não estava preocupado com o fato de ter sido chamado de craque numa transmissão televisiva.

Este jogador “durão”, de ótima qualidade técnica, introspectivo, de fala aparentemente agressiva e sem um dente sequer em sua boca, atrai qualquer intrigado com o universo do futebol profissional. Afinal, quais são suas formas e estilo de jogar e ver o futebol? Como é que este atleta enigmático chegou até ao ACP? O que pensa tal sujeito sobre o trabalho no futebol profissional? Estas questões problematizam o desenvolvimento desta seção.

O atleta em questão é um meio-campo desses que melhor absorveram a evolução técnica do esporte, excetuando-se a sua lentidão. É um atleta de grande envergadura física e de formas musculares esguias; é um jogador com fundamentos técnicos individuais muito bem treinados e desenvolvidos, dominando com ampla competência o cabeceio, o passe e o

⁴⁴ O serviço de *Pay-per-view* foi introduzido pela primeira vez em 1997, tratando-se de um sistema de assinatura em que os assinantes pagam por eventos esportivos específicos (partidas de futebol do campeonato paranaense de 2010, no caso) e não por canais completos (GIULIANOTTI, 2002, p. 124).

chute (com ambas as pernas) e técnicas de desarme. É um jogador que possui boa visão de jogo e bom senso espacial e temporal em campo; tem uma postura corpórea individual equilibrada ao se posicionar para efetuar uma jogada, eficiência nas participações em jogadas coletivas e destreza ao se “colocar”⁴⁵ em campo. Possui um raciocínio rápido, é rápido em tomar decisões e um excelente improvisador em situações diversas. Sua principal deficiência técnica, segundo os profissionais do futebol, está em ser lento ao correr e ter dificuldades ao exercer marcação sobre adversários muito rápidos. Destarte, o estilo de jogo do volante referenciado mescla a mais alta evolução técnica e física do futebol com vagaroso ritmo de movimentos.

A forma de jogar individual do citado volante do ACP remete à imagem do jogador de futebol dito por cronistas como *elegante*: o atleta alto, forte, que atua numa postura ereta, projeta bem suas jogadas e faz movimentos corpóreos de extrema leveza e equilíbrio. Esta forma estética de jogar poderia ser alusiva a um dançarino clássico de balé, mas há um distanciamento em essências: o dançarino simplesmente *expressa* formas estéticas, enquanto o futebolista as dispõe para o jogo em busca de sua vitória e da derrota do adversário. Em âmbito tático, isto é ainda mais acentuado no caso dos volantes.

Um volante é definido por suas funções em campo, e a definição dada pelo atleta acepeano sobre a sua posição é a melhor para a compreensão de suas atuações. Segundo ele, o binômio *marcar* e *jogar* define a função de um atleta na referida posição: “O volante tem que anular o chamado craque do time adversário, o camisa dez, aquele que faz o outro time jogar [...], tem que anular o cara que vai tocar pro cara que faz o gol. Ele tem que marcar e jogar”. Desta maneira, a posição de volante é a única que possui as características ofensivas e defensivas mais arraigadas em seu ofício. O atleta do ACP em questão, que se inspira no argentino Véron⁴⁶, deixa claro também que, mesmo com suas obrigações defensivas, ele gosta “de jogar no meio, de chegar no ataque e até fazer uns golzinhos”.

⁴⁵ *Colocação* corresponde ao modo como se posiciona um jogador em campo em relação ao sistema tático de sua equipe, ao momento da dinâmica do jogo (em ataque ou defensivamente) e ao posicionamento da equipe adversária (EMILIO, 2004). Como a complexidade de variáveis entre um campo de futebol oficial em dimensões que ultrapassam os milhares de metros quadrados, duas equipes em confronto que possuem onze atletas cada e na disputa por apenas uma bola indivisível, o modo como o atleta (e o conjunto dos atletas de uma equipe) *coloca-se* em campo é uma determinante para que se consiga auferir um bom resultado.

⁴⁶ Juan Sebastian Verón é um meio-campista argentino nascido em [9 de março](#) de [1975](#) que disputou as copas do mundo de 98, 2002 e 2010 pela Argentina e jogou por equipes europeias como Manchester United, Lazio e Internazionale de Milão. No futebol portenho, ficou conhecido por sua história ligada ao Estudiantes de La Plata, onde conquistou o título da Copa Libertadores da América de 2009. Possui o apelido de La Brujita, por conta de seu pai (ex-atleta do Estudiantes) ter o apelido de La Bruja e em alusão aos seus feitiços e mágicas realizados em campo.

Na esteira das suas competências técnicas e da forma elegante de jogar, do trabalho de “anulador de camisas dez” e de ser um jogador ofensivo em campo, o volante acepeano analisado revela um elemento que o singulariza em estilo: por intermédio de sua fala, ele se utiliza de uma pressão simbólica para sobressair na disputa com os adversários. Desde o começo de sua carreira, ainda nas categorias de base, ele pressiona os adversários com a sua “cara de mau”, voz grossa e origens:

Os caras do meu time chegavam e falavam prum craque adversário, ‘cuidado aí ó que ele é da favela, o cara é perigoso’, aí eu chegava e me achava pra cima deles e falava, por exemplo, ‘olha só malandro, eu te conheço, sei onde você mora e vô te quebrar no pau se você vié fazer gracinha pro meu lado’. É claro que só falar não resolve, tem que jogar também, mas ajuda.

A caracterização que o referido atleta mais utilizava para impressionar os adversários era a figura de “bandido”, segundo as suas palavras: “Aí os cara falavam: olha, toma cuidado com aquele ali que ele é bandido, e tal. É claro que eu não sou bandido, porra, nada a vê... Eu não sou bandido, não! Eu sou bandido é dentro de campo, dentro de campo pra ganhar você tem que ser bandido!”. Esta é a sua marca, e, atuando pelo ACP, ele fez uso recorrente desta estratégia de pressão sobre os adversários, como ocorreu numa partida entre ACP e Operário de Ponta Grossa, em que o volante acepeano aproximou-se do lateral direito adversário e disse que não o iria deixar jogar porque “aqui tá o meu ganha-pão, a minha vida, é daqui que eu tiro o leite da minha filha, cara, e você não vai tirar o leite dela, não! Comigo em campo você não vai pegar na bola”.

A história de vida do atleta em questão contrapõe-se à sua harmonia técnica ao jogar. Ele nasceu no mês de janeiro de 1980, em Apucarana, Paraná. Foi o décimo primeiro filho entre doze irmãos, e seu convívio a infância foi estabelecido apenas com uma irmã mais nova: “[...] os filhos da minha mãe nasciam e, já com algum tempo, minha vó mesmo que dava eles pra quem tinha condições de criar. Tem irmão que eu não conheço, só por foto”, disse o jogador. Aos dois anos de idade mudou-se para Londrina (Paraná) com a mãe e juntos foram morar na periferia da cidade.

A infância do jogador transcorreu na periferia londrinense. Enquanto a sua mãe trabalhava como empregada doméstica, o garoto vivia no meio da molecada que jogava bola o dia inteiro. Ele foi matriculado em uma creche do Centro Social Urbano de Londrina, que tinha no seu quadro de professores o famoso treinador Zequinha⁴⁷ (hoje, um dos responsáveis

⁴⁷ José Mendes de Souza, o Zequinha, é ex-jogador do Botafogo do Rio de Janeiro e tornou-se famoso no Brasil por ter formado em Londrina vários jogadores de destaque no cenário do futebol profissional. Zequinha morou naquela cidade de 1963 a 2009, quando, aos setenta anos de idade, foi trabalhar nas categorias de base do São Paulo Futebol Clube.

pelas categorias de base do São Paulo Futebol Clube). Zequinha era treinador de uma escolinha particular de futebol, e o dito jogador acepeano (ainda menino) pediu para treinar com ele naquele lugar:

Aí ele falou que eu era muito novinho, tinha sete ou oito anos, e lá era juvenil e tinha uma molecada, só que tudo acima de doze [anos] e era particular. Mas aí eu chorei pra ele, ‘pô, professor, me dá uma oportunidade’, aí ele me chamou, porque eu era abusadinho já jogando com o pessoal da creche.

No seu primeiro treino naquela escolinha o garoto jogou entre os de doze anos de idade e foi o destaque dos treinamentos.

Anos depois o menino cresceu e sua família voltou a morar em Apucarana, deixando assim os treinos com Zequinha. Ele evadiu-se da escola na quarta série do ensino fundamental e passou por diversos tipos de trabalho. Primeiro trabalhou no ambiente rural, como colhedor de café e, na maioria das vezes, como cortador de cana. Mesmo essas dificuldades em trabalhos precoces não o fizeram abandonar o futebol, mantendo as suas atividades no futsal nas horas vagas. Com o tempo, passou a trabalhar de chapeiro por dois anos e meio e vinculou-se às categorias de base do Apucarana Atlético Clube:

Entrava às seis horas [da tarde] e saía às duas, quatro da manhã. Aí, quando era dia de jogo, foi combinado entre meu treinador e o meu patrão pra que me liberasse, e aí o treinador levava o time inteiro, ou quase, pra comer lanche lá depois! [falou olhando para o alto e rindo]. Aí quem lucrava mesmo era o meu patrão né, alias, meu patrão e eu. Por que eu gosto de jogar né cara, eu amo! É a minha vida né cara.

Ao fazer parte das categorias de base do Apucarana, primeiro como juvenil e posteriormente na categoria júnior, o jovem atleta aos poucos começou a atuar também na equipe profissional do Apucarana. Passou assim a dedicar-se integralmente ao futebol, a morar no alojamento sob as arquibancadas do Estádio Bom Jesus da Lapa (naquela cidade) e a ganhar uma ajuda de custo da prefeitura de Apucarana, esta em valor, à época, de setenta reais. A sua presença entre os juvenis e entre os profissionais ganhava mais frequência, tanto que aos dezessete anos de idade ele já figurava como um dos destaques da equipe juvenil e entre o elenco de atletas profissionais que conquistaram o título de Campeão do Interior no campeonato paranaense de 1997. Dali em diante as oportunidades aumentavam cada vez mais para o garoto, que se transformara em jogador profissional.

A passagem ao profissionalismo seguia um ritmo acelerado, mas sem que ele deixasse as categorias de base. O referido atleta passou ao último estágio entre os aspirantes ao futebol profissional: a categoria Júnior. Naquela época, ele passou a ser denominado “Tião” (pois um treinador chamado Gentil dizia que ele era muito parecido com um ex-volante do Londrina assim chamado) e foi jogar na Portuguesa Londrinense. Nesta modesta equipe, ele foi vice-campeão em um campeonato de juniores em que o campeão foi a forte equipe do PSTC,

treinada por Zequinha e com a presença de nomes como Dagoberto (atual jogador do São Paulo FC), Fernandinho (atualmente no Shakhtar Donetsk, da Ucrânia) e Kléberson (campeão do mundo pela seleção brasileira em 2002) e destaque do torneio, chamando a atenção de empresários que pretendiam levá-lo para o Botafogo ou o Fluminense, no Rio de Janeiro: “mas aí o cara que era meu empresário pediu quinhentos mil pra me liberar... Aí era muito dinheiro pra um júnior. Porra, por que não vende né?”, relatou o atleta, que romperia com o dito empresário tempos depois. No ano seguinte (1999), a “Lusinha” de Londrina utilizou muitos dos seus jogadores juniores para a conquista do acesso à primeira divisão do Campeonato Paranaense de 2000, e Tião era um jogador importante na equipe.

Com o status de bom jogador se consolidando, Tião foi jogar no Londrina Esporte Clube. Ele vinculou-se a outro empresário em sua mudança de clube. Por se tratar de uma equipe tradicional do futebol brasileiro e pelo fato de Tião ter vindo de uma equipe considerada “inferior” entre os profissionais do futebol (a Portuguesa), muitos exigiam que o jovem volante passasse por um processo de adaptação; todavia, no primeiro treinamento com o técnico Freitas Nascimento, recebeu a camisa oito do LEC e tornou-se titular da equipe. Foi um momento em que lhe ocorreu a mudança de nome em definitivo: passou a ser chamado conforme o é atualmente. Ele debutou na série B do campeonato brasileiro, mas a equipe londrinense era por demais fraca e terminou por fazer uma fraca campanha no nacional (o Londrina foi a equipe que mais empatou naquela disputa, posicionando-se em décimo sétimo lugar entre vinte e seis equipes).

Em 2003 o atleta foi jogar no Nacional de Rolândia – onde o seu empresário possui participação em uma sociedade – e no Vila Nova de Goiás. Em um dia de treinos, após o seu retorno ao Nacional e uma campanha vitoriosa na segunda divisão do campeonato paranaense, o volante acepeano recebeu uma visita inesperada de seu empresário:

Eu tava lá no Nacional treinando, sossegado, aí de repente meu empresário chegou e falou ‘arruma aí as coisas que você vai pra Rússia’, aí eu fiquei pensando em Rússia... Qual time que era esse mesmo? Eu não lembrava dum time com esse nome, ‘Rússia’, aí ele pegou e falou que não, era prá Rússia! Aí eu falei que não, Deus me livre! Eu não quero! Nunca tinha ido pra fora do país, deu um baque na hora. Mas depois eu pensei bem e ‘opa! Vamo embora’.

Aquele então jovem e brilhante volante de 23 anos, jogador de equipes do interior brasileiro, teria uma experiência profissional fora do país.

Como era um jogador desconhecido no Brasil, mas comentado como um jovem muito promissor, o referido volante chegou ao FC Rostov, da cidade homônima, para fazer testes junto com outro atleta de Londrina. Somente ele passou nos testes e foi incorporado ao elenco

para passar sete meses em experiência. A equipe não vinha bem no campeonato Russo e, com uma derrota, o treinador que o havia selecionado foi demitido do cargo. Com isto o técnico que o acolhera acabou demitido e o seu sucessor ressaltou que não gostaria de ter em seu elenco nenhum atleta turco ou brasileiro. Naquele momento dramático, o volante do ACP fez uma fala tocante ao treinador então novo treinador: “Aí eu já peitei ele, cheguei nele e falei [que] ‘atravessei o Oceano Atlântico inteirinho pra chegar aqui e você me mandar embora? Sou da favela, sou humilde, quero vencer na vida e me dá uma oportunidade’, e o intérprete falando pra ele aquilo tudo”. O ex-treinador, que havia se mantido no clube na função de auxiliar técnico, ouviu os clamores do jogador e interveio em favor do brasileiro, defendendo sua manutenção no elenco.

Desde a sua chegada à Rússia, tudo o que o jogador acepeano via o impressionava. “Eu ficava vendo aquele monte de gente falando aquele monte de coisa esquisita, parecia que eu era mudo!”, disse o atleta sobre a estranheza que teve com aquele “outro mundo”. O contrato firmado com o clube provocou nele um misto de ingenuidade e ganância: “Na primeira semana que eu tava lá, os homem tacaram na minha mão cinco mil dólar! Eu, que nunca tinha ganhado nada na vida, fiquei louco. Liguei na hora pra minha esposa e falei: ‘amô, a gente vai ficá rico!’”. Ele experimentava momentos completamente diferentes de sua vida na periferia.

O ambiente de Rostov o impressionava. Ele se refere ao centro de treinos do clube como parecido com um grande parque, contendo um grande lago, uma área verde e um estrutura de prédios que combinam antiguidade com luxo e conforto. O local onde ele morava era um prédio que parecia antigo, mas por dentro “tinha tudo do melhor”, o que o atleta fala em palavras extasiadas. Sua rotina de treinos em Rostov era envolta de uma espécie de bem-estar maravilhoso, conforme ele diz.

Mesmo com a sua manutenção no clube, o volante brasileiro não adquiriu plena tranquilidade. Ele foi designado pelo novo treinador para a equipe B do Rostov, que possuía um ritmo de trabalho diferente da equipe principal. Nas partidas principais do campeonato, o atleta que vinha da equipe B iniciava no banco de reservas e, caso tivesse sorte, entraria na equipe em substituição a algum titular. Por estas dificuldades, o volante do ACP não conseguiu sobressair e alcançar um espaço na equipe principal.

A frustrada experiência dele na Rússia teve duas dificuldades, dois pontos importantes em que o brasileiro relata que teve dificuldades. A primeira foi fato de ele não ter algum “padrinho” para lhe proporcionar um bom contrato. Ele diz que “pra firmar contrato bom lá, você tem que chegar com uns cara fudido, pra pressionar e fazer contrato bom. Agora [...] a

gente chegou lá só com a mochilinha nas costas, eu ainda consegui muita coisa”. O outro empecilho em sua passagem europeia foi por conta de seu comportamento. O jogador envolveu-se com muitas festas em Rostov juntamente com outros jogadores do elenco. Com uma “gastança” nestas ocasiões e descuidos em se preparar para as disputas, o volante aventureiro e o time do Rostov tiveram uma participação ruim no campeonato daquele ano, sendo a equipe russa quase rebaixada para uma divisão inferior no campeonato⁴⁸.

Ao término do período de experiência do jogador no Rostov, os russos ficaram interessados em contratá-lo definitivamente. Para isto, os dirigentes do clube ofereceram um valor inferior ao requerido pelo empresário do jogador. O atleta chegou a receber uma proposta para se desligar do empresário e permanecer na Rússia, porém, por laços de lealdade, o volante preferiu recusar a oferta e voltar para o Brasil:

Pô, eu ia até fazer um pé-de-meia, né cara... Mas com o meu empresário é o seguinte: eu podia ter ficado lá e ganhado um dinheirão, mas eu não ia fazer sacanagem com ele. Ele sempre me ajudou. O cara chegou a falar que ia me dar um dinheiro, que ia me dar cinquenta mil dólar e ia fazer um contrato pra ganhar sete mil dólar por mês, pra eu esquecer esse empresário meu. Mas aí eu bati o pé, falei não, porque esse empresário sempre foi leal comigo.

Homem oriundo da periferia – que tivera experiências com drogas e roubo durante a infância – o jogador em questão preferiu a lealdade para com o seu empresário à oferta que transformaria a sua vida.

O jogador, ao sair da Rússia e retornar ao Brasil, entrou em um ciclo de constantes trocas de clube: jogou no Paraná, em São Paulo e em Santa Catarina. Após quatro anos perambulando por estas equipes, o atleta chegou ao Ceilândia Esporte Clube para a disputa do Campeonato Brasiliense de Futebol de 2008.

Os anos que se seguiram foram de estagnação na carreira do volante, que passava por pequenas equipes e mantinha o vínculo com seu empresário. Aos vinte e oito anos de idade fez um excelente campeonato pelo Ceilândia, conquistando o terceiro lugar na competição (o Brasiliense foi campeão e Dom Pedro, vice-campeão) e sendo eleito pelo jornal Correio Brasiliense o segundo melhor jogador do campeonato e o melhor volante de todo o certame⁴⁹. Ele foi durante a competição o capitão da equipe do Ceilândia, tratado como jogador de palavras fortes e de impacto positivo sobre os seus companheiros.

⁴⁸ Neste aspecto, concorda-se com o conceito de *interdependência* de Norbert Elias (apud GIULIANOTTI, 2001), que analisa o futebol por meio da rede de relações de interdependência construída entre os indivíduos que participam do processo (social) de uma partida, onde cada um dos atletas sustenta uma configuração (coletiva) de uma equipe.

⁴⁹ De acordo com o jornal Correio Brasiliense de 23/04/08, que publicou o resultado de um pleito constituído por votantes de diversos órgãos de imprensa esportivos do Distrito Federal.

O talentoso jogador teria mais uma oportunidade de ouro para sua carreira: o campeão candango (apelido do campeonato brasiliense) de 2008 e pertencente à série B do campeonato brasileiro, jogando no Brasiliense, acertou com ele um contrato de dois anos. O atleta jogaria com parceiros renomados, que tinham nos currículos passagens pela Seleção Brasileira principal ou até presença em copa do mundo. Eles eram Junior Baiano, zagueiro que disputou a Copa de 98 pelo Brasil; Athirson, lateral esquerdo que jogou no Santos, no Flamengo e na Seleção; Fábio Baiano, habilidoso jogador, ex-Grêmio e Flamengo; e Dimba, artilheiro da série A do Brasileirão em 2003, ex-Botafogo, Goiás e Flamengo.

O “melhor volante do Campeonato Brasiliense de 2008” treinava entre os seus pares na equipe e aos poucos ia encontrando o seu espaço. Ele se orgulha ao falar dos seus colegas do Brasiliense: “Era muito fera, e eu pensava que seria uns cara marrento, mal-encarado. Que nada, fiquei parceiro! Tratava a gente do mesmo jeito. Isso que todo mundo lá chegava de carrão pra treinar e eu chegava de van”. Seria uma grande oportunidade para que o volante do ACP, enfim, pudesse integrar uma equipe forte e disputar um campeonato importante. Isto não aconteceu.

Após estar vinculado à equipe e ser aproveitado pelo treinador como titular, o jogador foi preso pouco antes do início do treinamento da equipe. Sua mulher denunciou-o numa delegacia, alegando que havia sido agredida por ele. O atleta passou o dia na delegacia e teve que pagar uma fiança para sair. Dias depois, o volante teve seu contrato rescindido pelo Brasiliense.

O errante atleta deu continuidade à carreira e aventurou-se pelos desconhecidos gramados do futebol nordestino. O fracasso no Brasiliense foi rapidamente superado pelo sucesso no Moto Club, equipe tradicional de São Luiz (Maranhão). O volante conta que chegou ao término do primeiro turno do campeonato e na primeira partida em que entrou em campo fez um dos golos da vitória do Moto. O citado jogo foi contra o histórico rival do Moto, o Sampaio Correa Futebol Clube, e terminou em 2 a 1 para o time do recém-chegado volante. Naquela ocasião seu time conquistou o título do primeiro turno do campeonato maranhense e, posteriormente, o título do campeonato. Ele fez três golos no campeonato, um bom número para um atleta de meio-campo, e posteriormente retornou para o Sul do Brasil.

Após o seu retorno a Londrina, outros clubes interessaram-se pelo atleta, entre eles o Esporte Clube São Luiz de Ijuí (Rio Grande do Sul). O jogador chegou à outra extremidade do mapa do Brasil credenciado por seu histórico de boas atuações no Maranhão. Ele teve que enfrentar uma torcida extremamente exigente e afirmou: “Não via a hora de acabar aquele campeonato, dei graças a Deus na hora que a gente foi embora. Oh cidade que maltrata

jogador! Se você falasse pra qualquer um lá que [você] era jogador, eles não davam crédito pra um nada”. A campanha do São Luiz foi ruim e o time ficou três pontos acima da zona de rebaixamento, porém o volante fez dois golos no campeonato e teve boas atuações individuais.

O volante acepeano retornou a Londrina com o término do “Gauchão 2008” – nomenclatura popular do campeonato de futebol do Rio Grande do Sul – e teve mais uma passagem pela Portuguesa Londrinense na divisão de acesso (segunda divisão) do campeonato paranaense de 2008. Alguns meses em seguida, Lima foi contratado pelo Londrina Esporte Clube para a disputa da série D do campeonato brasileiro do mesmo ano, mas atuou somente em duas partidas. Tanto a Portuguesa Londrinense – que foi a primeira colocada no primeiro turno, mas apenas a quinta colocada ao final – quanto o LEC, eliminado pela Chapecoense na terceira fase do torneio, não foram bem em seus campeonatos.

Tempos depois, com problemas policiais e uma campanha infértil pelo Londrina, na Série D, o volante deu prosseguimento à sua carreira. Seu empresário possuía parcela de propriedade sobre o Nacional de Rolândia e tentou ajudá-lo como podia para que ele jogasse por uma equipe o campeonato paranaense de 2010. No entanto, suas qualidades foram rememoradas e uma espécie de “convocação” feita pelo treinador do ACP em 2010 direcionou o seu futebol para Paranavaí. Em suas palavras “ele [treinador] me chamou, aí eu falei pra ele acertá com o meu empresário, que tudo passa por ele. Aí ele mesmo [o empresário] falou pra eu escolher o que era melhor pra mim”. O ACP e o Operário de Ponta Grossa requisitaram o atleta e a sua opção se deu com base na proximidade com o treinador do ACP, (juntos, foram campeões da segunda divisão do Paranaense de 2003, pouco antes de o volante rumar para a Rússia) e pela qualidade dos demais atletas do plantel acepeano. “Senti que dava pra chegar, com o time” - disse o volante.

A sua presença no ACP⁵⁰ foi envolta por brilhantismo em campo e polêmicas fora dele. O volante esteve contundido em parte da pré-temporada e reclamava muito por não poder treinar como os outros atletas, por causa de seu processo de recuperação para o torneio. Logo na primeira partida do campeonato, o referido atleta foi destacado pela imprensa local como o atleta que elaborava as jogadas mais importantes da equipe no meio-campo, e ainda como um dos atletas que melhor auxiliavam no sistema defensivo da equipe. Com o decorrer do torneio, a mesma parcela da imprensa que enaltecia as atuações do volante também questionava o fato de ele ser substituído em quase todas as partidas, o que pôs em xeque o

⁵⁰ Mais detalhes sobre as performances da equipe no campeonato, vide seção 5.

trabalho de preparação física no ACP e do próprio atleta. Em resposta a qualquer questionamento, o volante em questão fez golos e os principais passes a vários golos da equipe.

Após constituir-se como um dos mais importantes atletas do ACP na primeira fase do campeonato, o jogador passou algum período contundido (com dores no pé esquerdo) e mesmo rompeu contrato com o clube no mês de maio de 2010, transferindo-se posteriormente para o Arapongas Esporte Clube. Em sua ida para a outra equipe, o jogador ainda foi acusado informalmente de ter forjado a sua contusão para não atuar mais pelo clube de Paranavaí. Assim terminou sua aventura pelo ACP, ao menos até o ano de 2010.

3.8 Entre o público e o privado.

Partindo do estatuto do clube e passando pelo estádio Felipão, pela camisa rubra talhada por anúncios publicitários, pelas chuteiras “dos privilegiados” e pelo mau humor de Jair na organização dos uniformes, o ACP constitui-se como um clube de futebol que luta pela sobrevivência (com seu modo “caboclo” de organizar-se) por meio de *performances* advindas das condições aqui descritas.

Este capítulo ressalta que há em Paranavaí uma estreita relação (subvenção) entre o poder público municipal - o mantenedor do estádio – e o ACP, e esta se fundamenta essencialmente na cessão do estádio municipal ao Vermelhinho (sem um estádio, o “templo do futebol”, o que seria do ACP?). Evidentemente, há também a participação de agentes privados na gestão acepeana, conforme visto nos episódios de ajuda voluntária à pintura do estádio ou na entrega de um projeto de reformas, mas percebe-se que o ACP encontrou uma estratégia de sobrevivência baseada na ligação com o poder público municipal. A dependência do ACP para com a prefeitura municipal se baseia no mito de o ACP ser o “time que leva o nome de Paranavaí”. Tanto torcedores quanto a diretoria e a imprensa local creem que o clube que, mesmo com as controvérsias em sua própria história, nasceu antes da emancipação municipal de Paranavaí, é uma instituição que deve obrigatoriamente ser ao menos preservada pelo poder público local. De acordo com as palavras do presidente do clube:

Criou um mito do ACP em Paranavaí. E aí tem que ter a gente pra tocar, com os empresários que sempre fazem esforço e colaboram, e apoio do poder público pra incentivar o time. Porque, se não, a gente não tem condições. É muito caro manter um time na primeira divisão de um campeonato [como o paranaense], aí a torcida

não comparece como nesse ano e a gente tem problemas. Tanto que, eu acho, a maior decepção é com a torcida que não vem.

Os meios de imprensa locais também defendem o apoio do poder público, sobretudo a radiodifusão, com a mesma justificativa “mítica” e com base na repulsa à inserção de empresários no meio futebolístico. De acordo com efusivas palavras de um radialista local, que defendia a colaboração dos torcedores no pagamento de ingressos no estádio, “é um clube que veio antes da cidade! É o legítimo patrimônio histórico do nosso município, então cada um tem que fazer a sua parte”. Em outro momento, quando da ocorrência de atraso no pagamento de salários no clube, outro radiojornalista indignava-se: “Tem que o presidente [do ACP] e o prefeito se reunirem [e] o prefeito tem que ajudar o ACP! É como eu digo, a gente vai passar, jogador vai embora, dirigente muda, mas o ACP vai continuar aí, e representando oitenta mil moradores de Paranavaí!”. Em seguida, o seu colega de emissora falava em “luta”: “é uma luta pra defender o que é nosso, porque depois chega empresário aqui e faz a farra com o clube. Pra ter futebol tem que ter ajuda da comunidade, e ajuda da prefeitura a gente sabe que não pode [ser] com dinheiro, mas pra mobilizar os empresários”⁵¹.

Ilustração 7, presidente do ACP, prefeito e empresários. [créditos: Diário do Noroeste]



Não é possível se referir à relação entre público e privado no ACP em 2010 e deixar de considerar o fato de seu presidente ser vereador em Paranavaí. Presente no legislativo há quatro mandatos, o presidente do ACP é um sujeito com longa trajetória no meio esportivo local. Sua família veio para Paranavaí na década de 1970 e instalou uma farmácia na cidade. Com o tempo, o referido criou uma equipe de futsal com o nome do estabelecimento comercial em questão, do qual era jogador, e inseriu-se nas disputas de torneios amadores na cidade. Antes de ser presidente acepeano, viveu entre esportistas locais por muitos anos e

⁵¹ A lei Complementar no. 101 de 4 de maio de 2000, chamada por “lei responsabilidade fiscal”, não permite que haja destinação de recursos públicos a clubes de futebol, pois estes são entidades de direito privado.

aproximou-se do meio político neste nicho eleitoral, com seu senso de liderança e popularidade nele estabelecido. A atuação política do vereador e presidente acepeano é algo coerente com a sua facilidade em negociar patrocínios ao clube. Ele é um exímio líder de consensos na política local, destacando-se por ter sido eleito presidente da câmara paranavaense por cinco vezes e por ser um legislador que atua em proximidade com o prefeito municipal – sendo em alguns momentos taxado pejorativamente de “situacionista” por críticos locais. É um sujeito que transmite carisma em seus diálogos, sem deixar de se posicionar perante as situações que tem de resolver: “Olha, aqueles caras que tão pulando o muro na hora do jogo tem que ser botados pra fora! Mas dá vontade de dar uma caixa de cerveja pra eles, olha a altura”, disse em uma conversa sobre a segurança das partidas, num tom de agradável simplicidade. Pode-se afirmar que uma importante característica de gestão do presidente acepeano é lidar com esse *jeitinho* todo seu (BARBOSA, 1992, p. 80) - em momentos misturando o público e o privado e suscitando reciprocidade difusa - e de maneira positiva perante os seus interlocutores.

Na esteira dessa crença em relação à instituição ACP e do fato de seu presidente ser um vereador, pode-se indicar o modo como há este envolvimento entre público e privado seguindo-se a lógica da montagem da equipe acepeana para o campeonato. Em primeiro lugar, já existe provimento público ao clube antes mesmo do campeonato: o estádio WW é concedido gratuitamente ao ACP, que tem as instalações de sua sede no próprio estádio, e alguns funcionários que nele trabalham são cedidos pela prefeitura e deles o ACP usufrui. Em segundo lugar, antes do início da competição, o presidente do clube reúne-se com o prefeito e ambos reúnem-se com empresários em busca de patrocínio de empresas para a disputa. Posteriormente, ao longo do campeonato, há colaborações da Fundação de Esportes do município com ônibus, além dos já cedidos estádio e funcionários que foram remanejados para nele trabalhar. Ao final da competição, particularmente nos acontecimentos de 2010, o poder público municipal novamente foi solicitado, mas para ajudar o presidente do clube a sanar a crise financeira do ACP com mais quantias arrecadadas junto ao empresariado local.

Este conjunto de ações entre público e privado está configurado no *drama social* que o processo de disputa de um campeonato pelo ACP implica. Na seção que se segue tem-se uma narrativa do Atlético Clube Paranaíba em 2010.

4 O campeonato paranaense de 2010 como um *drama social*.

A seção anterior tratou dos aspectos organizacionais do Atlético Clube Paranaíba, num percurso que partiu de seu estatuto, passou pelos recursos materiais utilizados nas ações organizacionais do clube, pelos sujeitos que compõem o seu quadro de trabalhadores e atingiu as relações entre público e privado que permeiam o clube.

Este capítulo se desenvolve por dois marcos metodológicos fundamentais. O primeiro é o estabelecimento de uma *narrativa micro-histórica* (LEVI, 1992) do processo de disputa do campeonato paranaense de 2010 pelo ACP. Para este intento, constrói-se uma escrita histórica que visa transmitir as contradições, ambiguidades, inconstâncias e incompletudes existentes na realidade dos acontecimentos e relações organizacionais particulares ao Vermelho ocorridos em 2010. Por este viés, este capítulo investiga os fatos históricos transcorridos numa microescala que envolveu o campeonato, o clube e os sujeitos sociais que deles fizeram parte.

No tocante ao segundo marco, trata-se de estabelecer, por meio desta narrativa, uma compreensão dos *dramas sociais* que compõem o processo de disputa do Campeonato Paranaense de 2010 pelo ACP. Inspirando-se nas etapas processuais dos *dramas sociais* segundo Turner (2008, p. 33), que os entende como “unidades de processo anarmônico ou desarmônico que surgem em situações de conflito” compostas por quatro fases de ação pública observáveis⁵², a narrativa composta neste capítulo compreende o campeonato em questão enquanto uma temporalidade constituída por cinco etapas: a) formação da comissão técnica e do elenco de jogadores; b) estreia no campeonato e colocação entre os melhores; c) inconstância nos resultados e classificação para a segunda fase do campeonato; d) intensificação dos resultados negativos e crises administrativas e técnicas; e) ação reparadora. Estas cinco fases dos *dramas sociais* acaecidos em 2010 foram elaboradas de um modo endógeno, com base nas idiosincrasias do clube em seus acontecimentos transcorridos no campeonato e por meio das ações e inter-relações dos diferentes sujeitos organizacionais na temporalidade de disputa do referido campeonato.

⁵² De acordo com as posições de Turner (2008, p. 33-37), os *dramas sociais* ocorrem por processos de eventos sociais constituídos de quatro fases: a *ruptura* das relações sociais formais, seguida de uma *crise* crescente que agrava a ruptura anterior, que com o tempo sofre um movimento de *ação corretiva* (que agrega mecanismos limitadores da crise) e que, com o avançar das correções, desemboca-se num movimento de *reintegração* do grupo social ou na legitimação das transformações sociais implicadas pela *ruptura*.

4.1 Formação da comissão técnica, do elenco de jogadores e as premissas para a disputa de um campeonato.

Novembro de 2009. No Atlético Clube Paranaíba iniciaram-se as primeiras mobilizações para a temporada de 2010. As dificuldades passadas no último ano foram as primeiras a emergir na memória dos diretores do clube. Chegou-se às vésperas da temporada vindoura e as palavras de ordem no ACP eram “superar as dificuldades impostas pelo ‘supermando’⁵³ no Campeonato Paranaense de 2009”.

Para a diretoria acepeana, o empecilho a uma boa participação no campeonato de 2009 foi a presença do artigo 9º do regulamento da disputa⁵⁴. Estabelece esse artigo que “(...) na segunda fase do campeonato, as 8 (oito) EPD [entidade de prática desportiva] classificadas se enfrentam em turno único, com mando de campo da EPD que teve melhor classificação geral na fase anterior do Campeonato”. Assim, as oito equipes classificadas para a fase final do torneio disputaram sete partidas cada, sendo que a primeira colocada na primeira fase (o Clube Atlético Paranaense) jogou todas as sete partidas em seu estádio, enquanto o segundo colocado (Coritiba) disputou seis sob o seu mando e uma fora dele (esta contra o Atlético Paranaense). Nesta lógica o oitavo colocado teve que disputar todas as suas sete partidas fora de seus domínios, e o ACP ficou exatamente nesta posição naquele ano.

Em uma retrospectiva de alguns dados sobre o ACP em 2009, percebe-se que os seus problemas no campeonato iniciaram-se antes da segunda e última fase, e se agravaram com a sua chegada. O ACP adentrou aquele campeonato perdendo por 2 a 0, em Paranaíba, ao jogar contra o Londrina Esporte Clube (equipe que viria a ser rebaixada no torneio daquele ano). Passaram-se as nove primeiras rodadas até que o ACP conseguisse a primeira vitória no certame (contra o J. Malucelli, por 3 a 2 no dia 01/03/2009), após cinco empates e três derrotas nas oito primeiras rodadas. O término da primeira fase do campeonato trouxe para o Paranaíba um saldo de quatro vitórias, sete empates e três derrotas, ao longo dos quatorze jogos disputados. Ao término da primeira fase, o presidente do clube disse que ficou “sem chão” ao saber do “supermando” para o restante da disputa, enquanto a equipe perdeu todos os sete jogos do restante do torneio, passando o período de um mês em Curitiba (disputando

⁵³ Este termo (Supermando) não consta no regulamento do campeonato. Ele foi cunhado pela imprensa esportiva que acompanhou a disputa do campeonato em 2009, numa alusão aos “superpoderes” da equipe.

⁵⁴ O artigo 9º foi questionado por muitos dirigentes dos clubes na disputa. Alguns questionamentos ao mesmo chegaram à apreciação do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), no Rio de Janeiro, no meio do campeonato de 2009 (no dia 26/03/2009). O gerente de futebol acepeano pronunciou-se publicamente, naquela ocasião, questionando “quem seria o responsável por redigir aquele regulamento [...] quem fez isso vai ter que ressarcir o clube [ACP]”. Suas palavras soaram como uma gafe, pois o regulamento havia sido aprovado por todos os dirigentes de clubes participantes, depois de duas reuniões arbitrais relacionadas ao tema.

as quatro primeiras partidas) com alguma ajuda de custo da Federação; e para o desfecho e agravamento dos problemas, o ACP teve um prejuízo de cerca de dez mil reais com todo o seu material de treino roubado. Como se percebe, o trauma chamado “supermando” vai além do conteúdo do artigo 9º do regulamento.

Na superação deste “trauma”, todos os esforços acepeanos de preparação para o torneio direcionam-se a um objetivo – explicitado pelo gerente de futebol: terminar a primeira fase do campeonato de 2010 (que possui o mesmo regulamento de 2009) entre os quatro primeiros colocados, para que se conseguisse o máximo de mandos de partidas em Paranaíba. O primeiro passo para o que se propunha foi definir quem seria o treinador do Vermelhinho. O ex-atacante Mirandinha (ex-jogador de Corinthians e São Paulo) foi o primeiro nome especulado pela imprensa de Paranaíba, pelo fato de ele ter vindo ao ACP para acompanhar os trabalhos da empresa Prisma Esportes nas categorias de base do Vermelhinho. A provável contratação é desmentida pela diretoria, que passa a sentir algumas pressões explícitas (via imprensa) para que acerte o treinador do clube.

Em meados de novembro, enfim, o presidente do ACP admite “70% de chances de o treinador ser Itamar Bernardes”, como se possível fosse abstrair em probabilidade a vinda do referido treinador. De fato, a “estatística acepeana” indica que o citado treinador tinha compromisso firmado informalmente com o ACP. O acerto formal tornou-se público no dia dezesseis daquele mês, no que seria a sua quinta passagem pelo ACP⁵⁵. A justificativa para a vinda do referido treinador, segundo o presidente, era baseada em dois motivos: seu salário estar compatível com o orçamento do clube e a facilidade com que o treinador contratado “monta” as suas equipes.

A procura por atletas tornou-se a missão principal da diretoria acepeana. Na primeira semana de trabalho, o treinador reuniu-se com o gerente de futebol para contratarem jogadores. Cada um montou, individualmente, uma lista com os nomes dos atletas que lhe interessavam e começaram a cruzar nelas os nomes dos possíveis acepeanos em 2010. Na primeira reunião, constataram o interesse de ambos por quatorze atletas, que foram contatados para um início de negociação. A primeira “remessa” de jogadores anunciados saiu no dia dezoito de novembro, com a contratação de um volante, um goleiro, um zagueiro e um meia. A contratação dos dois últimos atletas citados, publicada como certa pelo jornal local, foi posteriormente declarada como desfeita, por questões salariais.

⁵⁵ Itamar Bernardes treinou times anteriores do ACP nos anos de 2002, 2003, 2004 e 2008.

Os acertos com os jogadores foram se dando aos poucos. O gerente de futebol acepeano ressaltou a força e a experiência como características para os atletas contratados para o elenco de 2010. Com estes motes foram vinculados um volante, um lateral direito, um volante que também atua como meia ofensivo, um zagueiro, um meia ofensivo e um lateral esquerdo, todos com acertos datados da última semana de novembro. Ainda nessa data, um atacante que viria do futebol do Mato Grosso do Sul foi anunciado entre as contratações realizadas, mas ele teve problemas na transferência e não se apresentou ao clube. Na última semana do mês de novembro de 2009 ainda foram contratados atletas para preencher as posições ainda não ocupadas: um goleiro, um lateral esquerdo, dois volantes, um meia ofensivo e três atacantes⁵⁶. Houve no período outras duas tentativas infrutíferas de contratação: a de um zagueiro e a de um meia ofensivo, que não se consolidaram pelas limitações financeiras do clube em remunerar o que os jogadores pediram.

Com quase todo o elenco contratado, evidenciaram-se os principais problemas em tal fase. O primeiro deles foi relacionado ao telefone do ACP. O telefone do clube foi a principal ferramenta para os acertos com os atletas nesta etapa de preparação da equipe. Para se ter uma ideia, até o término de novembro, todos os atletas sob negociação haviam confirmado a contratação somente por telefone, mas o funcionamento da linha telefônica no estádio só foi regularizado na última semana do mês de dezembro. A Fundação de Esportes de Paranaíba é o órgão público que disponibiliza o telefone ao ACP e até aqueles dias não o havia regularizado junto à empresa de telefonia.

A outra dificuldade do ACP até aquele momento referia-se aos gastos implicados pelas contratações. Na última semana do mês de novembro, a Diretoria terminou o levantamento de gastos da folha salarial e concluiu que o orçamento salarial mensal do clube seria de sessenta e cinco mil reais. Os gastos salariais deveriam respeitar este teto, o que inviabilizou algumas contratações, as que envolviam pedidos de altos salários. Os custos das transferências dos atletas eram outro complicador. Com o pagamento de taxas, algumas transferências poderiam chegar ao custo de mil e seiscentos reais ao clube, que não possuía dinheiro em caixa para realizar tais operações (o clube contava somente com os valores pagos pelos patrocinadores a partir do mês de dezembro, em que iniciavam os salários dos atletas).

⁵⁶ Entre todos os atletas contratados, as atenções sobre um dos atacantes foram de destaque. O jornal Diário do Noroeste destinou uma matéria em referência à contratação, que se tornou assunto principal também nas rádios locais. No site do clube, www.acpclub.com.br, a entrevista exclusiva do citado jogador tornou-se rapidamente a mais assistida dentre todos os atletas do elenco. As esperanças sobre ele, que jogou no Santos e no Coritiba, davam mostras de serem as maiores depositadas sobre um atleta na temporada.

A vinda dos primeiros atletas a Paranaíba imprimiu uma dinâmica de trabalho voltada para a preparação da equipe para a estreia no Campeonato Paranaense de 2010. Seria um caminho percorrido entre a primeira semana do mês de dezembro de 2009 até meados de janeiro de 2010 – data da partida contra o Nacional de Rolândia. Trata-se de um período em que rapidamente a comissão técnica deveria montar o time titular, cujos atletas se agregaram aos poucos, sendo a maioria deles proveniente de origens diversas. A reunião de pessoas diferentes em uma época de festividades demonstra quão curto foi o tempo para se montar a equipe para o campeonato vindouro.

A primeira semana de trabalhos com o elenco de atletas do ACP foi voltada para a preparação física. Para este trabalho foi contratado o preparador físico, que logo iniciou as atividades com os atletas. Na sua primeira fala à imprensa, o profissional disse o que pensava ser o referencial maior em seu trabalho: “é preciso respeitar as pessoas, e ser respeitado”. O primeiro dia de trabalhos do elenco no ACP iniciou-se com a presença de seis atletas. Foram coletados dados biométricos que serviram para as avaliações físicas. O material recolhido foi analisado pelo preparador físico e pelo médico do clube. No restante da semana quatro atletas se apresentaram, somando-se aos seis primeiros que haviam chegado.

Os atletas apresentados ao clube deram declarações públicas aos meios de imprensa assim que chegaram a Paranaíba. Em suas afirmações havia convergências em dois “argumentos” que justificavam o fato de optarem pelo ACP. Todos externaram que as suas escolhas foram balizadas pelo *chamado feito pelo treinador* e por perceberem que *o grupo em formação seria competitivo* no campeonato. Eles salientaram que já haviam trabalhado com o treinador acepeano em outras equipes e por isso tinham se decidido pelo ACP (entre “várias outras propostas”, disse a maioria). Os atletas consideraram também que a equipe em formação era competitiva e diziam-se conhecedores da maioria dos seus novos companheiros.

Passada a semana de atividades majoritariamente avaliativas, começaram os trabalhos mesclados entre preparação física e técnica (a partir da segunda semana de dezembro). O preparador físico passou a impor fortes cargas de trabalhos físicos, mesclando-os com treinos de fundamentos técnicos com bola. Já nas primeiras experiências pôde-se perceber que o ACP jogaria (em tese) no sistema tático 3-5-2 e teria como base os atletas indicados pelo

treinador⁵⁷. O treinador explicitou em entrevistas que “colocaria os melhores em campo” e que todos teriam oportunidades⁵⁸.

Com a chegada dos atletas contratados, as primeiras atividades administrativas a serem resolvidas diziam respeito às moradias dos atletas. Alguns jogadores que pediram casa foram morar com as respectivas famílias, enquanto a maioria dos atletas foi alocada em um hotel. Os primeiros custeavam os seus próprios aluguéis, enquanto os segundos eram custeados pelo ACP.

Nas dependências administrativas do clube, os comentários sobre um novo julgamento do “supermando” tomavam conta do ambiente. Alguns esperavam uma repentina queda do artigo nono, como o presidente do ACP, pois todas as equipes do campeonato defendiam a sua retificação. Outros, como o gerente de futebol, pensavam que não havia mais o que ser feito a não ser conformar-se com o regulamento. No décimo dia de dezembro uma ação pelo fim do supermando foi novamente analisada pelo STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva), que numa votação de cinco votos a um posicionou-se pela manutenção do polêmico artigo. De acordo com os auditores, não havia motivos para questionamentos sobre o artigo, pois todas as equipes o haviam assinado em reunião arbitral. A derradeira opinião do gerente de futebol sobre o assunto demonstrou que o dirigente estava cansado de tratar do tema até aqueles dias: “Não vou mais comentar sobre este assunto”, pronunciou-se ante a indagação de um jornal local.

O estádio Waldemiro Wagner foi outro ponto de atenção para os dirigentes acepeanos. As várias vistorias realizadas pelos diferentes órgãos competentes (Polícia Militar, Corpo de Bombeiros, Vigilância Sanitária e CREA) tiveram laudos favoráveis aos mandos de partidas no WW; entretanto, com base nestes laudos, a comissão de fiscalização de estádios da Federação Paranaense de Futebol criticou a falta de manutenção no estádio e fez algumas exigências de reformas para o campeonato. Elas tiveram que ser cumpridas para que o estádio fosse liberado para receber jogos.

⁵⁷ Na realidade a equipe atuou em um modo diverso deste planejamento, apesar de o time titular ter sido constituído pelos jogadores trazidos pelo treinador. Detalhes desta análise estão na seção 5.

⁵⁸ Porém, ele mesmo ratificou depois que os trabalhos da comissão técnica não poderiam negar a principal qualidade do elenco acepeano: possuir como ponto forte os dois jogadores que atuam pelos lados do campo como alas e que neles se concentraria o poder ofensivo da equipe. Detalhes desta análise estão na seção 5.

Ilustração 8, uma das vistorias ao WW, com a presença de vários órgãos fiscalizadores. [créditos: Diário do Noroeste]



O relatório expedido pela comissão da FPF ressaltou que, mesmo com os problemas de manutenção, as condições do WW eram comuns a qualquer espaço em que acontecem poucos eventos durante o ano. O presidente da Fespar considerou desde o início que o estádio seria aprovado para o campeonato, porque as exigências feitas pela comissão haviam sido simples, sendo necessário apenas efetuar corretamente sua manutenção. Enquanto isso o diretor financeiro do ACP, que também é funcionário público da prefeitura, argumentou que os problemas observados no estádio existiam desde a sua construção e que várias reformas deveriam ser feitas para solucioná-los: “Sem reforma vão continuar pondo defeito na manutenção. O problema de manutenção é que, por não haver adequação do estádio nas normas [da Associação Brasileira de Normas Técnicas], a manutenção sempre fica incompleta”. A questão da liberação do estádio perdurou até as vésperas do início do campeonato, e a publicação definitiva de que o estádio Felipão estava “aprovado com restrições” veio à tona somente no dia quinze de janeiro de 2010⁵⁹.

Enquanto isso, a preparação da equipe desenvolvia-se ao longo do mês de dezembro. Dois jogos-treinos foram realizados contra uma equipe amadora, chamada ACAS, e em ambos o ACP venceu por seis a zero. Na primeira partida, realizada na cidade de São João do Caiuá, foram testados majoritariamente os jogadores juniores do Vermelhinho, enquanto no segundo jogo, em Paranaíba (sob os olhares de alguns torcedores acepeanos), a equipe foi escalada com predomínio de atletas recém-contratados. Sobre estas duas partidas, o gerente de futebol acepeano argumentou para os torcedores que eles deveriam considerá-las como

⁵⁹ Enquanto isto, mesmo sem liberação, o estádio foi utilizado normalmente para a realização dos dois amistosos e um jogo-treino. Ambos aconteceram sem qualquer incidente de insegurança.

experiências à parte dos jogos propriamente ditos, pois o seu teor era o de um treino com uma equipe adversária diversa da de seus jogadores reservas.

A programação do ACP em dezembro incluía um amistoso entre sua equipe e a do Cianorte Futebol Clube, em Paranaíba. A partida recebeu um tratamento especial por parte da diretoria, que planejou a venda de ingressos a dez reais, visando à arrecadação de fundos para o pagamento das despesas contraídas na aquisição de atletas. A comissão técnica relacionou os atletas que disputariam o principal teste até aquele momento de preparação para o campeonato. Na imprensa local circulavam informações sobre a provável equipe para a disputa e fazia-se uma espécie de publicidade em prol da equipe e da arrecadação financeira que a partida viabilizaria.

Semanas antes do “acontecimento” da partida, a dúvida que pairava sobre o ACP correspondia à possibilidade de o movimento no comércio de Paranaíba prejudicar o público da partida, pois este esteve aberto durante a noite naquele período próximo do Natal. Para tanto, os dirigentes ressaltavam a importância daquele jogo para se conhecer a “cara nova do clube”. Não obstante, o desfecho do acontecimento foi de outra natureza. A partida foi cancelada devido à chuva que inundou os vestiários e escadarias de acesso ao gramado do estádio WW. Por temer lesões nos atletas e desgaste excessivo do delicado gramado, a diretoria do Vermelhinho cancelou o referido jogo.

A tentativa de jogar um amistoso antes do término do ano foi frustrada pela chuva que atingiu a região do estádio Felipão. À beira das festas de final de ano, todos os funcionários do Atlético Clube Paranaíba foram dispensados dos trabalhos no clube. O retorno de todo o elenco foi estipulado para o dia dois de janeiro de 2010, mas antes da saída de todos, o Vermelhinho fez um adiantamento de cinquenta por cento do salário dos atletas, algo que na ocasião foi mostrado pelo presidente do clube como uma atitude da diretoria em parceria com vários patrocinadores e empresas locais que correspondia a uma “tradição” no ACP: o pagamento de salários em dia, ou até com adiantamento. Essa tradição foi publicada pelo jornal local, com o intuito de demonstrar o comprometimento do trabalho por parte da diretoria acepeana e conseguir, assim, credibilidade entre outros patrocinadores.

O retorno das atividades no ACP após um pequeno período de folga correspondente às festas de Natal e Ano Novo foi motivo de grande empolgação. O preparador físico do ACP exaltou publicamente que estava animado com a maneira como os atletas se reapresentaram: “Afirmo que poucas vezes vi todo o elenco se apresentar logo após a folga de fim de ano. No sábado [02/01/2010], todos já estavam aqui”, disse o treinador, que elogiou todos os atletas por terem voltado ao trabalho sem exceder o peso corpóreo com que haviam saído.

A chegada do elenco acepeano ao ano de 2010 já era voltada para a ação em partida amistosa. A Diretoria conseguiu marcar dois amistosos para o final daquela semana, um com a equipe do Toledo Colônia Work (para o dia oito de janeiro, às 20h30m) e o outro com a Associação Esportiva e Recreativa de Engenheiro Beltrão (no dia dez do mesmo mês). As duas equipes adversárias eram parceiras do Vermelhinho no campeonato que estava para começar e tinham atletas em etapa de preparação tanto quanto os jogadores acepeanos.

Na primeira partida o ACP enfrentou uma equipe que impunha respeito, de forma que o Vermelhinho temia pelo resultado - tudo por conta das informações transmitidas pelo gerente de futebol, que dizia ser o Toledo um time com uma folha de pagamento que superava as cifras dos cem mil reais mensais. O gerente de futebol acepeano fez um pedido público para que os torcedores de Paranavaí não exercessem “forte cobrança” sobre a equipe, pois ela tivera pouco tempo de preparação. Mesmo com o apelo do diretor a partida foi tensa. As duas equipes entraram em campo sob chuva e pela primeira vez na temporada, demonstrando muito nervosismo quanto ao resultado. O clima chuvoso unia-se à gana dos atletas das duas equipes, que não era comum em uma partida amistosa. O jogo já era muito faltoso quando um meia ofensivo do ACP sofreu um pênalti, que ele mesmo cobrou e o goleiro toledano defendeu. Na sequência do lance, foi cobrado um escanteio e um zagueiro fez o gol para o ACP, num lance discutido entre o auxiliar e o árbitro para saber se a bola havia entrado ou não. O treinador toledano ofendeu verbalmente o seu colega no ACP e quase houve briga entre os dois! Depois, um atacante do Vermelhinho e um jogador do Toledo quase trocaram socos e foram expulsos. O Toledo ainda empatou a partida, que terminou em 1 a 1, em um ambiente conflituoso.

A segunda e última partida amistosa do ACP antes do início do campeonato teve ares de tranquilidade. O Engenheiro Beltrão chegou a Paranavaí e entrou para o jogo com seus atletas vestidos com uniforme de treino, o que gerou críticas por parte da imprensa presente no estádio, devido à falta de numeração⁶⁰ no uniforme. O ACP venceu o jogo por 1 a 0, com um gol do seu ala direito em cobrança de falta, e teve um meia ofensivo lesionado no primeiro tempo da partida (essa lesão prejudicou a participação do clube no restante do campeonato).

⁶⁰ Foram os meios de comunicação os principais responsáveis pela enumeração dos jogadores em campo. De acordo com Franco Jr (2007, p. 54), a partir da final da Copa da Inglaterra de 1933 que se começou a identificar cada um dos jogadores em campo por um número inscrito em sua camisa. À época não foi uma prática aplicada constantemente aos jogos, tendo-se difundido a numeração de camisas só depois de sua inserção em um torneio internacional (no caso a Copa do Mundo de 1950). O referido autor explica que os meios de comunicação, sobretudo o rádio, precisavam mais rapidamente identificar um jogador, e a numeração dos atletas facilitava seu reconhecimento.

As partidas ocorreram em um curto espaço de tempo e tiveram um período de concentração mais amplo (os jogadores tiveram que permanecer no hotel de concentração por quatro dias). Neste longo período, dois atletas saíram às escondidas da concentração e foram a uma casa noturna na cidade. Os atletas voltaram ao hotel ao amanhecer e foram vistos pelo gerente de futebol ao chegarem ao local. O dirigente imediatamente os demitiu, mesmo eles lhe suplicando que lhes permitisse permanecer no clube. O dirigente alegou ter havido um ato de indisciplina por parte dos atletas e dispensou-os. Meses depois, um deles foi contratado pelo Iraty e também foi dispensado por cometer atos tidos como de indisciplina.

A diretoria continuava com problemas na obtenção de recursos financeiros para o custeio de gastos do clube. As carteiras Sócio Ouro, válidas como entrada para todas as partidas do clube no campeonato, não foram vendidas, e não foram conseguidos patrocínios suficientes para suprir os gastos do clube. Ao longo do mês de janeiro, o presidente do ACP trouxe o prefeito de Paranavaí para que juntos buscassem conseguir os patrocinadores necessários⁶¹.

Até meados de janeiro somente duas empresas haviam confirmado que comprariam espaços no uniforme do clube, havendo também uma negociação avançada com uma fabricante de refrigerantes local para que ela inserisse sua marca no uniforme do clube. O proprietário da primeira empresa citada, um renomado empresário local, reuniu-se com o presidente do clube e o prefeito e utilizou a sua credibilidade na sociedade local para atrair novos investidores. Em uma reportagem do Diário do Noroeste, o referido empresário pediu que outros também ajudassem o clube: “Ajudo porque gosto, mas porque também o ACP é embaixador de Paranavaí”, justificou o empresário, que não praticava ali um ato altruísta: ele possuía declaradas pretensões de expandir a influência de sua marca no mercado de frios e via na publicidade um meio de difundi-la, por isto concordara em estampá-la no uniforme da equipe acepeana. Tanto assim é que, tempo depois, o citado empresário reclamou da diretoria acepeana pelo fato de alguns membros da comissão técnica não estarem utilizando os bonés com a sua marca.

Mesmo com as dificuldades do clube em captar recursos financeiros, a administração do Vermelhinho divulgou os valores dos ingressos para o Campeonato somente duas semanas antes de sua estreia. O dirigente reiterou constantemente às rádios que “quem não comprar a

⁶¹ Segundo o presidente, o prefeito estava utilizando sua influência política (por “transmitir respeito e respaldo aos empresários”, afirma um dos diretores do clube) para conseguir investimentos: “Estamos correndo bastante junto com companheiros e o prefeito tem dado uma grande mão, mas estamos encontrando dificuldades, infelizmente o futebol profissional é muito difícil de manter, e as pessoas não têm dado o valor real de se ter uma equipe na primeira divisão”, fala amarguradamente o dirigente.

carteirinha, vai ter que pagar trinta reais para assistir aos jogos”, numa estratégia de fazer com que o anúncio de alto valor do ingresso, mesmo que tardio, servisse para atrair torcedores para a compra de carteirinhas. Como as vendas de carteirinhas não atingiram, ao final, os resultados esperados, percebe-se que a estratégia não foi eficiente.

Na mesma toada da captação de recursos financeiros para o clube, que tinha dificuldades para avançar, os trabalhos internos na secretaria do ACP também eram dificultosos. Estes problemas administrativos eram baseados em dificuldades de comunicação com outras organizações relacionadas ao futebol profissional. O secretário do clube levava horas para conseguir transmitir fax ou realizar simples ligações telefônicas para as federações de origens dos atletas (vindos por transferência de outros estados). Em certa ocasião ele levou horas para conseguir falar com a Federação Sul-Mato-Grossense de Futebol – que tinha em seu expediente somente o turno vespertino. Nessa mesma tarde, a transferência de um dos atacantes titulares ainda não havia sido efetivada, mesmo com os contatos com a Federação Goiana de Futebol tendo se iniciado no início do mês anterior⁶². A pressa em conseguir regularizar todos os atletas era necessária, afinal o ACP estava a uma semana de sua estreia no campeonato.

A semana de estreia na competição foi movimentada por todos os lados. A empolgação era patente entre alguns torcedores, que resolveram organizar uma pequena excursão para assistir à partida em Rolândia. A movimentação entre a equipe que se preparava para a partida também estava envolta em forte entusiasmo. Um dos atacantes da equipe declarou a expectativa de fazer um bom jogo com base na preparação obtida: “Tivemos dezembro e parte de janeiro para treinar, realizamos dois amistosos e o desejo do elenco é estreiar com o pé direito”, disse ao Diário do Noroeste.

O ACP, enfim, disputou a partida em Rolândia no dia 17 de janeiro e perdeu para o Nacional por 2 a 1. A saída do elenco acepeano foi marcada para a manhã do dia 16, no estádio Waldemiro Wagner, onde todos os jogadores e membros da comissão técnica se encontraram para ir a Londrina, onde a equipe ficou concentrada antes da partida. Antes de tomar o ônibus, os sorridentes representantes do futebol de Paranavaí despediram-se de várias pessoas que acompanhavam a saída - funcionários do clube, associados ou simples torcedores do Vermelhinho. No jogo em si, o ACP foi mais ofensivo do que o adversário no primeiro tempo, mas não marcou nenhum gol. No segundo tempo, aos vinte e dois minutos, o Nacional

⁶² O gerente de futebol ligou para a referida federação para saber sobre a situação da transferência e desligou o telefone agressivamente: “É por isso que eu vou parar de mexer com futebol! Enviei um fax pra eles na semana passada e só falta agora eles enviarem a documentação do jogador pra federação daqui, e os cara falaram que vão fazer só hoje”, disse o diretor antes de ir fumar um cigarro fora da sala.

fez o primeiro gol e o ACP empatou doze minutos depois. O gol da derrota acepeana veio no último minuto de partida, aos quarenta e sete do segundo tempo. A atuação da equipe foi considerada boa pela imprensa (o locutor de uma rádio elogiou um dos volantes da equipe: “joga muito esse cara!”) e pelos membros do clube, que consideraram o acontecimento da derrota como provocado por “um minuto de bobeira”, nas palavras do treinador do Vermelhinho.

O campeonato se iniciara para o ACP. Apesar de todas as dificuldades de ordem financeira ou administrativa do clube e do duelo contra o “supermando”, percebia-se um ambiente eufórico a contagiar torcedores, jogadores e demais funcionários do clube. Tal configuração *introdutória* do drama social dava sentido às palavras do gerente de futebol, que compreendia aquele momento e dizia que o ACP iria “deslanchar” no restante do campeonato.

4.2 Uma escalada bem-sucedida.

Esta subseção corresponde ao momento de ápice de resultados auferidos pelo ACP no campeonato, sendo também um momento de intensa euforia coletiva entre os atores organizacionais acepeanos. O ACP disputou sete partidas do campeonato entre os dias vinte de janeiro e dezessete de fevereiro de 2010, nas quais conquistou quatorze pontos, com quatro vitórias, dois empates e uma derrota. Fez nesse período a maior parte de seus gols na primeira fase (marcou treze de seus vinte e um gols) e o artilheiro do campeonato, com quatro gols. O ACP passou também os seus melhores momentos na tabela do campeonato, atingindo a terceira colocação ao término destas sete partidas.

Com a estreia do ACP no campeonato e a proximidade da primeira partida a ser disputada em Paranaíba, os trabalhos na secretaria do clube diminuíram significativamente, devido ao término dos registros dos atletas e aos ajustes necessários para a regularização do estádio WW. Os bate-papos referentes a diversos assuntos passaram a tomar o tempo de trabalho naquele lugar. As tarefas do secretário e do diretor de finanças passaram a ser concentradas nos dias das partidas, quando deveriam vender ingressos, elaborar os borderôs e coordenar as tarefas de todos os trabalhadores que colaboravam com a realização de um jogo.

Ainda naquela semana de estreia do ACP em Paranaíba foi noticiada uma decisão que contrariou os interesses do clube nas partidas do campeonato: para que o estádio Felipão obtivesse a aprovação da comissão fiscalizadora da FPF e pudesse realizar as partidas do campeonato, os dirigentes acepeanos tiveram que assinar um termo de compromisso que

proibia a venda e o consumo de bebida alcoólica nas dependências do estádio nas duas horas anteriores e nas duas posteriores aos jogos. O clube era o responsável por fiscalizar o estádio durante as partidas e deveria retirar de suas dependências qualquer indivíduo que não respeitasse esta exigência. O presidente do Vermelhinho interpretou que tal restrição prejudicaria o clube, pois vários torcedores aliavam o ato de assistir aos jogos com o de tomar uma “cervejinha” no momento das partidas. Nas rádios locais, os torcedores telefonavam manifestando-se contrários à medida e dizendo que deixariam de ir ao estádio para ouvir as partidas em suas casas e assim poder tomar sua cerveja!

A partida contra o Iraty, a primeira nos domínios paranavaenses, teve uma preparação especial por parte do treinador. Antes da partida, foi confirmado pelo médico do ACP que o meia ofensivo, que havia se contundido no segundo amistoso, estava com um edema na coxa esquerda e levaria cerca de quinze dias para se recuperar. No jogo de fato, as duas equipes demonstraram boa competência técnica, com bons toques de bola e uma variedade de jogadas criadas pelas duas equipes (principalmente pelo Iraty). O ACP conseguiu vencer por 3 a 1, com as estreias de um atacante recém contratado e o destaque dado pelos meios de comunicação a um dos volantes da equipe, que entrou no segundo tempo e participou de dois gols e foi autor de um deles.

O “debute” do ACP em Paranavaí foi considerado ótimo no aspecto técnico da equipe e no resultado obtido, em avaliações positivas tanto dos meios de comunicação quanto do gerente de futebol, da comissão técnica e dos jogadores. Não obstante, a diretoria do Vermelhinho considerou decepcionante o número de público na partida, o que levou o presidente do clube e outros membros da diretoria a traçarem uma estratégia para atrair mais torcedores e, conseqüentemente, vender mais ingressos. Foi então programada uma venda antecipada de ingressos a dez reais para a partida seguinte do ACP em Paranavaí, no dia vinte e sete de janeiro, contra a AEREB. As justificativas do dirigente acepeano para o oferecimento de ingressos antecipados foram que o valor reduzido possibilitaria que famílias inteiras de torcedores comparecessem e que a diminuição de valores do ingresso seria compatível com o poder aquisitivo “da região”m considerado por ele como baixo.

Antes do referido jogo em Paranavaí, outro desafio para o ACP aconteceria em Curitiba contra o Paraná Clube. Nos dias que antecederam esta partida, a diretoria acepeana trabalhava para solucionar um problema com um goleiro que jogara pelo ACP em 2008. O jogador teve uma contusão em uma das pernas quando atuava pelo clube e esta se agravou depois de sua saída. O atleta retornou a Paranavaí em 2010 para realizar um tratamento médico e ficou hospedado com os demais jogadores no hotel que servia como alojamento. O

gerente de futebol esteve junto com o atleta desde a sua chegada, servindo-lhe atenciosamente em suas necessidades de tratamento e estadia. A diretoria do clube tinha dificuldades em conseguir a realização da cirurgia do goleiro, tendo um apoiador do clube (um ex-vereador e influente personalidade pública local) provido à cirurgia do goleiro com um médico especialista. O colaborador do clube disse que o médico queria uma carteirinha para acompanhar as partidas do ACP, o que lhe foi concedido.

Mobilizações de torcedores e contratações para o plantel do Vermelhinho ocorreram antes do jogo pela terceira rodada do campeonato. Sobre o primeiro ponto, um grupo de aficionados pelo clube começou a reunir latas de tinta vermelha e branca para fazer, eles próprios, a pintura do estádio. Desde 2007 o WW não recebia uma pintura e com a iniciativa dos torcedores, que pintaram uma pequena fração da arquibancada, de modo que o restante teria que ser pintado. Para evitar o constrangimento de ter somente um terço da arquibancada pintada, a prefeitura de Paranaíba e uma empresa que comercializa tintas firmaram uma parceria com o ACP e concluíram a pintura do estádio⁶³. No que diz respeito à chegada de atletas, a diretoria acepeana trouxe mais dois para comporem o elenco no restante do campeonato. Um deles foi um meia ofensivo vindo do Grêmio Maringá (time que disputaria a terceira divisão do campeonato paranaense no segundo semestre), o qual recebeu muita atenção da imprensa e dos treinadores acepeanos por ser um meia canhoto, rótulo que representa “jogador habilidoso e raro” no meio futebolístico. O outro jogador foi um atacante vindo do Criciúma de Santa Catarina, que possibilitou uma conversão⁶⁴ das taxas pagas na vinda dos dois atletas dispensados no início do ano.

O jogo contra o Paraná Clube ocorreu no dia vinte e quatro de janeiro, em Curitiba. A partida foi transmitida por um canal *pay-per-view* e a equipe do ACP foi bastante elogiada por seus jogadores “experientes”, apesar de ser derrotada por 2 a 1. O treinador do ACP reclamou muito da arbitragem na partida, sobretudo pela anulação de um gol feito pelo centroavante da equipe. Uma informação não foi veiculada na imprensa em Paranaíba: os recursos tecnológicos da emissora de televisão atestaram que o árbitro fora correto ao anular o gol. Com o resultado o ACP caiu da quinta para a décima colocação no torneio e, com uma incomum tranquilidade, o gerente de futebol deu uma sábia declaração: “o ACP vai

⁶³ Coincidentemente, o período de demora para a realização da pintura foi entre as sete partidas que correspondem ao período abordado por esta subseção.

⁶⁴ Os dois atletas dispensados vieram do futebol catarinense, e devido aos seus desligamentos do clube, tornou-se possível uma conversão das taxas de transferência para outros dois atletas. O ACP conseguiu contratar um jogador desta maneira.

deslanchar [...] vamos brigar pelas primeiras posições, na quinta ou na sexta rodada estaremos lá na frente”. Isto se tornou realidade ao longo do certame.

Com o retorno a Paranavaí todos os esforços do clube visavam à partida vindoura, contra o Engenheiro Beltrão. Tanto foi que os jogadores não convocados para a referida partida (todos eles advindos da equipe de juniores do ACP) esperaram por uma hora para treinar o “atrasado” auxiliar técnico do clube, que era o responsável por coordenar o treinamento naquele dia, véspera da data do jogo. A espera causou irritação entre os jovens atletas, que reclamaram do descaso com que eram tratados no clube e que não haviam exposto publicamente.

Estavam presentes no “não treino” sete jogadores. Estes jovens se declararam desiludidos com sua carreira. Todos se queixavam das poucas oportunidades na equipe principal. Diziam que desde muito tempo não participavam de um jogo ou coletivo e que havia pouca perspectiva futura de engrenarem no futebol profissional. Reiteravam que eles “acreditavam muito”, pois haviam chegado até ao final da categoria júnior e tentariam ao máximo ir para um “time grande”⁶⁵), e que não tinham oportunidade na equipe principal e reclamavam que somente os atletas trazidos pelo treinador da equipe é que tinham chances. Todos eles disseram que deixariam o clube por conta desta situação. Ao final, somente dois deles permaneceram agregados ao elenco do ACP.

Os atletas posicionaram-se também sobre a empresa que geria a categoria de base do clube. Disseram eles que ela havia investido milhões de reais na equipe de base do ACP, mas não conseguiam “vender ninguém” a outras equipes. O motivo alegado pelos atletas, em seus próprios termos, era o de não haver um “empresário forte” pra efetuar negociações em nome da empresa.

Pouco antes da chegada do responsável pelo treinamento, dois atletas ainda expunham seus sonhos e frustrações. Um deles reclamava que se sentia “velho”, que ficava “tocando a bola de lado” ao invés de “rabiscar” (driblar entre adversários) como antes. O outro jogador afirmou que não tinha mais energia para jogar e que se sentia “morto”. Ambos rememoraram uma partida contra o Londrina quando tinham dezessete anos. Disseram haver vencido o jogo por 3 a 0 e ter feito lances que deixaram os adversários impressionados⁶⁶.

⁶⁵ A expressão “time grande” no meio dos jogadores é sinônima de equipe da elite do futebol nacional (ou internacional), que disputam as primeiras divisões dos campeonatos, ou um adjetivo para definir algo ou alguém em caráter positivo (exp: “esse cara é time grande”).

⁶⁶ Nesta mesma conversa um deles explicitou que fazia o curso de tecnologia em Marketing em uma faculdade particular, mas que não gostava de ler. O futuro “tecnólogo” era o único do clube que ainda estudava, mas admitia que fazia o curso por ser o único acessível a ele: “Gosto de fisioterapia, [se] fosse pra escolher seria fisioterapeuta”. O outro atleta disse que não gostava de estudar, mas que sonhava em ser um outro profissional.

Após a sessão de conversas com os jovens atletas, o auxiliar técnico chegou ao gramado e mandou que eles corressem por vinte minutos em torno do campo. Após a corrida, os atletas estavam sedentos por uma atividade com bola e resolveram montar pequenos campos de futevôlei no gramado. O auxiliar técnico pediu que eles guardassem o material e deixassem para fazer aquelas atividades em outro momento, pois o mordomo do clube queria guardar todo o material para ter um descanso antes do jogo com a AEREB. Os atletas cumpriram o pedido do superior, contrariados por não poderem fazer o que queriam naquele dia.

Houve uma maciça campanha para atrair os torcedores. Os apresentadores de programas de rádio conclamavam os torcedores a irem ao estádio (em uma emissora apelava-se para uma ajuda ao clube por sua tradicionalidade: “Colaborem com o ACP, a nossa cidade é uma privilegiada por ter um clube desta grandeza! Vamos ajudar, povo de Paranavaí”). Por sua vez, a emissora concorrente dizia: “Os paranavaenses vão ter a chance de ver o time de Paranavaí bater de goleada um adversário hoje!”, reiterando que deveriam ir ao estádio; mas mesmo com a promoção de entradas vendidas antecipadamente a dez reais, o número de ingressos vendidos antes do jogo era muito inferior ao que se esperava. Um dos radialistas demonstrou-se insatisfeito: “mas é muito pouco! Agora o povo não pode falar que o preço é o problema. Esse era um jogo pra uns dois mil ingressos [vendidos]”. Já um dos porteiros do estádio na hora da partida disse sobre o número vendido: “Tá bom! É que jogo quarta-feira fica difícil”.

Mesmo com algumas decepções pelo baixo número de público, os resultados do ACP foram positivos, tanto no jogo contra a AER Engenheiro Beltrão quanto com os adversários das três rodadas. Na primeira partida, o ACP enfrentou uma forma de jogo diversa da praticada pelo Iraty no WW. O “Engenheiro” entrou em campo com uma forte dedicação defensiva, o que dificultou a dinâmica de jogo do ACP, que, apesar disso, venceu por dois a um. “Sabíamos que o jogo seria difícil, era uma partida de vida ou morte para o Engenheiro. Jogamos feio, mas o importante foi a vitória”, comentou o treinador do clube sobre o jogo. A partida terminou dramaticamente em 2 a 1 para o ACP, sendo um dos volantes o autor do gol que desempatou o jogo. O ACP saltou para a quarta posição na classificação do campeonato e preparou-se para mais um desafio fora de seus domínios.

Em um curto prazo o ACP viajou para Paranaguá para o confronto com o Rio Branco Sport Club no dia trinta e um de janeiro. O Vermelhinho enfrentou o adversário

Perguntado sobre o que escolheria entre o futebol e outra profissão, ele disse que “queria ser um juiz ou um médico”.

ofensivamente e o atacante que atuava pelo lado direito chutou uma bola na trave do Rio Branco aos dois minutos de partida. A equipe “da casa” ficou temerosa por conta das investidas do ataque acepeano e posicionou-se defensivamente na maior parte do jogo. A partida terminou em 1 a 1, com um gol do ACP feito por seu meia ofensivo. A equipe fixou-se na quinta colocação do campeonato.

A maratona continuou três dias depois, na partida contra o Serrano Centro Sul Esporte Clube. O jogo ocorreu em Paranavaí e novamente as duas equipes disputaram uma partida de maior intensidade física e menor desenvoltura técnica. Mais uma vez o ACP iniciou a partida perdendo por 1 a 0 e conseguiu marcar dois gols, conseguindo o resultado de 2 a 1. O primeiro gol foi novamente marcado pelo meia ofensivo e o “gol da virada” acepeano foi feito por um dos jogadores contratados por último (vindo pelo imbróglio das dispensas). Este atacante elevou seu moral junto à imprensa de Paranavaí (o Diário do Noroeste fez uma reportagem especial com o “herói” da vitória, cogitando a sua titularidade na equipe) e aos dirigentes do clube (ele estava no alojamento sob as arquibancadas do estádio e foi transferido para o hotel, a melhor moradia, após o referido jogo). Os êxitos do ACP fizeram com que o clube se mantivesse na quinta colocação e com anseio de conquistas maiores.

Nenhuma das partidas do ACP no certame, até aquele momento, resultou em vitória, quando jogadas fora do estádio de Paranavaí, e assim chegou o ACP a Toledo, para encerrar a sua maratona de jogos mais intensa e repleta de pontuação no campeonato. Foi nesta partida que aconteceu a sua experiência vitoriosa fora de Paranavaí. O Vermelhinho derrotou a equipe toledana por 3 a 1, com gols de um zagueiro, um volante e um meia ofensivo. A partida começou tensa, o que pode ser explicado pela dificuldade passada pelo Toledo no campeonato e pela partida amistosa, acontecida em Paranavaí no início do ano, quando houve rusgas entre jogadores e treinadores das duas equipes. Embora o ACP tenha conseguido um resultado positivo, a imprensa paranavaense lamentou com veemência o terceiro cartão amarelo recebido pelo meia ofensivo (o autor de um dos gols no jogo), o que o impediu de disputar a partida seguinte (contra o líder Coritiba, em Paranavaí): “Não! Que pena! Por uma entrada boba, vai ficar fora da partida com o líder”, lamentou um dos narradores no rádio. Em suma, a vitória do ACP sobre o TCW serviu para que as duas equipes tomassem rumos distintos no campeonato: enquanto o ACP atingia ali o seu ápice na tabela de classificação do campeonato (o terceiro lugar), o Toledo viu agravar-se a sua condição no campeonato e entrou num declínio que culminaria com o seu rebaixamento para a segunda divisão do campeonato paranaense de 2011.

A bem-sucedida sequência de seis partidas, que foram disputadas a cada três ou quatro dias de intervalo entre cada uma, teve como recompensa quatro dias de folga para todo o elenco acepeano, tempo concedido pelo treinador acepeano. A concessão desta licença para os atletas causou um pequeno conflito entre alguns jornalistas e a comissão técnica do ACP. Um repórter questionou a importância da folga para os atletas e recebeu uma resposta ríspida do preparador físico: “Olha aqui, a gente rodou mais de 3.500 quilômetros esses dias, o grupo estava cansado e precisava da folga. Ou você quer que o rendimento caia nos [próximos] jogos? Não julgue como vadiagem o que você não sabe!”. O jornalista reclamava que estariam deixando os atletas “folgados demais”. O treinador complementou a fala do preparador físico dizendo que os jornalistas estavam “por fora” do que acontecera naqueles dias e disse que a imprensa não poderia atrapalhar os trabalhos da comissão técnica: “Se eu escutar esses caras, não escalo o time!”, disse irritado.

Os dias vitoriosos do ACP transcorreram em meio a alguns acontecimentos no clube que convergiram para uma questão: o modo como o clube e os atletas buscavam se relacionar com a torcida ou referir-se a ela.

Um acontecimento inerente à vida organizacional do clube ocorreu naqueles dias e envolveu o lançamento de um terceiro uniforme. As camisas de partidas oficiais ou amistosas do ACP foram, durante décadas, das cores vermelha ou branca. Nesse ano de 2010, o fornecedor de uniformes oficiais do clube teve a ideia de criar uma camisa nas cores azul e dourado, que seria o terceiro uniforme do clube. Os terceiros uniformes (ou até mesmo os segundos uniformes) em cores aleatórias são comuns entre equipes europeias, mas isto é algo introduzido recentemente como costume entre as equipes brasileiras. Tais roupagens possuem uma conotação de *marketing* para o clube que as lança e para a empresa fornecedora de material esportivo da equipe. No ACP não foi diferente: uma pequena reunião de lançamento do uniforme foi realizada em uma das salas da secretaria do clube, com a presença do prefeito de Paranavaí e dos principais membros da diretoria acepeana.⁶⁷

⁶⁷ O lançamento da camisa foi divulgado no jornal Diário do Noroeste por meio de uma reportagem específica para o acontecimento na qual foram referidas a presença da autoridade municipal, a qualidade do material e a exclusividade da fornecedora de materiais locais. Uma reportagem ao estilo de *press-release* referente a um evento de marketing.

Ilustração 9, reunião de lançamento do terceiro uniforme do clube. [créditos: Diário do Noroeste]



O uniforme em partidas do ACP foi anunciado na referida reunião como sem uma data específica de utilização, mas nem mesmo veio à tona. Camisas “azuis do Vermelhinho” foram fabricadas e comercializadas pela empresa, sem que a equipe de futebol profissional jogasse sequer uma partida com elas. Era esperado que o uniforme fosse utilizado naquele campeonato, conforme afirmado pelo gerente de futebol, mas a diretoria do clube precisaria requerer autorização para usar o uniforme junto à Federação e ninguém no ACP procurou realizar este procedimento: “e também porque eu acho que esta camisa não vai pegar pro torcedor. A nossa camisa mesmo é vermelha”, disse o citado dirigente. Como se percebe, o que se iniciou como uma “ação de *marketing*” para atrair lucros com o consumo do torcedor (sobretudo, no período de melhores resultados do clube) não foi levado a cabo plenamente pela administração do clube, evidentemente por sua direção não tratar de tais ações como prioridade ou considerá-las estranhas diante dos seus costumes tradicionais.

A sequência de bons resultados não se refletia nas arquibancadas. Um dos goleiros externou aos órgãos de imprensa que a torcida de Paranavaí “é meio complicada” e “mal-acostumada” - referindo-se às exigências vindas das arquibancadas durante os jogos. Nas palavras do goleiro, “o ACP fez boas campanhas nos últimos, no interior é o clube que mais chegou. O que eles [os torcedores] agora querem é sempre o máximo. Temos que ter a cabeça no lugar, o mais importante é o resultado e nem sempre jogar bem”. Um dos atacantes também falou à imprensa sobre o assunto - no mesmo tom de voz do goleiro, mesclando sinceridade e polidez nas palavras: “Nos jogos em casa não estou rendendo o esperado. A torcida está cobrando e [por isso] estamos errando muito”. Evidenciava-se algum atrito e desgosto entre torcida e jogadores.

A relação entre alguns jogadores e torcedores era conflituosa, principalmente quando envolvia os atletas mais comentados pela imprensa. Nos bastidores as conversas entre alguns

atletas sobre a torcida eram mais agressivas do que nas reportagens. Logo após a virada vitoriosa sobre o Serrano, dois jogadores conversavam sobre um momento de vaia da torcida no jogo: “Porra! Tá enchendo o saco! Eu não aguento mais, cheguei ao ponto de preferir jogar fora do que em casa. O pessoal não respeita, fica com reseinha⁶⁸ e até o treinador tá se deixando influenciar pela coisa”, disse o mesmo jogador que havia falado ao jornal. Enquanto isso, em um bar próximo ao estádio, torcedores questionavam a competência de alguns jogadores, notadamente os mais renomados do elenco. Reclamavam que o craque do time era “baladeiro” (um dos atacantes que é evangélico e não bebe) e diziam que o time “ganha mas não joga nada”.

Esse conflito não existia *vis-à-vis* e na relação de todos os atletas com a torcida. No dia cinco de fevereiro, o único paranavaense do elenco e um dos destaques da equipe na sequência de bons resultados dirigiu-se a pé do estádio até o centro comercial da cidade para trocar um par de óculos que havia ganhado de uma empresa por ser o “melhor em campo”. No quarteirão do estádio, ele foi cumprimentado por funcionários que trabalhavam na limpeza das calçadas que o rodeiam. Os trabalhadores interromperam a tarefa para acenar ao jogador. No quarteirão seguinte, ele parou em uma mercearia para perguntar onde ficava a empresa que o premiara, chamando a atenção do dono da mercearia, que foi ao encontro do atleta para cumprimentá-lo, dizendo-lhe que ele estava jogando muito. O atleta ainda percorreu três quadras até chegar ao centro da cidade, sendo reverenciado por torcedores que passavam por ele. O atleta ainda recebeu três ligações no seu celular durante o percurso, e queixou-se de que estava recebendo muitas ligações a cobrar: “Pessoal tá pensando que eu já tô ganhando dez mil por mês”, disse o jogador, sem perder o sorriso. Pouco antes de adentrar o estabelecimento a que se dirigia, um rapaz dirigiu-se a ele, deu-lhe um abraço e falou: “Tá fazendo muito gol, hein muleque!”. Era um amigo de infância que o cumprimentava.

A partida contra o Coritiba era projetada de uma maneira diferente pelos membros do clube. Os funcionários acepeanos, os órgãos de imprensa local e os torcedores esperavam ansiosos pela partida, que se realizaria entre o então primeiro colocado, o Coritiba, e o terceiro colocado, a melhor equipe do interior, o ACP.

A imprensa local fez um aquecimento para a partida, com comentários sobre o duelo entre as duas únicas equipes que tinham “100% de aproveitamento” em seus jogos como mandantes. Rádios e jornais faziam análises e destacavam dados sobre o evento, afirmando que o ACP possuía um ataque produtivo, que havia feito gols em todas as partidas, detinha a

⁶⁸ Entre jogadores de futebol, o termo “resenha” (e o seu diminutivo, reseinha) pode significar como conversa entre os seus pares (um “papo de boleiço”) ou alguma fala

terceira melhor média de gols por partida entre todos os competidores e regularidade de participação da equipe titular no campeonato. As repercussões acirravam as expectativas em relação ao jogo.

O retorno do elenco após a folga de quatro dias (concedida após o jogo contra o Toledo) ocorreu com uma rotina de treinamentos leves dos atletas. A primeira reunião do elenco deu-se num treinamento recreativo. O treinador da equipe teve, então, como primeiro ato um pronunciamento em defesa da folga dos jogadores, dizendo que eles haviam merecido os dias livres: “Jogador não é máquina, eu sei, já tive do lado que vocês tão hoje”, disse o comandante, referindo-se ao fato de ser ex-jogador. Os trabalhos que se seguiram destinaram-se apenas a que os jogadores “não perdessem o contato com a bola”, conforme explicou o preparador físico.

No âmbito administrativo, os trabalhos estavam voltados para o término da pintura do WW. Este trabalho estava sendo concluído quando o presidente do clube chegou para conferir o que se realizava. O gerente de futebol disse ao presidente que ele havia sido o autor da ideia de pintar as iniciais do clube em um dos setores da arquibancada, falando com orgulho das grandes letras em tinta branca que cobriam parte dos assentos. O presidente mostrou-se contrariado com tal atitude, por temer que a pintura das letras viesse a exigir mais tinta do que o necessário, pois não poderia faltar tinta para a pintura de outras alas do estádio.

Ao chegar a data da partida, uma movimentação sem precedentes na temporada de 2010 agitou o clube. Carros de emissoras de rádio e televisão de todo o Estado chegavam ao WW misturados a visitas de empresários, políticos e curiosos da localidade. Com uma movimentação tão intensa, os atletas do ACP comentavam ironicamente pelos corredores: “O comitê tá cheio!” - em alusão ao local onde são realizados agrupamentos eleitorais. O programa de esportes da Rede Globo do Paraná foi transmitido de uma das cabines de imprensa do estádio Felipão, de modo que, ao fundo da imagem que enquadrava os apresentadores, aparecia a imponente inscrição **A C P** na arquibancada. Com tanta movimentação, o treinador solicitou que os treinos não ocorressem no WW naquele dia, para que os atletas ficassem distantes de “corneteiros”⁶⁹.

A partida transcorreu em uma carga de dramaticidade não vista em outras partidas do ACP. “Dramático, jogadores do ACP lamentam empate”, assim foi o título da reportagem do jornal Diário do Noroeste referente ao jogo, que terminara empatado em 1 a 1. O Coritiba começou a partida ganhando de 1 a 0, mas foi pressionado ofensivamente pela equipe

⁶⁹ A expressão “corneteiro”, no futebol, geralmente é designada para quem incomoda uma equipe com suas críticas, como uma corneta tocada que irrita a quem está à sua volta.

acepeana e passou a cometer faltas violentas. A equipe de Curitiba teve dois jogadores expulsos, porém demorou a sofrer um gol de empate (somente no segundo tempo). O ACP não conseguiu fazer o segundo gol, mas foi louvado pela imprensa esportiva de todo o Paraná como um “time grande”: “dá pra dizer que o Coritiba jogou como um time pequeno, o time grande na partida foi o ACP”, disse Raul Plasmann, o comentarista de esportes da Tevê Globo. Os radialistas locais enalteciam o feito e reproduziram por diversas vezes a fala do referido comentarista.

A sequência de jogos que se caracterizou como o ápice dos bons resultados do clube encerrou-se após uma batalha travada pela vitória contra o mais forte adversário do certame, o time que se sagrou campeão da disputa. O saldo corpóreo final desta jornada pode ser visto nas marcas roxas pelos corpos dos atletas, levados à exaustão. As câibras e dores, presentes em quase todos os atletas do ACP que entraram em campo, representavam a incorporação física em cada atleta da expressão “time grande”. O ACP “time grande” concluiu a oitava rodada na posicionando-se na terceira colocação e mostrando aos seus adeptos que era possível “deslanchar” (como foi dito pelo gerente de futebol ao início da competição) ainda mais na disputa.

4.3 O limiar entre o sucesso e o fracasso.

Este momento do campeonato se passou entre o findar da partida contra o Coritiba e a consolidação da vitória sobre o Operário de Ponta Grossa. Ocorreram nesta passagem os momentos mais dramáticos para o clube no torneio, pois, apesar da euforia proporcionada pelo empate contra o Coritiba, a melhor equipe de toda a disputa, resultado que garantiria ao ACP a terceira colocação no momento, na rodada seguinte a equipe foi derrotada por 4 a 1 pelo Corinthians Paranaense e enfrentou diversos conflitos com a imprensa local, membros da administração e da comissão técnica e torcedores do clube.

Para um detalhamento da situação dos atletas após a partida contra o Coritiba, incorporo excepcionalmente nesta passagem elementos de uma narrativa na primeira pessoa. Após o apito final do jogo, os atletas se trocaram no vestiário e saíram pelo principal corredor do estádio para dar entrevistas e receber prêmios pela atuação na partida. Todos estampavam sorrisos no rosto, menos um dos atacantes, que parecia muito abatido e adiantou a sua caminhada solitária para o hotel. Um volante e dois atacantes foram considerados os “melhores em campo” por uma emissora de rádio e receberam algumas premiações (tortas de

uma panificadora e vale-refeição em um restaurante de rodízio. Um deles convidou-me para irmos juntos caminhando até ao hotel. No percurso, ele me disse que um de seus companheiros havia recebido uma visita-surpresa de seu pai naquela noite: “Nossa, mano, se minha mãe tivesse vendo o jogo aqui eu ia chorar, heim”, disse o atleta. Era patente que todos os jogadores estavam muito sensíveis emocionalmente naquela noite.

Os atletas compraram algumas cervejas no bar próximo ao hotel de seu alojamento e reuniram-se na calçada em frente ao lugar para beber e papear. Estiveram presentes nesse primeiro momento somente cinco jogadores, um dos quais não bebia. As primeiras conversas foram reminiscências da partida. Houve falas como: “Pô, que bosta de gol que eles fizeram, heim! Chute de bosta [chute fraco]!”; “Mas o [nome do colega], naquele chute quase na linha de fundo forçou a barra, heim! Eu xinguei ele de tudo quanto é nome na hora! Tem que passar a bola pro companheiro”; “Aquele chute que eu dei, no final do primeiro tempo, eu não devia ter feito aquilo, devia ter batido de bate-pronto, porque eu não chuto daquele jeito”; “O [nome do companheiro] tava entregando a bola na mão do goleiro nas cobranças de falta, tem que chegar nele e falar: ‘Peraí, deixa outro bater também, né’”; “Aquele zagueiro deles é um monstro! Parece uma parede o cara! E nosso time tá bom pra caraio velho!”. Enquanto conversavam, perguntei-lhes se haviam percebido o momento em que a torcida derrubou uma parte do alambrado e a polícia teve que ir até o local e dispersá-los. Todos me responderam que não tinham visto nada, o que indica a atenção que prestavam à partida em campo, em que pouco notavam além da movimentação da bola e dos adversários.

Uma reclamação comum entre os jogadores referiu-se à maneira como a equipe estava jogando. Um dos atletas reclamou que ninguém “pifa”⁷⁰ no time, e que daquele jeito os atacantes não conseguiriam fazer gols. Outro atleta falou que os volantes estavam fazendo isto na equipe, mas os alas e o outro atacante não estavam. Estas falas demonstram uma dificuldade da equipe em atingir um dos objetivos táticos em campo: construir jogadas ofensivas pela faixa central do gramado⁷¹.

Um dos atletas participantes na reunião mostrava-se o mais chateado com o comportamento da torcida, que com veemência pedia a saída dele nos jogos. Ele reclamou para mim que havia jogado contundido durante o campeonato e que não deveria ter saído da partida: “Tava com dois homens a menos no time deles! É foda, cara! Se eu não faço gol numa partida dessas, posso ir embora”, disse, irritado. Ele falou sobre as cobranças vindas da

⁷⁰ A expressão “pifar” significa passar a bola a outro atleta em condições de realizar um chute ao gol.

⁷¹ Análises das *performances* da equipe, que englobam as formas táticas da equipe, estão disponibilizadas na seção 5.

torcida: “torcedor que faz isso é um bando de frustrado, que não sabe chutar uma bola e fica metendo o pau na gente por causa disto”. O atleta reclamou da maneira como os comentaristas das rádios estavam analisando a partida: “Comentarista de rádio daqui também é foda, os caras tão narrando partida pra mais de mil pessoas, só no estádio, e não entendem nada de posicionamento, nada de sistema tático, aí queima o cara na hora do jogo e no que que você acha que dá?”. Outro atleta solidarizou-se com as palavras do atacante, concordando com ele e dizendo: “Isto só acontece com centroavante, com homem gol”.

Uns atletas que saíram para comer lanche e não estavam presentes no início chegaram algum tempo depois. Foram oito atletas que se uniram aos que já estavam no local, um deles acompanhado pelo pai. Todos os que vieram até a calçada e que haviam sido escalados para a partida estavam munidos de bolsas de gelo, *sprays* e pomadas para dores e torções. Um deles estava com uma bolsa tão grande na perna que foi motivo de gozação por parte dos colegas. Outros dois reclamaram que estavam com fortes câibras nas duas pernas e com dificuldade para se levantar e caminhar.

O assunto referente aos torcedores retornou com a chegada dos demais. Primeiro alguns reuniram dinheiro para comprar mais cerveja (com a exceção de quatro deles, que trouxeram seus próprios refrigerantes). Em seguida, foi dito por um deles: “Tava difícil jogar neste campo” – aludindo ao fato de jogar diante de seus torcedores –, e recebeu o complemento de outro: “Tava mesmo, por causa da grama alta do lado direito”. O atleta que reiniciou a conversa explicou que não se referia ao gramado, e sim, à torcida. O atleta que lhe respondeu, o qual tinha outra concepção e não criticava as atitudes dos torcedores acepeanos, ficou reticente perante a crítica do colega. Isso demonstra que, apesar da crítica da maioria à torcida, havia também vozes dissonantes que não viam problemas no relacionamento com os torcedores.

Ocorreram também conversas sobre a administração do clube e suas pendências em relação aos atletas. Perguntei-lhes sobre o pagamento dos “bichos” que lhes haviam sido prometidos pelos bons resultados e eles responderam com rispidez: “qual bicho você quer? Iiiih cara, tem um monte pra acertar... E bicho ainda não é nada”, disse um deles. Outro atleta disse que havia atraso no pagamento dos salários: “A gente tá muito mansinho com eles! Começou com esse negócio aí [atraso], agora temos que começar a forçar as coisas lá pra eles pagarem logo, pô! Todo mundo aqui precisa de dinheiro, a gente tem família, tem compromisso”, disse um dos jogadores em alto tom de voz.

Outros atores organizacionais foram alvo de críticas dos atletas. Os jogadores fizeram críticas ao presidente do clube, dizendo que ele deveria ter uma posição de maior

preeminência na administração do clube. Reclamavam que o gerente de futebol é quem detém todos os poderes no clube e que ele não ajuda os atletas: “Outro dia a gente fez uma pipoca aqui e falamos assim que o [nome do dirigente] tinha mandado um refri aqui pra gente passar a tarde, ninguém acreditou na minha brincadeira, até parece. Não, aqui é só cobrança em cima de nós”, disse um atleta. Outro funcionário do clube criticado foi o mordomo do clube, que, segundo eles, omitira várias vezes que havia água para eles se hidratarem em treinamentos: “A gente morrendo de sede, de cansaço lá e o cara falou que não tinha só pra não repor a caixa térmica”, falou com uma expressão de raiva e desgosto.

Resolvi ir embora perto das três horas da madrugada. Naquela hora, duas mulheres haviam chegado ao local, sentando-se ao lado de dois atletas. A maioria dos atletas continuava no local mantendo conversas agradáveis, que oscilavam entre a alegria pelos bons resultados dentro de campo, piadas e observações técnicas sobre o modo de jogar futebol e crítica à administração do ACP, à imprensa e aos torcedores. Avisei aos companheiros de noite que iria embora e eles fizeram uma piadinha antes de minha ida: “Cara, pelo horário que você tá indo, quando você chegar em casa sua rescisão vai tá batida”. Alguns atletas diziam isso em brincadeira, numa metáfora relativa às relações de trabalho e familiares.

As informações e opiniões dos atletas contrastam com as declarações públicas do gerente de futebol referentes ao pagamento de salários e ao seu modo “bem-sucedido” de administrar o grupo de atletas. No tocante ao pagamento de salários, na semana posterior à partida entre o ACP e o Coritiba, o repórter de uma rádio fez uma breve entrevista com o gerente de futebol para saber sobre possíveis pendências no pagamento aos atletas. O gerente disse-lhe que todas as pendências com os atletas estavam pagas e somente um “bicho” não havia sido pago, o referente à vitória contra o Toledo.

A outra contradição corresponde a uma matéria veiculada pelo Diário do Noroeste uma semana antes da partida contra o Coritiba. A reportagem tinha como título “União e disciplina ajudam no sucesso do ACP”, e nela constam os casos de indisciplina ocorridos no ano (o principal deles foi o que culminou na dispensa dos dois atletas no início do ano) e o modo como o gerente de futebol compreende o relacionamento entre os atletas e os seus compromissos coletivos: “Nós cobramos disciplina dos jogadores, mas cada um tem sua vida particular. Jogador não é objeto, é ser humano, cada um faz o que quiser. Logicamente que são profissionais e a profissão de jogador exige cuidados”. Mais adiante, o diretor disse que os atletas que haviam permanecido no grupo tinham conduta exemplar, que enaltece os feitos dos jogadores: “Aqui não tem problema, eu mesmo dei parabéns pessoalmente aos atletas pela

conduta de cada um. Os jogadores estão unidos e querem fazer um bom trabalho”, disse o profissional.

Contradição entre os dois discursos à parte, na realidade pode-se afirmar que ambas as afirmações ocorriam, tanto a atenção do dirigente dispensada aos atletas quanto as cobranças para que os atletas alcançassem resultados positivos em campo. Não obstante as declarações do dirigente, ocorria, sim, um atraso salarial, que algum tempo depois culminou em conflitos mais acres entre a diretoria e os jogadores.

Após o empate conquistado contra o Coritiba, o ACP passou a se concentrar no jogo com o Corinthians Paranaense, que se realizaria em Curitiba. No dia seguinte ao empate com o Coritiba, os atletas acordaram tarde e em seguida tomaram um ônibus até a capital do Estado. Pode-se dizer que o elenco acepeano teve menos de três dias de folga entre os dois jogos e não houve tempo para fazer um tratamento de recuperação muscular na piscina. Cumpre ainda considerar o tempo de viagem a Curitiba, que ocorreu nesse curto espaço de tempo.

Apesar de todas as dificuldades temporais e espaciais que incidiam sobre o ACP naquela circunstância, ainda assim a imprensa local não deixava de lado a euforia por o Vermelhinho estar na terceira posição e ter feito uma brilhante partida. Somava-se a estes aspectos o fato de o ACP ter o retorno do seu artilheiro no campeonato até ali. O Diário do Noroeste noticiou que os jogadores do ACP falavam em buscar a vitória em Curitiba: “Temos de quebrar o ritmo do adversário e tentar vencer [o Corinthians Paranaense]”, era a frase de um dos atletas.

Certamente a partida contra o Corinthians Paranaense era muito aguardada, e não só por suas possíveis implicações “boas”, mas também pela fragilidade que uma derrota poderia impor ao ACP em sua classificação no torneio. Neste ponto, membros da imprensa e funcionários do clube concordavam: “Se vencer, o ACP consolida seu potencial e se credencia de vez a uma vaga no octogonal. Se perder [...] o time perderá posições na classificação e depois terá pela frente o Operário, apesar deste jogo ser em casa”, escreveu o jornal local. Os administradores do clube sabiam que este estava entre a zona de classificação e o risco de rebaixamento. O presidente do clube havia dito ao final da partida contra o Coritiba que faltariam somente três pontos (uma vitória) para que a equipe escapasse do risco de rebaixamento. Tinha-se calculado o limite do clube no campeonato.

Depois de oito horas de viagem, tempo durante o qual todos os jogadores dormiram, a delegação chegou a Curitiba ainda com reclamações dos atletas de dores musculares. Em campo a apresentação foi um fiasco, o Corinthians Paranaense fez três a zero somente no

primeiro tempo. Diante desse resultado, na volta do intervalo o treinador acepeano fez três substituições de uma vez. A equipe conseguiu melhorar a marcação e o toque de bola somente na segunda etapa, mas não foi o suficiente para reverter o placar, que se encerrou em 4 a 1 para os curitibanos. O ACP caiu para a oitava colocação no campeonato após esta derrota.

A imprensa esportiva posicionou-se criticamente ante o resultado. Entre os membros de uma rádio, reclamava-se que a equipe “não foi aquela que a gente elogiou ao longo do campeonato”. Em outra emissora, um narrador foi além e disse: “Alguma coisa deu errado nesse time, porque o time viajou bem, dormiu bem”. Para o Diário do Noroeste, as críticas à equipe partiram de termos como “abaixo da crítica”, “sapato alto”, “O ACP foi uma vergonha em campo”. Os jogadores também relataram, ao término do jogo, que a equipe havia jogado mal e fizeram comparações com outras equipes que haviam sido derrotadas por goleada pouco tempo antes. Um deles comparou a situação do ACP à goleada sofrida pelo Botafogo contra o Vasco por 6 a 2⁷². Sabia-se também dos problemas acarretados pela derrota: “Agora, o ACP está no meio de duas cruzadas - ainda com boas chances de classificação entre os oito, porém, está apenas três pontos da zona de rebaixamento”, expressava o DN em sua reportagem.

O retorno da equipe a Paranaíba atraiu todos os pontos de interrogação que permeavam as mentes da imprensa local. Todos queriam respostas para a má atuação em Curitiba, e começaram os questionamentos aos membros da comissão técnica.

O preparador físico fez questão de ser o primeiro inquirido a respeito do resultado. Sua explicação baseou-se em argumentos científicos que remeteram ao excesso de *lactato sanguíneo* no corpo dos atletas. O “professor” disse que os jogadores tiveram problemas musculares por conta do excesso de esforço físico despendido na partida com o Coritiba: “[...] o nosso corpo produz um ácido que é uma espécie de lixo do organismo, e ele é eliminado pelas fezes, pela urina, e ele esse lactato fica nos músculos, e ele vai se manifestar entre 48 e 72 horas causando desconforto no atleta”. A explicação do profissional foi coesa e simples, contudo houve outros questionamentos sobre a equipe: “Eu até entendo o que disse o preparador, é lógico, ele tem as suas razões, mas o que a gente viu em campo foi uma equipe andando em campo, um apagão”, dizia um incrédulo comentarista.

Os problemas causados pelo excesso de ácido láctico foram pequenos em relação ao que o treinador resolveu estabelecer, com apoio da diretoria de futebol, para que a equipe fosse “preservada”. No dia do retorno dos atletas aos trabalhos no clube, um dos jogadores foi

⁷² Na verdade, o Botafogo perdeu por 6 a 0 contra o Vasco no dia vinte e quatro de janeiro de 2010. Era uma partida válida pelo campeonato carioca e constituiu-se como o maior “vexame” da equipe no ano. Depois do resultado negativo, o Botafogo recuperou-se no campeonato estadual – sagrando-se campeão de 2010 – e terminou o Campeonato Brasileiro de 2010 como o sexto colocado.

procurado para falar ao jornal e às rádios sobre o que ocorrera na derrota de Curitiba e se negou, alegando ordens superiores de que eles não falassem à imprensa. Os jornalistas procuraram o gerente de futebol e o treinador para entenderem o porquê da proibição. O primeiro disse que era para evitar que os atletas dessem declarações que despertassem mais críticas; o segundo falou que serviria para que os atletas ficassem mais concentrados para a próxima partida. Além das desencontradas informações, falava-se nos corredores do clube que a imprensa havia feito críticas desmedidas à equipe goleada em Curitiba.

Havia pessoas contrariadas no clube e na imprensa devido à proibição de entrevistas dos jogadores e às suas repercussões. No dia seguinte à proibição, corria nos órgãos de imprensa que a comissão técnica havia colocado uma “mordança” nos atletas. Tal afirmação gerou mal-estar entre alguns diretores do ACP: “Eh imprensa, todo ano eles soltam uma destas. É só não dar entrevistas pra focar na próxima partida e não ‘mordança’, parece que calamos a boca dos jogadores!”, disse um dos contrariados. A imprensa também tinha os seus, com um radialista vociferando por conta do fato:

Nós não dependemos de entrevista de diretor, de treinador ou de jogador. Nós temos oitenta mil habitantes em Paranavaí, a diretoria, os jogadores vão passar e o ACP não [...] a gente tá aqui defendendo o clube, que é da nossa população, o negócio é que o time não jogou nada contra o Corinthians.

Para a comissão técnica⁷³ e o gerente de futebol, toda a situação parecia tranquila e tinha unicamente o caráter de isolar os atletas de possíveis entrevistas embaraçosas. Era levado em conta que eles haviam estabelecido uma “blindagem” aos atletas para que tivessem todas as atenções voltadas para a próxima partida. O preparador físico foi quem explicou aos atletas a forma como eles deveriam se “blindar” para a próxima partida: “Olha só, você vai chegar no jornalista e vai dizer que, por um blindagem da comissão técnica vocês não falarão com eles e que toda e qualquer dúvida referente à equipe deve ser feita à comissão técnica. É só falar isto”. O objetivo era centralizar qualquer crítica na comissão técnica, para que os jogadores ficassem inteiramente concentrados para a partida. Sobre as críticas, o gerente de futebol explicitou ao jornal quais eram os problemas em relação aos jogadores: “Críticas existem, e no futebol isso é normal. Só não aceito ofensa, crítica pessoal [...]. Falaram que os jogadores foram para a noite, isso é problema deles, o que me importa é o desempenho dentro do campo”. Percebe-se que havia o temor de que questionamentos sobre o encontro para

⁷³ Ressalta-se aqui que o treinador era o único que estava nervoso com tudo o que vinha acontecendo. Ele chegou a confidenciar que alguns membros da imprensa local faziam o possível para tirar-lhe do cargo: “olha, eu tô pela quinta vez aqui e vejo que tem umas estrela da imprensa que gosta de me critica, tudo pra chamar a atenção. Eu tô pela quinta vez aqui e toda vez é assim, mas eles quebra a cara porque eu consigo o resultado sempre”, disse o treinador.

tomar cerveja em frente ao hotel após o jogo com o Coritiba se transformassem em um conflito envolvendo imprensa e jogadores.

Os esforços de “blindagem” foram elaborados pela comissão técnica e “abençoados” pela diretoria do clube, com o intuito de dar aos jogadores tranquilidade e, conseqüentemente, competitividade para a partida considerada “de seis pontos”⁷⁴ para o Vermelhinho. No setor administrativo do clube e em outras instâncias, quase todas as atividades tinham como finalidade que a equipe tivesse a melhor preparação para o jogo.

Todos os esforços se concentraram no jogo, tanto os da secretaria como os da comissão técnica e até os da imprensa radiofônica. O preparador físico e o secretário fizeram uma detalhada planilha com todos os atletas e os cartões (amarelos e vermelhos) que haviam recebido até aquela rodada do campeonato, tendo em vista detalhar todos os atletas que estavam sujeitos a suspensão por receber três cartões amarelos. Os treinamentos foram intensificados após uma conversa entre o treinador, o preparador físico e o gerente de futebol. Este última exigia do treinador acepeano maior frequência dos treinamentos: “Pergunta se ele vai dar coletivo mesmo ou se já mudou de ideia em cima da hora, e vai trabalhar outra coisa. Porque aí a gente procura outro lugar pra treinar”, falou o gerente num misto de brincadeira e cobrança ao treinador. Nas rádios, todos os jornalistas das emissoras locais apelavam para que a torcida fosse ao estádio apoiar o ACP e “passasse uma borracha” (termo comumente utilizado) sobre o resultado negativo na última rodada.

Mesmo com a grande dedicação de alguns setores ao trabalho de preparação para a partida com o Operário, o momento de agitação do clube revelou que alguns atores organizacionais ainda eram deixados em segundo plano nas tomadas de decisão. Certa vez o treino foi transferido para outro local e seria necessário o ônibus da Fespar para levar os atletas. Como o veículo estava em uso naquele momento, o início das atividades atrasou em uma hora o horário de praxe. Esta mudança não foi comunicada aos jogadores, o que causou muita reclamação por parte deles: “Nem pra ligar pra gente, e se eu chegar atrasado uma hora no treino, dá na mesma?” - disse um atleta em tom de brincadeira, mas cercado de outros atletas furiosos com o fato.

Tensão envolvendo torcedores e funcionários do clube, além dos atletas, não havia acontecido no campeonato até aquela derrota para o Corinthians; mas no dia anterior à partida contra o Operário (28/02) houve um problema em uma barbearia envolvendo o gerente de futebol e um descontente torcedor. O profissional em questão chegou ao clube fumando um

⁷⁴ Uma partida “de seis pontos” corresponde a um jogo entre duas equipes que disputam diretamente entre si alguma posição em um campeonato.

cigarro e demonstrando irritação. Quando o secretário passou por ele na secretaria, ele aproveitou para desabafar diante do colega. Disse que estava cortando o cabelo e que um “folgado” começara a discutir com ele sobre a última derrota do time e ele respondera ao torcedor, com irritação:

Meu amigo, cê vai lá no estádio hoje então e conversa com os jogadores! Se tá achando ruim que a gente cuida dos atletas pra coisa ficá mais tranquila, então vai lá e conversa com eles! É muito desrespeito, muito desaforo com a gente. Eu não posso sair de casa que chegam pra me encher! Não gosto nem de sair de casa por causa disso.

A partida contra o Operário Ferroviário Esporte Clube aconteceu no último dia de fevereiro de 2010. O time do ACP entrou em campo demonstrando tensão dos seus jogadores (demasiadamente nervosos). A maior preocupação das equipes foi se defender, e isto fez com que o primeiro tempo terminasse em 0 a 0. Na segunda etapa do jogo o treinador pôs um meia ofensivo que estivera contundido desde a segunda partida amistosa, e a equipe passou a ter mais jogadores no ataque. A torcida vaiava o treinador, até que aos trinta e dois minutos um atacante cruzou aberto pelo lado direito do campo e Tiago fez um gol de cabeça que garantiu a vitória do Vermelhinho. No momento da comemoração do gol, dois gestos foram interessantes: Tiago correu até uma das linhas laterais do campo, ajoelhou-se, ergueu as mãos ao céu e proferiu várias palavras com uma expressão enrugada no rosto; o treinador acepeano correu em direção à arquibancada com cadeiras, esticou o braço direito e bateu várias vezes com a mão esquerda sobre o braço estendido. A partida terminou e o ACP estava novamente bem posicionado no campeonato, contando com dezessete pontos ganhos e fixando-se em quarto lugar.

Duas conclusões semelhantes foram externadas com o término do jogo. Logo após a partida, o presidente do ACP disse que não se corria mais o risco de rebaixamento e que haveria maior tranquilidade para a condução do clube no prosseguimento do campeonato. Outro que comentou sobre o evento do dia foi o preparador físico. Este disse, com maior carga emocional que o primeiro, que aquele resultado o aliviava por não se correr mais o risco de rebaixamento: “Agora eu posso acreditar muito na nossa classificação!”. É possível perceber que são duas apreciações semelhantes sobre o resultado da partida e da superação do risco de rebaixamento, mas parecem apontar para objetivos diferentes: a do primeiro deixa transparecer relaxamento, enquanto a do segundo indica que se iria trabalhar ainda mais para a ascensão da equipe. Esta é a contradição fundamental do ACP no restante do campeonato.

4.4 A derrocada.

O período referente aos três últimos jogos do ACP na primeira fase e às sete apresentações do Vermelhinho na segunda fase corresponde à fase de declínio dos resultados da equipe no campeonato, de distanciamento entre os objetivos da comissão técnica e os do presidente do clube e de intensificação dos conflitos entre a direção e os atletas do ACP.

Nas dez partidas do ACP em questão, houve seis derrotas, dois empates e duas vitórias. Destas dez, somente três foram jogadas em Paranaíba, enquanto as restantes realizaram-se em Cascavel, Curitiba, Ponta Grossa e Irati. A equipe marcou onze gols e sofreu o dobro disto, com vinte e dois gols anotados contra a meta do ACP (médias por partida de 1,1 gol pró e 2,2 contra), dados que indicam quanto foi ruim o rendimento da equipe nesse período, tendo o ACP terminado o campeonato em sexto lugar.

O ACP havia garantido a sua manutenção na primeira divisão do campeonato de 2011. Esta certeza foi baseada na pontuação do último colocado acima da zona de rebaixamento no campeonato de 2009 (este foi o Engenheiro, que tinha dezesseis pontos). Mesmo com a referida “conquista”, o Vermelhinho teria mais duas partidas válidas pela primeira fase e precisava de pontos para alcançar a classificação para a segunda fase do torneio de 2010.

Na semana que se sucedeu à vitória contra o Operário, uma polêmica envolvendo o treinador do ACP repercutiu nos meios de comunicação. Questionava-se o gesto por ele feito em frente à torcida, no momento da comemoração do gol da vitória. O DN escreveu na reportagem referente ao jogo que o treinador havia feito gestos à torcida em resposta às vaias que estava recebendo por uma substituição. Comentou-se fora do jornal que o treinador havia feito um sinal ofensivo conhecido como “dar uma banana” e que os torcedores não haviam gostado da atitude dele. Esta matéria deixou o treinador tão irritado que ele não quis dar entrevistas ao jornal após a publicação da reportagem. Um repórter interpelou o treinador sobre o fato e perguntou se ele não gostaria de esclarecer publicamente o ocorrido. Assim, o treinador explicou que estendera o braço esquerdo e bateu sobre ele com a mão direita, num gesto que significa que ele tem “sangue nas veias” e foi audacioso ao fazer aquela substituição.

Ilustração 10, treinador e o seu gesto controverso. [créditos: Diário do Noroeste]



No meio administrativo do clube, notou-se um relaxamento por parte dos funcionários após o resultado, tanto que o principal assunto naquela semana foram pescarias e suas técnicas. As cenas daquele cotidiano incluíam momentos em que alguns funcionários descansavam deitados em um dos sofás do clube, transmitindo a sensação de dever cumprido.

A partida subsequente foi contra o Cascavel Clube Recreativo e o elenco acepeano foi jogar na cidade do clube mandante. A partida se deu no dia sete de março e foi transmitida pela televisão. O ACP chegou ao jogo com desfalques na equipe titular, com um ala esquerdo e um volante suspensos e o outro volante contundido. No jogo, o ACP sofreu três gols nos quinze primeiros minutos e teve dificuldades de marcação no restante do primeiro tempo. Ao chegar o segundo tempo a equipe voltou mais coesa, mas sofreu o quarto gol e conseguiu reverter o resultado em parte (fazendo três gols na continuação do jogo). A partida terminou em 4 a 3 para o Cascavel e o ACP foi novamente criticado por ter produzido um “apagão” em suas ações no início do jogo. Sua colocação ao término da rodada era o quinto lugar na classificação do campeonato.

O retorno da equipe foi cercado de críticas por parte da imprensa e do diretor de futebol. Nas rádios, comentaristas reclamavam que a equipe estava muito ofensiva e que deveria jogar defensivamente quando acontecessem partidas fora de Paranavaí. O importante seria “o resultado”, diziam os analistas. Enquanto isso, o gerente de futebol declarou ao DN que a equipe estava jogando constantemente com a “água batendo no nariz” e que a explicação tática era que a equipe “marcou muito longe e deu espaço demais” para o Cascavel atacar. Ele ressaltou que o objetivo era se classificar entre os quatro primeiros colocados no campeonato.

Entre os atletas aquele era um momento crítico, por causa dos salários atrasados. Quando se iniciaram os treinamentos para a partida posterior – contra o Cianorte Esporte Clube, em Paranavaí – eles se reuniram numa espécie de motim perto do vestiário da equipe e resolveram que deveria haver uma conversa com a diretoria do clube sobre a situação: “Ah, assim não dá! Pagamento atrasado deste jeito e com jogo importante vindo por aí! Vamo dá uma parada aí pra vê se os caras não pagam!” - disse um dos descontentes. A ameaça inicial era de que haveria uma paralisação nos treinamentos enquanto não fossem quitados os débitos com os atletas, e o gerente de futebol foi negociar com os jogadores no vestiário. Foi veiculado pelo Diário que o pagamento seria feito em seguida, dois dias antes da partida contra o Cianorte, e que havia um déficit grande nas contas do ACP. A baixa arrecadação com venda de ingressos foi a causa explicitada pela diretoria para o estado financeiro do clube.

O jogo contra o Cianorte foi tratado pela comissão técnica como primordial para que se conquistasse a classificação para a segunda fase do campeonato. O treinador da equipe demonstrava nervosismo e ansiedade nos trabalhos com o grupo, reiterando que não estava no ACP para cair e que o seu histórico no Vermelhinho era “de respeito” (assim falava entre os seus colegas no clube). Ele também projetava (nos bastidores, não falando ao público) que as duas primeiras posições não era possível ocupar na primeira fase do campeonato, mas via possibilidade de ficar melhor colocado do que o quinto lugar ocupado naquele momento. Para tanto, o treinador acepeano programou os treinamentos de uma maneira inversa ao que vinha fazendo, no intuito de enganar possíveis “espões” vindos a mando da equipe cianortense.

A partida em si ocorreu na data de aniversário de sessenta e quatro anos do clube e teve uma promoção especial elaborada pela diretoria, com a conivência da FPF por conta da efeméride. O ACP teve de novo muitos atletas indisponíveis. O jogo teve um caráter emocional forte, pois as duas equipes disputavam diretamente a classificação para a segunda fase. O time Vermelhinho não conseguiu sobrepor-se inicialmente ao Cianorte e perdia por 1 a 0 no primeiro tempo. Conscientes da necessidade de vencer a partida, o ACP partiu para o ataque e conseguiu empatar a partida na metade da segunda etapa – em gol de um dos zagueiros – e fazer o gol da vitória somente aos quarenta e sete minutos. Com o término da partida, representantes do Cianorte acusaram o ACP de ter “combinado o jogo” com os árbitros e tentaram inferiorizar o clube (“Nós temos mais dinheiro que vocês”, falavam os cianortenses). Nada disto diminuiu a empolgação depois do jogo, com manifestações do diretor de futebol no sentido de que o ACP iria a Curitiba na próxima rodada para disputar o segundo lugar com o Atlético Paranaense.

Passado o jogo contra o Cianorte, pensava-se no meio administrativo que o ACP teria tranquilidade para o seguimento do certame. O diretor de finanças do clube dizia que estava “tudo tranquilo” e que o único problema no clube era o baixo índice de público nas partidas. Não obstante, mais uma situação de conflito emergiria: o médico do clube pediu demissão, alegando publicamente que seus salários estavam em atraso. Nos bastidores da organização dizia-se que o “doutor” (maneira como ele era nomeado rotineiramente) estava cansado de cumprir tarefas que excediam às suas obrigações enquanto médico do clube – entre elas atender os familiares dos atletas e servir ao clube custeando algumas despesas. O Diário do Noroeste consultou somente o presidente do clube sobre a situação do médico, e aquele disse que o profissional estava com um mês de salário em atraso e que isto se acertaria ainda naquela semana.

Para a partida contra o Clube Atlético Paranaense, em Curitiba, o treinador do ACP escalou uma equipe que jogaria defensivamente. O ala esquerdo da equipe disse que o ACP jogaria “fechadinho” e que se dedicaria aos contra-ataques para vencer o Atlético. A aspiração por um bom resultado em Curitiba levava em conta que o ACP precisar de pontos para classificar-se entre os primeiros colocados e que, sem pontuar na partida em Curitiba, o Vermelhinho dependeria de resultados de outros jogos para ter a classificação pretendida. O almejo da equipe não se realizou: o ACP perdeu por quatro a zero e caiu da quarta para a sexta colocação na classificação final da primeira fase. A disputa da segunda fase seria árdua para o clube, com cinco partidas fora e duas no estádio WW.

Com o término da primeira fase entre derrota e atraso de salários, ressuscitaram pelas vozes do gerente de futebol e da imprensa local as polêmicas referentes ao “supermando” e à Federação Paranaense de Futebol. Um radialista local dizia que os arbitrais dos campeonatos eram feitos sempre para o “trio de ferro” (Coritiba, Atlético e Paraná Clube), que os clubes do Interior deviam se reunir para que não houvesse mais regulamentos como este e que a segunda fase traria prejuízos de quase cem mil reais ao ACP. O diretor de futebol disse que o regulamento com o supermando foi “a pior coisa que já aconteceu no campeonato paranaense”. Tinha-se consciência das dificuldades que viriam com a chegada à segunda fase do campeonato, ao mesmo tempo em que elas serviriam imediatamente para justificar as derrotas da equipe.

Com o advento da segunda fase do campeonato vieram a público diferentes atores expressarem os seus objetivos para o restante da competição. Um meia ofensivo deu uma forte declaração às rádios, dizendo: “Agora começa o campeonato, temos que entrar com tudo”. Outro que vislumbrava novidades foi um volante que disse esperar obter o máximo de

pontuação na última fase. Audacioso, ele afirmou que a equipe somaria sete dos nove pontos disputados nas primeiras partidas. Para o presidente do ACP, os objetivos do clube no campeonato seriam o título de campeão do Interior e as vagas na Copa do Brasil de 2011 e na série D do Campeonato Brasileiro de 2010, já o treinador do time disse que a equipe deveria sonhar alto e buscar o título: “temos de sonhar alto. A vantagem é do Coritiba e do Atlético. Se tivermos bom resultado em Irati temos, sim, condições de brigar pelo título”.

A diretoria acepeana esclareceu que enfrentaria dificuldades para cumprir com seus planos, tanto que antes da primeira partida da segunda fase o gerente de futebol disse que seria preciso um apoio financeiro para cobrir as despesas de viagens do clube. Os auxílios foram pedidos a empresários locais e a figuras conhecidas na política estadual. O diretor de futebol fez questão de publicar uma nota de agradecimento a um dos secretários da prefeitura de Curitiba no site oficial do clube, pois o secretário havia ajudado a cobrir as despesas do ACP em uma estadia naquela cidade. Também foi publicada uma matéria no Diário no intuito de atrair mais colaborações, em que se destacou a colaboração do referido político e ressaltou-se que mais despesas recairiam sobre o clube no andamento do campeonato.

À espera de contribuições o ACP iniciou uma sequência de três partidas a serem disputadas em Curitiba e na cidade de Irati, em partida disputada nesta última cidade citada que era o primeiro desafio pelo octogonal final. O primeiro jogo teve de novo uma equipe fortemente pautada na marcação, tendo como destaques acepeanos o goleiro e um dos volantes, este chamado pela imprensa local de “o valente” (pelo vigor físico apresentado nas disputas de bola). O resultado da partida foi 0 a 0 e serviu para animar os cronistas que a acompanharam. Disseram que a equipe estava muito empenhada e que, atuando daquele modo, seria possível conquistar mais pontos. O Vermelhinho terminou aquela rodada na quarta colocação, posição que, se fosse mantida, lhe garantiria uma vaga na série D do Campeonato Brasileiro de 2010.

A segunda partida da segunda fase ocorreu contra o Paraná Clube, em Curitiba. O treinador do ACP quase repetiu a escalação que fora a campo contra o Iraty, alterando somente um jogador dentre os titulares. O time de Paranavaí entrou em campo convicto de que deveria atuar defensivamente, mas mesmo assim o Paraná Clube fez 3 a 0 no primeiro tempo e manteve a supremacia no restante do jogo, que terminou em 4 a 1. O ACP ainda se manteve por mais uma rodada na zona de classificação para a série D, posicionado na quinta colocação.

O duelo diante do Coritiba constituiu-se como parte da terceira rodada do octogonal. Novamente o ACP sofreu vários gols nos minutos iniciais (aos dez minutos de partida já

perdia por 2 a 0) e reagiu somente no último minuto do primeiro tempo, com um gol de seu ala direito. No segundo tempo o Vermelhinho disputou a equidade da partida até os minutos finais, mas a equipe do Coritiba fez dois gols nos últimos minutos e encerrou o jogo com o ACP sofrendo mais uma “goleada” por 4 a 1, resultado após o qual o Vermelhinho caiu para a sétima colocação.

Depois das duas partidas na capital, as rugas entre a imprensa e o ACP retornaram. A primeira foi criada pela imprensa: o jornal Diário do Noroeste publicou uma reportagem sobre um dos goleiros do ACP e o fato de ele ter sofrido o mesmo número de gols que o antigo titular, apesar de ter jogado menos partidas que o outro. A análise do jornal foi vista como irreal por membros da comissão técnica, que defenderam o goleiro titular naquele momento, argumentando que “cada jogo é uma história” e que aquele tipo de comparação só prejudicava a equipe. A segunda polêmica foi por conta do gerente de futebol. O acepeano disse que os seus jogadores tinham um “QI meio baixo” e lamentou o fato de só poder contratar este tipo de atletas para o seu clube. Um jornalista londrinense, que é ex-atleta profissional, criticou a atitude do dirigente de depreciar os atletas da própria equipe: “criticar a postura do time é aceitável, mas dizer que os jogadores têm QI baixo é coisa de dirigente incompetente”, escreveu em um pequeno texto intitulado “Burro é você!”.

Com o retorno do elenco a Paranavaí, a primeira medida tomada pela diretoria foi dispensar quatro jogadores. Eles tiveram seus contratos rescindidos, sob a alegação de era preciso conter despesas na folha salarial do clube. Com exceção de um deles, todos eram jogadores reservas e tiveram como fatídicos destinos a aposentadoria ou uma pequena equipe que disputou a divisão de acesso do Campeonato Paranaense de 2010.

Chamou a atenção de todos no clube o fato de um atleta titulas estar entre os nomes dispensados. O volante aceitou a dispensa enquanto estava contundido, com uma lesão pela qual ficou de fora das partidas acontecidas desde a derrota para o Cascavel, pela décima primeira rodada do campeonato. O atleta reclamava de dores até a chegada à segunda fase do campeonato, enquanto a equipe titular sentia a ausência do jogador e declinava na competição. O treinador do ACP aguardava a melhora do atleta para escalá-lo, mas ele continuava reclamando de dores e não podia jogar. Com o rompimento do contrato com o atleta, estranhava-se que este estivesse saindo do clube ainda lesionado – algo que preocupou os dirigentes da equipe, que temiam serem acionados na justiça pelo trabalhador. Tempos depois, pessoas ligadas ao Arapongas Esporte Clube (que disputou a divisão de acesso do Paranaense 2010) comentaram com o treinador sobre a vitalidade com que o atleta que saíra do ACP estava treinando em seu novo clube. O treinador acepeano ficou irritado com o fato,

considerando que o volante mentira em relação às suas dores e abandonara a equipe no seu momento de maior dificuldade no campeonato.

O ACP prosseguiu no certame em meio a um acirramento de descontentamentos, que afloravam de conversas corriqueiras entre os jogadores, em relação à organização e ao que consideravam como “estrutura” do clube. Um atleta comentava entre os seus pares, após o estafante retorno de Curitiba, que estava utilizando o clube simplesmente como um “trampolim” para conseguir jogar em melhores equipes no futuro. O referido atleta argumentava que a carência estrutural do clube impedia a vinda de resultados positivos no campeonato:

Tudo sai de uma estrutura, se a gente não tem essa estrutura aqui, fica difícil conseguir coisa melhor, a gente deveria ter condições mínimas de atleta profissional com suplemento pra toma, com comida melhor, não tem e a gente faz o que pode. Vê só como que a gente saiu prejudicado pra partida lá em Curitiba, não tem jeito, a gente veio correndo pra cá e depois pegamos estrada de novo, e não temos a preparação mínima pra aguentar isso.

Outro atleta foi mais ácido em seu comentário sobre o clube, ao dizer que estava “ganhando massa” desde que começara a atuar pelo ACP: “Jogo baralho e videogame o dia inteiro e como um monte de arroz e feijão, todo dia. Aliado a academia que a gente não faz acaba que cria massa, a gente fica mais gordo”, falou sarcasticamente.

De todas as opiniões e questionamentos sobre o clube, os que mais demonstravam o momento de tensão entre os jogadores e a diretoria foram os correspondentes à falta de médico, de medicamentos e de fisioterapeuta para os atletas. O diretor de finanças do ACP disse ter havido um “problema com o convênio” entre a clínica de fisioterapia que atendia aos jogadores e o clube. Enquanto não havia atendimento aos atletas, os diretores procuraram, sem sucesso, nas faculdades de Paranaíba, fisioterapeutas ou estagiários para atenderem aos jogadores. Sem os atendimentos de fisioterapia e medicamentos para alguns tratamentos, os atletas revoltavam-se em conversas nos bastidores: “Eu tô precisando fazer a fisioterapia, tô nervoso porque não posso jogar e já levei até um pouco dos problemas daqui pra casa. Fico discutindo com a minha mulher em casa, não sei o que vou fazer se não voltar a jogar”; “os caras abandonaram, abandonaram tudo. Tô há uma semana sem remédio pra minha dor e é só ir lá comprar! Até agora ninguém fez”. Estas foram algumas das expressões de desagrado com relação ao que lhes ocorria no clube.

Num âmbito estritamente ligado à administração do ACP houve problemas na utilização de alguns recursos materiais e no planejamento para as atividades futuras do clube. Quanto ao primeiro termo, nas dependências da secretaria do clube, sabe-se que havia problemas com o único computador da organização (que deixou de funcionar) e que se

precisou recorrer a computadores fora do clube para a realização de alguns afazeres que demandavam esse recurso. Isto inviabilizou trabalhos tanto na administração quanto na comissão técnica.

No que concerne à questão do planejamento para as atividades futuras do clube, discutia-se a possível classificação do clube para a série D do Campeonato Brasileiro de 2010. Este certame se daria no decorrer do ano e exigiria da diretoria do clube uma nova mobilização para a contratação (ou recontração) de jogadores, porque todos os contratos com os atletas cessariam ao término do campeonato paranaense. Aventou-se nos bastidores do clube que não haveria interesse por parte da diretoria em disputar o campeonato (algo que contradizia os discursos públicos do presidente acepeano, que dizia estar interessado em participar daquela disputa no segundo semestre do ano). De fato, as únicas atitudes de planejamento para a possível disputa da série D partiram do treinador do clube - que, além de se esforçar para que os atletas estivessem motivados para o breve restante do campeonato, também iniciava alguns contatos com empresários interessados em inserir os seus jogadores em uma disputa nacional – e do gerente de futebol, que insistiu em “energizar” a equipe para que conseguisse as vitórias necessárias a uma vaga no dito campeonato.

É preciso explicar o motivo pelo qual a diretoria a não se interessava em disputar a chamada “quarta divisão” do Campeonato Brasileiro. O diretor financeiro do ACP considerava um “mau negócio” disputar a série D, por conta de suas altas despesas e da não colaboração da CBF para que as equipes disputassem o campeonato⁷⁵. O presidente do clube se expressou publicamente sobre a contrariedade, porém demorou ou não agiu para sanar os problemas que acometiam a equipe de futebol naquele momento, nem planejou qualquer abordagem administrativa visando à disputa do torneio (caso a vaga se confirmasse).

Envolvido por essa precariedade no atendimento aos atletas, o time do ACP enfrentou o Cascavel em uma de suas duas partidas em Paranavaí. O jogo foi marcado pela explícita dedicação dos jogadores do Vermelhinho na busca pelo resultado positivo. O placar foi aberto no primeiro tempo com um gol de cabeça de um dos atacantes. O empate a favor do Cascavel ocorreu no início do segundo tempo, numa falha da defensiva do ACP, mas o Vermelhinho fez o segundo gol e venceu por 2 a 1 a partida. O resultado recolocou o ACP na zona de classificação para a série D (posicionando-se em quinto lugar) e serviu como uma

⁷⁵ Diferentemente das outras divisões, que recebem contribuições da Confederação a cada partida, seja para o custeio dos transportes ou das taxas de arbitragem das partidas, a Série D do campeonato brasileiro chegou a ser considerada como um “presente de grego” por alguns órgãos de imprensa especializados em esportes, pois, além de os clubes não serem subsidiados em suas despesas, a competição aglomeraria clubes dos quatro cantos do Brasil e demandaria um custo alto aos que se decidissem pela participação.

demonstração de competência da equipe perante a imprensa. Um dos atletas desabafou após a partida dizendo: “O grupo tem objetivos, quer a vaga na Série D, embora tem gente aqui dentro não querendo. Mostramos para a torcida a nossa disposição, nossa garra”

Na outra rodada o ACP partiu para Curitiba para enfrentar o Atlético Paranaense. A partida ocorreu num momento em que esta equipe e o Coritiba disputavam a primeira colocação da segunda fase (o que valeria o título ao final do octogonal). Para o jogo com uma equipe tão bem-colocada, os atletas acepeanos chegaram à partida novamente com uma formação tática fortemente defensiva. A acentuada preocupação com a defesa surtiu efeito somente nos dez primeiros minutos de partida, com o Atlético anotando o gol da vitória (por 1 a 0) aos onze minutos da primeira etapa. Após o gol, a forte marcação do ACP voltou a funcionar, principalmente pela pouca insistência da equipe atleticana em avançar ao ataque. A derrota em Curitiba fez o time acepeano cair para a sétima posição no octogonal.

A partida subsequente ocorreu ante o Operário em Ponta Grossa. Esta foi uma disputa envolvendo a equipe que rivalizava diretamente com o ACP pela vaga na série D. A postura em campo da equipe foi novamente defensiva, com uma escalação voltada para a conquista de um empate como “um bom resultado”, segundo o treinador acepeano. A partida terminou com mais um resultado de 1 a 0 contra o Vermelhinho, que sofreu novamente um gol nos primeiros minutos de jogo – exatamente aos dez do primeiro tempo – e não conseguiu a recuperação no jogo. Depois da consolidação da derrota, o ACP manteve-se na penúltima colocação do octogonal (a sétima posição). Estava à frente apenas do Corinthians Paranaense, que seria o seu próximo e último adversário na campanha do campeonato de 2010.

O crepúsculo acepeano no campeonato correspondeu a um ato radical dos atletas, que interromperam por um dia as suas atividades no clube em defesa do pagamento de seus salários em atraso, e com a última partida do clube no campeonato. Tomo novamente a narrativa em primeira pessoa para definir em detalhes um olhar sobre o acontecimento.

Nos dias que se seguiram à derrota contra o Operário ocorreu o fato de mais três jogadores do ACP desligarem-se do clube por fecharem contrato com outras equipes, o que lhes garantia emprego no restante do ano. Por conta das saídas, o ACP não possuía ao menos um time reserva para treinar com os titulares, tanto que o auxiliar técnico teve que trazer vários adolescentes que treinavam futebol em Paranavaí para completarem a equipe reserva em um treino coletivo.

Uma “greve” no ACP ocorreu dois dias antes da última partida do campeonato. Logo em minha chegada ao estádio cumprimentei o diretor de finanças do clube, que me deu um “boa tarde” em voz baixa e passou por mim caminhando rápido e cabisbaixo. Em seguida,

observei uma feição tensa no rosto do gerente de futebol. Este chamou o outro citado dirigente para uma sala para conversarem e pediu-me desculpas por trancar a porta. Fiquei em um dos sofás e dirigi-me ao quarto dos atletas alojados no estádio. Lá encontrei alguns deles jogando baralho. Perguntei se haveria treino naquele dia e eles responderam-me que não iria haver treino “pra eles” (diretoria) enquanto não forem pagos os salários.

Algum tempo depois, os atletas que estavam alojados no hotel e os que residiam em casas começaram a chegar ao clube. Observei o gerente de futebol passando por um dos atletas e perguntando, com um “sorriso amarelo” e certa vergonha em conversar, se a diretoria de alguma outra equipe o havia procurado para ser contratado. Rapidamente, depois da chegada, os atletas se reuniram em frente da porta da secretaria e fizeram as seguintes falas, em sentido raivoso ou irônico, sobre as suas condições:

“outros foram embora e receberam tudo!? E a gente que fica aqui trabalhando nada!? E na semana passada falaram que ia ser na sexta, chegou sexta e nada, depois falaram que ia ser segunda ou terça, e nada de novo, e estamos na quarta e ainda não deram jeito! Não, vamos pressionar isso aí! ”; “esse negócio de salário tem que ser em dia, certinho, o que combinou, não tem salário certo também a gente não joga!”; “Não tem dinheiro então não disputa campeonato!”.

Ilustração 11, atletas em mobilização. [créditos: Diário do Noroeste]



Um atleta que não estava entre os que conversavam entrou na sala do gerente de futebol e voltou-se para o grupo dizendo: “O presidente tá em Brasília e só quando voltar é que vai poder ver essa situação”. Ele se referia ao presidente do ACP, porém seus colegas deram risadas pelo duplo sentido da frase. Em seguida, o gerente de futebol chamou os atletas para uma conversa em uma das salas.

Um repórter chegou pouco antes e tentava acompanhar a situação, procurando por “furos de reportagem”. Quando o diretor chamou os jogadores para a conversa, ele tentou acompanhá-los e foi barrado pelo dirigente. O repórter queria tirar uma fotografia dos que

povoavam a sala, mas não lhe foi permitido. Notei ainda que durante as conversas na sala fechada o referido repórter tentou ouvir o conteúdo do diálogo escorado ao lado da porta de acesso ao local. Todos que estavam próximos à sala fechada ficaram em silêncio, apreensivos, à espera do desfecho da reunião, enquanto, à frente de todos, o jornalista abaixava-se e levantava-se despidoradamente em busca de uma posição melhor para ouvir o que se passava no interior da sala.

A conversa terminou e a maioria dos atletas foi embora, recusando-se a treinar naquele dia. O capitão da equipe saiu da sala e explicou a situação das negociações: não iriam treinar e esperariam o pagamento dos salários até sábado, dia do último jogo do campeonato. Caso não pagassem, os jogadores não entrariam em campo na última rodada da competição. Enquanto conversava com o atleta, o preparador físico estava na sala digitando uma lista em seu próprio computador (o do clube estava inoperante). O jogador chamou a atenção do preparador físico e reclamou: “A comissão [técnica] deveria estar lá com a gente também, porque isso é do interesse de todos nós! Por que vocês não participaram? Era obrigação de vocês estarem lá”. O membro da comissão técnica respondeu-lhes não lhes fora permitido acompanhar a conversa.

Funcionários e colaboradores do clube continuaram conversando sobre aquela reunião com muitos jogadores em uma sala tão pequena: “Cadê aquele pessoal, aquele monte de diretores que sempre estão aqui! Nessas horas eles não aparecem. Antes vinha gente aqui pra pegar um serviço aqui, outro ali e ganhar um dinheirinho com o clube, aí sim tinha gente aqui”, ouvi de um deles. Depois da movimentação, antes de ir embora, observei a mesma pessoa conversando com o gerente de futebol e perguntando onde estavam os outros membros da diretoria para que resolvessem juntos os problemas do clube. O dirigente disse que iria conversar com o presidente do clube sobre o que estava ocorrendo e que um “incômodo” como aquele não poderia acontecer mais.

As explicações do presidente do clube vieram no outro dia, por meio de uma reportagem do Diário do Noroeste. Em uma reportagem crítica, o jornal publicou que, de acordo com dirigente, não era necessária a mobilização entre os atletas do clube: “Não há necessidade disso, ninguém vai deixar de receber. Eles estão ameaçando não jogar, eles vão perder com isso. E o ACP nunca deixou de pagar ninguém”, falou o presidente, que no início do campeonato orgulhava-se em dizer que os pagamentos em dia eram uma “tradição do ACP”. Ele também explicou que o problema financeiro do clube se acentuara por conta da pouca renda auferida na venda de ingressos aos torcedores nos jogos.

Também no outro dia, as atividades dos atletas no clube se restabeleceram. Os treinamentos voltaram e já se falava, entre os jogadores, em manter a invencibilidade do time em Paranavaí. Os atletas também declararam que não cometeriam o WO na partida, pois esta atitude poderia causar problemas ao clube na justiça. Um dos jogadores disse ao jornal: “Os jogadores aqui são profissionais, pais de família”, por isso não fugiriam a um compromisso com o clube.

Para o jogo contra o Corinthians Paranaense, a diretoria do clube viabilizou o ingresso ao preço único de dez reais (inclusive na arquibancada coberta). A preparação da equipe para esta partida foi a única que não teve concentração prévia, pelo fato de o ACP precisar economizar ao máximo para cumprir com os pagamentos aos atletas. O gasto com o trio de arbitragem ficou como débito do ACP perante a FPF e nem mesmo os gandulas da partida foram pagos, sendo todos eles recolhidos como voluntários antes da partida. No jogo, mais situações adversas foram vistas por parte do ACP: a equipe não foi soberana como em outras partidas como mandante, executando um jogo repleto de nervosismo, com muitos passes e errados e jogadas confusas. O jogo terminou em 2 a 2, dando a impressão de que ambas as equipes entraram em campo com o único objetivo de terminar a partida. O ACP encerrou assim a sua campanha no campeonato paranaense na sexta colocação. Não foi o campeão do Interior de 2010 e não conseguiu a vaga para a Copa do Brasil de 2011 nem a classificação para a série D do Campeonato Brasileiro de 2011.

Tem-se, em suma que, apesar de os objetivos contidos nos discursos – proferidos nos jornais – serem convergentes, os problemas financeiros e administrativos do clube indicaram diferentes práticas. O presidente do clube ocupava-se com seus vários afazeres na Câmara Municipal de Paranavaí e na presidência de outra organização desportiva, além de suas atividades no ACP, sendo relapso na condução do clube e preocupado em demasia em aparecer na imprensa com declarações sempre positivas em relação ao clube. O gerente de futebol e os demais profissionais do setor administrativo do clube faziam o possível para que houvesse uma boa condução dos trabalhos, porém diversos problemas emergiram, por conta da escassez de recursos financeiros ou por desorganização na execução de suas tarefas. Notou-se que as ações dos profissionais administrativos do clube foram organizadas somente quando a “água batia no nariz” (expressão do próprio gerente de futebol), pois nos momentos vitoriosos o ambiente de trabalho era mais voltado a conversas referentes a pescarias e lazer, enquanto com a vinda de derrotas o *staff* administrativo preocupava-se em planejar as suas ações e a efetuar os trabalhos com vista a maior eficácia final. Na mistura de relapso, carência de recursos financeiros e desorganização, vários problemas administrativos incidiram sobre o

time de futebol, dos quais o mais grave foi a falta de médico e de fisioterapeuta que acompanhassem os jogadores nos momentos finais do campeonato.

O balanço do ACP no campeonato repercutiu tanto positiva quanto negativamente. Em um programa radiofônico falou-se que, mesmo com os problemas extracampo, os “bichos” não pagos e outras dificuldades que a equipe enfrentara, o ACP fizera um bom campeonato e necessitava somente de alguns ajustes em suas contas e do auxílio da prefeitura para no ano de 2011 conseguir realizar um bom campeonato. Os jornalistas tiveram perspectivas otimistas em relação ao futuro da equipe no campeonato seguinte. Diferentes foram algumas opiniões, expostas internamente no clube, de funcionários que afirmaram não acreditar em mudança no ACP para haver maior qualidade nos trabalhos, pois, em sua síntese:

[...] entra ano e sai ano, falam que vai mudar e esse ACP está a mesma coisa! [o campeonato acontece e os patrocínios ficam enrolados [demoram para serem acertados], os torcedores não são cativados [para comparecerem aos jogos] e alguns trabalhos aqui não são feitos direito.

4.5 A reparação: os motivos recaíram sobre os mais fracos.

Procurava-se um subterfúgio, um álibi para justificar a o fracasso da equipe que não fora campeã. A última partida do ACP no campeonato aconteceu e bastou que passassem três dias para que houvesse uma “revelação pública” que justificaria toda a má campanha no campeonato, uma causa para os resultados negativos que foi bem digerida pela imprensa e serviu como redirecionamento das críticas a outros atores organizacionais que não os dirigentes do clube.

Falava-se nos programas radiofônicos de crônica esportiva, desde bem antes do fim do campeonato, que algo havia acontecido com a equipe a partir da nona rodada do campeonato e que o time não mais rendera da mesma maneira depois que foi goleado por 4 a 1 pelo Corinthians Paranaense. A “confirmação” de que houvera problemas antes daquela partida ocorreu quando o Diário do Noroeste publicou uma reportagem que confirmou um “ato de indisciplina [de jogadores do ACP] antes da goleada sofrida em Curitiba”. Em escrita simples e clara, consta na reportagem que “um grupo de jogadores foi ‘para a noite’ e não rendeu em campo. Resultado: derrota de 4x1”⁷⁶. O gerente de futebol do clube nela declarou que um grupo de nove jogadores se excedera na comemoração após o empate contra o Coritiba e prejudicara o futebol produzido pela equipe no jogo subsequente. De acordo com o dirigente,

⁷⁶ Esta “revelação” feita pelo jornal corresponde à comemoração dos atletas ao término da partida com o Coritiba. Detalhes deste acontecimento narrados por este pesquisador estão presentes na subseção 4.3.

por ter sido elevado o número de jogadores responsáveis pela “festa”, tornara-se impossível demiti-los pelo “ato de indisciplina”. É ainda indicado na reportagem que houve uma ruptura entre alguns jogadores após o acontecimento.

De acordo com uma versão mais detalhada sobre o caso, dita pelos mesmos diretores do clube, uma mulher responsável por um bar fora até a sede administrativa do ACP reclamar que os atletas haviam comprado cerveja em seu estabelecimento e não haviam devolvido seus vasilhames. Ao saber da situação, um funcionário do clube teria se dirigido até o hotel que alojava os atletas e constatado que havia vasilhames de bebidas nos quartos dos atletas e que eles não haviam dormido naquele lugar. Ao compilar as informações, o funcionário ligara no celular do gerente de futebol, no meio da viagem que levava os atletas à Curitiba, e lhe perguntara se os atletas estavam bem. O diretor de futebol teria dito que todos estavam em repouso, “dormindo bem”, e que não havia qualquer impressão de algum acontecimento estranho.

Contrapondo o jornal e a versão do funcionário com o que foi visto, pode-se afirmar que o elenco nunca se dividiu por causa do referido acontecimento; que a explicação dada pelo preparador físico na época, referente à não secreção do lactato sanguíneo do corpo dos atletas até a partida contra o Coritiba, foi suficiente para a compreensão das dificuldades deles na partida; que as informações transmitidas serviram como forma de reparação da imagem do clube e de seus dirigentes, perante os seus patrocinadores, a sociedade local e os seus torcedores, culpando os jogadores pela campanha malograda no campeonato. Os mais fracos, os jogadores, receberam durante o campeonato os ônus de salários atrasados e, após o término da disputa, a acusação de serem indisciplinados e responsáveis pela queda de rendimento da equipe no restante do campeonato. Assim foi que eles ficaram perante a opinião pública, sem oportunidade de se defender.

5 As performances do futebol acepeano.

A seção anterior detalhou em um formato de *narrativa micro-histórica* o processo de disputa do Campeonato Paranaense de 2010 pelo ACP. Este processo foi apresentado como um *drama social*, uma temporalidade constituída por cinco etapas que se iniciou com a contratação do treinador e dos jogadores em conformidade com o orçamento do clube, passou pela procura incipiente e atrasada de patrocinadores para a equipe, transcorreu com bons resultados no início e um declínio em meados do campeonato e findou-se com uma crise financeira, administrativa de resultados negativos para o time de futebol, que demandou um subterfúgio do clube para se reparar perante a sociedade, ao término do campeonato.

Após uma descrição minuciosa de todos estes elementos citados anteriormente, esta dissertação deixa o *contexto* de produção do futebol para ler o *texto futebolístico* produzido pela equipe ao longo do campeonato. Este capítulo se ocupa em analisar a questão mais elementar desta dissertação: *como o futebol é feito no ACP*.

5.1 Metáforas analíticas: por uma análise dos processos performáticos no futebol.

Esta subseção serve para retratar as potencialidades de se estabelecer análise do futebol por meio das metáforas *teatral* e *narrativa*. Discorrer-se-á sobre as aproximações e os distanciamentos da prática cultural do futebol profissional enquanto teatro e narrativa, levando-se em conta os aspectos que permitem a combinação entre os fenômenos – tendo-se em vista a análise do produto futebol – e as incongruências entre os seus elementos (principalmente, pelo fato de o futebol ser um *jogo* e um *ritual disjuntivo*, conforme à frente se explicitará nestas duas categorias

5.1.1 A metáfora teatral: como atuam os personagens em campo.

Os jogadores atuam, com as pernas, numa representação destinada a um público [...] com o coração nas mãos. Quem escreve a peça? O técnico? A obra zomba do autor. Seu desenrolar segue o rumo do humor e da habilidade dos atores e, no final, depende da sorte, que sopra, como o vento, para onde quiser.

Eduardo Galeano (2009).

O futebol é um jogo de encenações produzidas por atores/jogadores que se pautam em roteiros preestabelecidos e destinam-se ao imponderável das partidas. Nesta subseção, busca-se explicar as conexões metafóricas entre os jogadores de futebol e os atores de teatro, as relações entre os jogadores/atores e os seus roteiros de atuação, o modo como a espacialidade de atuação no futebol corresponde à do teatro e as relações entre os jogadores e suas torcidas e dos atores com seus públicos espectadores.

Como numa peça de teatro, cada partida possui um roteiro estruturante que serve para conduzir as ações dos atores. As equipes que entram em campo para a disputa de uma partida passam por uma designação prévia de papéis para cada um dos atletas que as compõem. Seguir os “textos” de cada personagem é fundamental para a coesão tática num jogo. Deste modo as equipes entram escaladas, em um esquema tático predefinido, com instruções (normalmente advindas do treinador) que indicam previamente aos atletas algumas exigências gerais de como devem se comportar na partida e com uma *forma de jogar* proporcionada pelos treinamentos que antecederam a apresentação no jogo. Esta *forma de jogar* corresponde ao que afirma Toledo (2002, p. 60), para que ela se constitui de “combinações numéricas que dizem respeito aos posicionamentos e incumbências dos jogadores em campo”, ou do esquema tático aplicado como norma de posicionamento a uma equipe durante um jogo. Tal concepção se aproxima do teatro referido por Barthes, que o considera como a “prática que calcula o lugar olhado das coisas” (Barthes, *apud* DAWSEY, 2006), podendo-se calcular nas *formas de jogar* os lugares e olhares de uma equipe em um jogo. Cada atleta recebe uma espécie de *script* que corresponde às instruções de como devem *atuar* e de onde ira *olhar*.

Os jogadores de futebol entram em campo para atuar por uma equipe e assim cada um deles encarna um *personagem*. Seguindo uma concepção de Mauss (2003, p. 374), o personagem é o que cumpre um papel individualmente num ritual dramático (enquanto expressão estética, religiosa, cósmica, social e pessoal). Ele deve *figurar* entre os seus pares para exercer uma “máscara” temporária, o seu nome e a sua individualidade (MAUSS, p. 397). Os jogadores de futebol figuram a partir de suas posições na equipe (enquanto atacante, goleiro, zagueiro, etc.), no modo como executam suas jogadas e como se relacionam com os demais atletas em campo. O bom jogador/personagem sabe se posicionar em campo na medida em que contribui para a eficácia das ações coletivas da equipe; possui domínio e precisão de diversos atos técnicos (para citar alguns, são chutes, passes, desarmes e cabeceios); possui amplo repertório de comunicação com os companheiros de equipe e consegue, simbolicamente, impor-se com destreza a um atleta adversário.

Na dinâmica de uma partida de futebol, cada jogador/personagem segue predeterminações conferidas por seu roteiro de atuação para executar suas *performances*. Existe um “programa” estabelecido especificamente pela comissão técnica que deve ser executado (ou realizado aproximadamente) em campo; mas estas definições que antecedem as *performances* devem ser consideradas passíveis de reelaboração, mesmo sendo referentes à repetição de práticas treinadas, algo como o conceito de *comportamento restaurado* proposto por Schechner (apud ALVES DA SILVA, 2005), que corresponde à recorrência e reformulação contínua de sequências instrutivas de acontecimentos para a atuação nas peças de teatro. O comportamento restaurado comporta uma síntese do processo de socialização do indivíduo e de suas “experiências guardadas na profundidade do ser”, que emerge em cada apresentação e, assim, “restaura-se” nas escolhas de papéis diversos, sendo recriado espontaneamente.⁷⁷ Por seu caráter de constante renovação e sua natureza estética, o comportamento restaurado mantém em sua essência a dialética entre aprendizagem – por meio de treinamentos repetitivos – e a transmissão do apreendido com a prática do que foi treinado e a sua exposição aos espectadores. No futebol, pode-se afirmar este modelo com os jogadores expressando esteticamente seus comportamentos restaurados nos jogos em que atuam, pondo em ação, recriando e incrementando as suas experiências e interagindo com os seus torcedores por meio da dialética aprendizagem-transmissão⁷⁸.

Se a atuação do jogador/ator condiz com a ocorrência do comportamento restaurado na ação futebolística, pode-se observar a interferência de elementos tidos como particulares a uma sociedade, um povo, uma cultura, uma escola, ou propriamente do indivíduo em sua atuação “com a bola nos pés”. O futebol possui uma abertura acentuada às idiossincrasias em seus acontecimentos e qualquer análise relativa a ele precisa captar as particularidades inerentes à essa modalidade esportiva. Os *estilos* de jogar, no entendimento de Toledo (2002), são vistos como as categorias nativas legitimadas culturalmente para a prática do futebol. Estas são constituídas por representações que consolidam determinado *estilo* de acordo com as suas particularidades, que em geral não são distintas tecnicamente. É vezeiro no futebol a

⁷⁷ Esse senso sobre o *comportamento restaurado* pode indicar algumas proximidades com as “noções de técnicas corporais” de Mauss, pois há em comum em ambas as definições a “aprendizagem dos usos do corpo” envolvendo o âmbito biológico, psicológico e sociológico do “homem total” (ALVES DA SILVA, 2005, p. 54-55).

⁷⁸ O futebol é tido por alguns como um poderoso ato pedagógico e, principalmente, uma atividade provedora de socialização. Cita-se aqui Roberto DaMatta (2006), que considera o futebol como umas das práticas culturais fundamentais para se pensar a inserção de valores de cidadania no Brasil, sobretudo no processo de socialização que impingiu um senso de justiça no país (respeitando as regras do jogo, passou-se a respeitar ao menos os procedimentos básicos das normas jurídicas brasileiras).

distinção do “estilo canarinho” de jogar, próprio dos brasileiros na prática deste esporte⁷⁹, assim como há entre os atores diferenças ao referirem-se aos “latinos” ou “europeus”. Também ocorrem as definições de estilos pessoais, com representações relativas a um sujeito que são capazes de “fixar” uma qualificação sobre ele.

Além das sequências e estilos de atuação que convergem com o teatro, o futebol profissional aproxima-se dessa arte pelos seus aspectos espaciais. A relação entre os atores e o palco em que atuam tende a assemelhar-se àquela existente entre os jogadores e o campo de futebol. Tal qual um palco, o campo de futebol é utilizado pelos atletas de acordo com os seus posicionamentos nos atos que ocorrem em uma partida. Em momentos de jogadas ofensivas os atletas tendem a se dirigir com maior intensidade para a meta do goleiro adversário, contudo as posições defensivas – que eventualmente não “participam da cena” – podem vir a se expressar em um outro ato coletivo da equipe concentrado em um ataque do time adversário. As jogadas feitas em campo, bem como as cenas em um palco, podem ocorrer diversamente entre situações, cenários e comportamentos dos jogadores em ação.

As atuações no “palco do futebol” equilibram-se entre as restrições estruturais e a criatividade encetada pelos atletas. Uma tensão dramática do futebol em campo/palco é próxima à definição sociológica que Giulianotti (2002, p. 166) explicita a respeito das atuações dos jogadores em campo: “Os jogadores são limitados em relações estruturais [...] divididos em times, com sua própria divisão de trabalho (as posições em campo) e programados para manterem esse formato”; mas estas determinações (que se realizam em palco) são subvertidas em decorrência das livres criações que com elas subsistem, pois o futebol “produz o seu próprio universo de relações de poder, significados, discursos e estilos estéticos” (GIULIANOTTI, 2002, p. 167). Os acontecimentos sobre o campo/palco exteriorizam expressões estéticas, de poder, simbólicas e discursivas produzidas pela atuação dos jogadores/atores e, por vezes, tendem a transcender as dimensões limitadoras do campo/palco e alcançar dimensões de livre criação.

Depois das explicações concernentes ao palco de jogo, as observações centram-se aqui em detalhes das relações entre jogador/ator e torcedor/espectador. A exteriorização expressiva dos jogadores acontece num fluxo de interação com os torcedores de modo próximo ao ocorrido entre os atores e seus espectadores no teatro. Quem assiste a uma partida da arquibancada aprecia uma apresentação de futebol por inúmeras finalidades. Para citar

⁷⁹ Em um estudo sobre João de Lyra Filho e suas compreensões sobre o povo brasileiro, Simoni Lahud Guedes (1998, p. 28) pondera que o referido intelectual interpretava como características do brasileiro no futebol a improvisação, o denodo, a impavidez, o brio, o físico, o instintivo, o natural e o espontâneo. Estas são representações tidas como indissociáveis do *estilo brasileiro* de jogar futebol.

algumas se lista que os torcedores analisam cada qual à sua maneira as jogadas, entretém-se, observam a bola, emocionam-se e aprovam ou não – através de seus gostos – a qualidade de uma disputa. Essas características são inerentes também ao espectador teatral; mas vão além disso: eles interagem com os acontecimentos de um jogo – certamente com maior eficácia sobre estes do que os espectadores de uma peça sobre os atores – entoando coros críticos caso não aprovem o que ocorre em campo, expressando suas identidades relacionadas às equipes que apoiam e projetando sobre os atletas os seus anseios de conquista em relação ao jogo. A torcida que acompanha uma partida também apoia sua equipe em busca da vitória, diferentemente do teatro. Por ser o futebol um ritual aberto ao imponderável no que tange aos resultados, os torcedores exercem poderes de interferência em um jogo por meio de suas interações comunicativas com os jogadores.

Algumas categorias de análise podem ilustrar melhor as aproximações entre futebol e teatro no que diz respeito aos atores e ao público. As definições de Schechner (apud ALVES DA SILVA, 2005) relativas às relações entre ator – denominado *performer* em seu modelo explicativo – e audiência partem do pressuposto que as repercussões de uma peça teatral provocam tanto *eficácia* quanto *entretenimento*. Pelo primeiro item, o referido autor refere-se ao impacto transformador que a *performance* pode causar em seu público e na sociedade. No que se refere ao segundo, diz ele que não há impactos transformadores provocados por seus significados. Schechner argumenta que as situações, lugares, circunstâncias e a forma como a audiência se envolve com o teatro é que define as implicações da interação entre o ator e o espectador. Ele ainda afirma que o processo de interação transcorre entre outras duas categorias: *transportation*, que corresponde ao deslocamento para um ambiente exclusivo ou um “mundo recriado” momentaneamente e com a incorporação de papéis temporários; e *transformation*, condição atinente aos desdobramentos dos papéis incorporados na outra categoria e à possível instituição de um novo *status* na sociedade e uma consciência crítica entre os *performers* e suas audiências. Tais processos e implicações demonstram que as práticas culturais - como o teatro e o futebol - envolvem os sujeitos que delas participam em relações tensas e reflexivas ou em conagraçamentos estritamente de regozijo de seus participantes⁸⁰. Como rápido exemplo de eficácia e *transformation* no futebol, as partidas como as que o time do Corinthians Paulista jogava na primeira metade dos anos oitenta – no movimento chamado “Democracia Corinthiana” – chegaram a orientar discursos entre os

⁸⁰ Não há nessa afirmação um caráter dualista. Ressalta-se que ambas podem ser combinadas em momentos diversos dos acontecimentos, não sendo excludentes entre si.

torcedores que defendiam o restabelecimento do regime político-democrático no país (FLORENZANO, 2009).

À guisa de conclusão da questão em análise, as partidas de futebol interpretadas como metáforas de peças de teatro possuem jogadores/atores que restauram os seus comportamentos em campo/palco conforme as sequências de trabalhos programadas para as partidas. Estes sujeitos agem em meio à totalidade de suas experiências existenciais, que trazem à tona competências apreendidas no passado para serem executadas no presente, o que implica novos acúmulos de experiências e transmissão de aprendizado. Há em cada partida uma interação simbólica entre todos os sujeitos presentes na atuação dos atletas, tendo-se como situação mais marcante as relações estabelecidas com os torcedores e as difusões simbólicas entre eles, que podem resultar em contribuições para uma transformação social ou simplesmente num entretenimento para os espectadores.

5.1.2 A metáfora narrativa: entre o processo concreto e os olhares relativos.

Afirma-se nesta dissertação que o futebol acontece seguindo os elementos de uma *narrativa*, em suas partidas profissionais *sui generis*. Um jogo de futebol possui diversos elementos comuns a uma narrativa: um *processo temporal* entre “começo”, “meio” e “fim”; ele acontece com uma *espacialidade* própria, ou seja, em um ambiente específico; cada partida possui um *enredo* próprio; os acontecimentos se desenrolam e são codificados por narradores que testemunham a partida e formam opiniões próprias sobre os acontecimentos dela. Por fim, cabe à análise aqui proposta estabelecer uma narrativa em meio ao amálgama de elementos que configuram a metáfora em questão.

Pode-se fazer uma definição mais detalhada dos elementos de narrativa. No que toca ao *processo temporal* de um jogo, tem-se o acontecimento em uma lógica sequencial de momentos uma partida. Um jogo de futebol profissional tem como início indireto o momento de ações de organização do espaço em que se dará a sua realização. Esse momento é indireto porque não afeta diretamente o seu acontecimento central, que se situa “entre as quatro linhas e em noventa minutos”. É quando coletivos de pessoas limpam desde os assentos dos torcedores até os vestiários do estádio, treinam o time de futebol para a apresentação na partida, vendem os ingressos da partida, aparam o gramado e o pintam as linhas brancas, estendem as redes das traves, abrem os portões do estádio, recebem os ingressos dos torcedores, ligam os refletores e o sistema de som do estádio, preparam os uniformes das

equipes, recebem os ingressos dos torcedores e estes se acomodam nas arquibancadas, membros da imprensa posicionam-se em suas cabines, organizam a escalação da equipe e a tornam pública. As ações aqui citadas são somente algumas das que ocorrem num momento indireto de composição do jogo, e a sua duração envolve comumente um período de semanas a minutos imediatamente anterior às ações de jogo performáticas.

Podem se considerar as ações de caráter “direto” como o desenvolvimento da narrativa futebolística. Estas outras ações ocorrem, em geral e de acordo com as regras⁸¹ do jogo profissional, em dois tempos de quarenta e cinco minutos (com alguns acréscimos definidos pelo árbitro da partida) separados por um intervalo de quinze minutos. Elas são efetivadas pelos vinte e dois atletas que são escalados pelos treinadores para a disputa em campo. Estes se dividem em duas equipes compostas por onze jogadores cada, com um goleiro⁸² e dez atletas “de linha” (aqueles que não podem jogar com as mãos). Três destes jogadores podem ser substituídos por outros que compõem um banco de reservas com sete atletas (quantidade que pode variar de acordo com a competição). O objetivo de cada uma das equipes é vencer o outro, tendo nos gols os meios para a sua realização. Tem-se neste tempo – e com tais personagens – um elemento material esférico que concentra primordialmente as atenções dos jogadores: a bola⁸³.

Em outra face compreensível para uma análise das *performances* relativas à produção do futebol, deve-se perceber a maneira como os dois primeiros elementos narrativos coadunam-se com o âmbito conclusivo (o “fim”). Ao término da disputa entre as duas equipes em ação – citando-se alguns exemplos ideais – processam-se as repercussões sobre o jogo na imprensa, os trabalhos de desmontagem do aparato temporário do estádio, a volta dos torcedores aos seus aposentos e as conclusões por eles tiradas sobre a partida, as declarações dos atletas sobre as suas atuações e o acúmulo de experiência com os fatos acontecidos.

A metáfora da prática do futebol enquanto narrativa coaduna-se com os parâmetros analíticos que esta dissertação utiliza para a compreensão dos processos performáticos. Os três momentos narrativos podem ser considerados como correspondentes aos períodos *pré-liminares*, *liminares* (este, a performance de fato) e *pós-liminares* na sequência de um jogo de

⁸¹ De acordo com a regra do futebol, número sete, “uma partida de futebol deve durar 90 minutos, divididos em duas partes (tempos) de 45 minutos cada uma. Entre as duas partes existe um intervalo, de 15 minutos”.

⁸² A figura do goleiro surgiu no futebol somente em 1871 e teve como motivação as disputas com o *Rúgbi* para a consolidação de um esporte em seu conjunto de regras e em sua popularidade perante o público desportista da época (FRANCO JR, 2007, p. 28-32).

⁸³ A bola possui uma “representação cosmológica” no futebol, segundo Costa (2005, p.18-19). Ela pode simbolizar o sol, a lua, o cosmos e a terra e seu formato remete à “luta fundamental do universo” para as sociedades arcaicas. Nas contradições do mundo contemporâneo, o fato da bola ser “pontapeada” em todas as direções – entre companheiros e adversários – alude às estruturas contraditórias de suas sociedades.

futebol, configurando-se no que Schechner (apud ALVES DA SILVA, 2005) define como momentos de sequência da *performance*, os quais posteriormente serão pormenorizados. A segmentação destas fases não significa que ambas possuíssem caracteres estanques. Pelo contrário, entre elas existe uma relação de existência mútua, sendo constituídas por aspectos materiais e simbólicos intercambiantes e em processo de avanço temporal.

À temporalidade une-se a espacialidade futebolística. Para citar dois dos vários elementos da espacialidade da narrativa de produção do futebol, fala-se do *campo* e da arquibancada. O lugar de acontecimentos primordial do futebol é o seu campo de jogo, constituído em um formato retangular que possui como subdivisões principais suas duas metades – com duas grandes-áreas, pequenas áreas e traves defendidas pelos goleiros. Combina-se ao campo de jogo outro espaço importante, que é ocupado pelos seus espectadores: a arquibancada. Nela os adeptos das equipas apreciam em massa os acontecimentos do jogo, suas concepções morais, opiniões técnicas e motivações às equipas pelas quais torcem ou depreciação das rivais. Destarte, o espaço do futebol é lócus de interação e conflito entre diversos sujeitos, sendo a citada relação campo-arquibancada a mais notória na análise das *performances* em uma partida de futebol.

A trama de acontecimentos que constitui um jogo de futebol (o seu *enredo*) também é um elemento a ser ressaltado no tocante ao carácter narrativo daquele esporte. Em cada disputa, um contexto imbricado pelas posições ocupadas pelas duas equipas no campeonato, por suas pretensões na competição, pelos elementos históricos de rivalidades, pelas condições físicas dos atletas em disputa e por outros fatores sobressai e provoca um clímax único para cada partida. O enredo é uma síntese do encadeamento dos acontecimentos de um jogo, e ele se combina às condições espaciais e ao processo temporal na construção de uma narrativa futebolística.

O último âmbito das partidas/narrativas aqui indicado corresponde à *narração* propriamente dita. O ato de narrar é relativo à interpretação tida de um jogo, e esta é decorrente de uma pluralidade de situações em que os diferentes sujeitos-narradores encontram-se presentes durante as ações. Assim, o torcedor narra uma partida de sua posição como “torcida” (como vê o jogo do time do qual for adepto), envolvido pela contingência do que acontece entre os atletas em disputa e os demais fatos que se entrelaçam em sua constituição; os profissionais da comissão técnica narram a partida procurando estabelecer uma lógica das operações e dos posicionamentos dos atletas em busca da realização de seus planos em campo; os jogadores efetivam uma narrativa concentrada nos fatos ocorridos entre a bola, os seus companheiros e adversários em disputa; os profissionais de imprensa narram

os acontecimentos por meio de uma posição supostamente neutra e tendo em vista divulgar a partida por meio de seus conhecimentos próprios sobre interpretação do futebol. Das categorias de sujeitos/narradores destacados, ressalta-se a capacidade maior de difusão de informações advindas dos profissionais da imprensa e seus equipamentos; a “autoridade” autoexplicitada no relato dos profissionais (jogadores, membros da comissão técnica e diretores) ante a narrativa elaborada pelos “apaixonados” torcedores (de acordo com Toledo [2002]). Destarte, a narrativa de uma partida é, na verdade, uma coleção de narrativas fragmentárias, composta por diferentes prioridades estabelecidas por seus narradores e enviesadas pelas condições temporais, espaciais e de enredo existentes na realidade social concreta. As narrativas de uma partida se interpõem, contrapõem-se e disputam a legitimidade perante os que se interessam pelo jogo acontecido.

Como caráter de análise, toma-se consciência de que as narrativas dos jogos de futebol construídas nesta dissertação fazem-se no limiar entre as distintas perspectivas dos sujeitos envolvidos pelos fatos e a concretude dos acontecimentos aos quais estes se referem. As narrativas dos fatos são dispostas neste texto. Numa junção de todos os referenciais metodológicos propostos por esta dissertação (presentes na seção 1), trata-se de uma relação dialética entre a construção concreta do futebol – de acordo com os acontecimentos concretos que se deram historicamente nos jogos, num referencial influenciado pela micro-história (LEVI, 1992) – e as distintas perspectivas sobre este “futebol concretizado” – seguindo uma interpretação da cultura na teia de significados que é tecida por seus nativos e forma os seus pontos de vista (GEERTZ, 1989), com os diferentes acessos às informações do jogo tomadas por seus espectadores, que formam, em contraponto, um amálgama correspondente às experiências humanas dos sujeitos sociais envolvidos na prática do futebol, experiências que correspondem à vivência humana em conjunção com seus momentos e dramas sociais. Esta complexidade tensa é o que valoriza a análise do futebol em seus pequenos casos e narrativas, algo que é tido como o principal escopo desta dissertação.

5.1.3 O acréscimo da imponderabilidade: o futebol como jogo e ritual disjuntivo.

Nas definições metafóricas exibidas anteriormente, pode-se admitir que faltam alguns elementos intrínsecos ao futebol que não foram tangenciados. Num complemento a tais definições, dois deles devem ser detalhados por terem influência significativa sobre o esporte. Afinal, o “principal esporte do mundo” (GIULIANOTTI, 2002, p. 7) e talvez uma das práticas

culturais mais populares da contemporaneidade não pode ser analisada sem se considerar o seu *objetivo de vitória* e a sua *imponderabilidade*.

Para a compreensão do desejo de conquistas no futebol, é preciso destacar a que condições um time e seus responsáveis se submetem para vencer. A busca ferrenha pela vitória é algo da natureza do futebol enquanto *jogo*. De acordo com Huizinga (2010), este é um dos fatores precípuos da formação das civilizações, pelo fato de todas as atividades humanas serem provenientes do ato de jogar. Tudo pode ser “posto em jogo” e acompanhado por componentes lúdicos e de divertimento. Assim, a prática do jogo é desempenhada com o objetivo principal da vitória e esta possui maneiras diversas de ser desfrutada (HUIZINGA, 2010, p. 58). O ato de “jogar futebol” – conforme a própria expressão revela – tende a ser direcionado à vitória, à busca de resultados que significam a superação do adversário enfrentado no jogo. Interessa a esta dissertação, como elemento de análise, a compreensão de como a vitória é construída no “jogar futebol” em seus aspectos lúdicos e criativos de conquista contra um adversário e da maneira como uma equipe de futebol faz uso de suas condições de vencedora, momento que corresponde ao término de uma partida e que depende do modo como repercute a vitória por ela auferida.

As variações dos desempenhos entre as duas equipes que disputam uma partida de futebol e suas respectivas reações quanto aos resultados de vitória, empate ou derrota passam pela indeterminação prévia de suas conclusões. Conforme uma expressão popular relativa aos aspectos ontológicos do referido esporte, “o futebol é jogado”. Para o que é considerado como o “imponderável” no futebol, utiliza-se a categoria analítica chamada *ritual disjuntivo* (DAMO, 2001, p.84-87). Esta categoria compreende a prática do futebol como um jogo-ritual que se inicia com a equivalência entre todos os competidores (quase todas as partidas de futebol começam pelo placar de 0 a 0 e a partir de 0 minutos do primeiro tempo)⁸⁴ e com uma série de regras que visam estabelecer uma igualdade de condições entre as duas partes; contudo, no decorrer de seu processo há uma disjunção que produz a assimetria de resultados e provoca uma divisão entre vencedores e perdedores. Neste sentido os atletas se preparam

⁸⁴ Utiliza-se a expressão “quase todas” pois podem haver partidas no futebol profissional iniciadas ou reiniciadas em placares diversos e a partir de diferentes contagens cronometricas. Estas são situações excepcionais, ocorridas em raros momentos e na maioria das vezes caracterizadas por interrupções irrevogáveis ao longo de seus acontecimentos (como intempéries temporais e ambientais na região do estádio em que ocorre um jogo, ou desastres relativos aos torcedores ou jogadores envolvidos em uma disputa). Um caso de partida profissional reiniciada através de placar e cronometria diversos do “0” foi a ocorrida entre Operário de Ponta Grossa e Cascavel Clube Recreativo, ocorrida no Estádio Germano Krüger (em Ponta Grossa). O referido jogo iniciou-se normalmente no dia 24/03/2010 e foi interrompido aos 31 minutos do primeiro tempo, ao placar de 1 a 1, por conta de uma tempestade ocorrida na cidade de Ponta Grossa. O jogo foi reiniciado com um pontapé inicial, ao centro do gramado no dia 31/03/2010, a partir do 31º. minuto de partida e com o placar inicial de 1 a 1 (este jogo findou-se com o resultado de 2 a 2).

para a busca de um resultado positivo ao término do jogo, sendo submetidos ao confronto com o adversário ao longo dele e passando por momentos de imponderabilidade, de imprevisibilidade de seu término. Sabe-se como se inicia uma partida, mas não se tem certeza de qual será o seu findar.

5.2 Elementos sequenciais das performances acepeanas (nos vários momentos do campeonato)

Interpreta-se nesta subseção a produção do futebol profissional acepeano no Campeonato Paranaense de 2010 como um processo dividido em oito categorias/etapas: 1)*planejamentos e projeções* 2)*habilidade e experiência*, 3)*treinamento técnico/físico/tático*, 4)*coletivo-apronto*, 5) *concentração: hotel, treino recreativo, aquecimento e preleção* 6) *performance em jogo*, 7)*recuperação* e 8)*repercussão*.⁸⁵ Por meio destas categorias, correspondentes a cada item desta subseção textual, faz-se uma análise da produção do futebol enquanto *performance* exprimida *esteticamente*⁸⁶. Para tal assertiva, utilizam-se as ferramentas metodológicas expressas pelo conceito em Schechner (apud ALVES DA SILVA, 2005), que explica o ato performativo como o de pôr em prática (ou cumprir) determinada forma de expressão estética. Sua concepção é originária das *performances* teatrais e corresponde ao processo sequencial de uma peça de teatro, daí a prática do futebol poder corresponder às metáforas teatrais e narrativas.

A seguir, as análises relativas aos processos performáticos no ACP em 2010.

⁸⁵ Essas oito categorias são inspiradas nas sete fases definidas por Schechner (apud ALVES DA SILVA, 2005, p. 61) como a “sequência total das performances”: 1) treinamento; 2)*workshops* (oficinas); 3) ensaios; 4) aquecimentos; 5) *performance* propriamente dita; 6) esfriamento; 7) desdobramento. Cada uma destas etapas da performance teatral podem ser realizadas de maneiras diversas, de acordo com as particularidades socioculturais que envolvem os *performers* e o seu público. A totalidade das sequências constitui um círculo que se inicia nos treinamentos (correspondente aos *performers* enquanto homens envolvidos por suas experiências de vida acumuladas), passa pelas preliminares de preparação à “performance propriamente dita” (a fase liminar) e encerra-se nos momentos pós-liminares correspondentes ao *término* de uma peça, suas repercussões e transformações sociais acarretadas ou não.

⁸⁶ O futebol é uma prática primordialmente corpórea, daí sua relevância estética. Entende-se *estética* pela matriz da corporalidade enviesada pelas relações de poder, outro ponto significativo no futebol, conforme a concepção de Eagleton (1993) de que a estética fornece aspiração política e dominação corpórea.

5.2.1 Planejamentos e projeções

Começa-se por um elemento que não é provindo do modelo sequencial de análise das performances de Schechner nem possui outras origens (para este trabalho) que não seja a observação participante efetuada no ACP. Entende-se por *planejamentos e projeções* aquilo que foi planejado, sentido, esperado e feito no intuito de traçar uma estratégia geral ou uma expectativa sobre o campeonato (especialmente em algum momento de tensão mais elevada no certame) como, por exemplo, o planejamento minucioso feito para a partida contra o Coritiba. Os *planejamentos* corresponderam a estratégias montadas para os acontecimentos que viriam a ocorrer e foram tomados por alguns que possuíam poderes hierarquicamente superiores no clube – como o treinador e o preparador físico, o gerente de futebol e o presidente do clube. As *projeções* significam as estimativas ou pareceres informais sobre os acontecimentos vindouros no campeonato, sendo elas dadas por qualquer um que tenha estado envolvido nas atividades do clube.

As primeiras ações estratégicas do clube no campeonato foram unicamente administrativas e correlacionadas à comissão técnica. O primeiro ato estratégico do ACP para o Campeonato Paranaense de 2010 foi a contratação de um treinador. O presidente do clube explicou na época que um dos principais motivos para a contratação era a pedida salarial do escolhido ser compatível com as finanças do clube. Com a chegada do treinador a Paranavaí, houve uma reunião entre ele, o preparador físico e o gerente de futebol. Eles conferiram minuciosamente a tabela com os jogos do campeonato e viram quais eram as partidas que demandavam ganho de pontos para que conseguissem a classificação entre os quatro primeiros do campeonato: “No começo de dezembro a gente conferiu toda a tabela do campeonato e constatamos que a gente teria que chegar em Curitiba, pro ultimo jogo da primeira fase contra o Atlético, sem estarmos com a ‘faca no pescoço’. A gente tinha que chegar classificado”, relatou o preparador físico.

Com a presença do plantel de jogadores, tiveram início os planejamentos para a equipe que iniciaria o campeonato. Nas primeiras atividades com a equipe titular, definiu-se que deveriam ser disputadas, no mínimo, três partidas antes do início do campeonato. Conseguiu-se atingir a meta de dois jogos-treinos com uma equipe amadora (o ACAS, de São João do Caiuá) e dois amistosos com adversários do próprio campeonato paranaense (Toledo e Engenheiro Beltrão). Outro amistoso foi cancelado pelas chuvas em Paranavaí. Ele havia sido planejado para ser o primeiro dos três e o adversário acepeano naquela ocasião seria o Cianorte.

Os campos dos adversários foram pauta de planejamento durante o campeonato. Planejou-se que as dimensões do gramado seriam decisivas em algumas partidas, pelo fato de alguns estádios no Interior possuírem um campo com dimensões reduzidas (em relação ao do estádio WW). Um campo menor foi escolhido para abrigar estes trabalhos, como aconteceu antes da partida de estreia do ACP no campeonato. O jogo seria contra o Nacional de Rolândia e foi constatado que a equipe adversária aproveitava-se do campo menor para utilizar uma forma de jogo que valorizava o toque de bola e as jogadas entre os atletas de maior proximidade em campo. As partidas do ACP em Irati e em Paranaguá também contaram com esta estratégia.

Houve também planejamentos no tocante às condições do gramado do estádio WW. Os adversários tidos como “de bom nível técnico”⁸⁷ eram temidos pelo treinador do Vermelhinho, que se preocupava com minúcias para vencer tais partidas. No intuito de diminuir as condições de toque de bola e de velocidade destes adversários, o treinador conversava com o jardineiro do estádio e pedia-lhe que o gramado fosse mantido alto. A lógica do treinador era a seguinte: com o gramado alto, a movimentação dos atletas em campo os cansaria mais rapidamente (pois a grama estaria “pesada” para eles se locomoverem) e os passes de bola rasteiros seriam mais lentos e demandariam mais esforço dos atletas. O caso de maior destaque no campeonato ocorreu na partida contra o Coritiba, um jogo televisionado que colocava em evidência duas das melhores equipes no campeonato naquele momento.

As estadias para as partidas fora de Paranaíba eram planejadas entre a diretoria e a comissão técnica. A programação da hospedagem era feita em conjunto entre a gerência de futebol e a comissão técnica. O diretor de futebol era o encarregado de escolher o hotel e agendar as diárias. Em algumas ocasiões, a equipe ficava em uma cidade próxima daquela em que seria disputada a partida, normalmente pela possibilidade de negociar melhor os valores das diárias. Depois da definição do pouso, planejava-se a alimentação dos atletas. Neste sentido, o gerente de futebol procurava os restaurantes que poderiam atender ao cardápio do Vermelhinho, que era definido pelo preparador físico. Na partida entre Cascavel e ACP, os atletas acepeanos ficaram hospedados em um hotel em Toledo, cidade próxima a Cascavel. Na definição de hotel e restaurante, o diretor de futebol conseguiu um local de hospedagem a certa distância do restaurante: “Olha, pra comer vai ficar umas três quadras do hotel. Aí vocês vão a pé até lá, certo? E a comida você monta como quiser, é só chegar lá e explicar” disse o

⁸⁷ Expressão utilizada no futebol para caracterizar as equipes que possui um grande repertório de jogadas e, principalmente, as que possuem rápida troca de passes entre os seus jogadores.

dirigente; “tá ótimo. A gente levanta cedo e faz uma caminhada antes do café e depois pro almoço vamos dar uma movimentada também”, respondeu o animado preparador físico.

O planejamento para cada partida, com detalhes de seus adversários, também era realizado no clube, e a comissão técnica geria essas atividades. O treinador conseguia informações dos adversários por meio de DVDs produzidos para uma rede de treinadores e dirigentes da qual ele fazia parte. Um grupo de “velhos conhecidos” (como ele definia) solicitava os serviços de gravação das partidas dos adversários no campeonato e o material era distribuído entre eles. Assim, o treinador assistia aos vídeos e analisava as principais características do adversário. Quando não era possível a análise de imagens ele colocava em ação a sua agenda telefônica, com contatos espalhados pelo Estado do Paraná que lhe garantiam algumas informações sobre os principais jogadores das equipes que enfrentaria. Havia ainda outra estratégia para a coleta de informações dos adversários. O auxiliar técnico assumia um papel de “espião” do Vermelhinho e infiltrava-se nos treinamentos ou partidas dos adversários para coletar informações. Na estreia do ACP no campeonato, o “espião” foi a Rolândia para acompanhar o treinamento do Nacional para a estreia do estadual. Sua presença no local de treinos foi descoberta por um auxiliar técnico, que o viu solitário na parte superior das arquibancadas do estádio, realizando anotações em uma prancheta. Quando o treinador do Nacional soube do fato, interrompeu o treino, chamou-o até o alambrado do estádio e o expulsou do local!

Além das decisões estratégicas tomadas pela cúpula do clube, outros dados sobre o que poderia acontecer no campeonato eram levantados. As *projeções* ocorriam constantemente no clube e eram discutidas entre os diretores e até pelo jardineiro do clube, o que demonstra o âmbito democrático das opiniões sobre o futebol⁸⁸. No início do campeonato falava-se entre alguns torcedores que frequentavam o clube que “o ACP tem o time mais experiente entre todos que foram montados no Interior, vai ser campeão do Interior”; entre os programas de rádio, um apresentador projetava chegar à partida contra o Coritiba, na oitava rodada da primeira fase, “brigando pela liderança”. O jardineiro queria ver o ACP “matar a cobra” até o final da primeira fase, numa fala em alusão à partida contra o Cascavel Clube Recreativo. Como no decorrer do torneio os resultados se mostravam negativos, as projeções passaram a ser outras. Um funcionário do ACP disse que o término da

⁸⁸ O futebol é fundamentalmente estético, e recebe apreciações variáveis, plurais e indistintas sobre as suas formas. Por isso é perceptível que as projeções referentes ao ACP no campeonato são tão diversas e devem ser percebidas em suas singularidades. Seguindo um modelo de crítica produzido por Walter Pater (1873), Richard Giulianotti (2002, p. 167-168) afirma que para os que “cresceram com o futebol, o jogo é repleto de beleza e graça” e que para tecer críticas sobre o mesmo é necessária a pergunta: “em quem o movimento, o gênio, o sentimento do período encontra a si próprio?”.

primeira fase, diante do Atlético Paranaense, seria uma oportunidade para a equipe “perder de pouco em Curitiba”. Entre os jogadores, os comentários mesclavam brincadeira com pessimismo. Em uma roda de conversas, um dos atletas perguntou: “Contra quem a gente vai ser goleado na próxima partida?”. A fala provocou risos entre o grupo, que havia sido goleado por 4 a 1 nas duas primeiras partidas do octogonal final.

Estes diferentes modos de se expressar sobre o futebol acepeano, como *planejamento* ou *projeção*, condizem com as diversas condições dos diferentes atores nas relações de poder no clube, pelo fato de o futebol ser aberto ao imprevisível, ao imponderável de um ritual disjuntivo.

5.2.2 Habilidade e experiência.

As categorias *habilidade* e *experiência* são derivadas da definição de Schechner (apud ALVES DA SILVA, 2005) concernente à primeira fase performática, chamada de “treinamento”. Este é o primeiro item vinculado diretamente aos produtores centrais da prática do futebol: os jogadores. Cada atleta executa em uma partida o *comportamento restaurado*, que é fruto de um acumulado de aprendizagem contínuo em sua história, algo de “longa duração” e congruente com a concepção de *habitus* dada por Mauss (2003, p. 404), como variação entre indivíduos e costumes, sociedades, educação, conveniências, modas e prestígios. Assim se caracteriza o “treinamento” no futebol.

Ao se referir à formação do indivíduo/jogador de futebol em uma de suas colunas na Folha de S. Paulo, Tostão explica que a *habilidade* nos movimentos com a bola e a *criatividade* imposta a estes movimentos são desenvolvidas durante a infância e a adolescência do atleta. Destarte, desde o início da história individual, seguindo padrões societários, é que se desenvolvem as “técnicas do corpo” (MAUSS, 2003) e se acumulam as experiências em direção ao que pode ser pensado como o elemento primário da *performance* do jogador de futebol - no caso, o jogador em suas características pessoais.

Há uma profusão de características que envolvem a vida dos atletas de futebol e as suas *habilidades* e aptidões técnicas em campo. Não existe uma determinação cultural, social ou econômica invariável em suas características exercidas na prática do futebol, mas percebe-

se que estes elementos estão presentes nas idiossincrasias explicitadas pelas *performances* dos jogadores⁸⁹.

Para melhor entender este amálgama constituinte de perfis pessoais, os atletas são aqui definidos como produtores de futebol divididos em três categorias estéticas: a *raça*, a *individualista* e a *malandragem*. Essas categorias não são absolutas e possuem interfaces constantes entre si e são conduzidas pela estética física individual, das ações do jogador em campo e da maneira como ele é representado perante os torcedores, a imprensa e os seus colegas (particularmente, no ACP durante o campeonato paranaense de 2010).

Raça, a primeira categoria destacada aqui, corresponde ao que alguns atletas definem em campo como o chamado futebol-força. *Jogador com raça* é também sinônimo de atleta muito dedicado em suas ações; daquele cujos esforços transparecem espontaneamente para os espectadores; do atleta que exerce a força física e faz com que esta sobressaia em relação às suas competências técnicas, atitudes voluntariosas, dedicação e virilidade, que são refletidas no suor que escorre de seus corpos.

A explicação para a preeminência desta categoria estética é dada por Florenzano (2009, p. 21), que, ponderando a respeito do processo de modernização do futebol brasileiro, acentua o que considera como uma dualidade entre “corpo e alma”. A partir dos anos 1960, de acordo com o referido autor, deflagra-se uma maior “expropriação do saber” do jogador e o provimento a ele de maiores faculdades de força muscular, velocidade e resistência física. Com isto o trabalho de *pensar* na equipe restringia-se ao treinador, enquanto os jogadores deveriam cumprir suas determinações em campo com o máximo de vontade e exercício de suas faculdades unilateralmente físicas. Nas relações entre os sujeitos envolvidos no processo performático do futebol, percebe-se que a estética da *raça* é vista e apreciada por torcedores, diretores e até entre os jogadores como virtude daquele que “se entrega” nos treinamentos e/ou nos jogos para adquirir bons resultados baseados em sua força estritamente corporal. Se esses atletas possuem alma em campo, esta é mais conduzida pela emoção, mais impulsiva e pautada pelo esforço físico do que por traços de racionalidade autônoma e crítica.

Havia no ACP um atleta sergipano de aparência física rude, sendo estigmatizado ironicamente entre alguns como um “tartaruga ninja” (em alusão ao famoso desenho animado com este nome) por sua estatura baixa combinada aos seus membros largos e musculosos e seu rosto de formato quadrático e quase sempre tomado por uma expressão sisuda. Ele era

⁸⁹ Para citar algumas informações gerais sobre os jogadores que mais atuaram pela equipe principal, o ACP contou com atletas paranaenses, paulistas, catarinenses, goianos, cearense, baianos e sergipanos; teve a maioria dos jogadores advindos de famílias pobres e alguns com origens ligadas às camadas médias da sociedade.

calado, pouco conversava com os companheiros (principalmente no início de suas atividades, pois posteriormente ele se abriu aos colegas) e não suportava que falassem mal de quando chovia. O referido jogador veio do sertão nordestino, profissionalizou-se no futebol aos dezesseis anos de idade e nunca passou por categorias de base. Por ser volante, seu jogo era na maioria das vezes destinado a destruir as jogadas adversárias, atividade que fazia ao impor seu volumoso tronco em conflito com quem ousava driblá-lo. Quando recuperava a bola para sua equipe, normalmente na intermediária defensiva, esse volante tinha um “defeito” (assim caracterizado por seus colegas, pois ele perdia a bola ao fazer isto em algumas ocasiões): o fato de sair conduzindo a bola até o campo de ataque, em disparadas fortes e solitárias que pareciam romper barreiras invisíveis postas à sua frente. Ele foi reserva na maior parte do campeonato, tendo entrado em campo como titular pela primeira vez na partida contra o Iraty, no segundo turno, e chegou a ser considerado no clube como um jogador escalado por falta de opções e um atleta que prejudicava o rendimento da equipe. Suas competências na condução da bola, com dribles retos e pautados no “caminho aberto” por sua força física, talvez fosse melhor aproveitado se fosse escalado como lateral esquerdo. Nunca o consultaram sobre esta possibilidade e ele já havia jogado nesta posição em outras equipes.

Outro volante foi contratado como lateral direito, mas passou a exercer a primeira função tática com o decorrer do campeonato. O referido atleta é parnanguara e na adolescência tinha jogado nas categorias de base do Fluminense. Na periferia de Duque de Caxias, no distrito de Xerém, ele passara anos treinando entre atletas que eram considerados provenientes de uma “fábrica de craques” do futebol brasileiro. Em se tratando de fábrica, precisa-se também de serviços pesados na linha de produção. Forjou-se lá um atleta musculoso, um garoto de academia, a partir de sua negritude e massa muscular avantajada. Suas características em campo não indicavam que seria um craque, pois esbanjava fôlego nos treinamentos, mas lhe faltava refinamento técnico. Saiu do Fluminense e foi para o Paraná Clube e outros clubes como profissional sem brilho, sendo aquele atleta que percorre todo o campo durante um jogo. Sua presença no ACP era vista como a do atleta que cometia muitas faltas (“tem que alguém orientar o rapaz, porque ele tá fazendo muito pênalti”, disse um dos membros da comissão técnica) e que era o exemplo de conduta profissional (“cara tranquilo, dedicado, chega sempre adiantado em tudo que a gente vai fazer, ele é dez”, disse outro). O atleta em questão término sua passagem no ACP jogando como volante ou zagueiro, justamente por sobressair por suas competências defensivas, sendo considerado “o valente em campo” pelo jornal Diário do Noroeste.

O mais “raçudo” presente nas partidas acepeanas foi outro volante. Chamado por um apelido por ser um menino muito levado durante a infância (seu apelido era “Macaco”, pois não parava de fazer estripulias), este catarinense de Joaçaba tornou-se temporariamente o formal “De Souza” (seu sobrenome) ao jogar na equipe do Metz, da França. Por ter ascendência africana, o volante naturalizou-se togolês e jogou dezenas de partidas com este escrete. Ao retornar ao Brasil, passou por muitas equipes (Chapecoense, Cianorte, Águia Negra, Veranópolis e Nacional do Amazonas) antes de jogar pelo ACP. A comparação do comportamento dele nos treinos e nas partidas em que atuava demonstrava um estranho paradoxo. Suas atuações impressionavam pela forma intensa com que se dedicava às jogadas de marcação (“é raçudo demais esse cara”, afirmava um radialista) e pelos passes longos, em profundidade, que gostava de realizar para servir os atacantes. Este volante, nas partidas, era um jogador irascível e carrancudo com os adversários que ousavam tentar driblá-lo; no entanto, o “jogador dos treinamentos” era um dos mais descontraídos do elenco, um piadista constante que mais brincava do que realizava as atividades (“esse cara não segue nada do que a gente pede nos treinos! Não faz um alongamento! Mas eu não posso reclamar, o que a gente precisa ele faz em jogo”, disse o preparador físico).

Sobre individualismo do jogador, pode-se afirmar primeiramente a principal habilidade do jogador individualista é o drible. São seus dribles que fomentam as suas existências em campo, que divertem os espectadores no estádio e, paradoxalmente, são eles que fornecem as suas maiores contribuições à coletividade. O drible, uma jogada individualista, é o principal artefato destes atletas para colaborar com a coletividade da equipe. E não são quaisquer dribles: tocar de lado e ultrapassar o adversário com base na força e na velocidade não é a característica do individualista. Geralmente, há uma combinação de trocas de pernas que dominam a bola, de passadas de pernas sobre a bola e de ginga de corpo para os lados aleatoriamente. Conferem-se ao driblador atributos como os de um mágico, que se caracteriza por “nervosismo, habilidade manual [no jogador, habilidade com as pernas] [...] uma destreza e ciência pouco comuns” (MAUSS, 2003, p. 69) e pelo reconhecimento que uma sociedade lhe confere por possuir qualidades mágicas. O individualista é venerado por sua torcida como o jogador mais habilidoso de uma equipe.

Começando-se pelo “destaque individual” no ACP, um atacante é um sujeito de traços físicos que chamam a atenção de seus observadores. Como denota seu nome no diminutivo, possui baixa estatura em comparação aos demais atletas. Suas pernas são musculosas, principalmente na região das panturrilhas – que possuem uma protuberância desproporcional em relação ao restante do seu corpo. Seu jeito de correr já foi motivo de gozações no clube,

pois enquanto vai com grande velocidade também estica a cabeça para a frente do pescoço, num movimento estranho. Esse jogador nasceu em Guarujá e tem muito orgulho de sua cidade, onde cresceu jogando futsal e futevôlei nas praias da região. Nos treinos recreativos no ACP, seus colegas o chamavam de “moleque de praia”, por ser o único que jogava descalço quando participava de alguma brincadeira. Mesmo com esta origem, seu histórico no futebol é mais vinculado ao Interior de São Paulo e do Paraná do que à baixada santista. Como atacante, é um atleta que cuja principal característica é cumprir o que fala em qualquer entrevista: “sempre conduzindo a bola com velocidade e evitando o contato com o adversário”, admite o frágil jogador (no que se refere às disputas corporais). Ele dribla o tempo todo e chega a exceder-se nas jogadas individuais, tanto que é criticado por sua falta de objetividade com a bola nos pés: “Tem que dominar e tocar pro companheiro, e se for driblar é pro gol”, reclama com veemência um dos colegas de ataque. Sua individualidade também emerge nas relações cotidianas. Ele não é de dividir comida ou bebida com os colegas, e nos momentos das conversas tem dificuldade em prestar atenção no que o outro diz (demonstra altivez perante os desconhecidos). Mesmo assim, tornou-se o atleta mais encantador para os torcedores e a imprensa de Paranavaí: “Esse daí tem condições de jogar em qualquer time do Brasil”, disse um torcedor.

Um volante (escalado algumas vezes como meia ofensivo) também foi outro atrevido a “entortar” defesas adversárias. O jovem de vinte e dois anos foi o único paranavaense no elenco em 2010. Por seu histórico (é tido como de “mau comportamento” e morador da periferia na cidade), esse atleta sempre foi visto com desconfiança por quem acompanhava o clube: “Esse menino sempre foi demais aqui em Paranavaí, sempre foi acima da média. Tem que melhorar um pouco em casa”, disse o auxiliar técnico (e ex-treinador dele nos juniores). Mesmo assim, sua capacidade de chutar fortemente com as duas pernas e seus dribles rápidos ao abrir pelos flancos do campo tornaram-no o artilheiro da equipe e do campeonato nas cinco primeiras rodadas. Durante esse período, tudo o que falavam sobre esse jogador dizia respeito às suas condições de chegar a atuar em um “time grande” e às semelhanças entre ele e o volante e meia ofensivo Hernanes, então do São Paulo. “Cabeça” era o que pediam ao jogador, que a cada partida ia abrindo mais defesas com seus dribles e fazendo cruzamentos para que outros tentassem fazer os gols que a equipe precisava. Não obstante, alguns problemas nas concentrações da equipe aumentavam as críticas internas do clube ao jogador, que decaiu lentamente no restante do campeonato. É preciso admitir que o jogador em

questão, como Hernanes⁹⁰, deveria ser um jogador mais ofensivo por suas habilidades individuais. Ele deixou de ser volante somente após sair do ACP.

Assim como acontecia com o atleta acima referido, as idas ao ataque de um lateral esquerdo provocavam *frisson* nas defesas adversárias. Não se esperava que pelo lado esquerdo do ataque do ACP surgisse mais um jogador, pois ele era escalado como um atleta de meio-campo (um ala esquerdo). Apelidado de “Frango”, por sua aparência esquelética e pescoço alongado, ele era um atleta com dribles insinuantes e forte opinião. Paulistano, iniciara no futebol nas categorias de base da extinta equipe Roma Barueri, onde chegou a ser campeão da Copa São Paulo de Futebol Júnior em 2001. Era um dos destaques ao ocupar o posto de lateral esquerdo daquela equipe. Com o tempo, fixou-se majoritariamente no futebol do Interior paranaense. Seus avanços ao ataque acepeano em 2010 eram tantos e de tamanha intensidade que a equipe tinha sua forma tática deformada a cada partida. Esse jogador era tão ofensivo que se tornou um terceiro atacante atuando pelo lado esquerdo, com penetrações entre os zagueiros e fintas com o corpo que deixavam os adversários perdidos. Não obstante, suas investidas profícuas causavam problemas à equipe, pois a marcação que ele deveria realizar no lado esquerdo do meio-campo não ocorria e isso vulnerabilizava o sistema defensivo do time. Entre os seus pares, era dos mais questionadores. Certa vez, em uma concentração no hotel, questionou a proibição de comer um lanche vindo de uma lanchonete. Talvez um libertário perante os companheiros? O preparador físico disse que deveria haver muito cuidado com o ala, pois ele colocava em xeque as normas e a hierarquia a que os atletas estavam sujeitos.

Na *malandragem* sobressaem os aspectos simbólicos e de conduta moral dos atletas. As competências técnicas básicas do futebol (o “pé na bola”) são utilizadas pelo *jogador malandro* em concomitância com suas técnicas de “jeitinho” em se beneficiar diante dos interlocutores por meio de pessoalidade, criatividade e trocas de favores (BARBOSA, 1992). O jogador *malandro* porta-se em campo seguindo as conveniências de cada momento: ele reclama ao juiz por sofrer muitas faltas e, quando recebe uma advertência por também cometer muitas infrações, reclama que está sendo “perseguido” pelo arbitro em campo ou clama por uma não punição, dizendo que deixará de cometer tais atos; é um atleta que provoca os adversários e se impõe a eles nas disputas de bola e não aceita ofensas de um adversário. É um jogador que não se furta a comemorar um gol proveniente de uma jogada

⁹⁰ Quando Hernanes passou a jogar no futebol europeu, observaram a sua grande competência em conduzir a bola e chegar próximo aos atacantes, algo que o transformou em um meia ofensivo (ou meia atacante).

irregular, assim como exige justiça ao ver a sua equipe prejudicada por alguma irregularidade. Numa combinação entre o *malandro* de DaMatta (1979) e os que usam o *jeitinho*, Barbosa (1992, p. 45) considera que o malandro vive “basicamente de pregar peças nos outros, de sair-se bem de situações em que tinham tudo para se darem mal, transformando suas desvantagens em trunfos que foram bem manipulados pela criatividade e improvisação”, com preocupações voltadas unicamente ao ego e ao presente. Isso é retratado em um caso citado a seguir.

Por motivos éticos, opta-se aqui por citar um caso sem personalizar as suas ações *malandras*. Elas correspondem a um atleta que chegou ao ACP afirmando que tinha sido um goleador por onde havia passado e que esperava fazer muitos gols em prol da torcida do Vermelhinho, atitude que alimentou esperanças quanto ao que ele poderia fazer ao longo do campeonato. Uma ressalva é que sua conduta nos treinamentos era digna de um atleta mais preocupado com a comodidade do que com a boa forma técnica e física. O referido jogador havia sido incorporado ao plantel do ACP ainda acima do peso e com muita lentidão ao jogar, problemas que não foram superados ao longo do campeonato e o mantiveram mais no banco de reservas do que em atuação. O negro alto, forte, de origem pobre e uma fala repleta de gírias, discordava de muitas decisões internas do treinador, como certa vez em que a braçadeira de capitão foi concedida a outro jogador. Achava ele que o futebol só era para quem havia “nascido pra jogar” e que treinadores que não eram ex-jogadores não “mereciam o seu respeito”.

Mesmo assim, em seu entendimento, o motivo de suas atuações ruins era a falta de passes para que ele os concretizasse em gols (explicação sincera e com sustentação real, pois taticamente o ACP tinha dificuldades em trabalhar as jogadas para serem servidas aos seus atacantes); mas foi no emaranhado de dificuldades que o referido jogador conseguiu efetivar algumas boas atuações, sendo posteriormente um importante atleta no quesito de assistências e realização de gols (sempre acompanhados de muitas simulações de pênaltis sofridos e provocações verbais que iravam os adversários). O explosivo jogador dizia: “Só quero fazer o meu, centroavante é que bate pênalti”, e para isto exigia em campo que todas as penalidades máximas assinaladas para o ACP fossem convertidas pelo ocupante dessa posição. Entre os seus pares, era considerado um jogador “inteligentíssimo”, por passar com precisão a bola aos seus companheiros com apenas um rápido toque. Em seu último dia no clube, quando cessava o seu vínculo profissional, teve uma rusga com torcedores em que desferiu xingamentos e ofensas gestuais sem receios. O sincero malandro já havia feito o seu papel no clube.

5.2.3 Treinamento técnico/físico/tático.

No que condiz à sequência performática, depois dos homens e suas experiências passa-se às suas preparações mais próximas das reais *performances*. Os treinamentos técnicos, físicos e táticos são os elementos em questão e devem ser apreciados de acordo com o momento da equipe no campeonato.

A primeira das atividades de preparação da equipe foi voltada para a análise física. O preparador físico mobilizou os atletas que chegavam ao clube e submeteu-os a exames biométricos e fisiológicos (juntamente ao médico do clube), no intuito de checar se todos os jogadores estavam em plena forma física. Foi constatado que os primeiros atletas que chegaram ao clube estavam aptos a iniciar os treinamentos, não sendo constatado entre os jogadores nenhum problema físico referente a lesões musculares.

Posteriormente vieram as atividades de preparação física com exercícios. Estes trabalhos foram testes de corrida e musculação: “Aquele foi o momento de exigir mais dos indivíduos, que eles forçassem mais a musculatura, porque depois [no restante do campeonato] eles se estabilizariam e eu só mantinha neles a qualidade, sem ser estafante” – foi assim que o preparador físico contou o seu “segredo”. Outro detalhe importante deste momento de preparação diz respeito ao início das atividades com bola. Gradualmente os treinamentos técnicos foram intercalados à preparação física: “Este é um ponto importantíssimo. Veja, veja que eu começo o trabalho físico e aos poucos o atleta tem contato com a bola. Depois o treinador pega o pessoal pra treinar finalização e etc. e tá todo mundo em condições de fazer bem”, explicou.

Importante destacar que o treinamento dos goleiros passou a se diferenciar do imposto aos demais atletas. Com o seu treinador específico, os goleiros realizavam atividades constantemente em uma trave ao lado do campo. O treinador executava chutes e os goleiros defendiam, após se desvencilharem de cones, cordas ou outros objetos que eram postos aleatoriamente (para um aumento do grau de dificuldade). Os goleiros costumam proferir gritos ao agarrar a bola, como que tornando público seu domínio sobre ela. O goleiro Vilson gritava “heeeiii!”, e Rudi, um estridente “minhaaa!”. Estas atividades com os goleiros se mantiveram as mesmas ao longo do campeonato.

A impressão estética expressa pelas atividades físicas e técnicas coordenadas pelo preparador físico eram um misto de caos (quando os atletas trabalhavam a bola) com organização (quando o preparador apitava e reorganizava os grupos). As citadas atividades aliavam corridas a chutes e cabeceios. Em uma delas, os vinte e quatro atletas que

participavam se agrupavam em trios em que um jogava a bola com as mãos três vezes, o segundo ficava parado a uma certa distância do que lançava a bola e o terceiro se movimentava por detrás deste segundo, com o intuito de dominar a bola no peito e chutar com a perna direita, no lado direito, dominar da mesma forma e executar o movimento com a perna esquerda, no lado esquerdo, e cabecear por cima do jogador oponente quando a bola fosse lançada ao meio. Este treino foi acompanhado por vários torcedores no estádio. Na visão panorâmica da arquibancada, via-se a bola ser jogada em movimentos descompassados entre os oito trios, o que proporcionava uma sensação de agitação caótica aos observadores, que pela distância não entendiam a lógica dos movimentos. Os uniformes de treino amarelo e azul reluziam ao sol de modo a quase embaçar as vistas de quem assistia, enquanto a bola era jogada entre os atletas e atraía alguns que viam os lances: “Tô me coçando pra pegar essa bola e dar umas batidas”, disse um espectador.

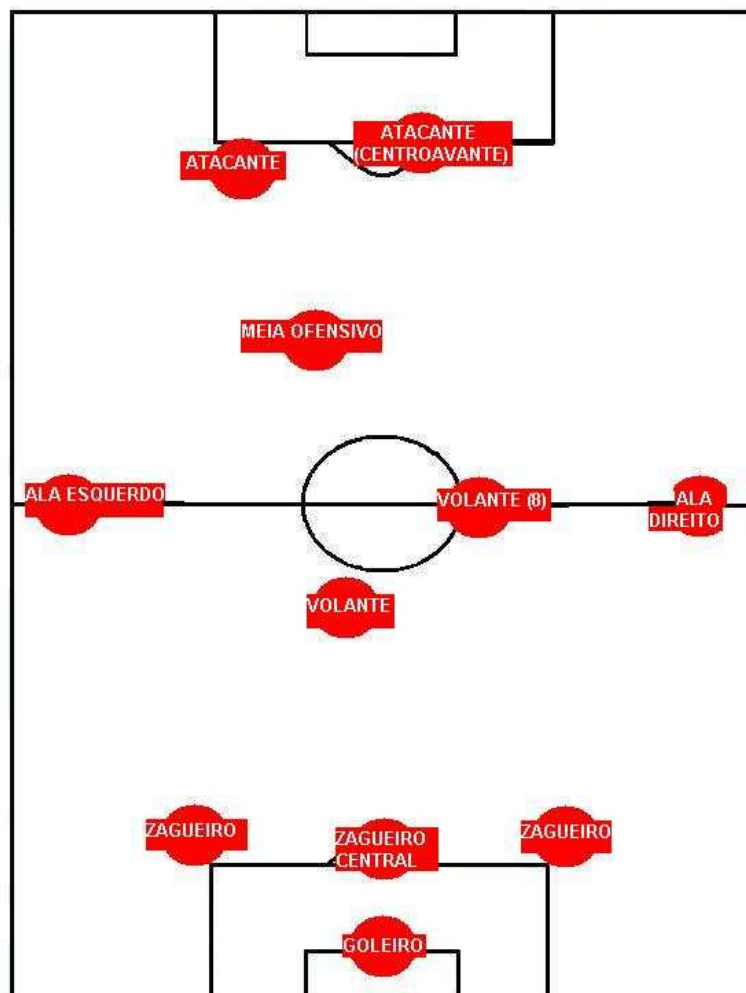
Pouco antes da estreia do ACP no certame, os treinamentos físicos e técnicos foram se tornando secundários e menos recorrentes. Os treinamentos táticos⁹¹ – chamados pelo treinador, na maioria das vezes, de treinos técnicos – adquiriram maior importância na preparação da equipe para as partidas. O técnico da equipe, desde suas primeiras atividades com os atletas, estabeleceu o esquema tático 3-5-2. O treinador explicou que o esquema escolhido para o campeonato não era o seu preferido (ele prefere o 4-4-2), porém desde a contratação dos jogadores ficou evidenciado que a equipe teria maior potencialidade atuando com três jogadores de defesa, cinco no meio-campo e dois no ataque: dois zagueiros (um à direita e outro à esquerda do campo defensivo), um zagueiro central (o que faz a “sobra”⁹²), dois alas, dois volantes (um atuando mais defensivamente e o outro colaborando no ataque além de atuar defensivamente, chamado também por “camisa oito”), um meia ofensivo (também chamado por “meia de ligação” ou “meia atacante”, o jogador que tem como função municiar os atacantes com a bola) e dois atacantes (um figurando como o centroavante, o “homem-gol” centralizado na grande área adversária, e outro sendo o jogador que deveria efetuar jogadas pelos lados do campo e colaborar com o meia ofensivo ao municiar o outro

⁹¹ Segundo Toledo (2002, p. 143), os *treinos táticos* “celebram as jogadas ensaiadas, os posicionamentos e as funções previamente estudadas, o aprimoramento das formas de jogo, necessitando da presença cotidiana dos jogadores nestes ciclos mais abstratos e sistematizados de assimilação técnica”.

⁹² A chamada “sobra” é uma das funções de marcação de um dos jogadores que compõem o sistema defensivo de uma equipe. Ao ser atacada por uma equipe adversária, os atletas que compõem o sistema defensivo dividem-se entre os que tentam tomar a bola do adversário e os que dão cobertura (os que esperam o ato de desarme de seu companheiro, acompanhando os movimentos do jogador adversário que porta a bola sem que vá ao embate com o mesmo). Estes segundos fazem a “sobra”. Geralmente, este defensor deve observar o avanço do adversário, aguardar o embate por parte do companheiro e posicionar-se para pegar a bola quando ela “sobrar” (sair da posse dos outros) que a disputaram, ou aguardar para ser o último defensor a disputar a bola com o adversário (à frente somente do goleiro).

atacante). A ilustração a baixo foi copiada da prancheta do treinador acepeano, e demonstra os posicionamentos planejados pelo comandante da equipe:

Ilustração 12, a estrutura tática do time do ACP (3-5-2) planejada pelo treinador.



Havia uma distinção entre o “time de baixo” (reservas) e o “time de cima” (titulares), o que condizia com as contratações previamente realizadas. Os titulares e reservas que mais entravam em campo eram atletas vindos a pedido do treinador, enquanto os jogadores que complementavam o elenco eram advindos da categoria de base do clube (até quando se mantiveram no clube, pois com o decorrer do campeonato muitos saíram por falta de oportunidades). Em conversas internas mantidas pelo elenco, os titulares falavam de seu afeto pelo treinador, reverenciado por ser um “paizão” e por “falar a língua dos jogadores”, porém tinham ciência das limitações de seu trabalho. Disseram dois atacantes, em um diálogo:

“Pra ele a gente corre né, não tem nem como negar um pedido dele, o cara consegue animar o time, dar atenção pra gente”; “ele ligou pra mim lá em casa e falou assim que me queria no time por que quer ‘só guerreiro, só guerreiro’ [imitando a voz do treinador]. Tinha outras propostas, mas na hora arrumei minhas

coisas e vim pra cá”; “mas, assim, não adianta esperar nenhuma variação tática da equipe. Ele é fraco nesse sentido, não sabe reposicionar o time”

Os atletas admiravam seu comandante pela lealdade e pelo carinho dispensado a eles, mas nem por isso desconheciam as limitações do treinador em organizar taticamente a equipe.

A estrutura tática da equipe estava definida, faltando somente os treinos para que a coletividade adquirisse coesão de jogo – o “entrosamento”, na linguagem do futebol. Seus treinamentos táticos partiam de simulações de jogo entre a equipe titular e a reserva. O auxiliar técnico era designado para arbitrar as disputas, enquanto o treinador acompanhava as atividades ao lado do campo com uma prancheta de anotações. Quando queria instruir os atletas em seu modo de se posicionar em campo, ele pedia que o jogo fosse interrompido para suas instruções. Os seus treinos tendiam a ser livres, corridos, com poucas instruções transmitidas aos jogadores.

Com o andamento das atividades, o treinador trabalhava para que a equipe adquirisse o entrosamento projetado anteriormente; mas na prática os treinos táticos desenvolviam-se com pouca participação do treinador (ele deixava a atividade livre, por vezes desorientada), o que consolidou a equipe em uma forma tática diferente da programada previamente pelo treinador. O ACP de 2010 entrosou-se num 3-4-3 com três zagueiros e dois volantes, conforme os planos do treinador, com um dos zagueiros “na sobra” e os dois jogadores de meio-campo centralizados e divididos entre um mais voltado às funções defensivas e o outro designado para defender e apoiar o ataque), somente um ala direito (sem trabalhar pelo lado esquerdo da linha de quatro jogadores no meio-campo), um meia ofensivo que constantemente abria para o lado esquerdo (posicionando-se dubiamente como ala esquerdo e o que deveria ser o camisa “10” da equipe, o jogador de criação de jogadas ofensivas) e uma frente de jogadores com três atacantes em linha (um atacante aberto pelo lado direito, outro centralizado e um terceiro pelo lado esquerdo, sendo este, planejada e oficialmente, contratado para ser ala esquerdo, no meio-campo). Destaca-se que esta consolidação de outro esquema de jogo, aleatória e espontaneamente absorvido pelos atletas em treinos, não é uma determinação invariável de como se comportarem em campo. Esse esquema é somente um referencial para os posicionamentos a serem tomados, e o treinador nada fez para alterar a fixação da citada forma de jogar⁹³.

Durante os treinos táticos o treinador do ACP pouco interveio nas ações dos atletas que atuavam nas simulações de partidas, mas havia algumas interrupções para a correção do que o treinador considerasse ser o problema defensivo da equipe. O treinador apitava quando

⁹³ Vide a proposição do treinador (ilustração 12) e a forma de jogo realmente fixada pelos atletas desde os treinos a até nas *performances* em jogos oficiais (ilustração 15).

a equipe reserva iniciava um avanço em contra-ataque com a bola ao lado esquerdo do meio-campo da equipe titular, num espaço que deveria ser preenchido pelo ala (que, de fato, atuava como um atacante), e reclamava do que considerava ser um “corredor dado pro ataque deles [o time adversário, que nos treinos era o ‘time de baixo’]”. Ele gritava: “Hou! Hou! Cadê o daqui?” - e pedia que alguém que estivesse próximo da jogada fosse para aquele lado e fizesse a marcação dos adversários. Não havia uma alteração nas definições táticas totais da equipe, pois somente um jogador era remanejado para o lado esquerdo do meio-campo do “time de cima”. Assim, pouco a pouco o 3-4-3 se consolidava como a forma de jogar das *performances* da equipe titular do ACP.

Mais intervenções foram realizadas para organizar a forma de defender-se de uma equipe adversária. A opção de marcação feita pelo treinador acepeano foi a chamada “marcação homem a homem”, que consiste em cada um dos atletas ser designado para efetuar marcação individual sobre um jogador adversário que atua em posição próxima à sua em campo (por exemplo, o zagueiro pelo lado direito marca o atacante adversário que atua pelo lado esquerdo). A técnica do treinador para que os atletas efetuassem esta marcação era passar boa parte dos treinamentos gritando aos seus jogadores: “Cada um, cada um!”. Para que a bola fosse retomada pela equipe titular mais rapidamente, a técnica de desarme utilizada era chamada pelo treinador de *caixote*. Esta consistia em uma duplicação de jogadores do ACP sobre o adversário que detinha a bola. Assim, fazia-se um cerco ao atleta adversário com dois ou até três jogadores, que o “encaixotavam” para lhe tirar a bola. O treinador fazia questão de chamar os atletas para a referida ação coletiva por meio de gritos de “Caixote! Caixote!”.

Outras sessões de treinamento presentes no itinerário de trabalho são as correspondentes às finalizações (cobranças de tiros livres, de pênalti ou chutes do início da grande área) e cobranças de escanteio. Os treinamentos de escanteio se intensificaram a partir das primeiras rodadas do campeonato, quando foi constatado que a os zagueiros do time estavam com dificuldades em realizar marcação sobre os adversários em jogadas aéreas. Duas formas comunicativas entre treinador e jogadores podem ser observadas nessas sessões de treinamentos.

Na primeira forma, usada nas sessões de treinos de bolas paradas, percebem-se demonstrações de uma comunicação com traços paternos entre o treinador e os seus comandados. Nas referentes a cobranças de escanteios, o treinador se aproximava do atleta que efetuariaria uma cobrança e falava com ele, imperativamente: “Ooh! Vamos lá! Eu quero ver você dar um passe no cruzamento! É um passe! Primeiro você olha quem tá na área, decide pra quem você vai cruzar e aí então chega e joga a bola pra ele. Entendeu?!”.

Posteriormente o atleta efetuava a cobrança e, a partir da eficácia da ação, o treinador voltava-se novamente ao atleta: “Isso! Valeu, valeu, valeu!” - num tom e elogio ao que acertara, ou “aaah! Tem que ter mais paciência, mais calma que na próxima você acerta, sem desistir!” ao acolher um atleta que errara o lance. As referências aos jogadores são sempre individuais e calorosas, com fala do treinador em alto tom tanto na repreensão quanto nos elogios aos acertos.

Ilustração 13, um treino de cruzamentos à área, com o treinador ao fundo observando a atividade.

[créditos: Diário do Noroeste]



A segunda forma comunicativa diz respeito aos treinamentos de finalizações. Neles se tem um exercício intenso de gritos repetitivos no momento de chutes dos atletas ao gol. O treinador seleciona os jogadores que vão realizar a atividade e os enfileira no local de onde chutarão. Ele pega algumas bolas, deixa-as ao seu lado e as rola individualmente ao jogador que chuta e posteriormente posiciona-se ao final da fila, para que o subsequente venha e chute outra bola ao gol. Tudo isto é feito em velocidade e aos repetitivos e altos gritos do treinador ao lado dos batedores, como um mantra que “energiza e concentra” os atletas em seus movimentos: “Vamo lá, vamo lá, vamo lá, vamo lá! Chuta, chuta, chuta, chuta, chuta! Acerta, eh! Acerta aí!”.

Ilustração 14, treino de finalizações, com o treinador rolando a bola. [créditos: Diário do Noroeste]



Em suma, é perceptível que o treinador não atentava para detalhes técnicos ao escalar a sua equipe, pois a definição do elenco e do esquema tático aplicado a ele parece ter sido feita desde a contratação dos atletas (que, conforme admitiam, tinham vindo por sua influência). As relações de confiança eram primordiais, pois somente os atletas mais experientes e que passaram pelo seu crivo na contratação tinham oportunidades de atuar pela equipe principal. Alguns atletas criticavam os métodos do treinador, mas admitiam que este laço de confiança sobrepunha-se: “Pô, outros treinadores por aí fazem treino de campo reduzido, têm muito mais variação tática, agora o treinador dá esse monte de treino coletivo. Mas mesmo assim, no final, por ele a gente corre. Ele cativa a gente”. Esta confiança seletiva provocou críticas dos jogadores provenientes da categoria juniores, pela falta de oportunidades para eles: “Não lembro quando foi a última vez que treinei em um coletivo”, disseram alguns antes de se desvincularem do clube. No cotidiano de treinos não havia cobranças ou instruções em muitos detalhes por parte do treinador, e o mote era sua figura de o “pai” que exigia de seus filhos, mas que lhes retribuía com carinho aos acertos. Prevaleciam nos trabalhos os gritos de incentivo aos atletas, poucas intervenções nos casos de atos tidos como equivocados pelo treinador e muita liberdade de ação e criação para os atletas.

5.2.4 Coletivo-apronto.

A fase preliminar da performance futebolística chamada *coletivo-apronto* ocorria num treino em forma de simulação de um jogo (que variava entre dois tempos de trinta a quarenta e cinco minutos) e tinha como finalidade “aprontar” a equipe antes de uma partida. O termo “apronto” é originário do turfe e “refere-se ao último galope antes de uma corrida”

(TOLEDO, 2002, p. 301), e segundo o dicionário Aurélio (apud TOLEDO, 2002, p. 301) significa “exercício final para a verificação das condições técnicas”. No futebol em geral, o último treino coletivo é utilizado pelo treinador para definir a equipe titular e ajustá-la para os prováveis acontecimentos do jogo vindouro.

Os coletivos-aprontos desempenhados no ACP variavam de acordo com o momento da equipe no campeonato, havendo neles mudanças em relação aos times titulares e reservas. O início foi de repetição das escalações da equipe titular (o chamado “time de cima”), seguindo-se o padrão prévio de contratação da equipe, com variações somente entre os atacantes. No decorrer do certame alguns jogadores sofreram lesões ou foram suspensos por cartões amarelos, algo que obrigava à colocação de outros atletas na equipe principal. Em sua maioria, o time titular foi mantido ao longo do torneio, com algumas dispensas ocorridas entre estes somente ao término da competição. Diferentemente, o “time de baixo” mudou diversas vezes. O início do campeonato foi com um elenco maior e a presença de atletas vindos da categoria júnior, o que possibilitava diversas alterações entre os reservas. No andamento da competição vários atletas mais jovens saíram do ACP e o elenco foi minimizado. O auxiliar técnico do clube teve que trazer jovens jogadores amadores do futebol de Paranaíba para que os treinamentos ocorressem.

A liberdade de criação concedida aos jogadores e as relações de traços paternos se mantinham neste tipo de treinamento. Dizia-se que a função do coletivo-apronto era que a equipe treinasse o seu posicionamento, porém o treinador não indicava como os atletas deviam posicionar-se em campo; o “time de baixo” era moldado por um esquema tático diferente do “time de cima”, por meio de um 4-4-2 não especificado em quais posições deveriam figurar alguns atletas (alguns não sabiam de deveriam atuar como meio-campistas ofensivos ou atacantes) ou com atletas designados às posições de ataque aleatoriamente (um meia ofensivo ora era escalado como atacante, ora como jogador de meio-campo); diferentemente do que os espectadores dos treinos pensavam (incluindo membros do *staff* administrativo do clube), os times reservas nos coletivos-aprontos não eram organizados pelo treinador segundo a configuração da equipe que seria enfrentada⁹⁴. Havia também vários conflitos entre os jogadores das duas equipes nos treinamentos. Os atletas reservas atuavam

⁹⁴ Certa vez, quando perguntado sobre a forma de jogo que a equipe reserva estava treinando, um membro da comissão técnica disse: “ah, deve tá no normal dele”. Um membro da diretoria respondeu que o “time de baixo” estava organizado segundo as características do adversário a ser enfrentado, sendo que o mesmo atuava com três zagueiros e dois altos centroavantes centralizados na grande área (enquanto a equipe reserva jogava no 4-4-2, com um meia ofensivo franzino adaptado como centroavante e um atacante leve e rápido pelas laterais ofensivas).

com maior descompromisso e ousadia: os jovens atacantes advindos dos juniores aplicavam dribles e arriscavam passes em maior grau de dificuldade do que o observado nas ações dos titulares (estes mais cautelosos e conservadores). Nestas condições, às vezes os atletas titulares cometiam faltas e leves agressões contra o “time de baixo”: “Olha só a minha canela, tá roxa. Ele [apontando para o colega titular] mandou o ‘pisão’ aqui e não deu nada. Faz isso com o time de cima e o professor arranca do treino”, reclama o atacante reserva.

5.2.5 Concentração: hotel, treino recreativo, aquecimento e preleção.

Esta etapa do processo performático é a que envolve o período chamado no futebol profissional de *concentração*. Trata-se de um tempo de confinamento – por horas ou dias – supostamente com um fundo de “terapia coletiva” “[...] para equilibrar o estado emocional dos jogadores, apartando-os dos estímulos e contatos extrafutebol, por horas, às vezes dias, antes das partidas oficiais” (TOLEDO, 2002, p. 144). Esse momento de reclusão, “unicamente” voltado à preparação para uma partida, em verdade era tido pelos atletas acepeanos como o tempo de usufruir de luxos quais eles não tinham acesso em dias do cotidiano. Os jogadores do Vermelhinho ficavam confinados em um hotel por um dia e uma noite antes de suas partidas⁹⁵, quando aproveitavam para assistir tevê por assinatura e jogar coletivamente *videogame* ou baralho.

A única saída do hotel antes de um jogo destinava-se a um treinamento recreativo dos atletas. Este era uma espécie de “bagunça organizada” coordenada pelo preparador físico ou auxiliar técnico e consistia em um deslocamento até uma quadra sintética ou um pequeno espaço gramado para a realização de uma atividade com bola. O responsável pelo treino exigia inicialmente que os atletas fizessem alongamentos corporais e depois distribuía bolas aos atletas para que a tocassem entre si, em atividades lúdicas. Os jogadores posicionavam-se em círculos formados de seis ou mais jogadores e tocavam a bola em uma brincadeira chamada “bobo”, na qual um ou dois atletas ficavam no centro do círculo e tentavam encostar-se na bola com alguma parte do corpo, para que se invertessem os papéis, isto é, que o que erra o passe vá ao centro da roda e o outro componha o círculo). Após alguns minutos o auxiliar técnico reunia os jogadores em várias equipes, com quatro ou cinco jogadores cada,

⁹⁵ Na primeira concentração do ano, referente aos dois jogos amistosos disputados pelo ACP, o período de concentração foi maior pelo fato de essas duas partidas serem próximas temporalmente; e excepcionalmente não houve concentração para a partida ante o Corinthians Paranaense, a última do ACP no segundo turno do campeonato, em um momento repleto de conflitos intraorganizacionais e problemas financeiros do clube.

para disputarem pequenas partidas - com duração de um ou dois gols para que houvesse a troca de times - a fim de que os goleiros jogassem na linha e qualquer atleta de outras posições assumisse as metas para defender com as mãos. Todas estas atividades aconteciam num ambiente levado ao máximo de descontração e brincadeiras proporcionadas pelos atletas.

Os atletas eram levados para as refeições (todas controladas pelo cardápio do preparador físico) e retornavam ao hotel. Depois disto eles eram levados de ônibus ao local da partida, onde iniciavam as atividades de aquecimento para o jogo. Estas eram feitas no interior dos vestiários, pois a maioria dos estádios restringe aos goleiros a entrada para aquecimento no gramado. Os aquecimentos eram mesclados de conversas entre os atletas, chutes de bola na parede, massagens em virtude de dores, banhos coletivos (todos ficavam nus, em uma cena tratada literalmente com naturalidade pelos jogadores) e orações com pedidos de sucesso para a partida. Uma reunião entre a comissão técnica, os jogadores e (às vezes) o gerente de futebol ocorria em algum intervalo entre as citadas atividades. Chamada de *preleção*, ela é coordenada pelo treinador e, no caso acepeano, era uma simples exposição tática com o auxílio de uma prancheta sobre “quem ia pegar quem” (na marcação individual preconizada pelo treinador) e conversas individuais com alguns jogadores. Os atletas diziam que se “arrepriavam” com estas conversas, tendo elas conteúdos de intimidades pessoais como família e ascendência na carreira, e que o treinador sabia motivá-los com esse recurso; no entanto, ao referirem-se às instruções táticas do treinador, diferentes atletas opinavam que ela era mal-explicada e muito rápida: “Chega em um ponto que ele nem faz mais essa preleção”, diz um atleta sorrindo.

5.2.6 Performances em jogo.

Esta fase é constituída pelo ato de executar a forma de jogo elaborada nas fases anteriores de preparação para a prática do futebol. Este cumprimento de práticas programadas previamente é feito por atores submetidos a limitações espaciais (há um campo de jogo em que se pode atuar com uma bola em disputa), temporais (a partida tem a duração de noventa minutos) e a treinamentos que expunham os modos de como agir em situações de jogo. Não obstante, os atores que geram *performances* futebolísticas muitas vezes se veem envolvidos com pessoas estranhas e em lugares diferentes, todos sujeitos aos imprevistos de situações complexas das quais eles mesmos são os criadores. As *performances* são o momento liminar da prática do futebol, em que este se realiza de um modo renovado, singular, *hic et nunc* (aqui

e agora), e é dotado de uma *aura* que faz com que um único lance de uma partida possa remeter a significados que atingem toda amplitude da vida humana (BENJAMIN, 1994).

As *performances* são “disposições continuadas” dos atores em campo. Elas caracterizam as “formas de jogar” de uma equipe (TOLEDO, 2002, p. 152). Estas formas são combinações de posicionamentos dos jogadores em campo que podem ser compreendidas por “arranjos codificados em expressões numéricas” (TOLEDO, 2002, p. 152) representativos dos esquemas táticos que demonstram as sequências de atletas posicionados na defesa, no meio-campo e no ataque de uma equipe em campo. No caso acepeano, o 3-4-3 é o código referente à sua sequência. Nas análises das performances acepeanas feitas por esta dissertação, parte-se desses elementos que demonstram os aspectos estruturais abstratos das ações coletivas de um time de futebol para, em seguida, tratar da complexidade simbólica e material própria de um acontecimento concreto que ocorre numa partida futebolística. Em outras palavras, as análises a seguir ilustrarão as estruturas das *performances* e algumas “cenas” que sintetizam a complexidade de um jogo de futebol.

As estruturas que correspondem às “formas de jogar” da equipe perseguem uma concepção estético-explicativa própria da ciência. Elaborar estruturas interpretativas abstratas corresponde a um exercício de *taxinomia* que sintetiza esteticamente (nesta dissertação), por meio de figuras, as configurações de posições em campo dos jogadores e a organização dos mesmos, esta planejada de acordo com os anseios do treinador e consolidada por meio dos treinamentos efetuados diariamente entre todos os atletas. O ordenamento abstrato de signos em uma estrutura cognoscível (conforme os desenhos táticos a seguir) deve contribuir ao estudioso que se interessa por como que se expressam as performances dos jogadores em campo, ao mesmo tempo em que servir às normas científicas, afinal “a exigência de organização é uma necessidade comum à arte e à ciência e que, em consequência, a taxinomia, que é organização por excelência, possui um eminente valor estético” (LEVI-STRAUSS, 1970, p. 33).

Os atletas acepeanos desempenharam as suas *performances* - desde as partidas amistosas antes do início do campeonato até o término do certame - de um modo diverso em cada eventualidade, e todas podem ser apreciadas de variadíssimas maneiras (de cada perspectiva tomada)⁹⁶. Serão abordados elementos relativos direta ou indiretamente aos quesitos táticos ofensivos e defensivos da equipe em campo, a gols e a lesões ocorridas entre

⁹⁶ Afinal só em relação a gols, a equipe paranavaense disputou dois amistosos e vinte partidas oficiais na temporada de 2010, marcando nelas vinte e sete gols e sofrendo trinta e sete – todos feitos por diversos jogadores e acontecidos em diferentes lugares e temporalidades

os jogadores e à presença dos sujeitos secundários nos acontecimentos em campo (comissão técnica, diretores do clube e torcedores).

Quanto à *síntese tática*⁹⁷, a configuração tática do ACP foi cumprida de semelhante à programação (paradoxalmente desprogramada) dos treinos táticos realizados no clube. A forma de jogar foi pautada pelo 3-4-3, com excesso de jogadas concentradas nos atletas que atuam pelos lados do meio-campo e do ataque. O ala esquerdo (que efetivamente atuava como um atacante aberto pela esquerda), o atacante aberto pela direita e o meia ofensivo eram os atletas que mais promoviam jogadas ofensivas e, por conta de suas características individualistas, davam mais dribles e chutes a gol (mormente em direção às linhas laterais do campo) do que passes ou qualquer outra jogada coletiva. Isto normalmente isolava o atacante que jogava centralizadamente (o centroavante), que era representado por jogadores que eram de pouca mobilidade em campo e quase não recebiam passes de seus companheiros. O centroavante da equipe pouco participava das jogadas de gols, que constituíam a sua principal função em campo. As poucas jogadas que eram elaboradas pela faixa central do gramado sem que fossem jogadas aéreas e que se destinavam ao centroavante partiam de um dos volantes, este o que mais se desprendia ao ataque (camisa oito) ou de alguma atitude de um dos zagueiros que resolvia aventurar-se no campo de ataque.

⁹⁷ Esta síntese tática corresponde ao “por em estrutura” de Levi-Strauss (1970, p. 32), que afirma: “[...] a explicação científica sempre corresponder à descoberta de uma ‘ordenação’ [e que] toda tentativa deste tipo [...] pode encontrar ordenações verdadeiras. Isto é mesmo previsível, se se admite que, por definição, o número de estruturas é finito: ‘o por em estrutura’, possuiria, então, uma eficácia intrínseca, quaisquer que fossem os princípios e os métodos que se inspire”.

Ilustração 15, uma estrutura tática que demonstra a disposição dos atletas em campo durante as performances.



Costuma-se exaltar no futebol o fato de uma equipe estar compacta (ou “compactada”) em campo como importante para exercer uma boa marcação sobre a equipe adversária. De acordo com Emilio (2004, p. 54), o time está “compacto” quando “a distância entre o atleta mais avançado [no ataque] e o último da defesa não pode ser superior a meio campo”. Esta explicação é dada pelos treinadores com base na lógica de que a diminuição de espaços entre os seus atletas serve para a retomada da posse da bola da equipe adversária. Esta era a intenção do treinador acepeano em seu “caixote” nos treinamentos. Não obstante, nos jogos de seu time houve recorrentes distanciamentos entre os jogadores de ataque, os de meio-campo e os defensores, o que inviabilizava a compactação da equipe e abria espaços. Com estes espaços e mais o fato de os zagueiros do ACP posicionarem-se de um modo retraído em campo (como que com medo das equipes adversárias, principalmente nos jogos diante de times de Curitiba), as equipes adversárias avançavam em direção ao gol ou aos lados do campo e exploravam outra deficiência da equipe: os cruzamentos altos, com vista ao cabeceio

a gol. Assim foram sofridas pelo ACP as três goleadas por 4 a 1 no campeonato, diante das equipes Corinthians Paranaense, Paraná Clube e Coritiba.

Evidentemente, estas condições táticas estruturais sofreram variações em alguns momentos no campeonato. Nos jogos disputados em Paranavaí a postura coletiva do ACP tendeu a ser mais ousada, com os atletas demonstrando maior segurança e firmeza em suas ações (mesmo com a desmotivação causada pelos torcedores) e um posicionamento que pressionava o adversário em seu campo defensivo. Tanto assim é que o ACP disputou dez partidas em seus domínios – somando-se os dois jogos amistosos – das quais venceu sete e empatou três. Por outro lado, inversamente, o resultado “fora de casa” foi de nove derrotas, dois empates e uma vitória em doze jogos disputados. O ambiente administrativo do clube também pode ser correlacionado às variações em campo, tanto que no início do campeonato (com os salários em dia ou até adiantados) o ACP ostentou vários resultados positivos e *performances* tidas como convincentes para o público (na partida ante o Coritiba, foi chamado de “time grande” em relação ao adversário), em contrapartida às apresentações desmotivadas e de baixo rendimento em campo, acontecidas nos tempos de salários atrasados e ausência de objetivos na fase octogonal da competição. Por fim, outra interferência na variação das apresentações coletivas da equipe esteve nas alterações dos jogadores ao longo da campanha no campeonato. Contingências como lesões musculares, cartões amarelos e vermelhos recebidos nas partidas, que resultaram em suspensões de jogos, e até acontecimentos que tocaram emocionalmente aos atletas, também interferiram nos momentos das *performances*. As comunicações entre os atletas em campo e as comemorações pelos lances bem-sucedidos também ocorriam a partir da diversidade das situações em jogo e das experiências pessoais dos jogadores, enquanto sujeitos históricos e culturalmente complexos.

Momentos performáticos ofensivos.

Os momentos de ataque do ACP eram construídos a partir de duas formas de organização: *a) a jogada era iniciada em um contra-ataque à equipe adversária; b) o lance era iniciado por meio de uma predominância de posse de bola sobre o adversário.* O primeiro caso constitui-se como a jogada mais eficiente do ACP, sendo o seu time pressionado no próprio campo defensivo pela equipe adversária. Os atletas acepeanos efetuavam o desarme, seja por meio de seu trio de zagueiros seja com a intervenção de seus dois volantes, e passavam a bola rapidamente para os seus atacantes localizados nos flancos do campo (quem melhor conduzia esta jogada aos ocupantes dessa posição era o volante mais habilidoso e de maior destreza técnica, chamado de “camisa oito”). O jogador que passava a portar a bola (em grande parte o atacante aberto pelo lado esquerdo) avançava até a ponta da defesa adversária

driblando e com um cruzamento alto passava aos atletas que se corriam para a grande área adversária. Em alguns momentos ele tocava a bola com outro jogador que o acompanhava até aquele local (o meia ofensivo). Na maioria das vezes o atleta com a bola dava alguns dribles em direções que não fossem a da trave defendida pelo goleiro adversário (dribles “sem objetividade”, conforme é dito no meio futebolístico) antes de efetuar o cruzamento. Lá estavam posicionados o centroavante, o atacante que jogava pelo outro lado do campo, o camisa oito e o meia ofensivo.

Neste tipo de jogada foram feitos vários gols do ACP no campeonato, como, por exemplo, o gol feito por um dos volantes da equipe aos dezenove minutos do segundo tempo, na vitória por 2 a 1 do ACP sobre a AEREB. O Vermelhinho vinha de uma derrota sofrida pelo mesmo placar em Curitiba, numa partida contra o Paraná Clube. Havia pressão tanto administrativa quanto da imprensa sobre a equipe que “jogava bem, mas mais perdia do que ganhava”. Os atletas acepeanos chegaram à partida nervosos e deveriam enfrentar um adversário mais pressionado ainda (que havia perdido todas as partidas no campeonato até ali). A tensão tomou os atletas desde o início da partida, e fez com que a partida tivesse um primeiro tempo com vários cartões amarelos e faltas cometidas pelos dois lados. 1 a 1 era o placar e a torcida já hostilizava os acepeanos em campo, levados pelas críticas desferidas pelos radialistas, que achavam a partida muito ruim por parte do ACP (o jogo das duas equipes eram ruim), até que um atacante recebeu pelo lado direito da intermediária ofensiva e avançou driblando dois jogadores adversários. Nisto um volante se aproximou dele e gritou: “aqui!”. O atacante passou a bola para ele sem olhar em sua direção. O volante a recebeu, enquanto era acompanhado pelo volante adversário, e passou pelo marcador trazendo a bola para a faixa central do campo e avançando em direção à grande área. Um zagueiro adversário veio até ele e foi enganado com um movimento de corpo do volante acepeano, que o driblou em outra direção. O volante acepeano observou o avanço do meia ofensivo ao lado esquerdo do ataque e passou-lhe a bola em um toque com o lado do pé esquerdo, à altura do abdômen do companheiro. A bola foi girando no ar, desviou-se de alguns adversários (atraindo-lhes a atenção) e encontrou o referido atleta, que a dominou na coxa direita, avançou até a linha de fundo e cruzou alto ao centro da pequena área, onde se posicionava novamente o volante que iniciara a jogada. Durante o cruzamento, os defensores atentavam-se à trajetória da bola e ao avanço do meia ofensivo, deixando de prestar a atenção ao volante que iniciou a jogada. Com uma cabeçada no canto direito do goleiro da AEREB, este atleta fez o segundo gol daquela que seria a segunda vitória do ACP no campeonato. Ao aterrissar depois da cabeçada, o autor do gol ajoelhou-se ao chão, ergueu as duas mãos ao alto e gritou: “Obrigado, Senhor! Cuida

da minha filha!”. O autor do gol havia descoberto horas antes da partida que a sua esposa estava grávida (e ele admitiu que estava muito emocionado e tomado por grande dedicação durante a partida, algo que pode explicar a destreza do mesmo ao fazer a jogada). Naquele momento alguns atletas do Vermelhinho se ajoelhavam junto a ele e o abraçavam, enquanto a maioria dos espectadores no estádio pulava e bradava “Uh! ACP!” e os atletas adversários gritavam entre si por não terem interrompido o avanço do time acepeano.

As ilustrações a seguir podem demonstrar um pouco da *performance* descrita:

Ilustração 16, o momento em que o volante efetua o passe canhoto ao meia ofensivo (à esquerda no campo, fora de visão nesta imagem), com vários jogadores adversários iludidos (na sequencia) devido a curva que a bola tomou. [créditos: Portal Caiuá]



Ilustração 17, após o passe perfeito, o meia ofensivo avança com a bola pela esquerda e atrai a atenção de toda a defesa, enquanto o volante adentra a grande-área sorrateiramente. [créditos: Portal Caiuá]



Ilustração 18, o meia ofensivo avança até a linha de fundo e cruza a bola, alta, aos companheiros próximos ao gol. [créditos: Portal Caiuá]



Ilustração 19, o volante coloca-se no espaço onde a bola pode ser cabeceada ao gol. Ele efetua a ação. A torcida ao fundo comemora. [créditos: Portal Caiuá]



Ilustrações 20 e 21, o autor do gol ajoelha-se e clama aos céus pela sua filha, enquanto alguns defensores da AEREB discutem sobre o lance. [créditos: Portal Caiuá]



O segundo tipo de jogada ofensiva do time acepeano era baseado em toques de bola com os jogadores do Vermelhinho frente a frente com os adversários – diferentemente das jogadas de contra-ataque, originárias de avanços à meta adversária com os defensores adversários ainda em recomposição (geralmente correndo e de costas para a bola). Os passes do ACP eram trocados entre o ala direito, o “camisa oito” e o meia ofensivo na intermediária de ataque. As ações com a bola iam avançando lentamente e tendiam a ser mais

desempenhadas pelo lado direito do campo de ataque, por conta da ausência de um ala esquerdo que se aproximasse dos atletas que jogavam pelo setor direito. A maior utilização deste setor deixava o time “torto”, em palavra proferida pelos membros da comissão técnica, mas era a forma tida por eles como a mais eficiente de avançar para o campo do oponente. Tal avanço se concretizava com a aproximação do atacante que atuava naquele lado, o qual recebia a bola, driblava os adversários à sua frente até a linha de fundo (provocando euforia na torcida acepeana) e passava para o ala direito ou o meia ofensivo. O que recebia a bola cruzava alto na grande área – dispondo-a para o atacante aberto pela esquerda, o centroavante ou o “camisa oito” cabecear – ou passava-a rasteira para o centroavante, que a recebia de costas para o gol e tentava girar para efetuar o arremate ou a devolvia ao que lhe tocara, voltando a troca de passes entre eles.

Esta jogada possibilitava que o centroavante participasse mais das ações ofensivas, porém elas aconteciam menos que a primeira citada. Um momento próximo desta segunda forma aconteceu na partida amistosa entre o ACP e o AEREB, vencida pelo Vermelhinho por 1 a 0. Estavam marcados trinta minutos do primeiro tempo e os jogadores do Engenheiro Beltrão apenas observavam a partida do próprio campo defensivo. Quando tinham a posse da bola, pareciam querer se desfazer dela para evitar que o jogo continuasse e se mantivesse o empate em 0 a 0. O treinador do ACP estava impaciente em sua área técnica e gritava aos seus jogadores: “Vamos trabalhar a bola! Ouh! vamos tocar a bola, aí, meu!” falava ao ala direito do ACP. Este jogador, o atacante que atuava pelo lado direito e o “camisa oito” tocavam a bola, enquanto seis jogadores da AEREB observavam a troca de passes com proximidade, mas postados em seu campo defensivo. O meia ofensivo do ACP aproximou-se e gritou “Aqui” para participar do lance. Ele dominou a bola e avançou em diagonal, da direita ao centro do campo, com a bola no pé direito e observando o posicionamento dos jogadores. Viu ele que o centroavante de sua equipe adentrava entre os zagueiros adversários e ficava sem marcação na ponta esquerda do campo. O meia ofensivo do ACP conduziu a bola ao lado direito novamente, pois não havia adversários naquele lugar, e fez um cruzamento forte para o centroavante, que esperava à extrema-esquerda. O chute foi muito forte e a bola foi por cima e caiu na arquibancada. Muitos torcedores vaiaram o chute coletivamente, alguns reclamando individualmente: “Põe esse pé na forma!” e “Pé torto!” foram alguns dos gritos. O centroavante do ACP estendeu o braço direito e, com o dedo polegar em riste, fez um gesto de agradecimento ao meia. Ao pôr o pé no chão, o meia ofensivo do ACP pôs a mão na parte posterior de sua coxa e ficou parado por alguns instantes, enquanto o goleiro adversário dava prosseguimento ao jogo. O meia ainda correu até a intermediária defensiva do ACP para

receber uma bola, deu um passe e voltou a se posicionar no campo de ataque com os demais jogadores de ataque de seu time – e o treinador continuava exigindo o toque de bola dos atletas. Ao receber a bola com a perna direita e ao lado direito do ataque, próximo a um dos atacantes, o meia ofensivo caiu deitado, pôs a mão esquerda ao rosto e levantou o braço direito. O árbitro interrompeu a partida, enquanto o médico e o massagista do ACP correram até o local para atender o atleta, que enrugava o rosto em uma expressão de dor. Ele foi substituído e ficou fora da equipe por quase dois meses, com um edema no músculo posterior. A imprensa repercutiu o fato aos lamentos, pois o atleta era considerado um dos mais importantes jogadores daquela equipe.

Como se vê, o momento ofensivo narrado no parágrafo acima foi sequenciado pelo acontecimento imprevisível de uma lesão no jogador que o protagonizou. Diferentemente do disposto, cita-se neste presente parágrafo uma cena performática terminada em gol, com este sendo marcado na partida ante o Coritiba (que findou empatada em 1 a 1, durante a oitava rodada da primeira fase do campeonato). O ACP chegara ao referido jogo em sua melhor posição na tabela de classificação ao longo de todo o campeonato, em terceiro lugar, e empolgado não somente com esta situação, mas também devido à nova pintura do estádio. Entre os jogadores, atraía-lhes positivamente o fato de disputarem uma partida televisionada, transmitida a todo o estado, num confronto diante da melhor equipe na tabela de classificação até então (algo que se consolidaria posteriormente com o Coritiba como o campeão de 2010). A partida iniciara-se com pressão por parte do ACP sobre os curitibanos, que se posicionavam defensivamente desde os primeiros minutos devido a intensidade dos ataques acepeanos. Porém, mesmo com todos os avanços ofensivos o ACP não conseguiu fazer um gol no primeiro tempo, e ainda sofreu um contra-ataque do Coritiba que lhe valeu o resultado negativo de 1 a 0 ao longo da partida. Com a iminência de uma derrota, o time acepeano atacava e via o adversário cada vez mais recuado em seu campo defensivo, por ora com atitudes violentas que lhe custou dois jogadores expulsos. Com tantos ataques, muitos gritos de incentivo dos torcedores e dois jogadores a mais em campo, o ACP fez o gol de empate aos quarenta e um minutos do segundo tempo: o ambiente no estádio WW era de intensa pressão sobre o adversário, com um alto brado de “uh, ACP!” proferido pelos torcedores; os jogadores no banco de reservas passaram a acompanhar as jogadas em pé, ao lado do treinador, ou próximos à trave oposta, com olhos voltados à bola e rostos com expressões contraídas e enrugadas; uma troca de passes foi estabelecida de frente à grande-área da equipe adversária, com o centroavante recebendo a bola de costas para o gol e, rodeado de adversários, passou-a a um companheiro que se localizava à esquerda no campo de ataque acepeano; o referido

atleta a recebeu a bola e rapidamente passou-a ao habilidoso volante que se aproximava dos seus companheiros atacantes; este jogador observou que o centroavante acepeano introduzia-se sozinho na grande-área adversária, e passou a bola com destreza por meio de um único toque (“de primeira”) de perna direita, contraindo o seu corpanzil delgado na execução do ato; o centroavante recebeu a bola e finalizou no canto esquerdo do goleiro, que havia pulado para o outro lado; ao fazer o gol, o mesmo pegou a bola e a colocou sobre a sua barriga (em alusão à gravidez de sua mulher, e beijou uma tatuagem no seu antebraço direito (em que estava escrita o nome de sua filha); os torcedores comemoravam aos gritos, enquanto os atletas do Coritiba lamentavam pelo gol sofrido e alguns do ACP abraçavam-se, gritando a eles mesmos palavras referentes ao feito (“issouh” e “consequimos”, dentre tantas) e acompanhados por um repórter do rádio local! O ACP conseguiu um empate que lhe valeu o rótulo de “time grande” ao restante do campeonato, reverenciado que foi pela emissora de televisão que transmitiu à disputa. As imagens a seguir correspondem ao lance em questão:

Ilustração 22, o centroavante recebe a bola (rodeado de marcadores) e toca à sua esquerda. Desde o goleiro do ACP a até os torcedores acompanham o desenrolar do lance. [créditos: foto Cícero]



Ilustração 23, o atacante recebe e passa a bola ao volante que avança ao ataque. Os jogadores reservas acompanham apreensivamente, com coletes azuis e ao fundo. [créditos: foto Cícero]



Ilustração 24, o volante passa a bola ao centroavante. [créditos: foto Cícero]



Ilustração 25, o centroavante recebe a bola de frente para o gol e finaliza. [créditos: foto Cícero]



Ilustração 26, o autor do gol pega a bola e a coloca de baixo de sua camisa. [créditos: foto Cícero]



Ilustração 27, na comemoração, o centroavante beija uma tatuagem em seu antebraço e carrega a bola sobre a barriga. [créditos: foto Cícero]



Ilustração 28, vários jogadores (e um reporter paranavaense) rodeiam o atleta e o abraçam. [créditos: foto Cícero]



Momentos performáticos defensivos

As características defensivas do ACP remetem inescapavelmente ao saldo negativo de gols da equipe no ano. O ACP sofreu dez gols a mais do que fez em seu ataque (37 gols contra e 27 pró), algo que indica a derrota como consequência final em várias partidas. Entre a derrota e os gols sofridos, há o elemento qualitativo que permeou as performances defensivas acepeanas no campeonato: o *drama*. Houve ao longo do campeonato dois tipos de organização defensiva da equipe acepeana que precisam ser realçados (ambos referenciadas pelo “cada um, cada um”, a marcação individual instruída pelo treinador): *a) as “saídas” de bola; b) os momentos dos ataques adversários.*

No tocante ao primeiro item, por *saída de bola* entende-se o ato de um time “sair” de seu campo defensivo com a bola e conduzi-la até ao seu campo de ataque. Este movimento tende a ocorrer após a equipe receber um chute a gol e o seu goleiro reiniciar o jogo, tanto com um tiro de meta⁹⁸ quanto em uma reposição com as mãos. No ACP, em 2010, o treinador não realizou treinamentos específicos para esta ação e elas eram organizadas

⁹⁸ De acordo com a regra do futebol número 16, o tiro de meta é uma forma de reiniciar o jogo concedida a uma equipe quando a bola ultrapassa a “linha de meta” (a linha da extremidade do campo em que se situam uma das traves) e o último a ter tocado no esférico foi um jogador da equipe adversária. Normalmente, quem executa os tiros de meta são os goleiros.

espontaneamente. Numa cobrança de tiro de meta, os atletas partiam para o campo de ataque rapidamente, dispersando-se em campo à espera do chute do goleiro acepeano. O ala direito e o atacante pelo lado esquerdo posicionavam-se nas intermediárias ofensivas e colocavam-se entre os espaços de marcação dos adversários, e a eles eram destinadas as jogadas em recorrência. Caso a saída de bola fosse “curta” – ou seja, lançada brevemente pelo goleiro – o zagueiro centralizado e o volante de maiores competências defensivas eram acionados. Os jogadores destas posições tinham maior habilidade para observar o posicionamento dos seus companheiros e, com frieza, passar-lhes a bola. Quando perseguidos por algum marcador, eles deveriam ser rápidos para driblar ou passar a bola, pois em um equívoco o adversário estaria com a bola de frente para o goleiro. Os zagueiros laterais eram mais lentos e pesados e tinham dificuldades com tal movimento. O fato de os jogadores dispersarem-se em campo em demasia, deixando a equipe “descompacta”, era um fator que dificultava estas ações: sem jogadores livres para auxiliar na troca de passes, a posse da bola era perdida e a defesa acepeana corria riscos de sofrer um gol.

Uma falha na saída de bola ocasionou em gol contra o ACP na partida vencida por 2 a 0 diante do Cascavel, ocorrida na fase octogonal do campeonato. Naquele momento da competição o ACP tinha salários atrasados e os jogadores eram criticados pela imprensa por não haverem vencido até aquele jogo naquela fase. Um jovem e robusto zagueiro advindo dos juniores do clube foi escalado como titular pela primeira vez no campeonato. O placar estava em 1 a 0 para o Vermelhinho e seria iniciado o segundo tempo, em um estádio com poucos espectadores, que ficaram em silêncio até a falha do referido atleta. O ACP deu a saída de jogo e o time de Cascavel avançou para tomar a bola. Os atletas acepeanos não encontravam espaços em campo, dispersando-se entre os seus marcadores do Cascavel, o que os fazia amedrontar-se e tocar a bola para os seus companheiros recuados. Um atacante passou-a à sua direita para o ala direito e este a recuou para o zagueiro centralizado, que estava sendo pressionado e a tocou para o zagueiro recém-escalado, que, sozinho, não conseguiu passar a esfera a nenhum companheiro até ser pressionado e perder a bola. O lateral esquerdo do Cascavel, que havia entrado na partida minutos antes, retirou a bola do desafortunado zagueiro e passou-a para um de seus atacantes, que a chutou rasteira no canto esquerdo do goleiro acepeano. Este espalmou a bola para os pés de um jogador adversário, que a tocou para o gol. Os torcedores presentes no WW viaavam o acontecimento enquanto o jovem e desafortunado zagueiro dava um pulo, colocava as duas mãos juntas sobre a boca, chorava e balançava a cabeça em gesto de reprovação ao seu próprio ato. O treinador reclamava em sua área técnica, dizendo “Ali não se brinca! Dá [um] chutão, pô!”, enquanto os companheiros do

zagueiro foram até ele e o tranquilizaram. O zagueiro foi substituído minutos depois e ainda recebeu elogios na imprensa e entre os diretores do clube, após a partida: “É um zagueiro jovem [e] deve ser incentivado por isso. Errar é humano”, disseram em uma rádio: “Poxa, fica tranqüilo, cara, você supera essa”, foram as palavras de um diretor do clube enquanto o abraçava. Mais calmo, o zagueiro explicava apontando para o seu tornozelo: “É que peguei errado no pé, bem no ossinho aqui”.

Os momentos de ataques adversários, o segundo tipo de ordenamento momentâneo salientado nesta análise, correspondem às diversas formas de jogadas efetuadas contra a defesa acepeana. Neste quesito, os lances provenientes de jogadas realizadas pelo adversário utilizando a faixa central do gramado eram os de maior facilidade para que o ACP retomasse a bola. Seus dois volantes preenchiam bem os espaços centrais na intermediária defensiva e eram competentes em realizar desarmes ali. Apesar disso, os espaços defensivos laterais permitiam a progressão dos adversários, sobretudo pelo lado esquerdo (pela ausência de um ala), e demandavam que os volantes se deslocassem da faixa central do gramado para realizar marcação também nos lados. Quem mais se deslocava para cobrir aqueles espaços era o “camisa oito”, que teve maior desgaste físico por conta destas exigências táticas e ficou lesionado durante várias partidas. Soma-se a isto tudo o fato de o ACP ter três zagueiros e não possuir os tradicionais laterais esquerdo e direito dos esquemas táticos iniciados por uma linha de quatro jogadores na defesa⁹⁹ e de todos eles se posicionarem demasiadamente próximos à grande área ou dentro da mesma (formando uma barreira em torno do goleiro). Por este posicionamento recuado, eles permitiam ao máximo o avanço de jogadores adversários no campo defensivo acepeano – incluídas as jogadas pelos lados do campo, que permitiam cruzamentos altos direcionados à grande área. Desta maneira vários gols foram sofridos e advieram muitas discussões entre os defensores.

Foi na partida entre o ACP e o Serrano, válida pela sexta rodada do campeonato, que ocorreu o lance defensivo mais intenso e dramático do time paranavaense no campeonato. Eram quarenta e seis minutos do segundo tempo, o ACP ganhava por 2 a 1 em um jogo desagradável para o público (que vaiava o próprio time) e para os críticos das rádios. O Serrano era a pior equipe na classificação do campeonato até aquele momento. Sua postura em campo foi a de manter ao máximo o resultado em 0 a 0, algo manifesto nas disputas de bola ríspidas e na maneira como que os seus defensores desfaziam-se do esférico no campo

⁹⁹ O 4-4-2, por exemplo, que é composto por uma linha de quatro defensores (com dois laterais e dois zagueiros), quatro jogadores no meio-campo (variando na quantidade de volantes e meias ofensivos) e dois atacantes.

defensivo (à base de chutões desmedidos). Quando o resultado reverteu a favor do ACP, aos trinta e cinco minutos da última etapa, os adversários avançaram ao ataque e pressionaram a defesa do Vermelhinho. As vaias aumentavam a negatividade do ambiente e os jogadores do ACP ficavam tensos, havendo erros de passes e discussões entre eles, até que no último minuto de partida os jogadores de meio-campo do Serrano pressionaram até tomar a bola e avançaram pela esquerda da defesa acepeana. Oito jogadores do Vermelhinho estavam dentro ou nas proximidades da grande área, enquanto um meia ofensivo adversário avançava pela ponta direita e cruzava alto – de perna direita – em direção ao centro da pequena área do goleiro acepeano. Os zagueiros que jogam respectivamente pelos lados esquerdo e direito e o ala direito encontravam-se ao lado do centroavante adversário e somente observavam a bola percorrendo o seu trajeto e se aproximando dele. Este era Renaldo¹⁰⁰, o mais famoso jogador da equipe adversária, que arqueava o corpo para desferir uma forte cabeçada ao alto do lado direito da meta do goleiro acepeano. O arqueiro gritou “eeeeiih!” e conseguiu espalmar a bola para cima, com as pontas dos dedos de sua mão direita. O árbitro da partida apitou em seguida e encerrou o jogo, no momento em que a torcida e o banco de reservas do ACP comemoravam com pulos e gritos. Enquanto isso, Renaldo saía cabisbaixo de campo até ser abordado por repórteres de rádios. Dois atletas do ACP que estiveram próximos ao lance discutiam, trocavam alguns empurrões e foram seguidos por colegas que separaram o conflito. O goleiro do Vermelhinho posicionava-se de joelhos ao chão e sozinho orava (em voz inaudível).

Atesta-se esteticamente por meio destas explicações que as *performances* futebolísticas são estruturadas a partir da vivência coletiva. Esta é baseada em acontecimentos comezinhos, como os treinamentos da equipe de futebol, e em programações definidas pelos conflitos entre as perspectivas dos diferentes sujeitos envolvidos no processo de produção do futebol - por exemplo, nas ordens recebidas do treinador, nas diferentes compreensões que os jogadores tem a respeito delas e nas diversas práticas conduzidas pelos mesmos em campo (em seus diferentes momentos de variadas partidas). Esta estruturação do futebol está permeada por elementos eventuais imprevisíveis e tomada pelo intuito de vitória sobre o adversário, e assim revela a complexidade humana nas cenas e histórias das *performances* futebolísticas.

¹⁰⁰ Atleta que se notabilizou por jogar no Atlético Mineiro e que jogou pela seleção brasileira nos anos de 1990.

5.2.7 Recuperação

A etapa que corresponde ao “esfriamento”, para Schechner (apud ALVES DA SILVA, 2005), é a primeira posterior à liminaridade performática. Ela representa uma distensão dos *performers* após as suas apresentações e é realizada diferentemente, através das características culturais dos sujeitos envolvidos nos atos performativos. No futebol ela pode ser observada nos momentos de recuperação muscular posteriores à disputa de uma partida. A justificativa dos profissionais de fisiologia para a recuperação pós-exercício é que ela é fundamental para a melhora no desempenho de partidas futuras e a prevenção de lesões decorrentes do excesso de esforço muscular (BASTOS et al, 2009).

Os procedimentos de recuperação pós-exercício no ACP eram definidos pelo preparador físico. Este determinou ao massagista do clube que priorizasse as aplicações de gelo após as *performances* em jogo e pediu à direção do clube que disponibilizasse sessões de exercícios em piscina nos dias posteriores aos jogos. Assim, em termos técnicos, o referido profissional aplicava como métodos respectivamente a crioterapia e a recuperação ativa. Os jogadores recebiam aplicação de bolsas de gelo nos vestiários e depois, no alojamento, em caso de excesso de câibras ou de dores sofridas por pancadas (em sessões tomadas por conversas sérias e reflexões sobre os acontecimentos do jogo), e a recuperação ativa na piscina de uma academia conveniada com o clube, atividade que foi marcada pelas instruções de movimentos do preparador físico e pelas brincadeiras e piadas entre os atletas na água.

O fato mais evidenciado no tocante à recuperação pós-exercício do ACP no campeonato ocorreu justamente quando ela faltou. Após o término da estafante partida contra o Coritiba, válida pela oitava rodada da primeira fase da competição, os jogadores do ACP viajaram a Curitiba sem a prática dos exercícios em piscina e jogaram contra o Corinthians Paraná dois dias depois. Foi quando ocorreu a derrota por 4 a 1 e vários questionamentos públicos foram feitos a respeito do resultado ruim da equipe. A procura pelas causas do incidente confrontou a “explicação científica” do preparador físico sobre a não recuperação da equipe e as insinuações de que os atletas se haviam excedido em festa pelo empate na partida anterior. Ao término do campeonato, prevaleceu perante a opinião pública o julgamento de infração aos princípios morais cometida pelos jogadores.

5.2.8 Repercussões

O item *repercussões* corresponde ao desfecho pós-liminar do processo performático. Ele se aproxima da categoria “desdobramentos” de Schechner (apud ALVES DA SILVA, 2002, p. 62), como o momento de possíveis transformações sociais para *performers* e espectadores e, principalmente, de disseminação de representações relativas à partida – como críticas, avaliações, debates e opiniões sobre os fatos. O termo *repercussões*¹⁰¹ é o mais adequado ao futebol, por ser algo que remete ao fluxo de informações e opiniões produzidas e reproduzidas sobre o futebol (quão constantemente o próprio esporte é passível de opiniões e revisões sobre os seus acontecimentos!). Conforme o entendimento de Franco Junior (2007, p. 212-213), as discussões a respeito de uma jogada, jogador ou qualquer elemento presente em uma partida adquire conotação mítica, pela facilidade e gozo em se opinar sobre futebol, mesmo sendo algo de que apenas se ouviu falar e que povoa somente a memória coletiva dos que acompanham o esporte. As *repercussões* fecham o processo ritual de *performances* futebolísticas aliando-o ao mito e alimentando a renovação da cadeia performática com representações que estarão presentes em etapas de produção de *performances* futuras.

Diferentes sujeitos participam das *repercussões* a respeito da prática do futebol, dos quais o primeiro a ser referido é o constituído pela imprensa. Esta possui compromissos profissionais com as *repercussões* sobre uma equipe de futebol e tende a pautar as opiniões públicas a respeito de uma equipe. No caso do ACP, os jornalistas que cobriam os eventos tinham comportamentos que mesclavam a busca de transmissão de notícias com uma defesa apaixonada do clube como o principal representante público do município e um olhar fiscalizador sobre sua administração. Ao longo do campeonato, o ACP foi noticiado primeiramente por meio de enaltecimentos como uma equipe “experiente” e “competitiva”. Com o andamento das rodadas, enquanto o time obtinha mais resultados positivos os jornalistas destinavam prêmios aos jogadores (como tortas e vales-refeição oferecidos pelo comércio local) e realizavam entrevistas individuais que enalteciam tornavam públicas as capacidades do atleta (como as com um atacante tido como “driblador que derruba as defesas adversárias em nome de Paranaíba”). O ACP era visto como um “grande time que leva o nome de Paranaíba a todos os cantos do Estado”. A partir da queda de rendimento da equipe no tocante à conquista de vitórias, os atletas passaram a ser criticados (em um programa de rádio, passou a ser dito que um centroavante da equipe “não deu certo em Paranaíba”, em

¹⁰¹ De acordo com o Dicionário Houaiss (2010), o termo “*repercussões*” significa “ato ou efeito de repercutir; reverberação, reflexão; [...] bom êxito, prestígio, consequência”.

menção que mistura cidade e clube) e a administração do clube questionada (quando dos atrasos salariais aos jogadores, um radialista dizia: “Acho que estamos em um momento pertinente para perguntar quanto o presidente [do clube] tá ganhando e se o salário dele também tá atrasado”). É perceptível que a imprensa repercutia o ACP e todos os personagens envolvidos em sua realidade organizacional como os responsáveis por conduzir o mito identitário do “autêntico representante da cidade de Paranavaí”.

Entre os atletas e demais profissionais do clube, as reminiscências das partidas eram as repercussões que os acompanhavam ao longo do campeonato. Conversas e reflexões sobre os acontecimentos passados eram realizadas em confronto com as repercussões transmitidas pela imprensa, algo que gerava conflitos velados¹⁰² ou explícitos¹⁰³ entre profissionais do ACP e jornalistas. Estas lembranças e bate-papos eram embebidos de diferentes conteúdos e finalidades entre os diversos profissionais do clube. Para os atletas, permaneciam os lances dos jogos em seus acertos e erros estritamente técnicos: “Devia ter chutado ‘de primeira’”, lembrava, um deles, arrependido de um chute errado em conversa com um companheiro; “Eu peguei por baixo da bola, certinho, aí ela subiu e encobriu o zagueiro deles”, orgulhava-se falando de como deu um passe eficiente. No que tange aos profissionais da administração do clube, eles preocupavam-se com as impressões dadas aos espectadores do jogo e se perguntavam se conseguiriam com elas atingir objetivos, tanto pessoais quanto institucionais: “Acho que depois de uma vitória por 3 a 1 a gente consegue encher o estádio”, dizia-se na secretaria, com preocupação pela baixa arrecadação com a venda de ingressos; “Será que o prefeito gostou do jogo? Dizem que ele não gosta de futebol” - falava-se em relação ao intuito de empolgar o prefeito para que auxiliasse o clube.

A última categoria de repercussões estabelecida a respeito do futebol é circulada entre os torcedores. Estes sujeitos tendem a observar o futebol e a ter sobre ele representações enviesadas por seus aspectos eminentemente emocionais, baseados em reivindicações de resultados e na regularidade da equipe em suas atuações (TOLEDO, 2002, p. 59). Neste sentido, as repercussões entre os torcedores acepeanos eram caracterizadas por dois sentidos: *a) o de defenderem com intransigência o “clube da cidade; b) o de exercerem críticas e cobranças sobre os jogadores que representam o clube; e c) o de expressarem mais apreço ao espetáculo.*

¹⁰² Como as reprovações a matérias publicadas por um jornalista: “ele todo ano solta uma dessas. Ao invés de ajudar o clube de Paranavaí ele atrapalha”, disse um profissional sobre uma matéria que analisava o rendimento dos goleiros do clube.

¹⁰³ Conforme o conflito de interpretações entre treinador do ACP e um jornalista, no que se refere à comemoração do treinador em frente à sua torcida no jogo pela décima rodada da primeira fase. Detalhes deste conflito estão detalhados na subseção 4.4. desta dissertação

No primeiro caso, percebe-se a representação sobre o clube como o legítimo representante de Paranavaí. Por este entendimento, todos que emitiam qualquer opinião contrária ao clube ou à sua história na cidade eram tratados de maneira negativa como transgressores, heréticos ou traidores da identidade local. A única crítica aceita entre os torcedores era a referente aos jogadores da equipe. Um exemplo pode ser citado. Em um encontro entre pessoas em uma pastelaria no centro da cidade, a conversa do grupo teve como tema o ACP no campeonato. Ao tecer uma observação sobre uma derrota da equipe no campeonato, um dos torcedores disse que a defesa do time era muito ruim e que apenas um jogador “prestava” nela (em um termo utilizado pelo torcedor). Todos concordaram com a opinião dele, avalizando-o pelo fato de o time estar sofrendo muitos gols em jogadas aéreas: “Os caras são ‘mole’, não entram com vontade”, disse um deles. Outro dos presentes no bate-papo concordou que os zagueiros eram ruins, mas também disse que achou bom perder aquele jogo por que o time adversário era melhor e merecia ganhar. Imediatamente todos reprovaram a opinião do colega, um deles justificando a discordância: “Cara, como que você me diz isto? Um time tradicional nosso [o ACP], que representa Paranavaí aí pra fora. A gente tem que torcer o tempo todo pro nosso representante daqui tanto na política, no futebol, no meio das empresas. Quando cresce um daqui é bom pra todo mundo”, disse sob aprovação de todos os demais.

No tocante ao segundo item, as repercussões públicas no meio dos torcedores tendiam constantemente a exercer julgamentos morais sobre os atletas do ACP. Estas opiniões em relação aos atletas eram colocadas por torcedores quando se encontravam em grupos (nunca individualmente) e em uma combinação entre o que viam e ouviam sobre os jogadores nas ruas e o que ouviam deles pelas rádios. Alguns fatos elucidam a explicação: quando um atacante, coincidentemente, foi visto em um bar, os radialistas da principal emissora, depois de terem analisado como péssima a atuação dele na partida anterior, taxaram-no de “baderneiro”; quando visto entrando em uma igreja evangélica, um atacante elogiado por um narrador por “barbarizar as defesas adversárias” foi considerado por torcedores como um “bom jogador, mas fanático religioso”; ao ir a um cabeleireiro entre os dias em que foi criticado em uma rádio por “estar errando muitos passes”, a massa de torcedores passou a considerar um dos meias ofensivos do time “mascarado”, dizendo que estava errando passes por “inventar muito”. Uma grande pressão moral era exercida em um misto do que viam e ouviam sobre os jogadores.

O terceiro aspecto relativo aos torcedores e às repercussões sobre o ACP diz respeito ao apreço intenso pelo espetáculo e o pouco caso com a vida política e administrativa do clube.

As repercussões das partidas de futebol tinham como assunto principal as peripécias de um dos atacantes da equipe. O jogador de estatura pequena e grande facilidade em driblar encantava os torcedores: “Aquele baixinho a gente sabe que pode jogar em qualquer time do Brasil”, disse um torcedor quando perguntado sobre o que via como o ponto forte do time do ACP no campeonato. Enquanto muito se falava de um atleta que driblava até o setor defensivo do próprio time, as situações políticas e administrativas do clube eram repercutidas como um “pesado fardo” que deveria ser carregado por alguém. Críticas eram feitas ao presidente do clube e vereador municipal, contudo havia um conformismo em relação ao modo como o clube poderia ser conduzido: “A gente sabe que não tá boa a gestão do presidente [do ACP], mas quem vai encarar uma ‘bucha’ dessas? É muita dificuldade, no final ele é o único que tem coragem de assumir”, disse um dos poucos torcedores que ao longo de toda a pesquisa de campo falaram sobre a situação administrativa do clube.

Considerações finais.

A grande finalidade desta dissertação foi procurar uma compreensão sobre uma organização (um clube de futebol, em caso o ACP) por meio de interpretações a respeito de seu produto (a prática do futebol profissional) e do processo histórico de acontecimentos dramáticos transcorridos na confecção desse produto (o processo de disputa de um campeonato). As considerações finais desta dissertação iniciam-se narrando um episódio posterior ao vigente durante a campanha do ACP no Campeonato Paranaense de 2010 e ao trabalho de campo desenvolvido por esta etnografia. O ato de deter-se a este episódio serve como um de olhar em perspectiva sobre a condição sócio-cultural do clube, por o fato a seguir ser um momento à parte da disputa do campeonato e conter em si os elementos fundamentais das relações de poder no clube.

Após uma temporada em que o Vermelhinho terminara em sexto lugar no campeonato estadual e com um saldo negativo que chegara às centenas de milhares de reais em dívidas, iniciara-se no mês de setembro o processo eleitoral que se destinara a eleger o novo presidente do ACP. Aconteceram três reuniões, avolumadas por cerca de trinta a quarenta sócios do clube, para que ao término delas se definisse pela continuidade do então atual presidente por mais dois anos.

Nas duas primeiras reuniões, foi aberto o pleito a todos os sócios, indistintamente, com a liberdade para que qualquer um candidatasse-se ao cargo de presidente. As duas reuniões, bem como a terceira, foram convocadas pelo diretor que presidia o conselho deliberativo do clube com o expreso caráter de definir quem seria o novo presidente da organização. Na primeira delas o presidente do Vermelhinho não compareceu, por ter outros compromissos naquela noite, e todos os associados defenderam a marcação de uma segunda reunião (sendo que ninguém disponibilizara-se a assumir o cargo). Quando da segunda reunião, o presidente do ACP compareceu, explicitou o valor da dívida do clube, alegando que a mesma era advinda de problemas trabalhistas passados, e colocou o seu cargo à disposição “de qualquer cidadão de Paranavaí”, conforme suas palavras. Mais uma vez não houveram candidatos, fazendo com que o presidente do clube sugerisse que conversaria com o prefeito municipal e pediria a ele que indicasse quem deveria ser o novo presidente do clube.

Ocorreu então, antes da última reunião eleitoral, um encontro entre o diretor de finanças, o diretor de futebol profissional, o presidente do conselho deliberativo e o presidente do clube com o prefeito municipal. Expôs-se a ele a situação devedora do clube e pediu-se que ele colaborasse “com sua liderança” para agregar recursos financeiros (com empresários) no

intuito de quitar a referida dívida. Pediu-se também para que o prefeito indicasse um novo nome para a presidência do clube. O dito político posicionou-se em defesa do clube, dizendo que faria o possível para resolver o problema financeiro do mesmo, e negou-se a definir quem seria o novo presidente da organização, alegando ser esta uma questão interna do clube.

Ao fim, a última reunião eleitoral (ocorrida já com o mandato vencido, segundo as bases do estatuto) teve como desfecho a manutenção do presidente anterior, presente no clube desde 2006. Mais uma vez não houve qualquer sujeito que se disponibilizasse, definindo-se consensualmente pela continuidade.

Percebe-se nesses acontecimentos dois pontos fundamentais que sintetizam as relações organizacionais atinadas à cultura no clube. Primeiro: o apelo ao poder público municipal, mais uma vez nesta dissertação, para que através dele se pressionasse alguns colaboradores no intuito de quitar dívidas da instituição. Isto demonstra que o clube não é auto-sustentado e que necessita de auxílio público para subsistir, em uma situação de dependência para com o “fundo público” que remete às necessidades de se ter o Estado à priori para que o capital reproduza-se, sem que haja relações capitalistas concorrenciais prévias (OLIVEIRA, 1988). Sendo assim, e com base nas demais afirmações desta dissertação a respeito da afinidade entre poder público e Atlético Clube Paranaíba, pode-se concluir que o futebol acepeano sustenta-se por meio de uma corrente de provimento que se inicia nas influências de um representante local do Estado (o prefeito), para que consecutivamente haja apoio privado às finanças do clube.

Além desta relação extraorganizacional do ACP com o poder público municipal, existe um segundo ponto ao qual a breve narrativa propalada pode iluminar. Tem-se nas relações políticas internas do clube a origem de um micro-sistema cultural que provoca a manutenção dos problemas administrativos do clube: quase todos os associados participaram das três reuniões, em que conversavam entre si (paralelamente ao processo dirigido pelo presidente do conselho deliberativo) e reconheciam a importância do clube na localidade por sua tradição, todavia não houveram associados interessados em assumir o clube, sob algumas alegações como “é muito complicado assumir um clube, vai que cai [rebaixado à uma divisão inferior no campeonato] como aconteceu com outros” ou “ter que responder na justiça por esses problemas trabalhistas pode dar problema na minha empresa”. Ao mesmo tempo em que há esta recusa, também existe no clube uma concepção de que o mesmo é “público”, ou pelo menos aberto à participação política de seus sócios, em percepção explicitada nas palavras ditas pelo presidente de que o seu cargo estava aberto ao “cidadão de Paranaíba”. Afinal é possível, sim, afirmar que há uma abertura à intervenção “cidadã” na política interna da organização em questão, todavia deve-se interpretar a prática da cidadania no ACP a partir

das suas particularidades no clube, do modo como os tais “cidadãos” se identificam com o mesmo e da maneira como eles se reúnem em torno do clube e são tomados por diferentes interesses e estratégias de ação¹⁰⁴.

As ações político-organizativas no clube, por parte dos associados, são entendidas por meio da crença condizente com “o ACP, o time da cidade”. Todos os sócios do clube são moradores de Paranavaí, com a maioria vinculada ao esporte amador local (sendo eles vinculados às ligas de Futebol Amador e de futsal de Paranavaí, ao quadro de árbitros do futebol amador regional ou aficionados pelo clube desde os seus primeiros anos de fundação) e alguns, em minoria, que compõem também o quadro de patrocinadores do time durante os Campeonatos Paranaenses. O clube exige de seus associados a participação em seu processo decisório: nos momentos deliberativos, os sócios compareceram às reuniões e concordaram entre si no que diz respeito à tradição do clube e a importância em ele ser bem gerido, mas temem que assumir um posto diretivo no mesmo possa prejudicar a instituição (devido ao conjunto de dificuldades e carências do clube e à imprevisibilidades da natureza do futebol em geral, é constante a possibilidade de fracassos de resultados no futebol praticado pela equipe) ou a eles próprios (teme-se que os encargos gerados pelo clube possam prejudicar-los em suas vidas privadas). Por meio desta atitude temerosa e condescendente perante a administração do clube e uma inoperância política de atores organizacionais que poderiam concorrer à direção do clube, mas não a fazem, alimenta-se um micro-sistema cultural organizacional que provoca a manutenção daquilo que um dos funcionários havia reclamado (ao término do campeonato) como o ACP repetindo os mesmos problemas administrativos todos os anos¹⁰⁵.

Portanto, conclui-se que há no ACP um micro-sistema cultural (intra-organizacional) primordialmente voltado para a obtenção de resultados, produtor de um futebol que funde paradoxalmente eficiência moderna e costumes tradicionais e situado historicamente na “Era dos Volantes”¹⁰⁶. Este micro-sistema é: estabelecido primordialmente pela manutenção de um grupo diretivo e condescendência dos associados perante os diretores; pelas relações entre a organização e os seus torcedores; pela prática de um futebol imbuído por um objetivo pragmático e esteticamente desinteressante; envolvidos por costumes administrativos

¹⁰⁴ A concepção cidadã no ACP assemelha-se a afirmação de Canclini (1999, p. 46): “ser cidadão não tem a ver apenas com os direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os que nasceram em um território, mas também com as práticas sociais e culturais que dão sentido de pertencimento, e fazem com que se sintam diferentes os que possuem uma mesma língua, formas semelhantes de organização e de satisfação das necessidades”.

¹⁰⁵ Ver citação ao término da subseção 4.4, p. 122.

¹⁰⁶ Conforme a análise global a respeito do futebol no mundo, presente na seção 2.

particulares, firmado pelas experiências vividas nas relações organizacionais cotidianas; enunciado concretamente pelo *drama social* desenrolado pelo clube ao longo do campeonato paranaense.

A sustentação do referido micro-sistema se dá por meio de uma *reafirmação constante da tradicionalidade* e das *poucas disputas por poder* no clube. Sobre o primeiro ponto, trata-se do cultivo de uma tradição (a referente ao “ACP: clube da cidade”) feito em Paranavaí por meio da imprensa e de seus torcedores, que afirmam ser o citado clube de futebol uma espécie de embaixador do município. Pode-se afirmar que há nesta relação com o clube o sentido das invenções de tradição constatado por Hobsbawm (1997). Em estudos a respeito dos finais do século XIX e início do XX, o referido historiador afirma que a sociedade européia passava por transformações sociais profundas e rápidas, com contextos, grupos sociais e ambientes radicalmente transformados por meio de aspectos como o crescimento da urbanização e a expansão industrial. É nisto que se passa a exigir instrumentos capazes de proverem coesão social e identidade na estruturação das relações sociais. Este processo provoca a “invenção de tradições” de âmbito oficial (elaboradas por Estado e movimentos sociais de cunho político) e não-oficial (advindas por meio de um cunho não político ou não conscientemente político). O segundo caso, o não-oficial de acordo com Hobsbawm (1997), corresponde aos clubes e grêmios (como os de prática de futebol) e a ele se aproxima o ACP, também criado numa época de instalação de uma época de transformações sociais rápidas e profundas: a frente pioneira de Paranavaí. Afinal, o ACP (ou sua primeira manifestação clubística, o Paranavaí Foot-ball club) é historicamente um clube criado antes mesmo da emancipação municipal da cidade no qual se situa, e fruto de uma tradição inventada naquele período.

Além da tradição inventada, há também uma “reiteração das tradições” com o ACP. Baseados nas origens históricas do clube, reitera-se em Paranavaí a identidade com a organização, entre expressões radiofônicas e conversas populares na localidade. Há um consenso disseminado relativo à importância do clube e de que o mesmo deve no mínimo ser “preservado”, mesmo que não haja uma participação em massa da população nas atividades do clube ou que muitos não se interessem pelo futebol local ou pela própria prática esportiva.

No que diz respeito à pouca disputa de poder no clube e a sua contribuição à manutenção de um micro-sistema de relações, esta é relevante pois não há uma pauta dissensual da definida pela atual chefia da organização e por conta dos associados serem condescendentes perante o *presidente* e o *gerente de futebol* do clube. O primeiro mantém-se soberano no poder, com uma política de captação de recursos financeiros baseada em auxílios de pequenos e médios empresários locais e nas estreitas relações com o poder público

municipal. O segundo gerência o futebol no clube, sob conivência do presidente, montando equipes que atuam por meio de uma estética baseada na força, na velocidade e em jogadas pelos lados do campo, algo com um fundo estritamente pragmático e que visa primeiramente a obtenção de vitórias (mesmo que em detrimento da qualidade ou agradabilidade do jogo praticado).

Com poucos recursos para a montagem de uma equipe mais competitiva (ou seja, com atletas mais capacitados tecnicamente), elabora-se no ACP um time imbuído por um pragmatismo em campo, pois adequado a formas de jogar estritamente voltadas à obtenção de resultados positivos (e pouco atraente ao público, que dizia comparecer ao estádio para ver os dribles desmedidos e ousados de um dos atacantes, mais do que pela eficácia nos resultados da equipe em campo). Justamente nesta, que é a essencialidade do clube (a prática do futebol por meio das *performances* em campo), a produção do futebol no ACP combina atitudes com finalidade estritamente pragmática (a contratação dos jogadores de acordo com as posições necessárias; a condução dos trabalhos embasados “cientificamente” pelo preparador físico) com manutenção de alguns costumes não utilitaristas (como as relações de confiança, e até paternais, do treinador com os seus atletas; os dribles constantes do inventivo atacante em direção à lateral do campo).

As características do time acepeano, de um futebol que funde paradoxalmente o *estritamente pragmático* e o *completamente ineficiente*, não é sinônimo de frigidez que acomete aos sujeitos na organização. Não é porque o ACP atuou predominantemente com jogadas rápidas pelos lados do campo, com cruzamentos altos à grande-área (pragmático), e sem que tivesse a devida ordem que servisse para executar outras jogadas coletivas (ineficiente) que não se estabeleceram experiências sensíveis que envolvessem os atores sociais no clube por meio do futebol produzido. Não obstante, as referidas performances também contiveram aspectos de uma “aventura de disputa” de um campeonato e que comoveram as pessoas nela envolvidas, como: o senso de incerteza e angústia ao longo do campeonato e perante os futuros dos próprios atores sociais; a alegria da prática do futebol e o comportamento inventivo dos atletas em meio às suas performances; a esperança reafirmada pelos atores sociais antes, durante e depois de cada partida da equipe. Em outras palavras, o futebol do ACP teve os seus traços cativantes presentes nas pessoas envolvidas em seu processo de produção e de disputa do campeonato.

Todavia, massivamente o futebol do ACP era desaprovado pela maioria dos torcedores. É inegável que prática de futebol no clube foi esteticamente desinteressante¹⁰⁷ (vide as vaías e conflitos direcionados pelos torcedores à equipe ao longo do certame!), afinal os torcedores pouco compareceram ao estádio em 2010.

As relações entre a torcida e o clube assemelham-se mais à de uma “preservação de um patrimônio” do que na de participação ativa tanto nas instancias político-organizacionais quanto no ato de acompanhar as partidas do Vermelhinho. Os torcedores admitiam ser imprescindível a manutenção do clube com base no apoio dado pelo poder público municipal, crenças na tradição inquestionável do time que representa Paranaíba. Todavia os paranavaenses, que tanto “zelam” pelo clube que realça a identidade local, pouco frequentaram o estádio. A baixa frequência no estádio WW provocou uma ínfima arrecadação financeira ao clube com a venda de ingressos, algo que prejudicou até o pagamento de salários dos jogadores e contribuiu para desestabilizar a equipe durante o campeonato. Pode-se sintetizar a relação com os torcedores com o clube na seguinte lógica (ocorrida ao longo do campeonato): estética desinteressante e resultados ruins, do time; baixo público nas partidas; pouca arrecadação com a venda de ingressos; crise financeira e administrativa no clube; acirramento dos conflitos entre os atores na organização, das performances desinteressantes e dos resultados negativos; recepção de ainda menos torcedores nas partidas.

Além desta lógica simplificada, outros fatores permeiam a relação entre torcedores e clube e compõem a complexidade do micro-sistema cultural relativo ao clube. A pequena média de público do clube no campeonato (de 1.012 torcedores por partida, num estádio com capacidade para 25.000 e considerando que Paranaíba possui mais de 80.000 habitantes) pode ser explicada pela distante vinculação entre a diretoria e seus torcedores. Os valores dos ingressos no início do campeonato eram caros (variavam entre 20 e 30 reais) e foram alvo de reclamações por parte dos torcedores; a atitude reiterada pela diretoria, em relação ao baixo público no estádio, era por meio de mensagens enviadas pelo presidente da entidade por meio da imprensa (salientando informações como “o ingresso vai ficar mais caro pra quem não comprar carteirinha” ou “o torcedor que não comprar antecipado vai pagar o dobro”), com fundos mais voltados para ameaças do que à atração de espectadores que sentem apreço pelo clube. Por último, ao que se refere à torcida e a sua frequência nos jogos do ACP, percebe-se

¹⁰⁷ Não se pode analisar o dito “futebol desinteressante” sem se contextualizar a contemporaneidade. Vive-se com vastas opções de partidas de futebol a serem assistidas pela televisão (a atual conjuntura histórica, a *era dos volantes*, proporciona isto na tevê aberta ou até por *pay-per-view*), e a estética futebolística dos campeonatos periféricos competem com grandes performances desenvolvidas por equipes altamente capitalizadas (que concentram os principais jogadores do futebol mundial, nos campeonatos mais ricos do planeta, que são as áreas centrais da “capitalismo da bola”).

que muitos torcedores não acompanharam as partidas por se recusarem a assistirem às partidas sem que se pudesse ingerir bebida alcoólica durante os jogos. Horas antes das partidas, várias rádios de Paranavaí iniciavam as suas transmissões recebendo ligações de torcedores do ACP que acompanhariam os jogos pelas emissoras. Os pronunciamentos dos torcedores, ao vivo e ao longo de todo o campeonato, eram repletos de otimismo quanto ao resultado das futuras partidas (com algumas exceções que se posicionavam em vislumbre de um resultado negativo para o Vermelhinho) e com reclamações de que não iriam ao WW por conta da proibição de venda de bebidas: “eu vou tomar a minha cervejinha aqui no meu cantinho e acompanhar por vocês”; “tamo reunido aqui no bar e vamo ouvi pela rádio o nosso ACP”; “to com uma turma aqui em casa e uma caixa de ‘gelada’ pra gente torcer pelo nosso Vermelhinho”. Nota-se que a maioria das falas indicam identidade clubística e vinculação coletiva (o “time da cidade”, o “nosso” time), além de indicarem interesse em aterem-se ao conforto e ao divertimento de suas residências ou bares, em companhia de mais pessoas/torcedores.

A ausência de uma arrecadação financeira suficiente, para que o clube se mantivesse equilibrado ao longo da competição, somou-se aos aspectos administrativos particulares do clube. Concernente a estes aspectos, pode-se definir a ordem administrativa no clube por meio de suas fases no processo de disputa do campeonato: no início a contratação dos profissionais da comissão técnica e dos jogadores (com pagamento antecipado), presença de médico e fisioterapeuta no clube e bons ânimos nas relações internas, com os principais produtores da organização (os jogadores) apresentando-se animados ao início do ano; com o andamento da competição, incorreu-se na demora em firmar-se os patrocínios necessário à manutenção de pagamentos no clube, na extinção do risco de rebaixamento do clube à segunda divisão do campeonato, no baixo público no estádio, na desorganização que não permitiu sequer a utilização de um terceiro uniforme, no acirramento de tensões entre os atores organizacionais e no relapso e descaso dos administradores por nem ao menos conceder tratamento médico aos atletas lesionados no clube. Conclui-se que as carências imanentes ao clube em sua condição interiorana e periférica, de vínculo a uma pequena cidade, e integradas às incompetências administrativas de seus gestores, podem ser vistas como as condições que remetem ao fracasso do clube em sua participação no campeonato, na média de público que o acompanhou no estádio e nas performances dos atletas em grande parte dos jogos.

As relações entre diferentes atores sociais aconteceram no ACP envolvendo indivíduos e grupos (estes notavelmente distinguidos funcionalmente na organização e detentores de diferentes experiências sobre o futebol). Nos tensionamentos entre os diversos personagens

em questão, o fracasso do ACP culminou em uma culpabilização destinada ao elo mais fraco de toda a composição de atores sociais no clube. Justamente os jogadores receberam toda a carga de culpa ao final do certame, logo aqueles que se encarregaram de produzir o futebol na organização ao longo do campeonato, que ficaram sem receber salários por certo tempo e que em maioria não residem em Paranaíba. A explicação para que os trabalhadores da bola fossem sentenciados: eles haviam rompido com os padrões morais e disciplinares da organização e da sociedade.

Por último, estas considerações finais concluem (em síntese) que o ACP se constitui enquanto uma organização dirigida por um falso pragmatismo contraditório, num emaranhado de sujeitos que buscam o *reafirmar a tradição* visando interesses políticos, lucrativos, de visibilidade social, ascensão na carreira ou simplesmente a apreciação do futebol. Ao término do drama social, encerra-se com má campanha e culpabilidade recaída aos jogadores, produtores do futebol condenados por serem humanos.

Questões a serem exploradas a respeito do futebol enquanto prática cultural.

Além das definições adquiridas a respeito do clube em ação no campeonato e nos componentes estéticos das performances exercitadas em campo, alguns questionamentos podem ser relacionados como temas de trabalhos futuros, pois não foram devidamente desenvolvidos ao longo desta dissertação.

É percebido nesta pesquisa que os jogadores estabelecem uma subcultura (ou uma micro-divisão cultural), com peculiaridades desdobradas por meio de suas vivências em conjunto no alojamento, relações cotidianas nos treinamentos e experiências enquanto classe que produz futebol. Não houve um aprofundamento, por parte desta dissertação, no que tange aos jogadores como um tema de pesquisa em separado. Para uma pesquisa exclusivamente voltada aos atletas, pode-se deter nos seguintes questionamentos: quais as suas condições de trabalho; como estabelecem as suas moradas coletivas em alojamentos; quais as suas perspectivas a respeito das técnicas que utilizam, da política dos clubes e partidárias, o modo como apreciam a religiosidade, quais seus gostos artísticos e de consumo, etc.

Outro tema interessante diz respeito às relações de mercado entre jogadores e clubes. Sabe-se que os jogadores estão situados em diferentes “circuitos” de clubes, onde eles sazonalmente trocam de equipes de acordo com negociações enviesadas por fatores como: nível técnico, capacidade de negociação de contratos, vinculação com empresários mais ou menos influentes entre os clubes, condições físicas e até idade. Com o fim do passe e a

liberdade de negociação de contratos de trabalho entre clubes e jogadores, os atletas envolvem-se em trocas de clubes em momentos distintos de suas carreiras, ora figurando entre equipes ditas como da “elite”, ora em times de escalão menor (assim como os jogadores, os clubes também possuem esta oscilação decorrida ao longo dos anos). Uma pesquisa que problematize os ditos “circuitos” de mercado e os aspectos afetivos (de “amor à camisa”) entre jogadores e clubes do futebol paranaense é um bom tema (e ele não foi explorado por esta dissertação).

Um ponto tangenciado brevemente nesta dissertação, e que precisa ser melhor desenvolvido, é referente aos traços paternos no relacionamento entre treinador e jogadores de uma equipe. Para tal intento, pode-se atrair leituras enraizadas tanto em matrizes teóricas próximas da psicanálise quanto por meio de elementos sócio-simbólicos manifestados no citado relacionamento. Um trabalho com esta temática é passível de ser problematizado mediante questionamentos relativos a: como que o “pai” age perante os seus “filhos”, de que maneira são estabelecidas as suas comunicações (desde os treinamentos a até nas conversas fora dos trabalhos futebolísticos) ou quais são os mecanismos de coerção e de autoridade do treinador sobre os seus jogadores.

A ciência é um artefato inerente ao desenvolvimento do esporte moderno. Na atividade de preparação de um atleta, para que ele cumpra com as suas performances, vários preceitos ditos como “científicos” são postos em prática: parte-se da ciência do esporte, avança-se à fisiologia, utiliza-se estatística e incorpora-se a ciência da nutrição nas preparações de atletas de alto rendimento. Como esta dissertação teve como escopo de pesquisa a “realização das performances”, a prática do futebol, não foi possível aprofundar-se em problemas referentes à concepção dessas “ciências” pelos agentes sociais no meio futebolístico. Todavia, deixa-se aqui a sugestão de investigar-se com acuidade este assunto em outros estudos.

Por último, cita-se aqui um tema de grande pertinência, enfaticamente por conta do contexto histórico brasileiro tomado por dois eventos de amplitude mundial no meio esportivo (a Copa do Mundo de 2014 e as olimpíadas de 2016): como estão configuradas as relações políticas nos meandros das federações, confederações, secretarias de Estado e ministério dos esportes no Brasil? Pesquisar sobre os grupos políticos encastelados há décadas na Confederação Brasileira de Futebol, no Comitê Olímpico Brasileiro e na Federação Paranaense de futebol, por exemplo, constitui-se enquanto trabalho não unicamente proveitoso sob o ponto de vista acadêmico, mas de caráter premente para que a sociedade

civil e o Estado intervenham com cidadania e políticas públicas que possam regular, fiscalizar e democratizar a prática esportiva no país.

Anexos

ANEXO A – Tabela de resultados dos confrontos da primeira fase do campeonato paranaense (série ouro, 2010):

	CAP	CAS	CIA	CTB	COR	ENG	IRY	NAC	OPR	PAR	ACP	RIO	SER	TOL
Atlético Paranaense	—	*	4x1	1x1	2x0	3x0	*	*	1x2	*	4x0	*	8x0	*
Cascavel	0x0	—	*	0x0	3x1	*	3x1	*	*	*	4x3	*	*	2x1
Cianorte	*	1x0	—	*	*	2x0	1x2	2x0	1x0	1x1	*	*	*	1x1
Coritiba	*	*	2x1	—	0x0	*	3x1	4x1	*	0x1	*	*	2x0	3x1
Corinthians Paranaense	*	*	2x1	*	—	WxO ^{3x0}	*	3x2	0x2	0x0	4x1	1x0	*	*
Engenheiro Beltrão	*	2x4	*	2x5	*	—	*	*	*	0x4	*	2x0	2x3	1x1
Iraty	1x0	*	*	*	5x0	1x0	—	*	3x1	*	*	4x0	1x0	1x1
Nacional-PR	1x1	1x1	*	*	*	1x1	1x1	—	0x1	*	2x1	*	*	0x2
Operário	*	1x0	*	0x1	*	3x0	*	*	—	*	*	2x3	2x1	1x1
Paraná Clube	0x1	1x1	*	*	*	*	0x0	0x2	1x1	—	2x1	1x2	*	*
ACP	*	*	2x1	1x1	*	2x1	3x1	*	1x0	*	—	*	2x1	*
Rio Branco	1x2	1x1	2x1	1x4	*	*	*	3x0	*	*	1x1	—	*	*
Serrano	*	1x0	1x2	*	1x1	*	*	1x0	*	0x1	*	1x1	—	*
Toledo C.W	1x1	*	*	*	1x1	*	*	*	*	1x2	1x3	5x1	1x0	—

ANEXO B – Tabela de resultados dos confrontos da segunda fase do campeonato paranaense(série ouro, 2010):

	CAP	CAS	CTB	COR	IRY	OPR	PAR	ACP
Atlético Paranaense	—	5x0	*	4x1	0x0	3x2	1x0	1x0
Cascavel ¹	*	—	*	4x1	*	*	*	*
Coritiba	2x0	2x1	—	2x1	3x1	2x0	1x0	4x1
Corinthians Paranaense	*	*	*	—	*	*	*	*
Iraty	*	5x2	*	1x0	—	3x1	1x1	0x0
Operário	*	2x2	*	*	*	—	*	1x0
Paraná Clube	*	1x0	*	3x1	*	1x1	—	4x1
ACP	*	2x1	*	2x2	*	*	*	—

ANEXO C – Tabela de classificação da primeira fase do campeonato paranaense (série ouro, 2010):

	Time	Pts	J	V	E	D	GP	GC	SG	%
1	Coritiba	28	13	8	4	1	26	10	16	71%
2	Atlético Paranaense	25	13	7	4	2	28	8	20	64%
3	Iraty	24	13	7	3	3	22	13	9	61%
4	Paraná	23	13	6	5	2	16	8	8	58%
5	Operário FEC	20	13	6	2	5	16	13	2	51%
6	ACP	20	13	6	2	5	21	23	-2	51%
7	Cascavel	20	13	5	5	3	19	14	5	51%
8	Corinthians Paranaense	19	13	5	4	4	16	18	-2	48%
9	Cianorte	17	13	5	2	6	16	17	-1	44%
10	Rio Branco	15	13	4	3	6	16	25	-9	38%
11	Toledo	15	13	3	6	4	18	17	1	38%
12	Serrano	11	13	3	2	8	10	23	-13	28%
13	Nacional	7	13	1	4	8	9	23	-14	17%
14	Engenheiro Beltrão	5	13	1	2	10	11	32	-21	12%

Pts – Pontos ganhos; J – Jogos; V – Vitórias; E – Empates; D – Derrotas;
GP – Gols pró; GC – Gols contra; SG – Saldo de gols; % – Aproveitamento de pontos.

ANEXO D – Tabela de classificação da segunda fase do campeonato paranaense (série ouro, 2010):

	Time	Pts	J	V	E	D	GP	GC	SG	%
1*	Coritiba	21	7	7	0	0	16	4	12	100%
2*	Atlético Paranaense	16	7	5	1	1	14	5	9	76%
3	Iraty	12	7	3	3	1	11	7	4	57%
4	Paraná	11	7	3	2	2	10	6	4	52%
5	Operário Ferroviário	6	7	1	3	3	8	12	-4	28%
6	ACP	5	7	1	2	4	6	13	-7	23%
7	Cascavel	4	7	1	1	5	10	18	-8	19%
8	Corinthians Paranaense	2	7	0	2	5	7	17	-10	9%

Pts – Pontos ganhos; J – Jogos; V – Vitórias; E – Empates; D – Derrotas;
GP – Gols pró; GC – Gols contra; SG – Saldo de gols; % – Aproveitamento de pontos.

Referencias

ACP CLUBE. Disponível em: <<http://www.acpclubes.com.br>>. Vários acessos.

AIDAR, A. C. K; LEONCINI, M. P.; OLIVEIRA, J. J (orgs). **A nova gestão do futebol**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.

ALCÂNTARA, J. C. **Política Local**: um estudo de caso: Paranaíba 1952-1982. Maringá: Clichetec, 1987.

ALVES DA SILVA, Rubens. Entre “artes” e “ciências”: a noção de *performance* e *drama* no campo das Ciências Sociais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 24, p. 35-65, jul/dez 2005.

ARIOCH, David. Um sonho de futebol: Natal Francisco, o pioneiro que sempre acreditou no futebol local. **David Ariocho**: jornalismo cultural, Paranaíba, ago 2010. Disponível em: <<http://www.davidarioch.wordpress.com/2010/08/14/um-sonho-de-futebol>>. Acesso em 10 set 2010.

BARBOSA, Livia. **O jeitinho brasileiro**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BASTOS, F. do N. et al. Métodos de recuperação Pós-exercício: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 15 n. 2, p.138-144, mar/abr 2009.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BLOG BOLA PARANAENSE. Disponível em: <<http://www.bolaparanaense.blogspot.com>>. Vários acessos.

BLOG DO JOAQUIM DE PAULA. Disponível em: <<http://www.joaquimdepaula.com.br>>. Vários acessos.

BLOG FUTEBOL PR. Disponível em: <<http://www.futebolpr.com.br>>. Vários acessos.

BOGONI, Saul. ACP é mais antigo que Paranaíba. **Diário do Noroeste**, Paranaíba, 14 de mar de 2010, DN Esportes.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo**: séculos XV-XVIII. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O lugar (e em lugar) do método**. (Série Antropologia, 190). Brasília: Universidade de Brasília, 1995.

_____. **O trabalho do antropólogo**. 2ª Ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

CARVALHO DA SILVA, R.; RODRIGUES, M. S. A estrutura empresarial nos clubes de futebol. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v.16, n. 48, p. 17-37, jan-mar 2009.

COELHO, P. V. **Bola fora**: a história do êxodo do futebol brasileiro. São Paulo: Panda Books, 2009.

COLOMBO, Sylvia. Superioridade americana é fenômeno temporário: entrevista de Eric Hobsbawm. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 30 set 2007, Mundo.

COSTA, A. da S. Do futebol a uma nova imagem do homem e da sociedade. In: LOVISARO, M.; NEVES, L. C. **Futebol e sociedade**: um olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

COSTA, M. C. S. Intersubjetividade e historicidade: contribuições da moderna hermenêutica à pesquisa etnográfica. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 10, n. 3, p. 372-382, mai/jun 2002.

CUNHA, M. H. F.; JESUS, M. C. P de; PEIXOTO, M. R. B. O paradigma hermenêutico como fundamentação das pesquisas etnográficas e fenomenológicas. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 29-35, abr 1998.

DAILYMAIL PRESS. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/sport/football/>>. Vários acessos.

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens**: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

_____. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1979.

DAMO, A. S. Futebol e estética. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 82-90, 2001.

DAWSEY, John. Turner, Benjamin e Antropologia da Performance: o lugar olhado (e ouvido) das coisas. **Campos**, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 17-25, 2006.

DIÁRIO DO NOROESTE. Disponível em: <<http://www.diariodonoroeste.com.br>>. Vários acessos.

EAGLETON, Terry. **A ideologia da estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1993.

EMILIO, Paulo. **Futebol**: dos alicerces ao telhado. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Oficina do Livro, 2004.

ESTATUTO (196-). **Estatuto social do Atlético Clube Paranaíba**. Paranaíba: Cartório de Registro Civil, 196-.

FC UNITED OF MANCHESTER WEBSITE. Disponível em: < <http://www.fc-utd.co.uk>>. Vários acessos.

FLORENZANO, José Paulo. **A democracia corinthiana**: práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: FAPESP/Educ, 2009.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRIEDBERG, Erhard. Organização. In: BOUDON, R (org). **Tratado de sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1995.

FUTEBOL PARANAENSE. Disponível em: <<http://www.futebolparanaense.net>>. Vários acessos.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. 3ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2009.

GAZETA DO POVO. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br>>. Vários acessos.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOMES, Mércio. **Antropologia: ciência do homem**: filosofia da cultura. São Paulo: Contexto, 2008.

GORDON, C. HELAL, R. A crise do futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI. **Eco-pós**. Rio de Janeiro, v. 5, n.1, p. 37-55, 2002.

GUEDES, Simoni L. **O Brasil no campo de futebol**: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: EdUff, 1998.

GÜNTHER, Hartmunt. Pesquisa Qualitativa *versus* Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão? **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-210, mai/ago 2006.

GURGEL, Anderson. **Futebol S/A**: a economia em campo. São Paulo: Saraiva, 2006.

HALL, Richard H. **Organizações**: estrutura e processos. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Pretence Hall do Brasil, 1984.

HOBSBAWM, E. J.; RANGER, T (orgs). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOBSBAWM, E. J. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HOUAISS. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Disponível em: <<http://www.houaiss.uol.com.br>>. Vários acessos.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 6ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

JAMESON, Frederic. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 2002.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org). **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

LEVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Edusp, 1970.

LOS ANGELES MEMORIAL COLISEUM SPORTS ARENA. Disponível em: <www.lamcsa.com>. Vários acessos.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril, 1978.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MOSKO, J. C. **Futebol Moderno e a busca pelo capital: o exemplo do Clube Atlético Paranaense**. 2006. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Programa de Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa.

OLIVEIRA, F. de. **Crítica à razão dualista – O ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. Política numa era de indeterminação: opacidade e reencantamento. In: _____; RIZEK, C, S (orgs). **A era da indeterminação**. São Paulo: Boitempo, 2007.p. 15-45.

_____. O surgimento do antivalor: capital, força de trabalho e fundo público. **Novos estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 22, p. 8-28, out 1988.

PEIRANO, M. G. S. **A análise antropológica de rituais** (Série Antropologia, 270). Brasília: Universidade de Brasília, 2000.

_____. **A favor da etnografia** (Série Antropologia, 130). Brasília: Universidade de Brasília, 1992.

PORTAL CAIUÁ. Disponível em: <<http://www.portalcaiua.com>>. Vários acessos.

PRONI, M. W. **A metamorfose do futebol**. Campinas: Unicamp, 2000.

_____; ZAIA, F. H. Gestão empresarial do futebol num mundo globalizado. In: RIBEIRO, L (org). **Futebol e globalização**. Jundiaí: Fontoura, 2007.

REGULAMENTO DO CAMPEONATO PARANAENSE DE FUTEBOL DE 2010. Disponível em: <<http://www.federacaoopr.com.br/regulamento2010.htm>>. Acesso em: 22 de fev. de 2010.

RIBEIRO, L. A crise da autonomia no futebol globalizado: a experiência européia (1985-2007). In: _____ (org). **Futebol e globalização**. Jundiaí: Fontoura, 2007.

RIGO, Luis Carlos. **Memórias de um futebol de fronteira**. 2001. Tese (doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

RODRIGUES, F. X. F. **O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)**. 2007. Tese (doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

RODRIGUES, Marcio S. **Os mercadores de emoção**: um estudo sobre a empresarização de clubes de futebol no Brasil e sua configuração estrutural. 2006. Dissertação (mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SALDANHA, João. Apresentação. In: ALMEIDA, P. et al. **Na boca do túnel**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Gol, 1968.

SCHWARZ, Roberto. **Sequências brasileiras**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SILVA JÚNIOR, J. R. Produção do conhecimento imediato, mercantilização institucional e fundo público seqüestrado. **Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 9, n. 106, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/9510>>. Acesso em: 12/10/2010.

SWEEZY, P. M. **Teoria do desenvolvimento capitalista**. São Paulo: Nova Cultural, 1976.

TOLEDO, L. H. de. **Lógicas no Futebol**. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2002.

TOMAZI, N. D. Construções e silêncios sobre a (re)ocupação da região norte do estado do Paraná. In: DIAS, R. B.; GONÇALVES, J. H. R (orgs). **Maringá e o Norte do Paraná**: estudos de história regional. Maringá: EDUEM, 1999.

TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas**: ação simbólica na sociedade humana. Niterói: EdUff, 2008.

_____. **O Processo Ritual**: estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

VAN MAANEN, John. **Tales of the field**. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.

ZALUAR, Alba. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. In CARDOSO, R. C. L (org). **A aventura antropológica**: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.